

RENATO CEZAR SILVÉRIO JÚNIOR

CURTIÇÕES, AMIZADES E INJÚRIAS: as expressões de gêneros,
sociabilidades, afetos e sexualidades entre garotos adolescentes do interior
paulista em uma cidade de pequeno porte.

ASSIS
2013

RENATO CEZAR SILVÉRIO JÚNIOR

CURTIÇÕES, AMIZADES E INJÚRIAS: as expressões de gêneros, sociabilidades, afetos e sexualidades entre garotos adolescentes do interior paulista em uma cidade de pequeno porte.

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área do Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: Dr. Wiliam Siqueira Peres

ASSIS
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko – CRB8/9116

S587c Silvério Júnior, Renato Cezar
Curtições, amizades e injúrias: as expressões de gêneros,
sociabilidades, afetos e sexualidades entre garotos adolescentes
do interior paulista em uma cidade de pequeno porte / Renato
Cezar Silvério Júnior. – Assis, 2013
206 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista
Orientador: Dr. Wiliam Siqueira Peres

1. Amizade. 2. Identidade sexual. 3. Teoria queer. 4.
Homossexuais. I. Título.

CDD 155.3

RENATO CEZAR SILVÉRIO JÚNIOR

CURTIÇÕES, AMIZADES E INJÚRIAS: as expressões de
generos, sociabilidades, afetos e sexualidades entre
garotos adolescentes do interior paulista em uma cidade
de pequeno porte

Dissertação apresentada à Faculdade
de Ciências e Letras – UNESP para a
obtenção do título de Mestre em
Psicologia (Área de Conhecimento:
Psicologia e Sociedade)

Data da Aprovação: 12/08/2013

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: PROF. DR. WILIAM SIQUEIRA PERES - UNESP/Assis



Membros: PROF. DR. FERNANDO ALTAIR POCAHY - UNIFOR/Fortaleza



PROF. DR. JOSÉ IGNÁCIO PICHARDO GALÁN - UCM/Madrid

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Wiliam Siqueira Peres, os mais diversos agradecimentos.

A primeira vez que o vi foi em uma aula da graduação, no segundo semestre de 2005. Ele não só me pareceu muito inteligente quanto tinha uma das características que mais prezo: é engraçado! Nada daquele ranço academicista que pode dominar alguns professores universitários. Principalmente porque costuma exemplificar as teorias com as quais trabalha com exemplos de sua própria vida, conferindo ares artesanais aos conhecimentos que vão sendo produzidos nos encontros com seus alunos e orientandos.

Ele é muito performático e verdadeiro ao falar: entoa a voz e arregala os olhos em diversas passagens que assusta os mais desavisados e produz muitas rupturas e disparadores naqueles que entram em contato com sua sensibilidade.

Foi meu vizinho, orientador também na iniciação científica, cedeu sua casa para hospedagens durante minha pós graduação, com chegadas no meio da madrugada. Foi com ele que também descobri uma coisa muito importante sobre mim: - “Renato, você fala demais pela manhã, parece a minha sogra!”.

Ao professor Fernando Silva Teixeira Filho, que desde as épocas de graduação vitaliza a psicologia com ensinamentos potentes e propostas políticas outras. Muito bom contar com amigos e profissionais assim, na verdade um alívio. E olha só, ele também canta! Inclusive Barbra Streisand nos dias em que está mais animado!

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento à pesquisa.

Ao professor Fernando Pocahy, pelas preciosas contribuições a este trabalho, pela minuciosidade com que construiu seus apontamentos e sensibilidade com que conduziu suas críticas e elogios. Um privilégio estar contigo.

Ao professor Jose Ignacio Pichardo Galán, por aceitar nosso convite e expandir os horizontes de nossos passeios cartográficos com sua presença.

A minha mãe e meu irmão: a maioria das pessoas acha que eu sou um doce de pessoa, só vocês é que bem sabem o monstrinho que eu posso ser, somente aqueles que amamos muito conhecem bem este nosso aspecto.

A minha amiga e terapeuta Ana Teresa, por ter me acompanhado no difícil caminho que é escrever cartograficamente sobre os fluxos e desejos que nos invadem na própria cidade, na própria história e o quão doloroso pode ser desconstruir algumas utopias.

A amiga de mestrado Juliana Faria, parceira de aventuras pelos congressos, despreocupada com posturas intelectuais e posicionamentos imperativos do espetáculo, portanto, extremamente humana e inteligente.

Aos integrantes da sessão de pós-graduação, em especial: Marcos, Sueli e Lucilene que conseguem amortecer parte da burocracia com sua atenção.

A tia fada-madrinha Rosângela.

As amigas de faculdade: Debora Baracho, Tassia Gimenez e Juliana Malagola.

Aos amigos que fiz ao construir este trabalho: Leonardo, Marcelo, Cristiano e Jonathan (nomes fictícios), que bravamente cederam parte de suas histórias para pensarmos juntos nestes instigantes fluxos que compõe o existir.

Aos amigos de infância, juntos comigo até hoje e que muito me acolheram neste trabalho: Gislaine Garcia, Maria Tereza Bento, Natália Galon, Amanda Zanqueta, Lívia Paes e Elaine Locci.

Gente não nasce pronta e vai se gastando, gente nasce não pronta e vai se fazendo
Mario Sergio Cotella

SILVÉRIO JÚNIOR, Renato Cezar. CURTIÇÕES, AMIZADES E INJÚRIAS: as expressões de gêneros, sociabilidades, afetos e sexualidades entre garotos adolescentes do interior paulista em uma cidade de pequeno porte. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2013.

RESUMO

Esta pesquisa consiste em cartografias (KASTRUP 2010; ROLNIK 1989) de histórias e vivências de adolescentes em uma pequena cidade do interior paulista, para a problematização e mapeamento das amizades¹ e práticas afetivas/sexuais/sociais/amorosas entre garotos em uma cidade de pequeno porte, desprovida da impessoalidade e do grande espaço físico das metrópoles, levando em consideração o momento sócio histórico e político (FOUCAULT 1981;1985;1988) presentes nas linhas que tecem essas vidas (DELEUZE, 1989; KAMKHAGI (2005). Assim, para problematizar a respeito da produção de amizades entre esses garotos que se auto definem como gays, usaremos o referencial teórico dos estudos de gênero e queer (BUTLER 2000, 2003; CASTAÑEDA 2006; LOURO 2000, 2006; MISKOLCI 2009, 2010, 2012; PRECIADO 2008; PENEDO, 2008) e outros estudos igualmente inspirados por esses autores (LIMA 2009; PAIVA 2007; PERES 2005, TOLEDO 2008) para nos ajudar a pensar criticamente as expressões possíveis dos participantes junto com os pesquisadores.

PALAVRAS CHAVE: AMIZADE; GÊNERO; QUEER; GAY

1- Como nosso trabalho é inspirado por estudos queers optamos por utilizar nossos termos chaves como amizades, mulheres, homens, etc. de forma plural numa tentativa de evitar o essencialismo e limites muito bem definidos que costumam permear tais definições no senso comum e na literatura tradicional.

SILVÉRIO JÚNIOR, Renato Cezar. *Having Fun, Friendship and Slandering: gender expressions, sociabilities, affection and sexuality between teenager boys from a small town in the interior of São Paulo*. 2013. 206 p. Dissertation (Masters in Psychology) – Science and Languages College of Assis, “Júlio de Mesquita Filho” São Paulo State University, Assis, 2º Semester, 2013.

ABSTRACT

This research comprises the mapping (KASTRUP 2010; ROLNIK 1989) of the stories and lives of teenagers from a small town of the interior of São Paulo for the problematizing and outlining of the affective/sexual/social and loving practices and friendships¹ between boys in a small town which lacks impersonality and the space provided by metropolises. Moreover, taking in consideration the current social, historical and political aspects present in their lives (DELEUZE, 1989; KAMKHAGI (2005). Thus, to problematize the friendship making between these boys who define themselves as gay, we will make use of the theoretical frame of reference of gender and queer studies (BUTLER 2000; 2003; CASTAÑEDA 2006; LOURO 2000; 2006; MISKOLCI 2009, 2010, 2012; PRECIADO 2008 PENEDO, 2008) and other studies equally inspired by these authors (LIMA 2009; PAIVA 2007; PERES 2005, TOLEDO 2008) to help us critically think of the possible expressions of the participants together with the researchers.

KEY WORDS: FRIENDSHIP; GENDER; QUEER; GAY

¹ Since our job is inspired by queer studies, we are making use of key terms such as friendships, women, men, etc. in the plural form in an attempt to avoid essentialism and the well-defined limits those terms customarily permeate definitions in the common sense and traditional literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A PRODUÇÃO DE AMIZADES E AS EXPRESSÕES DE GÊNEROS NA TRANSCONTEMPORANEIDADE	9
CAPÍTULO 1: É POSSÍVEL A CRIAÇÃO CONTEMPORÂNEA, LOCAL E GLOBAL DE UMA ESTILÍSTICA DA EXISTÊNCIA EM INTERFACES COM AS RELAÇÕES DE AMIZADES ENTRE “HOMOSSEXUAIS”?.....	23
CAPÍTULO 2 – “QUEERIZANDO” AS AMIZADES ENTRE GAROTOS.....	42
CAPÍTULO 3 - A PESQUISA: METODOLOGIA, PARTICIPANTES, PRODUÇÕES DE MATERIAIS E OBJETIVOS	54
3.1 – CARTOGRAFIAS: MAPEAMENTOS DE PROCESSOS E FLUXOS DESEJANTES	56
3.2- A PRODUÇÃO DE DADOS E OS MATERIAIS DE ESTUDO	59
3.3- OBJETIVOS	60
3.4- PARTICIPANTES	61
CAPÍTULO 04 – ANÁLISE DE DADOS: OS LINEAMENTOS MAIS EVIDENTES NAS CARTOGRAFIAS CONSTRUÍDAS COM NOSSOS GAROTOS.....	64
4.1- CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	64
4.2 A HOMO (SEXUALIDADE) E A CIDADE.....	70
4.3 AMIZADES ENTRE GAROTOS: AS EXPERIMENTAÇÕES PRODUZIDAS NOS FLUXOS QUE NOS INVADEM	95
CAPÍTULO 05: CONCLUSÕES – PENSANDO E SENTINDO OS LINEAMENTOS QUE ESTÃO EM CONSTANTE MOVIMENTO	119
05- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
08- ANEXOS.....	131
8.1 – ENTREVISTA LEONARDO	131
8.2- ENTREVISTA MARCELO	154
8.3 ENTREVISTA CRISTIANO	169
8.4- ENTREVISTA JONATHAN	195

INTRODUÇÃO: A PRODUÇÃO DE AMIZADES E AS EXPRESSÕES DE GÊNEROS NA TRANSCONTEMPORANEIDADE

*Para obedecer não é preciso enxergar, o silêncio é a linguagem da submissão.
(Guiomar de Grammont).*

Não há psicologia senão pela análise das condições de existência e pela retomada do que há de mais humano no homem, quer dizer, a sua história. (Foucault)

Em 1981, em entrevista ao jornal Gai Pied, Michel FOUCAULT questionou as relações homossexuais e a legitimidade destas para além do mero encontro sexual, algo como uma “virtualidade inquietante”, a formação de alianças que reinventassem os modos de se relacionar, de modo a “escapar às duas fórmulas completamente feitas sobre o puro encontro sexual e sobre a fusão amorosa” (1981:39).

O filósofo observou que a posição marginal a que eram submetidas essas relações poderia ser um fértil terreno para a construção e ressignificação das formas de se relacionar em comparação com os modelos hegemônicos vigentes.

Logo no início da entrevista, que tinha por objetivo geral pensar a amizade como modo de vida, o repórter destaca para Foucault que a faixa etária dos colaboradores e leitores do jornal é uma maioria de jovens de 25 a 35 anos que se definem como gays, e assim o filósofo constrói um raciocínio que nos serve como disparador dessa pesquisa:

Quanto mais escrito por pessoas jovens, mais diz respeito às pessoas jovens. Mas o problema não é ceder lugar a uma faixa etária de um lado a outro, mas saber o que se pode fazer em relação à quase identificação da homossexualidade com o amor entre jovens. Outra coisa da qual preciso desconfiar é a tendência de levar a questão da homossexualidade para o problema “Quem eu sou? Qual o segredo do meu desejo”. Quem sabe, seria melhor perguntar: “Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?”. O problema não é descobrir em si a verdade sobre seu sexo, mas, para além disso, usar de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações. E isso, sem dúvida é a razão pela qual a homossexualidade não é uma forma de desejo, mas algo de desejável. Temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos. O lugar para onde caminha os desenvolvimentos do problema da homossexualidade é o problema da amizade. (FOUCAULT, 1981: s/p)

Dentro de formas de expressões de afetos, surgiriam culturas e éticas relacionais, que aproximar-se-iam muito mais da amizade do que de outras relações ou tentativas já “programadas” e descritas pelo social, cultural e político para dar significados as relações. Tal estilo de afetação foi chamado por Foucault de amizade, numa ampliação do sentido dessa palavra para além do mero laço social. De modo clarificador, podemos considerar que:

Amizade é descrita como uma forma de “subjetivação coletiva” e uma forma de vida que permite a criação de espaços intermediários capazes de fomentar tanto necessidades individuais quanto objetivos coletivos (...). Amizade não é um artifício compensatório, um ornamento afetivo ao qual reservamos um lugar espremido e residual entre as obsessões amoroso-sexuais e os deveres cívicos. (...) Falar de amizade, diz Ortega, refraseando Foucault na terminologia de Deleuze, “é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização”. (COSTA IN ORTEGA 1999: 11-12)

A amizade poderia permitir múltiplos movimentos do desejo, pois geralmente neste tipo de relação à ética pode ser negociada tendo como mediador os desejos dos envolvidos na relação.

Embora as práticas sexuais possam ficar excluídas deste circuito, já que “amigo não trepa com amigo” em uma concepção normativa da amizade.

Talvez estivesse aí um dos aspectos inovadores das relações entre pessoas do mesmo sexo, elas poderiam configurar novas formas de estar com o outro, momentos de ruptura com o instituído, reinvenção e criação de formas de estabelecer afetações entre os corpos diferentes dos vigentes, caracterizando uma homosocialização.

Marina CASTAÑEDA, anos depois, escreve que homossexuais acabam por ter a “capacidade de viver e de pensar em vários universos ao mesmo tempo. Ela (a homossexualidade) está igualmente na própria base da criatividade” (CASTAÑEDA 2007: 316), destacando como a inicial posição de marginalidade imposta aos chamados “homossexuais” pode lhes dar ferramentas críticas para analisar as forças sociais que demarcam os universos e espaços referenciais dos sujeitos bem como seu caráter

arbitrário. Destes movimentos, reapropriações singulares podem surgir aumentando os significados dados às experimentações sexuais/sociais estabelecidas entre as pessoas, servindo de inspirações para muitos arranjos humanos, independente do caráter binário hetero/homo.

É importante ressaltar que os termos: *homossexual* ou *homossexuais* é utilizado aqui com a ressalva, sempre entre aspas, de ser um termo nascido em um contexto médico do fim do século XIX. Embora muitos autores ainda o utilizem sem criticar seu caráter fechado de identidade e estereótipo, pois pode sugerir a restrição da existência humana a um rótulo limitado, preferimos optar por pensar mais as relações como homossexuais, e não as pessoas. (TREVISAN 2000). No uso corrente da língua, nossos participantes utilizam *homossexual* e *gay* como sinônimos, bem como se definem assim.

Em nossa pesquisa consideramos que homossexualidade é uma dentre várias expressões de gênero que alguém pode produzir em sua vida e não uma forma definitiva e fechada de existência como pode ser pensado e vivenciado por grande parte do senso comum.

Em relação à amizade entre “homossexuais”, Marina Castañeda ainda diz:

A liberdade de explorar modalidades diferentes de relação, sem as imposições da heterossexualidade, pode dar lugar a uma grande confusão. Em particular, os limites entre sexo, amor e amizade não são nem um pouco claros no mundo homossexual – o que permite uma grande criatividade, mas também muitos desentendimentos [...] Nesse contexto de pós-liberação gay, a relação erótica tem um sentido muito diferente daquele que existe entre os homens e mulheres. Não é necessariamente um sinal de amor, nem de intimidade, nem de engajamento. A relação sexual pode ser um modo de se conhecer, de aprofundar uma amizade, ou de passar um bom momento entre amigos. Ela tem um sentido lúdico e uma dimensão de camaradagem que não tem paralelo nas relações heterossexuais. (CASTAÑEDA, 2007: 198-199)

Sendo assim, a homossocialização poderá estabelecer modos de vida que extrapolem a heteronormatividade compulsória (RICH 1981), potencializando a vida e permitindo aos desejos movimentos intensos e expressões múltiplas.

O conceito de “heterossexualidade compulsória” foi criado por Adrienne RICH em 1981 e consiste numa rede de discursos verbais e não verbais que imprime nos

corpos rígidas características de gênero, considerando apenas a heterossexualidade como modelo possível e desejável de relação, relegando à marginalidade outras expressões de afetos não heterossexuais. Neste contexto a heterossexualidade passa a ser encarada como padrão de normalidade e destino normal, fixo e comum a todos os seres humanos. Neste sentido, Livia Gonçalves de TOLEDO afirma que:

A heterossexualidade, assim como a masculinidade, constitui a base do pensamento ocidental moderno sobre sexualidade e os gêneros, é a partir deste pensamento que Adrienne Rich ([1980] 1986) cria o conceito de “heterossexualidade compulsória” propondo “a heterossexualidade como uma instituição que pressiona, força e obriga, de forma violenta ou subliminar, todas as pessoas a tornarem-se heterossexuais (...) é um sistema que acomoda e hierarquiza as relações, onde o homem se torna sempre a referência”. (TOLEDO, 2008:14).

De modo complementar a teórica feminista Gayle RUBIN (1984), ao observar como as relações entre seres humanos no ocidente podem ser hierarquizadas tendo como expressão desejável e superior a heterossexualidade, criou uma “pirâmide erótica” para sugerir como cada tipo de relacionamento goza de certos prestígios e aprovações conforme o local que ocupa na pirâmide. Quanto mais próximo ao topo, mais aprovação social e acesso aos privilégios e convenções culturais, sociais e políticas o sujeito pode gozar.

De acordo com RUBIN (1984) o topo da pirâmide erótica seria ocupado por casais heterossexuais casados e reprodutivos, de preferência com filhos, seguidos por heterossexuais monogâmicos não casados, Os casais estáveis de lésbicas e de gays estariam no limite da respeitabilidade, logo abaixo viriam homossexuais com relações não monogâmicas, não estáveis ou alinhadas com o modelo heterossexual, um pouco acima das castas sexuais mais desvalorizadas, que incluem, geralmente, transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo, modelos da indústria pornográfica, sendo a mais baixa de todas as castas formadas por aqueles que transgridem as fronteiras geracionais.

Segundo Luiz MELLO: “Quanto mais o grupo a que pertence um indivíduo está situado no topo da pirâmide, maiores as recompensas em termos de reconhecimento de saúde mental, respeitabilidade, legalidade, mobilidade física e social, apoio institucional e benefícios materiais” (MELLO, 2006: 500).

Assim, a heterossexualidade compulsória seria uma das principais organizadoras dessa pirâmide em identidades fixas, sendo retroalimentada e justificada pela própria cultura que compõe a pirâmide erótica. No caso deste estudo precisamos levar em conta, obviamente, que tais hierarquias culturais entre os sujeitos poderiam ser responsáveis por conferir o caráter transgressor atribuído às amizades entre homens quando estas ultrapassam certas linhas culturais de “normalidade”.

Um exemplo de como forma-se parte da heterossexualidade compulsória seria a rede de discursos que criamos entre os corpos desde o seu nascimento, como nos exemplifica Guacira Lopes LOURO:

A declaração “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo. Judith Butler (1993) argumenta que essa asserção desencadeia todo um processo de “fazer” desse um corpo feminino ou masculino. Um processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças às quais se atribui significados culturais. Afirma-se e reitera-se uma sequência de muitos modos já consagrada, a sequência sexo-gênero-sexualidade. O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse “dado” sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete. (LOURO, 2004: 15)

Fugir as padronizações, vigente de masculinização ou feminilização, é uma questão crucial para a grande maioria das pessoas, pois quando os sujeitos não se comprometem com o destino esperado para suas sexualidades eles se deparam com as dissidências, podendo tornar-se abjeções. Tais posições abjetas podem conferir tanto vida potente quanto cristalização da existência. Tal posicionamento não tem um caráter

consciente ou de escolha, visto que somos sujeitos dos discursos (BUTLER 2003) e nossas formas de expressão são compostas por inúmeras linhas que nos atravessam pela existência.

Em um primeiro momento os “homossexuais” podem ser relegados à marginalidade quando não desempenham esse processo de acordo com o que foi pensado inicialmente. O que pretendemos pensar com nossos participantes foi como gerir e produzir as relações e as afetações atravessadas por padronizações, no embate de forças que pode surgir perante a heterossexualidade compulsória e outras linhas rígidas de gestão de corpos.

As relações homossexuais não costumam contar com aprovações ou pressões da ordem social ou econômica para se manterem, estas posições de abjeções podem colocar os sujeitos em situações criativas, muitas vezes escapando às relações protocolares disponíveis, tal como propôs Foucault em sua análise da amizade, conferidas e clarificadas aqui por Francisco ORTEGA:

A discussão foucaultiana da amizade ocorre no contexto da análise de novas formas de vida homossexual, pois “a homossexualidade oferece a ocasião histórica de reabrir as possibilidades existentes de relações e sentimentos, o qual não acontece como consequência das qualidades ‘verdadeiras’ dos homossexuais, mas porque esta se encontra numa posição transversal, permitindo a inscrição de diagonais no tecido social, que permitam o aparecimento dessas possibilidades” Ela é para o pensador francês, um convite, um apelo à experimentação de novos estilos de vida e comunidade. Reabilitá-la representa introduzir movimento e fantasia nas rígidas relações sociais, estabelecer uma tentativa de pensar e repensar as formas de relacionamentos existentes em nossa sociedade, as quais, como observa Foucault, são extremamente limitadas e simplificadas. Isto, como vou mostrar, tem uma enorme importância política, pois oferece uma alternativa à analítica do poder foucaultiana.(ORTEGA, 1999:161-26).

Estas posições transversais das homossexualidades no tecido social, nos tempos atuais, é justamente um dos objetos de investigação em nossa pesquisa. É certo que na época de Foucault (até fins dos anos 1980), as homossexualidades ainda não haviam ganhado a relativa visibilidade social que lhes é conferida por uma parcela da sociedade nos dias de hoje, o que traz novas considerações às nossas reflexões já que um único modelo de prática homossexual não garante que novas potencialidades vão surgir.

A própria posição transversal pode acabar por instalar nos sujeitos a necessidade da criação de novas formas de se relacionar, e muitos conseguiram desenvolver formas de resistência bem interessantes para a época, como comunidades e bairros gays que surgem em grandes metrópoles mundiais como Castro em São Francisco, Chueca em Madri, Marais em Paris, a região da Rua Farme de Amoedo em Ipanema ou da Rua Frei Caneca em São Paulo.

Porém, a obra de Michel FOUCAULT (1996), em especial seu trabalho: “A ordem do discurso”, aula inaugural proferida no Collège de France no fim de 1970, também é marcada por uma preocupação na busca de conhecimentos sobre os discursos que moldam nossas subjetividades e nossas relações sociais, culturais e políticas, bem como a formação e constituição dos sujeitos nos contextos históricos que estão inseridos. Sendo que o que foi transgressor e marginal em uma época, pode ser reapropriado e ressignificado para cristalizações tornando-se “lugar comum”.

Principalmente em seus trabalhos sobre sexualidades, torna-se importante para este filósofo pensar os discursos científicos, religiosos, institucionais, culturais e sociais a respeito do que fazemos com nosso sexo, quais as possibilidades que estão em aberto e quais foram interditadas para assim termos uma visão um pouco menos equivocada da gestão de corpos e prazeres e outras características humanas pelos dispositivos.

Em nosso trabalho procuramos levar em consideração o momento histórico pelo qual atravessamos aqui chamado de transcontemporaneidade (BRAIDOTTI, 2009), quando “as transformações profundas do sistema de produção econômica estão alterando também as estruturas sociais e econômicas tradicionais” tais como o estado, a família e os gêneros. Rose BRAIDOTTI (2009) explica que nos tempos que correm as imagens, ideias, culturas, modismos, descobertas científicas, enfim, tudo aquilo que dá colorido às nossas subjetividades podem transitar e rearranjar-se de forma rápida e

fulgaz, permitindo que os acontecimentos coexistam e coabitem os contextos de forma descontínua, paradoxal e não positivista.

Tais emergências de novas formas de subjetivação podem abrir espaço para a positivação das diferenças, assim Rose BRAIDOTTI explica as transposições que se configuram sobre a transcontemporaneidade:

Indica uma transferência intertextual que atravessa fronteiras, transversalmente, em um sentido de um salto desde um código, um campo ou de um eixo para o outro, não meramente de modo quantitativo de multiplicidades plurais, mas sim em um sentido qualitativo de multiplicidades complexas. Não se trata apenas de tecer fios diferentes, as variações sobre um mesmo tema (textual ou musical), mas também e mais precisamente de interpretar a positividade da diferença como um tema específico em si mesmo. (BRAIDOTTI, 2009: 20)

Rose BRAIDOTTI (2009) nos fala de como esses acontecimentos que coexistem podem trazer reverberações e polissemias das mais variadas formas, produzindo discontinuidades e modos de existir que se contrapõem aos paradigmas positivistas e normativos.

Da mesma forma que a transcontemporaneidade abre espaço para novas possibilidades, diversos autores identificaram estas culturas atuais como grande produtora de subjetividades padrões e engessadas: “as culturas do narcisismo e do espetáculo construíram um modelo de subjetividade em que se silenciam as possibilidades de reinvenção do sujeito e do mundo” (BIRMAN 2000:85).

Neste mundo os laços tenderiam a serem frágeis, fugazes, e velozes, as relações descartáveis e o outro seria apenas um objeto entre tantos outros, configurando um aspecto narcisista à relação, que estaria esvaziada de ética e comprometimento, ou pelo menos, comporiam outras éticas e implicações.

É neste momento que precisamos tomar cuidado para refletir o que está sendo produzido, pois a força do capital globalizado (GUATTARI (1986) nos fala de CMI – capitalismo mundial integrado) pode apropriar-se das abjeções e da criatividade humana

produzindo padrões com ares de liberdade, mas que nada tem de crítico, reflexivo ou de comprometimento com a vida em uma perspectiva de valor maior, potente e coletiva.

Uma linha que identificamos nos tempos que correm é a cultura narcisista, hedonista e mercadológica que perpassa nossas formas de estar no mundo, modulando nossas relações através do capital e do culto a si mesmo.

Assim, as relações homossexuais também podem produzir “homonormatividades”, conferindo caráter de hierarquia nas expressões de (homo)sexualidades, quando determinadas formas de ser “gay” são consideradas superiores de acordo com a posição social, a monogamia, a vestimenta, o comportamento comedido e discreto, a etiqueta, etc. A “homonormatividade” reafirma a “heteronormatividade” também, na medida em que quanto menos uma performatividade de gênero ameaça os códigos tradicionais de masculino e feminino mais circulação e aprovação social parece poder contar.

Como tentativa de privilegiar a vida de modo ampliado e problematizar as relações de amizade na transcontemporaneidade, Foucault pode nos fornecer ferramentas úteis para que as análises do cotidiano também sejam ampliadas, e, neste sentido, aproveitando as construções de Jurandir Freire Costa:

Foucault quer recuperar o poder subversivo da amizade. Apenas dessa forma, pensa ele, conseguiremos descolar o sujeito de suas atuais identidades, congeladas nas categorias do público e do privado. Mas por que essa amizade, feita da revisão crítica da *philia* grega, da *amicitia* romana e da *ágape* cristã, seria a resposta ética à lassidão da cultura burguesa, anestesiada pelo frenesi do mercado e do consumo? (...) Nessa rotina de “prazer”, o cuidado de si se tornou indiferença ao outro e o uso dos prazeres, punição de corpos massacrados em nome do mercado das sensações e da alienação ao mundo. (COSTA 1999: 12-20)

Jurandir Freire COSTA ao problematizar a dimensão do cuidado de si se orienta por Michel FOUCAULT (2012) que nos chama atenção para a necessidade de pensarmos nosso lugar frente a tantos discursos que nos perpassam. O autor clarifica que há uma cultura de si a ser explorada, e neste sentido, nos esclarece que construir uma cultura do cuidar pode ser um resgate dos seres humanos como sujeitos éticos,

construindo-se novos posicionamentos através de múltiplos encontros que podem envolver estudos, meditações, reflexões, aprendizagens, etc. para que os sujeitos possam ressignificar os locais no mundo e as relações que estabelece com o mesmo.

O ascetismo como renúncia ao prazer tem má reputação. Porém a ascese é outra coisa. É o trabalho que se faz sobre si mesmo para transformar-se ou para fazer aparecer esse si que, felizmente, não se alcança jamais. Não seria este o nosso problema de hoje? Nós colocamos o ascetismo de férias. Temos que avançar sobre uma ascese homossexual que nos faria trabalhar sobre nós mesmos e inventar – não digo descobrir – uma maneira de ser, ainda improvável. (FOUCAULT, 1981: s/p)

Para este trabalho surgem problematizações relacionadas que podem ser tomadas como fontes inspiradoras: Como relacionar-se em uma cultura cuja busca pela estética normativa se reduz ao padrão de consumo e como são inseridas nas relações de amizades de modo geral e em específico entre os garotos gays? Como essas homosociabilidades, atualmente, constroem características próprias e se subjetivam com as capturas do sistema narcisista e do individualismo burguês heterocentrado e falocêntrico?

Com essas questões em mente tentamos criar algumas problematizações que levem em consideração os desejos de nossos participantes inseridos no contexto social de uma cidade de pequeno porte no interior paulista, com uma população de 35 mil habitantes. Ou seja, pensar os discursos psicossociais que ali são construídos e vivenciados na produção das relações das amizades entre garotos adolescentes.

Para descrever a composição e movimentos do psicossocial, pensaremos sobre as linhas de subjetivação que atravessam os desejos dos “sujeitos” em situação de amizades, as implicações com eles mesmos, com os outros e com o mundo, sendo a subjetividade matéria fundamental de produção e reprodução do social (PERES, 2005).

As linhas de subjetivação tecem modos existenciais e produzem posições de sujeitos, e, para nortear esta ideia, apropriamo-nos dos estudos de Vida KAMKHAGI

(2005) a respeito dos processos de subjetivação que se efetivam através da composição de lineamentos.

Inicialmente KAMKHAGI (2005) nos chama a atenção para a existência de uma linha de segmentaridade dura, sedentária ou de corte (DELEUZE & PARNET 1998), que estaria associada a um plano molar, encontrada no funcionamento de instituições tais como a igreja, a escola e o exército, mas também na família, na mídia e relações interpessoais. Estas seriam regidas por um sistema binário e universal gerador de leis, contratos e instituições disciplinares que controlam e regulam também os corpos e seus prazeres.

Os efeitos consequências da tecelagem das linhas duras resultariam na produção de identidades fixas e acabadas, muitas vezes narcisistas, consumidoras, assustadas e com definições de expressões sociais, sexuais e de gêneros fechados em si mesmos e restritos as expressões rígidas que na maioria das vezes fazem com que as pessoas se tornem viciados em identidades e desejosos de “norma”. São efeitos consequências dos chamados processos de normatização que se associam a produção de indivíduos em série, cada vez mais cristalizados pelas ações de saberes e poderes que os disciplinam, regulam e controlam.

Concomitante aos lineamentos duros, Vida KAMKHAGI (2005) nos alerta para as linhas de segmentaridade flexível ou migrantes (DELEUZE & PARNET 1998), associada a um plano molecular que permite as linhas se quebrarem, se contorcerem, se curvarem e se conectarem de modos diferentes. Essa perspectiva da linha flexível coloca em questão a ideia de unidade que permeia as relações contemporâneas, questionando a ideia de verdade absoluta ou da existência de certos universais. Tais lineamentos permitem maior flexibilidade nas relações estabelecidas entre as pessoas, com o mundo e consigo mesmas, mostrando que não somos pessoas com um eixo único

de organização, mas que somos sempre atravessados e constituídos pelas linhas, abrindo possibilidades para uma leitura ampliada sobre os corpos e suas vicissitudes dentro de seus contextos correlatos.

O ser humano nessa perspectiva será visto como uma multiplicidade, sempre heterogênea e coletiva que se constitui de acordo com os encontros que lhe permite afetar e ser afetado pelas forças/linhas constituintes de sua enunciação.

Entre essas linhas também encontraremos as linhas de fuga ou nômades, que de modo algum seriam o mesmo que migrantes, pois o migrante ora se alia ao nômade e ora se alia ao “mercenário” (linhas duras) oscilando entre esses fluxos, (DELEUZE & PARNET 1996:159). Para Vida KAMKHAGI (2005), essas linhas de fuga seriam as responsáveis pela criação de rupturas com o imediatamente dado para compor movimentos de potência e criação que se aproximariam daquilo que Gilles DELEUZE e Clarie PARNET (1998) nos advertem como sendo a possibilidade de fazer da vida uma obra de arte. Porém, os autores nos chamam a atenção para os perigos da linha de fuga, pois, ao mesmo tempo em que podem produzir vida potente, podem produzir também sua dissolução.

Para DELEUZE & PARNET (1998) toda organização social se define por suas linhas de fuga, assim:

Nós dizemos, antes, que, em uma sociedade, tudo foge, e que uma sociedade se define por suas linhas de fuga que afetam massas de toda natureza (mais uma vez, ‘massa’ é uma noção molecular). Uma sociedade, mas também um agenciamento coletivo, se definem, antes de tudo, por suas pontas de desterritorialização, seus fluxos de desterritorialização. (DELEUZE & PARNET, 1998: 158)

Os perigos das linhas de fuga estariam justamente em sua possibilidade de destruir e nada construir: “virar linhas de abolição, de destruição dos outros e de si mesma” (DELEUZE & PARNET 1998:162).

Pois, como escreveu Dante Augusto PALMA (2007:77): “Não há uma linha de fuga a espera dos que escapam, mas sim são os que escapam que as constroem”.

Já as linhas flexíveis, aquelas que promovem rupturas no instituído ao mesmo tempo em que tem seus aspectos reterritorializados, correm o risco de gerar micro fascismos ao padronizar, nomear, hierarquizar e definir suas próprias rupturas. Ao flexibilizar uma linha dura, nos adverte Gilles DELEUZE & Clarie PARNET (1998: 161): “Deixou-se o campo de segmentaridade dura, mas se entrou em um regime não menos regulado, onde cada um se afunda em seu buraco negro e torna-se perigoso nesse buraco, dispondo de um seguro sobre o seu caso, seu papel e sua missão” Em outras palavras: as linhas de segmentaridade flexíveis podem também criar ideologias.

Os perigos das segmentaridades duras são os mais evidentes, pois dizem respeito a nossa relação com conceitos binários e regulatórios e seus cortes em nossos corpos e prazeres, porém, a esse respeito, nos dizem Gilles DELEUZE & Clarie PARNET (1998: 160):

Os segmentos que nos atravessam e pelos quais passamos, de toda maneira, são marcados por uma rigidez que nos assegura, fazendo de nós, ao mesmo tempo, as criaturas mais medrosas, mais impiedosas também, mais amargas. O perigo está tanto em toda parte, e é tão evidente, que seria preciso, antes de perguntar até que ponto temos, apesar de tudo, necessidade de tal segmentaridade. Mesmo se tivéssemos o poder de fazê-la explodir, poderíamos conseguir isso sem nos destruir, de tanto que ela faz parte das condições de vida, inclusive de nosso organismo e de nossa própria razão? A prudência com a qual devemos manejar essa linha, as precauções a serem tomadas para amolecê-la, suspendê-la, desviá-la, miná-la, testemunham um longo trabalho que não se faz apenas contra o Estado e os poderes, mas diretamente sobre si.

Assim, tentamos acompanhar os desejos e expressões de amizade, sexualidades, sociabilidades, afetos e gêneros, que oscilam entre essas linhas, e problematizar como as relações entre garotos vêm se arranjando na cultura transcontemporânea frente às possibilidades da amizade numa perspectiva inspirada por FOUCAULT (1981).

O projeto foucaultiano de amizades parece constituir-se em rupturas nas linhas duras, mas, frente há tantos perigos, quais os micros fascismos e as dissoluções de vida potente que esperam aqueles em vias de abolição? Sobre essas perspectivas

problematizaremos no próximo capítulo a emergência de algumas estilísticas possíveis produzidas em interfaces com as amígdalas entre “homossexuais”.

CAPÍTULO 1: É POSSÍVEL A CRIAÇÃO CONTEMPORÂNEA, LOCAL E GLOBAL DE UMA ESTILÍSTICA DA EXISTÊNCIA EM INTERFACES COM AS RELAÇÕES DE AMIZADES ENTRE “HOMOSSEXUAIS”?

Sem pecado, nada de sexualidade, e sem sexualidade, nada de História. (Soren Kierkegaard)

Uma amiga minha diz que quando liberarem o casamento homossexual será hora de proibir o hétero, pois já está provado que não dá certo. (Danuza Leão)

Devido as proporções continentais do Brasil os estudos de Richard PARKER (2002) vêm nos alertar e respaldar para as multiplicidades e especificidades de culturas sociais, sexuais e de gêneros que podemos encontrar em nosso país:

Como qualquer sociedade altamente complexa, o Brasil é uma espécie de colcha de retalhos de culturas e subculturas que parecem se cruzar e se entrelaçar no fluxo da vida diária. A intrincada textura de sistemas culturais é tão característica da sexualidade como qualquer outro aspecto da vida brasileira, e a cultura sexual brasileira pode ser vista como fundamentada em uma gama quase infinita de quadros culturais distintos que se sobrepõe e interagem de formas extraordinariamente variadas - e que são fundamentais na configuração das experiências e compreensões sexuais de diferentes indivíduos. Respondendo, talvez, acima de todo resto, a uma interação complexa entre continuidade e mudança, entre tradição e modernidade no mundo incerto do final do século XX, estes quadros culturais múltiplos parecem frequentemente contradizer mas ao mesmo tempo se cruzar abrindo não uma única e singular realidade sexual, mas um conjunto de múltiplas realidades. (PARKER 2002, p.51).

Essas múltiplas realidades comportam, também, como foi visto em nossa pesquisa de iniciação científica anterior (SILVÉRIO JÚNIOR & PERES 2008): uma cidade de pequeno porte pode requerer estratégias diferentes de outros centros urbanos para efetivar práticas eróticas/sexuais e de prazeres entre pessoas do mesmo sexo biológico.

A cidade de pequeno porte possuiu vínculos mais antigos e rígidos entre seus habitantes, a proximidade física permite maiores vigilâncias sobre os corpos, sexos, gêneros e uma padronização dos modos de existir que na maioria das vezes deslegitima as práticas homossexuais e reifica a homofobia, colocando os sujeitos em contato constante com as linhas duras de subjetivação. Do mesmo modo, como apontado pelos

participantes da pesquisa anterior, os “homossexuais” também inventam estratégias de resistências aos processos de normatização efetivados pelo sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais (BUTLER, 2002), como modo de distanciamento das regulações biopolíticas e rumar para a efetivação de uma nova ordem dos prazeres.

O que está em jogo nesse embate de forças que ora aprisiona, ora inventa novos possíveis diante da realização de sonhos e prazeres, diz respeito à materialização de discursos que se inscrevem sobre os corpos: as homofobias, os machismos, os padrões estéticos, as classes sociais, as raças/cores, as misoginias, as tradições culturais, as expectativas entre faixas etárias, etc.

A homofobia vem sendo definida por vários autores, tais como, Daniel BORRILLO (2001), por Didier ERIBON (2001), por Olga VIÑUALES (2002) como manifestação de repulsa, ódio e nojo de uma pessoa para com os homossexuais, o que por sua vez defende e dá manutenção à heteronormatividade.

Para Daniel BORRILLO (2001) a homofobia teria duas dimensões: uma dimensão afetiva/emocional que manifesta repulsa aos homossexuais e uma dimensão cultural que rechaça a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. Segundo esse autor essas dimensões (afetiva e cultural) clarificariam a respeito de situações bastante comuns, em que algumas pessoas “toleram” conhecidos (as) e amigas (os) LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), mas não concordam e/ou defendem políticas de igualdades de direitos.

Haveria um paralelo possível de associar a homofobia com o racismo, considerando que a prática do racismo se efetua através do sentimento de superioridade do branco sobre o negro, enquanto na homofobia teremos a expressão do sentimento de superioridade dos heterossexuais sobre os homossexuais, caracterizando o que podemos chamar de “sexismo”. (PERES, 2013)

Assim, para tentar driblar o sexismo as pessoas podem lançar mão de estratégias para esconder ou camuflar seus desejos, assim como estão sujeitos a organizações sociais que os forcem a ocultar suas vivências e planos de forma cruel e paradoxal, aquilo que Eve SEDGWICK (2007) chamou de “Epistemologia do Armário”: um conjunto de discursos que organiza o espaço social como unicamente constituído pela heterossexualidade relegando ao privado ou oculto as relações entre pessoas do mesmo sexo, obrigando os mesmos a experimentarem situações paradoxais enquanto aprendem a dosar o quão podem demonstrar suas sexualidades através de códigos culturais, como por exemplo: dar ou não dar pinta de gay, beijar ou não em público, gostar de determinados produtos feitos para determinado público consumidor, ser “passivo” ou “ativo”, escolher a profissão e toda uma infinidade de posturas que são atribuídas a uma expressão de gênero.

De modo concomitante a homofobia também pode acontecer entre os próprios homossexuais, dado a variação de estéticas e narrativas que compõem as homossexualidades, e que, quando associada à outra marca estigmatizante – classe, raça/cor, gênero, geração, deficiência física e/ou sensorial, estética, etc.- intensifica a experiência da exclusão, compondo uma “homonormatividade”.

A homofobia, quando subjetiva as pessoas, pode se encarregar de produzir baixa autoestima, sentimentos de insegurança, ansiedades, inibições intelectuais, afetivas e sexuais, bem como dificuldades de socialização, fechamento em si mesmo, abuso ou repulsa por alimentos, abuso de substâncias psicoativas e em última consequência, tentativas de suicídio, ou seja, as homofobias podem produzir vulnerabilidades. A esse respeito nos aponta a mexicana Marina CASTAÑEDA:

“A homofobia interiorizada não tem fim: ela ressurgue, sobre diferentes formas, ao longo do ciclo vital. Complica a percepção que o homossexual tem de si mesmo e dos outros; colore todas as suas relações interpessoais assim como o seu projeto de vida e sua visão de mundo. Constitui provavelmente a diferença subjetiva mais importante entre homossexuais e heterossexuais. A palavra “homofobia” significa

medo ou rejeição da homossexualidade. Esse medo pode parecer instintivo, como o medo do fogo, mas não o é. Constitui mais um fenômeno cultural que está longe de ser universal, e que reveste diferentes formas e significações segundo o contexto". (CASTAÑEDA, 1999 p.71)

Esta homofobia interiorizada, de acordo com José Ignacio PICHARDO GALÁN (2009) se soma aos processos de estigmatização social, e, neste sentido, *son formas de percepción y pensamiento y acción: los três tienen en común que derivan de la internacionalización de la opresión*. (PICHARDO, 2009: 43).

Em se tratando de uma cidade de pequeno porte, questões como identidades e papéis sexuais fixos e delimitados (BUTLER 2003), os binarismos como atividade/passividade nas relações sexuais (BUTLER 2003; PARKER 2002), podem promover grande surpresa e estranhamento frente a novas possibilidades de expressões dos desejos, como diante da liberdade na infância nos jogos eróticos e encontros sexuais frequentes com parentes de primeiro grau, principalmente primos, demarcando que são todas particularidades encontradas na cidade onde nossa pesquisa anterior foi realizada (SILVÉRIO JÚNIOR & PERES 2008) evidenciando atravessamentos diretos sobre os sujeitos de forma a produzir seus relacionamentos e suas práticas sexuais, seus prazeres e projetos existenciais.

Não se encontram muitos guetos fixos estabelecidos nas cidades de pequeno porte, como shoppings ou "áreas de pegação". As relações estão submersas, camufladas e mais invisíveis (PAIVA 2007) do que nas metrópoles, não permitindo sempre que se utilize do anonimato para fugir aos estigmas, discriminações e violências associadas às dissidências.

Talvez possamos dizer que existem outras formas de guetificação nos pequenos centros, que se diferenciam das ocorridas nos grandes, garantindo assim espaços de

homossocialização e de promoção de prazeres entre aqueles que não estão sendo subjetivados pela heteronormatividade em certos momentos.

De modo bastante clarificador as pesquisas realizadas por José Ignacio Pichardo GALÁN (2009) sobre os efeitos da homofobia e da heteronormatividade nos centros educativos na Espanha, sugerem a respeito dos efeitos psicológicos e sociais que se incidem sobre os corpos e sensibilidades dos jovens espanhóis, e, neste sentido, adverte sobre seus efeitos que:

Encierra a las personas en roles de género rígidos y estáticos que disminuyen la creatividad y la capacidad de expresión; puede impedir desarrollar vínculos de mayor intimidad entre las personas del mismo sexo; limita la comunicación y vínculos familiares; empuja a tener sexualidades desajustadas por demostrar “lo contrario”; entorpece los programas preventivos de VIH, de infecciones de transmisión sexual (ITS) y los programas de control de la natalidad; inhibe la capacidad de apreciación de la riqueza de la diversidad; desvía recursos y energía que podrían ser utilizadas para otros fines más productivos; desacredita los logros de los grupos marginales; sumete y oprime a otros seres humanos. (PICHARDO, 2009: 42).

Considerando que nossa pesquisa atual se debruça sobre um território interiorano paulista, os estudos realizados por Maria Alice SETUBAL (2005) podem contribuir em nossas análises, pois a mesma nos remete à reflexão daquilo que chama de “cultura caipira”, advindas de contextos agropecuários, construída numa terra que traz marcas dos muitos tempos e processos históricos da sua formação em contato com a metrópole e com seu lugar de origem, porém, sentimos a falta de estudos que conversem com os resquícios da “cultura caipira” e as questões de gênero, raças e sexualidades, mais especificamente, como gostaríamos de definir aqui as homossexualidades “caipiras”. A esse respeito podemos considerar que:

Grupos oriundos do interior do estado, designados de maneira geral como caipiras, e que, de alguma forma, vivem ou preservam algumas histórias, costumes e tradições paulistas. Esses caipiras, fruto da miscigenação original entre brancos, índios e mais tarde negros, podem ser considerados os primeiros paulistas. Ainda que não tenham características físicas relativamente homogêneas, eles se destacam por se sentir ligados a um modo de viver rústico que se desenvolveu no interior paulista, que, embora diferente ao longo do território do estado e mesmo marcado por uma série de transformações ao longo da história, permanecem como fonte de construção dos traços de identificação (...) há traços culturais oriundos dessa mestiçagem presentes até os dias de hoje, contrapondo-se ao cosmopolitismo dominante na capital. (...) Por

ora, basta a ideia de que, apesar da marginalização sofrida pelos caipiras, que se estende desde as épocas mais remotas da colônia, mesmo como homens livres, eles viviam à margem do sistema agroexportador das grandes fazendas paulistas. E traços de sua cultura permanecem vivos e de certa forma constituem-se como fontes de identificação para todos os paulistas, que descendem desse universo cultural. (SETUBAL, 2005:14)

A vida no campo traz um contato direto com a natureza, estando os homens e mulheres da zona rural muitas vezes dependentes do tempo, do clima, do crescimento de vegetais, dos ciclos dos animais e outras oscilações “naturais” que lhes exige força física, coragem e audácia, características tradicionalmente exaltadas como masculinas, mas que também podem ser encontradas em mulheres que participam dos mesmos processos de subjetivação, aqui denominadas de “subjetividades caipiras”.

Ao que parece, esta cultura do viver rústico construída à margem do sistema agroexportador das grandes fazendas paulistas e contrapondo-se ao cosmopolitismo dominante na capital trazia, ou traz, consigo um modo bem determinista e coercivo de vivenciar as masculinidades e feminilidades, que de forma alguma pode extrapolar as possibilidades de sociabilidades e prazeres pré-definidas social e culturalmente.

Esses contextos agropecuários corroboram para que o machismo, o sexismo e a misoginia ganhem contornos mais acentuados, o que por sua vez podem intensificar a produção da homofobia em um viés mais violento e exacerbado.

O conhecimento dessas relações em contextos particulares vem para enriquecer o debate a cerca das sexualidades e dos gêneros, pois como escreveu João Silvério TREVISAN (2000: 409):

(...) as pequenas multidões que podem ser vistas nos guetos guéis das maiores cidades brasileiras significam muito pouco diante da quantidade de práticas homoeróticas clandestinas ou não-assumidas, em todo o país, o que não é privilégio do Brasil, mas um dado comum nos países latinos em geral.

A cidade que serve como pano de fundo para este trabalho se caracteriza como os contextos pelos quais o pesquisador e os participantes cresceram e viveram desde o nascimento, o que delineia uma implicação afetiva, política e existencial.

Com a base econômica na agronomia e na pecuária, em especial na cana-de-açúcar, a cidade em questão tem sua economia movimentada por quatro grandes usinas de açúcar, responsáveis pelo emprego direto de cerca de dez mil de seus trinta e cinco mil habitantes. O município tem 156 anos de idade, aproximadamente 35 mil habitantes e fica próximo a Ribeirão Preto, no interior do estado de São Paulo.

A cultura caipira está disseminada nas festas do peão (rodeios) que acontecem anualmente em todas as cidades da região, inclusive na mesma. Quermesses, terços e folias de reis também fazem parte do cenário cultural de forma assídua, demarcados pela influência dos valores cristãos, estando esta cultura bem difundida por seus habitantes, que cada vez mais se distanciam do trabalho rural direto, devido as recentes mecanizações do campo e migrações para as cidades.

É fato também, que os jovens das duas últimas gerações, principalmente através da mídia e da internet, possuem uma interação muito peculiar entre cultura local e global em suas subjetivações, interações essas bem mais rápidas e intensas do que seus antepassados, que não dispunham de tais ferramentas modernas.

Foi dessa interação entre metrópole e cultura caipira que nasceu a expressão musical “sertanejo universitário”, já que com a recente abertura econômica do país torna-se possível para as “últimas gerações de caipiras” irem à universidade e também disseminar o que estão produzindo através de expressões musicais.

É fato também que a presença do caipira rústico em tais canções é uma alegoria que, entre outras coisas, está presente no estilo de vestimenta que mescla o caipira brasileiro com o cowboy americano, mais uma possibilidade de interação do local com o global e que vem aparecendo muito até mesmo nas capitais, numa recente “onda” do sertanejo universitário, acentuadamente nos últimos cinco anos.

A melodia do sertanejo universitário é uma mistura de predominância pop/rock, e constitui-se, geralmente, numa forma de exaltação da “balada”: festas onde se estimulam o consumo de bebidas alcoólicas, o narcisismo, demonstrações de poder aquisitivo e a interação sexual intensa (ou pelo menos a sugestão de interação sexual), linhas essas que são de grande interesse em nossa pesquisa, pois participam de um ideário de consumo e subjetivação bastante evidente nas estéticas e práticas sociais, sexuais e de gêneros que se mostram presentes nos discursos dos jovens entrevistados e seus amigos nessa pesquisa.

Frente à multiplicidade de culturas de nosso país faz-se importante pensar nas interações, trocas e influências que são experimentadas na realidade atual, cada qual achando formas de dar expressão aos afetos que pedem passagem, o que nos levaria a pensar em políticas de solidariedades (amizades) e de afirmação dos desejos dissidentes, efetivados através de aspectos protocolares normativos que trazem em seus bojos resistências e produção de saídas inteiramente novas.

Há que se privilegiar a ideia de que o ser humano se compõe pelas multiplicidades e descontinuidades, e neste sentido:

As sexualidades, como as culturas, não podem mais ser consideradas sistemas elegantemente unificados e internamente coerentes que de algum modo podem ser isolados e estudados, interpretados e compreendidos, comparados e contrastados, e vistos individualmente como exemplos de diversidade e diferença. Ao contrário, a sexualidade, como qualquer outro aspecto da vida humana, ficou cada vez mais sujeita a processos de mudanças em rápida aceleração, e quase sempre bastante disjuntivos, que ocorreram no contexto da globalização excepcionalmente complexa que marcou as décadas finais do séc XX. E só procurando interpretar as especificidades das culturas sexuais locais, enquanto são apanhadas pela contracorrente desses processos globais de mudança, é que podemos começar a abandonar uma leitura bastante superficial de similaridade e diferenças sexuais e formar uma compreensão mais complexa das vicissitudes da experiência sexual no mundo contemporâneo. (PARKER 2002: 16).

De modo complementar, pensamos aqui na perspectiva deleuziana podemos afirmar que a sexualidade é mais uma linha entre tantas outras linhas de subjetivação (DELEUZE & PARNET, 1998).

Os estudos de Michel FOUCAULT, em especial o tomo I da sua História da Sexualidade: a vontade de saber (1985) são de extrema importância quando começamos a pensar sobre o que fazemos com nosso sexo. Foi este autor que nos alertou sobre a importância do controle sobre os corpos, as sexualidades e seus prazeres para garantir a governabilidade em uma sociedade de consumo e produtividade capitalista. De modo complementar, esse mesmo autor nos alerta sobre a construção de corpos dóceis e úteis: dóceis no sentido de submeterem-se as ações do poder e úteis no sentido de dar manutenção à lógica capitalista (FOUCAULT, 1985).

Um conceito importante para o nosso estudo e que é apresentado por este autor é a ideia de “dispositivo”, e em sentido mais específico o “dispositivo de sexualidade”, que foi bastante problematizado em quase todas as suas obras e entrevistas dos anos 1980.

A ideia de “dispositivo” vem ajudar a pensar as forças, discursos e movimentos que produzem e procuram manter a subjetividade e a organização social dentro de um funcionamento heterossexual, e como nos aponta Michel FOUCAULT, esse dispositivo corresponde a:

Um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer sobre esses elementos [...] é isto um dispositivo: estratégias de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles. (FOUCAULT, 1979: 244-246)

O dispositivo pode ser visto como uma rede de discursos e lineamentos. Pensar o dispositivo de sexualidades é pensar os discursos que são colocados nos corpos de machos e fêmeas biológicos durante a história e que vem construir os significados ao que arbitrariamente chamamos de masculinidades, feminilidades e sexualidades.

Para Judith BUTLER (2003) esses significados constituem-se em performatividades de gênero, pois não constituem algo que somos, mas sim, algo que

fazemos, uma sequência de atos, uma contínua estilização do corpo altamente rígida que se cristaliza através dos discursos, dando sentidos limitados as experiências dos sujeitos.

Para Teresa DE LAURETIS (1994) a multiplicidade de discursos que participam das relações sociais que constituem os gêneros pode ser chamada de “tecnologias de gênero”, assim, para esta autora, é importante:

Conceber o sujeito social e as relações da subjetividade com a socialidade de uma outra forma: um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito ‘engendrado’ não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido [...] o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana. (DE LAURETIS, 1994: 208)

Seguindo estas mesmas problematizações Beatriz PRECIADO (2008) escreve que o gênero é “a transformação do sexo em objeto de gestão política da vida”, e, sobre essa gestão, a autora clarifica:

Gênero é uma noção necessária para o aparecimento e o desenvolvimento de uma série de técnicas farmacopornográficas de normalização e transformação do ser vivo: como a fotografia dos ‘desviados’, a identificação celular, a análise e a terapia hormonal, a leitura cromossômica ou a cirurgia transexual e intersexual. Seria pois, mais correto, em termos ontopolíticos, falar de ‘tecnogênero’ se queremos dar conta do conjunto de técnicas fotográficas, biotecnológicas, cirúrgicas, farmacológicas, cinematográficas ou cibernética que constituem performativamente a materialidade dos sexos (PRECIADO, 2008: 86).

Essas problematizações de gênero se mostram importantes para reflexões possíveis de serem feitas sobre as práticas sexuais e a própria emergência dos dispositivos das sexualidades. Portanto, sexualidade: “é também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos”. (FOUCAULT, 2012: 10). A sexualidade é uma categoria cultural disponível, geri-la é uma excelente forma de garantir o controle sobre os corpos, pois implica em agir diretamente na produção das subjetividades e dos desejos que atravessam os sujeitos.

A psicanalista contemporânea Regina Navarro de LINS (2012) ainda faz interessantes problematizações ao pensar o importante papel dos controles das sexualidades para garantir a governabilidade dos corpos na história da humanidade. Para a autora, que fez um recente levantamento da temática “amor e sexo” ao longo da história, um pensamento chave é que: quanto mais as pessoas diversificam seus prazeres, mais coragem ganham para questionar outros valores que lhes são impostos. Portanto, os prazeres sempre foram algo de importante vigilância e gestão, e muitas linhas são construídas em nossa subjetivação em relação as vivências de prazeres.

Dentro da proposta de nossa pesquisa, essa dimensão das experiências vividas pelos garotos, ilustra a respeito dos modos como estabelecem as relações de amizade e suas interfaces com as demandas de sexos, gêneros e desejos com suas marcas de classe, raça/côr, geração, estética e estilos de vida.

Foucault ainda nos adverte que pensar as sexualidades como experiências históricas significa estar atento para: “a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam suas práticas e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade”. (FOUCAULT, 2012: 10)

Michel FOUCAULT chamou de “biopoder” uma grande rede de discursos que busca a manutenção e a padronização das subjetividades em nome da vida para garantir a governabilidade através de saberes médicos, biológicos, políticos, psicológicos, religiosos, sociais, etc., que impõe um modo de estar no mundo como natural, normal e desejável. Assim, o biopoder não apenas restringe as sexualidades, mas, sobretudo a estimula dentro dos parâmetros desejáveis ao controle cada vez mais sutil do capital e da heteronormatividade.

Se, estamos falando em reinventar afetações e modos de estar junto presentes na vida de jovens gays é justamente no biopoder e nas regulações biopolíticas que esta empreitada vai esbarrar, pois o dissidente e o abjeto acaba por ficar a margem da produção da sexualidade hegemônica, muitas vezes até como contraponto da heterossexualidade confirmando-a por ser seu oposto, ou seja, a abjeção pode funcionar como padrão de sustentação e manutenção da (hétero) normalidade.

O que buscamos com nossos participantes é justamente analisar a produção de amizades em interfaces com seus momentos de dissidências ao biopoder e regulação biopolítica como modo de resistências ao que é instituído, à heteronormatividade e ao sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexual.

Judith BUTLER (2003) se apropria do sistema Sexo/Gênero/Desejo/Práticas Sexuais como uma das ferramentas mais úteis para uma análise dos fatores e tecnologias que produzem o gênero.

Seguindo as normas do sistema Sexo/Gênero/Desejo/Práticas Sexuais, os corpos, desejos e prazeres seguiriam um sentido cartesiano determinista, que associa sexo macho, gênero masculino, desejo heterossexual e prática sexual ativa, como modo de ser homem, e, sexo fêmea, gênero feminino, desejo heterossexual, prática sexual passiva, como modo de ser mulher. Qualquer alteração dessa lógica remete a ideia de monstruosidade, ou ainda, como o faz Judith BUTLER (2000), catalogando-os como *corpos abjetos*:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas inóspitas e inabitáveis da vida social que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo inabitável é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2000: 155).

A ideia de abjeção é importante, pois coloca em pauta também, neste caso, os aspectos considerados entre jovens gays que são repulsivos, indesejáveis ou temidos dentro de uma organização cultural e social.

Como escreveu Richard MISKOLCI: “abjeção se refere ao espaço que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” (MISKOLCI, 2012: 24). Essas mesmas questões foram problematizadas por Julia KRISTEVA (1982: 04) quando esclarecia que: “o abjeto não é simplesmente o que ameaça a saúde coletiva ou a visão de pureza que delinea o social, mas antes, o que perturba a identidade, o sistema, a ordem”.

Portanto, a experiência da abjeção e a heteronormatividade compulsória expressas nos contextos de nossos garotos participantes estão profundamente interligadas, sendo a abjeção um das coisas que a heteronormatividade ao mesmo tempo em que cria, busca liquidar. Segundo Richard MISKOLCI:

A experiência da abjeção deriva do julgamento negativo sobre o desejo homoerótico, mas, sobretudo quando ele leva ao rompimento de padrões normativos como demanda social de que gays e lésbicas sejam ‘discretos’, leia-se, não pareçam ser gays ou lésbicas, ou ainda, de que não se desloque os gêneros ou se modifique os corpos, o que, frequentemente, torna meninos femininos, meninas masculinas e, sobretudo, travestis e transexuais vítimas da violência. Esses exemplos que mostram como a sociedade reage mais violentamente com relação ao rompimento das normas ou das convenções de gênero do que com relação à orientação sexual. Por isso, homens gays que adotam uma estética masculina e um estilo de vida hegemônico sofrem menos violência e, de certa forma, até mesmo contribuem para corroborar a heteronormatividade. A heteronormatividade é um regime de visibilidade, ou seja, um modelo social regulador das formas como as pessoas se relacionam. Em nossos dias a sociedade até permite, minimamente, por sinal, que pessoas se relacionem com pessoas do mesmo sexo; portanto, ao menos para alguns estratos sociais privilegiados, já não vivemos mais em pleno domínio da heterossexualidade compulsória. Nas classes médias e altas urbanas, sobretudo metropolitanas, ganhou clara visibilidade à existência de pessoas que se interessam por outras do mesmo sexo. Nesse contexto, não é possível dizer que se nega a elas a homossexualidade, mas a sociedade ainda exige o cumprimento das expectativas com relação ao gênero e a um estilo de vida que mantêm a heterossexualidade como um modelo inquestionável para todos. (MISKOLCI, 2012: 41)

Embora alguns autores como João Silvério TREVISAN (2000) observem que em classes menos abastadas a flexibilidade de práticas sexuais pode também acontecer com mais facilidade.

Quanto ao local de abjeção, é inegável que outras características também são passíveis de tornarem-se abjetas, como: a etnia, a estética, a classe social, a nacionalidade, a idade, a religião etc. No caso deste estudo fica evidente que numa

perspectiva heteronormativa e falocêntrica a existência de práticas sexuais ou certas expressões sexuais entre jovens do mesmo sexo biológico pode ser indesejável ou transgressora não podendo ser chamada de ‘amizade’ pela ordem vigente, pautada pela heteronormatividade.

A heteronormatividade é um regime de verdades, um modelo social regulador de como as pessoas se relacionam, impondo padrões e limites sobre as referências que os sujeitos usam para estar no mundo consigo e com os outros.

Esses limites e características sobre os modos de existencialização já foram descritos por Michael FOUCAULT (1985), como efeitos da junção saber-poder, e aqui acrescentamos também o prazer. Tal arranjo parece estabelecer uma manutenção e normatização dos corpos, permeando e cristalizando as relações humanas, dando colorido e sentido às nossas experiências e subjetividades, principalmente através do discurso médico /científico/cristão e a psicologia normativa. Neste sentido esse autor afirma que “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 1985:131).

Foucault cunhou a ideia de uma “dietética dos prazeres”, a forma como os constructos sociais vão criando um regime para atribuir significado a nossa existência com ligação direta ao uso que fazemos dos nossos prazeres. Tal uso não se baseia em uma repressão pura, explícita e desmedida, mas traz segurança e sentido para aqueles que se subjugam aos encontros com os poderes, sendo a própria adesão ao sistema fonte e abertura para prazeres culturais instituídos, maior acesso ao social e mais prestígio agregado à existência com a produção de subjetividades relativamente flexíveis, que podem nos atribuir altos valores, assim ele nos explica:

O regime é uma categoria fundamental através da qual pode-se pensar a conduta humana; ela caracteriza a maneira pela qual se conduz a própria existência, e permite fixar um conjunto de regras para a conduta: um modo de problematização

do comportamento que se faz em função de uma natureza que é preciso preservar e à qual convém conformar-se. O regime é toda uma arte de viver. (FOUCAULT, 2012: 129)

Grosso modo o regime dos prazeres atuais não propõe, por exemplo, que o trabalho doméstico fique restrito as “mulheres”, pelo contrário ele estimula a participação dos “homens” que agora lavam louça e trocam fraldas para que a parceira possa trabalhar e produzir riquezas capitais conseqüentemente mais significados para a vida do casal contemporâneo. “O regime se define nesse duplo registro: o da boa saúde e o do bom estado da alma” (FOUCAULT, 2012: 131)

As observações de Foucault se tornam importantes para pensar a transcontemporaneidade, pois em se tratando de sexualidades e prazeres, hoje, por exemplo, podemos ter “respeitadas” donas de casa lendo romances com descrições de sadomasoquismo e palavras de “baixo calão”, referimo-nos aqui ao *best seller* do início dos anos 2011 “Cinquenta tons de cinza” que outrora poderia ter sido banido ou malvisto como já ocorreu com o clássico “O Amante de Lady Chatterley”, uma novela escrita por D. H. Lawrence em 1928 e que era clandestinamente impresso na Itália sendo iniciada sua impressão no país de origem, Inglaterra, apenas a partir de 1960. O livro narra a história de uma adúltera burguesa com um homem de classe baixa, recheada de palavras lascivas, as quais não agradaram a censura e chocaram alguns leitores. Ou mesmo o clássico anterior: “Madame Bovary” um romance escrito por Gustave Flaubert em 1857, escandalizando a França com muito menos recursos que os dois livros citados anteriormente: a possibilidade de uma mulher burguesa e respeitada viver o adultério era horrenda para mentes comuns da época.

Tais exemplos sugerem como a fronteira entre o proibido e o permitido pode ir flexibilizando-se dentro dos regimes dos prazeres que nos atravessa historicamente, assim, aquilo que um dia é transgressor, pode ser apropriado e resignificado pela

cultura, criando um controle e uma utilidade para o que foi indesejável em outra época, geralmente tais flexibilizações autorizadas tendem a constituir descobertas novas para o capital.

Mesmo com esses movimentos de flexibilização sempre em curso, estar fora dos regimes vigentes é quase sempre subjetivar “abjeções”. Ainda sobre os movimentos dos regimes de prazeres tomados como imposições de verdade, nos explica Foucault:

A desconfiança a respeito dos regimes excessivos mostra que a dieta não tem por finalidade conduzir a vida o mais longe possível no tempo, nem o mais alto possível no desempenho, mas torna-la útil e feliz nos limites que lhe foram fixados. Ela também não deve propor-se a fixar de uma vez por todas as condições de uma existência. [...] O regime não é para ser considerado como um corpo de regras universais e uniformes; é, antes de mais nada, uma espécie de manual para reagir as situações diversas nas quais é possível encontrar-se; um tratado para ajustar o comportamento de acordo com as circunstâncias. (FOUCAULT, 2012: 133-135)

As sexualidades e os usos dos prazeres se tornam uma problemática ao longo da história, pois a gestão de corpos é manejada pelos discursos médicos, psicológicos, religiosos, sociais, etc. principalmente utilizando-se a ideia de que seu ‘mau uso’ pode gerar problemas físicos, morais e sociais, ameaçando a “ordem natural” das coisas como nos clarifica Foucault:

A importância atribuída ao ato sexual e as formas de sua rarefação se deve não somente aos seus efeitos negativos sobre o corpo, mas ao que ele é, nele mesmo e por natureza: violência que escapa à vontade, dispêndio que extenua as forças, procriação ligada à morte futura do indivíduo. O ato sexual não inquieta porque releva do mal, mas sim porque perturba e ameaça a relação do indivíduo consigo mesmo e a sua constituição como sujeito moral: ele traz com ele, se não for medido e distribuído como convém, o desencadear das forças involuntárias, o enfraquecimento da energia e a morte sem descendência honrada. (FOUCAULT, 2012: 172)

Aqui encontramos novamente o conceito de biopoder, como forma de administrar e disciplinar os corpos, especializada e padronizada, baseada, sempre que possível, em fatos científicos e verdades estatísticas, numa tentativa de gerir e controlar a vida: “um poder dessa natureza tem de qualificar, medir, avaliar, hierarquizar”. (FOUCAULT 1985: 135).

Para FOUCAULT (1985) a partir do século XVII, com o surgimento de ideias positivistas na ciência, pela primeira vez o corpo é visto como uma máquina passível de adestramento, padronização, aperfeiçoamento de habilidades, ampliação de sua utilidade e extorsão de suas forças, visando determinados fins sociais e econômicos através dessas disciplinas que o autor chamou de “disciplinas anátomo-políticas do corpo”, sendo a sexualidade umas das características principais a serem controladas.

Controlar as sexualidades é uma forma de controlar os corpos em seus desejos e movimentos, prevendo, direcionando e decidindo sobre a organização social, cultural e política.

Essa forma de gerir as sexualidades, o “dispositivo de sexualidade”, traz a preocupação com o povoamento, a família, o casamento, a educação, a hierarquização social e a propriedade, lembrando que: “o dispositivo de sexualidade deve ser pensado a partir das técnicas de poder que lhe são contemporâneas” (FOUCAULT, 1985:41).

Assim, os dispositivos de sexualidade estariam a serviço da governabilidade adequada para o biopoder, imersos nas malhas relacionais entre as pessoas, atravessando e produzindo subjetividades. O biopoder estaria regulando os prazeres de acordo com uma biopolítica para a produção de corpos dóceis e úteis, algumas regulações essas que são clarificadas por Suzana Lopes PENEDO:

O “dispositivo de sexualidade” constitui-se por tecnologias e estratégias de produção de corpos e sujeitos (...) o conceito foucaultiano de ‘tecnologias do corpo’ serve para descrever o corpo como o espaço sobre e onde se exercem diferentes tipos de funcionamento do poder, e concretamente o poder disciplinatório próprio de um período histórico determinado, que não só controla os sujeitos, mas como também os faz produtivos. (PENEDO 2008: 26 - 27)

Quando uma relação consegue escapar a essa padronização do biopoder e suas regulações biopolíticas, constituindo uma linha de fuga, essa “produtividade” capitalista pode ser ameaçada, e tal ruptura pode também transformar e reinventar as relações. Assim podemos falar de “estilística da existência”, no caso de uma relação de amizade,

algo que escapa “às duas fórmulas completamente feitas sobre o puro encontro sexual e sobre a fusão amorosa das identidades” (FOUCAULT, 1981).

Francisco ORTEGA ainda diz: “Trata-se de chegar a uma nova forma de existência mediante a sexualidade. Esta forma de existência alcançável através de certo trabalho sobre si mesmo, de certa *ascese*, tem a forma da amizade”. (ORTEGA, 1999: 155).

Este trabalho sobre si, para a criação de uma estilística da existência através da ascese só torna-se possível quando se desenvolve estratégias de resistência e problematização dos discursos do biopoder, sendo que as amizades, numa concepção foucaultiana, pode ser um fértil terreno para tal. “A amizade tem, para Foucault, principalmente o sentido de uma amizade homossexual, Sua atenção concentra-se, principalmente, nas possibilidades disponíveis hoje na cultura homossexual para criar novas formas de amizade”. (ORTEGA, 1999: 165) De modo complementar Richard Miskolci esclarece:

A obra de Foucault é marcada pela proposta de empreender uma “ontologia crítica de nós mesmos” como um *ethos* em que a crítica do que somos una a pesquisa histórica sobre os limites que nos foram impostos com a reflexão sobre a possibilidade de ir além deles [...] Aqui chegamos, portanto, a uma forma contemporânea de estética da existência, pois uma arte da existência é uma prática ética voltada a abrir espaços de liberdade dentro dos regimes de poder concretos em que vivemos (MISKOLCI, 2010: 50 - 57)

O que se pode pensar é que, talvez, algumas relações homossexuais desprovidas de legitimidade possam cair facilmente na armadilha das identidades fixas e das afetações frágeis que na maioria das vezes são produzidas comercialmente, principalmente se pensarmos na criação de uma expressão gay urbanizada, e, em especial, as voltadas para a subjetivação de jovens gays, por exemplo. Este personagem seria típico de uma metrópole; bem vestido, de aparência jovem e consumidor de produtos e serviços de alto preço mercadológico, ele não estaria apenas restrito a um

espaço, mas seria produtor de um estilo engessado, capitalista e protocolar de existir mascarado por um discurso libertário e fugaz de ser. É este personagem que pode exercer um relativo fascínio em nossos entrevistados, justamente por estar mais afinado com a heteronormatividade e contar com mais prestígio social, difundido pelas estratégias de globalização, no caso de nossos participantes, principalmente pela internet.

Ao tentar construir uma estilística da existência nossos jovens “homossexuais” estão permeados por inúmeros discursos sexistas, tais como a homofobia, o armário, a família, etc. Apropriar-se e resistir a parte desses discursos para uma maior problematização parece ser a pedra fundamental da construção de uma estilística da vida.

Segundo Fernando Silva TEIXEIRA FILHO (2012) o projeto foucaultiano poderia inspirar o movimento LGBTTT e aqui, por extensão, pensamos também, poderia inspirar as amizades e as afetações entre pessoas, quando:

Diz respeito à busca de novas possibilidades de experimentação das sexualidades incluindo aí a genitalização da mesma ou não, os acordos monogâmicos ou não, enfim, excluindo destas experiências todas as normativas que se pretendam homogeneizantes e universalizantes. Cada qual iria descobrindo as possibilidades do agenciamento erótico e seu modo e (re) inventando-o. Evidentemente que esta proposta é extremamente complexa para o estado atual das coisas na qual o sexo é um tema pungente para o funcionamento do capitalismo, do Estado e das leis que não só organizam as populações a partir dos gêneros (homem/mulher, masculino/feminino), mas que regulam as reproduções, os prazeres, o erotismo, as doenças sexualmente transmissíveis, etc. (TEIXEIRA FILHO, 2012: 91)

Assim, as tecnologias de sexos e gêneros estariam atreladas, principalmente, a lineamentos duros que ao serem flexibilizados através de uma estilística da existência poderiam compor novas amizades e formas de estar com o outro, e a curiosidade sobre estas flexibilizações é uma das questões de nossa pesquisa.

CAPÍTULO 2 – “QUEERIZANDO” AS AMIZADES ENTRE GAROTOS...

Somos uma geração sem peso na história, sem propósito ou lugar. Não tivemos uma guerra mundial, Não temos uma grande depressão econômica. Nossa guerra é espiritual, nossa depressão são nossas vidas. Fomos criados através da TV para acreditar que um dia seríamos milionários, estrelas de cinema ou estrelas do Rock. Mas não somos. Aos poucos tomamos consciência do fato, e estamos muito, muito putos com isso. (Tyler Durden – O Clube da Luta- 1999)

*Sistema que fui criado ver dois homi abraçado pra mim era confusão
Mulher com mulher beijando
Dois homens se acariciando, meu Deus que decepção!
Mas nesse mundo moderno não tem errado e nem certo, achar ruim é preconceito
Mas não fujo à minha essência, pra mim isso é indecência
Ninguém vai mudar meu jeito
Aqui não, posso até não ser simpático
Comigo não tem desculpa, minha criação é xucra
A verdade ninguém furta, sou bruto, rústico e sistemático.
(João Carreiro e Capataz, hit do sertanejo universitário: “Bruto, Rústico e Sistemático” letra lançada e escrita em 2010.).*

Um conjunto de estudos que muito nos ajuda a pensar as posições destinadas às expressões de sexualidades e gêneros de nossos jovens “gays”, suas interfaces com classe, raça, estética e geração, a produção dos regimes de verdades, as possibilidades de resistências aos discursos e imperativos culturais, políticos e sociais são os chamados *Estudos Queer*.

Se as amizades, numa perspectiva foucaultiana, podem produzir relações fora dos discursos hegemônicos, então certos momentos das relações entre os garotos participantes desta pesquisa estariam próximos das experiências da abjeção, não podendo ser nomeadas nem geridas a partir do “normal” instituído. Observar as possíveis expressões produzidas por esses adolescentes, numa perspectiva queer, é justamente uma das propostas dessa pesquisa.

Os estudos Queer nasceram de uma problematização ontológica a respeito dos conceitos de gêneros, sexualidades e identidades. Pensar numa perspectiva queer requer

questionar como os discursos vêm inscrever nos corpos modos de subjetivação que constroem socialmente as identidades de “homem” e “mulher” que são tidas como naturais, quando na verdade tais conceitos não passam de abstrações culturalmente impostas aos sujeitos, assim: “o gênero é relacionado a normas e convenções culturais que variam no tempo e de sociedade para sociedade” (MISKOLCI, 2012:31) e também, com variações dentro de uma mesma sociedade.

Tais estudos partem da “experiência social da abjeção, da vivência daquelas e daqueles que são – desde a infância – xingados e humilhados por seu gênero diferente, indefinido ou, pura e simplesmente, em desacordo com o socialmente esperado” (MISKOLCI, 2010: 52) Por extensão, investigando a própria construção daquilo que uma grande parte da sociedade chama historicamente de “normal”, no caso, a heterossexualidade, Suzana Lopes PENEDO nos esclarece sobre os estudos Queer:

A teoria Queer não se centra apenas na natureza socialmente construída da sexualidade e das categorias sociais, mas também na variedade de grandes e múltiplos espaços de funcionamento de determinados poderes distribuídos em categorias de sexualidade, incluindo a categoria normativa de heterossexualidade. [...] Em lugar de tentar buscar rastros de homossexualidade na história, a análise “queer” examina a construção do normal e, neste processo, traça o mapa do desvio. Queer se converte assim numa ferramenta que nos permite reler as experiências pessoais e as prescrições culturais, com um olhar centrado em averiguar como o normal se constrói e se mantém. (PENEDO, 2008: 122)

As fontes teóricas desses estudos são principalmente os pensamentos pós-estruturalistas franceses, em especial as obras de Jacques Derrida e Michel Foucault. De modo esclarecedor:

É clara a adesão ao método desconstrutivista entre os queer, ou seja, o empreendimento de uma crítica cultural que busca evidenciar os aspectos obscuros, o papel do não-dito, dos pressupostos, na constituição das relações de poder na esfera do gênero e da sexualidade. De Foucault, os queer incorporaram a analítica do poder, daí em suas obras o poder não ser algo que se possui ou delimita, mas que se exerce ou o qual se é submetido em uma situação permanentemente dinâmica em termos históricos e culturais. Neste sentido, a mistura de Derrida e Foucault visa mapear o potencial de resistência interno a certos regimes de poder. (MISKOLCI, 2010:53)

Segundo Guacira Lopes LOURO (2001) a “metodologia da desconstrução” proposta por Jacques Derrida nos dá ferramentas para desestabilizar binarismos linguísticos e conceituais colocando em questão todas as tentativas de se forjar uma verdade absoluta e seus universais. Trata-se de uma metodologia de desconstrução dos mitos e dos preconceitos, de subversão dos valores e normas para compor outros agenciamentos.

De modo complementar a essa dimensão crítica ao poder e seguindo pistas fornecidas pelo próprio FOUCAULT (1988), em concomitância com as análises do exercício do poder, torna-se interessante que essa análise seja dialogada com as dimensões do saber e do prazer. O exercício de poder se justifica através de saberes que alicerçam e autorizam suas práticas, o que por sua vez gera prazer nos executores dessas práticas, que devido serem subjetivados nessas perspectivas, se sentem fortalecidos e crentes de que suas ações são legítimas e naturais, conferindo ares de legitimidade aqueles que defendem posições políticas mais radicais, fornecendo autorizações para o exercício e prática de violências diversas, e entre elas, a homofóbica.

É também o próprio FOUCAULT (1988) quem diz que todo poder já traz junto consigo um contrapoder, sendo assim, certos modos de resistências podem ser construídos dentro de relações de amizade justamente por este ser um relacionamento onde a ética deve ser inventada e negociada a todo tempo, muitas vezes transgredindo aquilo que a moral histórica determina como normal ou desejável evidenciando saberes, poderes e prazeres produzidos pelo próprio exercício das amizades. Nesta perspectiva, podemos dizer que a amizade foucaultiana tem uma orientação *queer* em sua forma de subjetivação e dentro dessa perspectiva FOUCAULT (1981, s/p) exemplifica:

Dois homens de idades notavelmente diferentes, que código tem para se comunicar? Estão um em frente ao outro, sem armas, sem palavras convencionais, sem nada que os tranquilize sobre o sentido do movimento que os leva um para o outro. Terão que inventar de A a Z uma relação ainda sem forma que é a amizade: isto é, a soma de todas as coisas por meio das quais um e outro podem se dar prazer.

Apesar de Foucault apontar para as diversidades possíveis da composição da amizade, quer seja geracional ou de outros estilos de vida, dentro de variações ampliadas que ele chama de “A a Z”, seria interessante observar que mesmo entre essas demarcações existem limites prescritos entre “A a Z”, e aqui, problematizamos sobre as possibilidade de afirmação de outras expressões que podem escapar desses limites e produzir novos estilos de vida e de amizades que se inserem dentro de uma composição de produção e não somente de prescrições previamente dadas para a reprodução em conformidade de referências identitárias conhecidas. É possível que outras expressões de amizades sejam inventadas, o que por sua vez privilegia o direito fundamental à singularidade.

Assim, tomados por essas assertivas inspiramo-nos também em estudos Queer para as problematizações que pretendemos construir com nossos participantes, visto que tais ideias vêm de encontro com análises dos momentos de abjeção que as amizades podem assumir, assim como, as resignificações possíveis dessas mesmas referências às abjeções. De modo esclarecedor gostaríamos de pontuar que os estudos Queer não se limitam somente às sexualidades e aos gêneros, mas, também, a qualquer demarcação social de estigma tais como: classes, etnias, estéticas, gerações, nacionalidades, enfim, estilos de vida outros.

A palavra Queer vem do inglês e pode ser traduzida, em um primeiro momento, por: estranho, raro, excêntrico, de caráter questionável ou duvidoso, suspeitável, perturbador etc.. Pode referir-se tanto a sujeitos masculinos como femininos. Era, até então, usado de forma pejorativa para referir-se aos homossexuais nos Estados Unidos. Seu emprego aparentemente inadequado na academia confere um caráter de transgressão ou provocação. (GARCIA, 2005)

Alguns autores espanhóis, questionando a emergência do conceito queer fora do território espanhol acenam com a possibilidade de pensar os Estudos Queer como teoria “*rarita*”.

Já, para fazer uma adaptação em português, os Estudos Queer poderiam ser chamados de estudos: “bichas”, “sapatões”, “veados”, “invertidos”, “travecos”, e toda uma série de injúrias que podem ser atribuídas às pessoas e aqui em especial aos jovens que estabelecem vínculos afetivos/sexuais com pessoas do mesmo sexo ou possuem comportamentos diferentes do esperado para sua biologia.

No caso masculino, a palavra “veado” para designar homossexuais masculinos, nasce de uma observação do campo: veados machos costumam dormir juntos para proteger-se do frio. (DUARTE & BOUER, 2008), o que traduzido para o universo humano evidencia a ideia de que “homem que é homem não estabelece contato corporal com outro homem” em hipótese alguma.

Os Estudos Queer apareceram como resultados de dinâmicas internas de crítica aos movimentos feministas, gays e lésbicos, ainda muito influenciados pela perspectiva identitária. (PENEDO 2008; MISKOLCI 2012; 2010)

Uma das primeiras reflexões foi o questionamento das limitações e sinergias internas desses movimentos, que ao afirmarem as categorias de mulher, gay e lésbica tendiam a generalizar práticas individuais que poderiam comprometer o potencial político da ação coletiva. (PENEDO, 2008)

Os Estudos Queer sugerem que tais categorias não são fechadas em si mesmas, bem como não são apenas expressões de essências, genéticas ou naturalidades do ser humano, mas sim constructos sociais, portanto passíveis de serem embaralhadas e reapropriadas pelos sujeitos em sua dimensão política de direitos. Os estudos queer não

buscam uma negação da identidade, mas fazem uma crítica ao caráter fixo e essencialista que lhe é conferida.

Ao generalizar atributos e características de identidades gays e lésbicas em busca de “direitos civis” para “minorias sociais”, os movimentos identitários abandonam grande parte da crítica que inicialmente poderiam representar para a heteronormatividade e acabam por criar um estilo homossexual mercantilizado que pode ser reproduzido em todas as partes do mundo com influência ocidental, bem como partir de uma perspectiva elitista, masculina, branca, classe-média (PENEDO 2008), neste sentido no esclarece Richard Miskolci:

O movimento homossexual emerge marcado por valores de uma classe-média letrada e branca, ávida por aceitação e até mesmo incorporação social [...] os queer preferiram enfrentar o desafio de mudar a sociedade de forma que lhes seja aceitável [...] O queer, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo. (MISKOLCI, 2012: 25)

Para alguns autores as reflexões queer acadêmicas começaram a ganhar corpo em 1991, momento de grande visibilidade dos movimentos sociais (feminista, gay e lésbico) nos Estados Unidos, Europa e Brasil, e foram chamadas pela estudiosa feminista Tereza de Lauretis, de Estudos Queer, pela primeira vez, durante um evento na Universidade da Califórnia em Santa Cruz, referindo-se justamente a um conjunto de estudos que estavam questionando o caráter identitário, o papel do prazer e as relações de poder hegemônicas presentes nos mesmos, como nos esclarece Richard Miskolci:

De forma geral, esses movimentos afirmavam que o privado era político e que a desigualdade ia além do econômico. Alguns, mais ousados e de forma vanguardista, também começaram a apontar que o corpo, o desejo e a sexualidade, tópicos antes ignorados, eram alvo e veículo pelo qual se expressavam relações de poder [...] Assim, em termos políticos, o queer começa a surgir nesse espírito iconoclasta de alguns membros dos movimentos sociais expresso na luta por desvincular a sexualidade da reprodução, ressaltando a importância do prazer e a ampliação das possibilidades relacionais. (MISKOLCI, 2012: 22)

Para os Estudos Queer as identidades tais como homem, mulher, lésbica, homossexual, heterossexual, etc. são um conjunto de códigos construídos social e culturalmente. Podemos perceber que tais códigos são transformados em identidades fixas pelos dispositivos das sexualidades e de gêneros através de tecnologias e estratégias de produção de corpos dentro dos parâmetros do biopoder. “Toda identidade é um efeito de uma relação de poder, a qual, determinadas possibilidades são reprimidas ou excluídas para afirmar e estabilizar outras” (GARCIA, 2005: 60). Perturbar essas identidades é uma das contribuições queer, como nos explica Suzana Lopes Penedo:

Da Teoria Queer me interessa seu questionamento de categorias de identidade como categorias fixas, coerentes e naturais, questionamento que abre caminho para teorização de outras categorias tais como sexualidade e gênero como socialmente construídas. Ao propor que as categorias identitárias são construções sociais, a teoria queer abre um leque de interessantes possibilidades para o ativismo de diversos movimentos sociais. Os teóricos queer renegam a categoria de identidade porque entendem que é excludente e só leva em conta uma variável do indivíduo, quando este está marcado por diferentes componentes identitários que podem interconectar-se e rearranjar-se. Optar por uma identidade ou outra implica no silenciamento ou exclusão de importantes experiências para os indivíduos. (PENEDO, 2008: 20)

Ao invés de pensar sobre homossexualidades e homossexuais, os estudos queer focam sua atenção nas dinâmicas críticas de conceitos identitários binários e fechados como hetero/homossexual ou homem/mulher, propondo uma desconstrução crítica das linhas que perpassam esses conceitos e como esses são tomados como identidades que buscam forjar uma verdade sobre o sujeito. Neste sentido:

Os estudos queer direcionam sua atenção da opressão e liberação do sujeito homossexual para uma análise das práticas e discursos institucionais que produzem os conhecimentos sobre sexualidade e as formas em que se organizam a vida social, prestando especial atenção na forma como esses conhecimentos e práticas sociais reprimem as diferenças. Assim, o estudo da homossexualidade não deveria ser o estudo de uma minoria, mas o estudo daqueles conhecimentos e práticas sociais que organizam a sociedade como um todo mediante a sexualização – heterossexualização ou homossexualização – dos corpos, dos desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais [...] os homossexuais podem estar tão oprimidos como os homossexuais pela própria heteronormatividade que em princípio deveria lhes privilegiar. (PENEDO, 2008: 133-134)

Assim, para pensar um pouco sobre as masculinidades, formas hegemônicas de significação que atravessam também nossos garotos, no caso dessa pesquisa, somamos aqui as ideias que nos apontam Javier SÁEZ e Sejo CARRASCOSA em seu livro “Por el culo: Políticas Anales”: a de que “ser homem é ser impenetrável” (SÁEZ & CARRASCOSA, 2011: 21).

Tal constructo social, o da impenetrabilidade dos homens, gera inúmeras linhas de subjetivação quando o assunto são as sexualidades, pois ao longo de seu trabalho os autores vão evidenciando como a penetração, principalmente a penetração anal, ocupa o lugar da injúria, da inferioridade e do não desejável na cultura ocidental.

O estudo torna-se mais interessante ao sugerir que estas mesmas práticas não estariam ligadas às expressões de gêneros, como pregoa o senso comum. Ou seja: a penetração anal (ou não) pode ser fonte de prazer, não está ligada necessariamente a “homo” ou “heterossexualidade”, pode atravessar qualquer corpo independente de seu sexo biológico, de seus desejos sexuais e das práticas de prazer que expressou ao longo da vida, bem como possuir um ânus é uma característica quase que universal de qualquer ser humano, fazendo do orifício verdadeiro local de resistência, também quando este é resignificado em práticas de prazer.

Assim, a heteronormatividade pode ir encontrando resistências quando os corpos vão dando passagem à produção de outros prazeres. Tal ideia vem alicerçar uma das mais interessantes pistas dos estudos queer: a de que fazer sexo pode ser um ato político frente aos direitos que nos são roubados pelos regimes e discursos hegemônicos, já que estes podem restringir e modular o acesso aos nossos próprios corpos.

Vale salientar novamente que pensar em nossos participantes como “homossexuais”, nesta perspectiva queer, soa como algo arbitrário e reducionista, como já foi dito, dado que sua origem conceitual nasce de uma perspectiva médica positivista.

Só utilizamo-nos de tal definição por ser de uso geral, inclusive dos próprios garotos “gays” entrevistados.

Partilhamos da ideia de que dificilmente uma identidade fechada poderia dar conta das múltiplas linhas que podem atravessar o ser-humano e em especial de jovens que se encontram em processos de produção fluida da adultez, logo, a ideia de uma identidade fixa e totalizada não faz muito sentido.

Ainda pensando sobre o termo queer e suas descontinuidades assim nos esclarece David Córdoba GARCIA:

Queer é mais do que a soma de gays e lésbicas, é isto e muitas outras figuras identitárias construídas neste espaço marginal (transexuais, transgeneros, bissexuais, etc) uma vez que se abre a inclusão de todas aquelas que podem proliferar dentro dela. [...] faz referência a tudo que aparta da norma sexual, estando ou não articulado em figuras identitárias. (Garcia, 2005:21)

Seguindo essas críticas o queer nasce em um momento de questionamento sobre as identidades. No começo da década de 1990 os movimentos gays e lésbicos haviam ganhado visibilidade no mundo todo decorrente da epidemia mundial de HIV/aids. Demandas sociais foram geradas pela disseminação do vírus e suas implicações, o que por sua vez fez com que os governos fossem chamados a se manifestar.

Nos Estados Unidos o governo conservador de Ronald Regan preferiu recusar-se a qualquer ajuda. Foi quando parte do movimento gay e lésbico se tornou muito mais radical, “criticando os próprios fundamentos de sua luta política”. (MISKOLCI, 2012: 24) “É a partir da AIDS que a política queer emerge como contraponto crítico em desacordo com o movimento gay e lésbico estabelecido em seu esforço de se adequar a padrões normativos”, (MISKOLCI, 2010: 49)

Dois grandes movimentos sociais organizaram-se naquele contexto nos anos 1990, o ACT UP (*AIDS Coalition to Unleash Power*) e o *Queer Nation*, para chamar atenção para a parte “esquisita”, “estranha” e “abjeta” da nação que foi ignorada em

meio à epidemia de AIDS. Essas coalizões populares, que uniram homossexuais, negros, profissionais do sexo, latinos, etc. foram as primeiras a utilizarem o termo “queer” em seus manifestos, fazendo surgir justamente desse posicionamento transgressor as problematizações à cerca de uma militância identitária. (Miskolci, 2012)

Portanto, como nos aponta Paco VIDARTE (2005), os queer nascem na rua, em meio à própria abjeção social:

O queer vaga pelas ruas desde sempre como rondam as prostitutas em busca de clientes, como voam panfletos subversivos em uma manhã, e não está esperando que alguém considere esta ou aquela súbita aparição em um momento de especial relevância histórica, o minuto inaugural do queer, ou seu ingresso na História com maiúscula. Estas preocupações ocorrem quando se dá o salto para a Universidade. (VIDARTE, 2005: 77)

Na mesma época em que os grupos dissidentes formaram-se nos EUA, em 1990, no Brasil, o movimento homossexual conseguiu estabelecer um diálogo com o estado e foi criado um dos melhores programas assistenciais para AIDS no mundo. (MISKOLCI, 2012; 2010)

Inicialmente o surgimento de um novo “personagem”, o “aidético”, e depois a revisão deste postulado que passa a nomeá-lo como “pessoas vivendo com HIV/AIDS” causou um efeito de mudanças sociais principalmente para os “homossexuais”, assim:

Graças as reflexões de Foucault sobre o bio-poder, podemos compreender como a epidemia inicial de HIV/aids teve o efeito de repatologizar a homossexualidade em novos termos contribuindo para que certas identidades, vistas como perigo para a saúde pública, passassem por um processo de politização controlada[...] Nesse novo contexto o dispositivo histórico da sexualidade passou por uma inflexão que reforçou a imposição da heteronormatividade [...] Assim, o cenário pós-aids que Foucault não conheceu nos impõe refletir encarando novas configurações de poder. (MISKOLCI, 2010: 50)

Estas novas configurações de saber, poder e prazer são móveis, localizadas histórica e geograficamente, e dentro de nosso recorte pretendemos produzir conhecimentos partindo do pressuposto que a identidade é um constructo social, procurando reconhecer os discursos que perpassam uma “homossexualidade caipira”, não como uma identidade, mas como uma abstração dinâmica e local que atravessa

nossos participantes, como a expressão do direito fundamental à singularidade, de direitos a ter direitos, da diferença da diferença.

Assim, nossa proposta vem de encontro com uma autora propulsora e participante dos Estudos Queer, Donna HARAWAY, quando esta escreve sobre a construção de saberes localizados:

Não perseguimos a parcialidade em si mesma, mas pelas possibilidades de conexões e aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece. O único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular (HARAWAY 1995: 33).

Com isso nos distanciamos da categoria identidade como universalidade conceitual, optando por expressões sexuais e de gênero ao invés de identidades sexuais e de gênero, o que indica processualidades, expressões de fluxos que se formam nos infinitos lineamentos que tecem nossa existência, e, por conseguinte as existências de garotos gays.

Enquanto a ideia de identidade, por mais subversiva que possa ser, como no caso de uma identidade travesti, restringe e limita as formas de negociação, colocando numa posição demarcada os vários aspectos que um corpo pode experimentar, a ideia de expressão de gêneros abre as possibilidades de deixar mais leve as vivências humanas em qualquer campo, principalmente nos prazeres, amizades, sociabilidades, etc. Isto por sua vez, evidencia que qualquer corpo pode expressar a performatividade que mais lhe traz significado no momento que vivencia, principalmente quando se apropria de algumas das tecnologias que constroem nossos gêneros. (PRECIADO, 2008)

Há de se ter cautela, pois o queer não parece ser apenas uma bricolagem de cenas, imagens ou situações incomodas e contraditórias numa tentativa ingênua de buscar formas de rupturas e resistências através do mal-estar, escândalo ou subversão vazia. O queer pode ou não atravessar esses estranhamentos mais evidentes, sendo que dificilmente poderá ser composto quando simplesmente tenta-se perturbar ou subverter

as tecnologias e códigos culturais com a mera introdução de elementos conflitivos nas cenas que são desenhadas sobre lineamentos mais duros.

A formação de fluxos queer pode até, muitas vezes, ser impactante, visto que geralmente denuncia e resiste às arbitrariedades do instituído, mas sua composição através dos nós e pontos de tensão dos dispositivos culturais é bem mais densa e sutil do que pode supor alguns entusiastas do transcontemporâneo imperativo da agitação social ou do espetáculo, que costumam sonhar com estilos ou atitudes de vida que recebam o utópico rótulo de libertário frente as capturas do social.

CAPÍTULO 3 - A PESQUISA: METODOLOGIA, PARTICIPANTES, PRODUÇÕES DE MATERIAIS E OBJETIVOS

Os dogmáticos vanguardistas fizeram de tudo para impedir o encontro da arte tradicional com as experiências modernas, criando uma pesada barreira entre elas (...) vivemos a época da "pós-arte" e dos "procuradores" da cultura, estes especialistas interessados mais na vida do que na obra dos artistas, mais no mau cheiro do dramaturgo alemão Brecht do que em suas peças. Fala-se muito dos artistas, mas não se sabe mais ler seus livros, observar seus quadros, interpretar suas composições."
(Milan Kundera, "Um Encontro")

A proposta deste trabalho consiste em acompanhar a história de vida e a produção de significado de quatro garotos adolescentes, que se autodefinem como “gays”, habitantes de uma pequena cidade do interior paulista, com idades entre 18 e 20 anos e que possuem vivências afetivas, amorosas, sociais e sexuais com outros garotos.

Fica evidente para nós, numa perspectiva qualitativa, que os quatro garotos quando falam dos significados que estão produzindo em suas vidas, falam também de uma multidão a qual se conectam, desde seus amigos de escola, bairro e trabalho, até os encontros e interações virtuais pela internet, num intenso fluxo de trocas e afetações.

A faixa etária dos 18 aos 20 anos nos permite um acesso aos participantes sem mais complicadores legais, visto que abaixo dessa idade seria preciso autorização dos pais ou responsáveis para a participação no estudo e nem sempre pais podem ficar confortáveis com as expressões sexuais e de gêneros de seus filhos, aliás, quase nunca quando esta é dissidente.

É interessante frisar também que através de nossos participantes tivemos muitos acessos à chamada “adolescência”, esse obscuro, culturalmente flexível e ainda cronologicamente indefinido momento da vida do ponto de vista emocional, da

passagem de criança para adulto, pois, se não entrevistamos menores de idade, os “ouvimos” através das inúmeras participações que tiveram nas vidas dos participantes, estando os mesmos muito mais ligados a uma faixa de menores do que de maiores de idade. Por isso a larga utilização aqui da expressão “garotos” e “adolescentes”.

A adolescência é um período que cada vez mais parece se expandir na transcontemporaneidade, começando cada vez mais cedo e terminando cada vez mais tarde. Não se trata de uma etapa de desenvolvimento com uma estrutura fechada, com características universais, mas como territórios de passagens, de experimentações que podem ou não contribuir para a adultez. Embora, haja uma tendência das experimentações sempre serem orientadas pelas ações disciplinares e regulatórias de poder do sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais heteronormativo e falocêntrico, a emergência de dissidências de sexos e de gêneros é cada vez mais notável e presente entre jovens de todas as classes sociais, raças e tradições; esses diversos marcadores/linhas evidenciam que não existe uma única ideia ou conceito a respeito de adolescência, pois a sua efetuação se dá através de relações de saberes, poderes e prazeres que negociam a expressão da adolescência que embora não seja fixa, é autorizada para se expressar naquele espaço—tempo de suas existencialização. Mais que um período de desenvolvimento restrito a padrões heteronormativos e falocêntricos a adolescência também pode ser produzida pelas vias das resistências, como expressão jovem diante da vida, que implica potencia, curiosidade e conectividade positiva com diferenças e estilos de vida.

Nossa pesquisa se orienta pelos lineamentos que atravessam a produção de corpos e prazeres de garotos adolescentes gays, que se apresentam como complexidades marcadas por multiplicidades e não identidades fixas.

3.1 – CARTOGRAFIAS: MAPEAMENTOS DE PROCESSOS E FLUXOS DESEJANTES

Para tal empreendimento, a metodologia da cartografia pode respaldar nossa atividade, e vêm de encontro com justamente o que pretendemos destacar nessas vivências que serão compartilhadas: as relações de amizades e os processos desejantes dos entrevistados. Como explica Suely ROLNIK (1989: 66) a cartografia: “diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social.”.

O método cartográfico se incide sobre os discursos e experiências vividas pelos entrevistados, tendo os processos desejantes como condutores dessas experiências de composição das amizades. Em nenhum momento é esperado revelar algo, encontrar verdades absolutas e universais ou aderir a modelos prontos, “a cartografia visa acompanhar um processo e não representar um objeto”. (KASTRUP, 2007:15).

Essa postura vem de encontro com os modos de conceber a sexualidade humana como processo, presente nas relações sociais e atravessadas por múltiplas linhas que afetam os sujeitos submersos nessas relações que negocia, experimenta, inventa, mas também se paralisa frente aos afetos que pedem passagem e não conseguem expressão.

O cartógrafo intenta permitir que o encontro entre entrevistador e entrevistado produza algo que possa ser problematizado, *pistas* (KASTRUP 2010) a partir do conhecimento das linhas que atravessam o discurso do entrevistado e afetam sua escuta, construindo com o participante o acompanhamento do que é dito, a expressão dos desejos e as linhas que afetam as posições políticas pelos quais se efetiva a movimentação das experiências vividas relatadas.

O cartógrafo pretende nas palavras de Suely ROLNIK:

Descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagens favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretendem entender. “Aliás, ‘entender’, para o

cartógrafo não tem nada a ver com explicar, e muito menos com revelar.” (ROLNIK, 1989: 67).

Assim o cartógrafo pode produzir sentidos, constituir modos de vida, presenciar e de certa forma vivenciar, os desejos formando-se no campo social e ao mesmo tempo influenciando na sua construção. Permite-nos sensações e percepções de que os fluxos são cíclicos e fluídos nas diferentes linhas que compõe nossa existência.

O cartógrafo permite problematizar a respeito de dimensões sensíveis e invisíveis, de base molecular, pois:

Na realidade, a prática do cartógrafo tem relação direta com a micropolítica, vinculada às técnicas e práticas de subjetivação, no sentido da produção da subjetividade, matéria fundamental da produção e reprodução do sistema social. Esta dimensão política do cartógrafo, assim concebida, é também fundamentalmente ética, pois busca sustentar a vida em seu movimento de expansão, intensificando os processos de atualização de novos modos de existência. (PERES 2005: 65).

A cartografia é um método que permite uma leitura mais completa das relações que são estabelecidas entre desejos e culturas, procurando assim a identificação de linhas subjetivas, influências dos saberes, poderes e prazeres presentes nos discursos encontrados no caminho da pesquisa pelo cartógrafo, permitindo que novas concepções surjam a cada encontro com os participantes, “através da criação de um território de observação, faz emergir um mundo que já existia como virtualidade e que, enfim, ganha existência ao se atualizar” (KASTRUP, 2007:22).

A cartografia busca produzir conhecimentos a respeito das linhas que perpassam os sujeitos (inclusive o pesquisador) durante a confecção da pesquisa. “O que chamamos por nomes diversos – esquizoanálise, micro-política, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia – não tem outro objeto do que o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos.” (DELEUZE & PARNET, 1998: 146)

A cartografia através de seus lineamentos se orienta pela sensação, percepção, pensamentos, surgidos a partir de encontros, datados sócios historicamente e inseridos nos território existenciais que podem ser problematizados a partir das inúmeras linhas

que perpassam os corpos e suas afecções, produzindo sentidos na própria cartografia que se propõe mapear.

Sendo assim, o cartógrafo se efetiva como um dispositivo e funciona como máquinas de fazer ver e de fazer falar, de promover visibilidades, de dar passagem para a expressão de múltiplos devires. Essa dimensão do dispositivo na cartografia fica evidente pelo apontamento feito por Gilles DELEUZE (1989: 02), de que “cada dispositivo tem seu regime de luz, maneira pela qual a luz cai, se esfuma, se expande, distribuindo o visível e o invisível, fazendo nascer ou desaparecer um objeto que não existe sem ela”.

Nesse movimento, o cartógrafo coloca em cena a história, as experiências, os sentidos, valores e crenças presentes no território para tentar problematizar com os entrevistados os conhecimentos que estão sendo produzidos na relação de afetação.

Esses posicionamentos são buscados na medida em que as cartografias que foram construídas estão na rede de relações que, não somente os entrevistados, mas também o pesquisador está implicado. Conferindo um aspecto de afetações de mão dupla, pois ao referenciar lugares, situações e pessoas, pesquisador e participante estão bem próximos dos lineamentos que compõe as cartografias naquele contexto sócio-histórico, político e cultural, dos jogos de verdades que organização e mantém as relações de poder e de interesses da pequena cidade em que vivem.

Assim, torna-se importante uma constante atenção para não se incorrer no erro de construções precipitadas a cerca do que se produz, para que se evidencie no movimento cartográfico os principais lineamentos que atravessam determinadas situações relatadas pelos garotos em suas vivências. Mapear o território geopolítico solicita conversações com os autores que alicerçam nosso trabalho, para que na medida do possível as análises procurem justificar os saberes produzidos apoiando-se hora na

literatura citada, hora na possibilidade de transmitir ao leitor o contexto do que se está sendo pensado já que este saber está sendo construído e não ‘descoberto’. Apoiamo-nos na ideia de saberes localizados, propostos por Donna HARAWAY (1995), acrescidos das discussões de Rosi BRAIDOTTI (2009) de políticas de localização e de implicação do pesquisador. Com isso acreditamos estarmos nos distanciando de qualquer intenção de naturalização e/ou de universalização das análises dos resultados da pesquisa aqui realizada.

3.2- A PRODUÇÃO DE DADOS E OS MATERIAIS DE ESTUDO

Essas demarcações do território da pesquisa e a clarificação dos modos de relação dos sujeitos envolvidos mostram que quando pesquisador e participantes conhecem bem algumas possibilidades de ‘curtições’ no contexto de cidade pequena assim como, os modos como se dão lá algumas definições sexuais e marcadores sociais permeadas por injúrias, permitem a realização de cartografias implicadas em análises políticas e existenciais, sem generalizações e/ou pretensões universais. Interessamos-nos aqui, principalmente, nas estratégias que favoreçam certas saídas desses adolescentes para “curtir” suas amizades, ou seja, viver prazeres. (já que na linguagem adolescente “curtições” estão relacionadas com “produção de prazeres”)

Ao pensar sobre a produção dos dados da investigação é importante frisar que:

A pesquisa consiste assim, em se interrogar permanentemente sobre ela própria, suas condições de produção, a construção de seus objetivos, as escolhas técnicas, o estabelecimento de seus instrumentos, bem como sobre as aspirações, as projeções e os desejos que o pesquisador põe em prática nas suas atividades. (GAULEJAC, 2001:44).

A metodologia está embasada na proposta desenvolvida em um dos trabalhos de Cristian PAIVA (2007), que cartografou algumas relações “homossexuais” conjugais

em Fortaleza, entrando em contato com a micropolítica existente nessas redes, ultrapassando aparelhos binários homo/heterossexualidade, feminino/masculino, etc. O autor esclarece a escolha e o uso do método cartográfico (PAIVA, 2007:11-12):

Numa perspectiva metodológica pluralista, utilizamos várias estratégias de pesquisa no trabalho de campo: entrevistas estruturadas, observação, participação em eventos artístico-culturais e políticos, conversas informais, manuseio de textos produzidos pelos sujeitos da pesquisa, de documentos íntimos, registro fotográfico, etc (...) A modalidade de reflexão aqui perseguida busca trabalhar num nível intensivo, microscópico, molecular, artesanal, distante do pensamento da “representação” e das generalizações identitárias e socializantes. Nesse sentido a idéia da “cartografia” e da prática do sociólogo-cartógrafo é nos cara.

Esse método seria tão flexível quanto as (homo) sexualidades que se propõe cartografar, portanto estaria condizente com o referencial teórico adotado e os resultados de pesquisas já concluídas por outros pesquisadores. (KASTRUP 2010; LIMA 2009; PAIVA 2007, PERES 2000; 2005).

A própria proposta, os métodos e concepções que se apresentam na presente pesquisa já configuram um método cartográfico por si só. Assim, a divisão entre metodologia, justificativa, e análise se mescla por todo o trabalho. Justamente por este ser um método de produção de conhecimento móvel, a metodologia é construída durante o próprio percurso, sem perder o rigor, mas ressignificando-o como postura de pesquisador aberto para os processos. (KASTRUP, 2010)

3.3- OBJETIVOS

A proposta desta pesquisa consistiu em **cartografar as expressões de amizades entre garotos adolescentes no interior paulista, levando em conta os lineamentos de gêneros, sociabilidades, afetos e sexualidades nos fluxos destas relações, definidas por eles mesmos como ‘gays’.**

Este objetivo abarca aspectos, que estão intimamente relacionados a:

- Cartografar os processos de subjetivações do pesquisador e dos entrevistados, considerando suas e nossas percepções, desejos, pensamentos, práticas sociais e sexuais, que podem atravessar as relações entre garotos.
- Problematizar a respeito da produção de modos de resistências as heteronormatividades através das interações entre garotos adolescentes “gays”, na transcontemporaneidade com inspirações *queer*.

3.4- PARTICIPANTES

Nossos participantes possuem práticas sexuais, afetivas, sociais e amorosas entre garotos e o demonstram em certos momentos sociais, isto é, fazem parte de redes de amigos e de parceiros sexuais, frequentam certos territórios da cidade, do conhecimento e convivência com o pesquisador, deixam vestígios estratégicos em suas redes sociais pela internet, principalmente no *Facebook*, evidenciando sua abertura para encontros variados entre garotos.

Passaram também a compor amizades com o pesquisador depois da primeira entrevista, enriquecendo ainda mais as reflexões aqui apresentadas. Ainda inspirados pela metodologia utilizada no trabalho de Cristian PAIVA (2007:12), os sujeitos foram contatados da mesma forma “Foi mediante um processo de amostragem intencional, a partir de convites, indicações de amigos e de manifestações voluntárias dos sujeitos que reunimos os sujeitos da pesquisa”.

Uma vez confirmada a participação dos sujeitos foram combinados horários para realização de entrevistas com um roteiro de orientação, no mínimo em dois encontros de tempo livre, em local escolhido pelos participantes sendo esclarecido com eles os quesitos de sigilo.

Para a realização das entrevistas foram tomados os seguintes cuidados:

- explicação dos objetivos da pesquisa.

- apresentação e garantia de que serão mantidos em sigilo todos os dados que serão gravados.

- informação de que a entrevista poderia ser de duas ou mais sessões, dependendo da necessidade do pesquisador.

- informação de que é possível desistir a qualquer momento de participar, sem qualquer penalidade.

- disponibilidade para esclarecer dúvidas a respeito do trabalho a qualquer momento.

Após a exposição destes fatores e a expectativa de que cada participante entendeu e concordou em participar foi realizada a entrevista com o seguinte roteiro:

- História de vida;

- Primeiras experiências sexuais;

- Histórias de relacionamentos passados e presentes;

- Relação subjetiva com a própria sexualidade e expressões de gênero;

- Interação com a sociedade local;

- Relações familiares;

- Relações de amizade;

- Atributos facilitam a composição das amizades;

- Possibilidades de enfrentamento das injúrias sociais;

- Perspectivas futuras, principalmente em seus relacionamentos de amizades;

A análise de dados foi efetuada considerando o referencial teórico proposto, buscando problematizar os processos desejantes e as práticas sexuais, afetivas, sociais e amorosas entre garotos, estabelecidas neste espaço urbano de pequeno porte, levando em consideração os inúmeros fatores que podem produzir e atravessar as relações, tais como: classe social, raça/cor, expressões de gênero, estética e geração.

A análise tentou manter as seguintes etapas:

- Leituras atentas e repetitivas dos relatos como um todo, procurando dar contorno às cartografias e aos lineamentos que surgiram em cada entrevista.

- leitura de cada entrevista, buscando cartografar as histórias de cada um e suas interfaces com o pesquisador, o coletivo do qual fazem parte, como tem sido o processo de vivenciar seus desejos, suas sexualidades e suas expressões de gênero.
- Análise dos dados obtidos, buscando evidenciar as cenas e discursos comuns entre os processos de produção de desejos e de amizades entre os garotos e as cenas e discursos que os diferenciam, mapeando os principais lineamentos para as análises.
- Problematização das cartografias analíticas e mediações teóricas para se pensar o que vem sendo produzido nessas redes de afetações e quais os modos de resistências as normatividades e outros discursos hegemônicos que vêm sendo inventados pelo pesquisador e pelos participantes.

CAPÍTULO 04 – ANÁLISE DE DADOS: OS LINEAMENTOS MAIS EVIDENTES NAS CARTOGRAFIAS CONSTRUÍDAS COM NOSSOS GAROTOS.

Parresia significa ‘dizer verdadeiro’ ‘coragem de verdade’. O mestre é aquele que dá testemunho com a própria vida daquilo que ele diz. Ele sabe a verdade? Não. Ele a está procurando. Mas ela inclui, inclusive, a coragem de dizer “eu me enganei aqui”. A lisonja e a retórica são os oponentes da parresia. (Salma Tannus Muchail, estudiosa inspirada por Foucault, PUC SP).

4.1- CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

- 01-Leonardo, 20 anos, trabalha no comércio local como balconista promotor de vendas.
- 02-Marcelo, 19 anos, trabalha no comércio local como atendente.
- 03-Cristiano, 19 anos, trabalha no setor industrial de uma usina de cana de açúcar.
- 04-Jonathan, 18 anos, estudante (tecnólogo de enfermagem). Não trabalha fora.

Leonardo é um jovem de vinte anos, morador da cidade de pequeno porte, chamada aqui ficticiamente de “Santana”.

Já conhecia Leonardo de vista, ele trabalha no comércio local e eu sempre passava em frente de seu trabalho. Os códigos culturais cristalizados normativos permitiram-me identifica-lo como um “garoto aberto a experimentações com outros garotos”: roupas minuciosamente arrumadas, combinadas, e estilizadas incluindo uma maneira mais afetada de se movimentar.

O ar levemente andrógono fica por conta de suas calças que estão sempre apertadas conferindo um aspecto tradicionalmente mais feminino aos seus quadris enquanto as pernas são grossas e másculas. Mais tarde ele me contaria que suas roupas são adaptadas por uma vizinha costureira que segue suas instruções.

Sempre de camisas de botões, mais justas, valorizando os ombros e esgueirando a silhueta. Na maioria das vezes de mangas compridas e dobradas até os cotovelos, com cintos variados e discretos, geralmente pretos ou marrons.

A pele é extremamente alva, o que lhe possibilita fazer luzes em seu cabelo que por volta de três em três meses tem o corte modificado e a tonalidade alterada.

O perfume está sempre forte e marcante, deixando “rastros” de sua passagem pelo ambiente.

Mesmo nos dias mais quentes seu visual está impecável, com bermudas de tecido, cintos, “sapatênis” e elegantes camisetas com ares de sofisticação e alto poder aquisitivo.

Utiliza poucos acessórios, como *correntinhas* discretas ou pulseiras, não utiliza brincos, nem relógio, nem possui tatuagens configurando um visual bem “clean”.

Não se pode dizer que ele seria exatamente um modelo casual de anúncios de roupas masculinas, pois o corte de suas roupas tende a “puxar” para o feminino seu corpo másculo de 1,76m. Não frequenta academia, sendo geneticamente bem proporcionado para um dos padrões estéticos vigentes, não possui músculos definidos também, porém não é extremamente magro. A barriga é reta, mas não possui o abdômen “chapado”.

Tem uma voz extremamente “afeminada” e uma forma de falar tradicional dos “homossexuais mais afeminados”. Seu andar possui certas “afetações”, a pele alva, o cabelo estilizado, e as roupas minuciosamente produzidas fazem com que seja destacado na maioria dos ambientes por onde passa.

Ele mesmo relata que seu ar de “sofisticação” não condiz com sua condição econômica. Na verdade ele poderia facilmente passar-se por um homem gay das classes mais abastadas, mas sua realidade é bem diferente.

Residente de um bairro periférico, “na penúltima rua da cidade” (sic), mora somente com sua avó, desde que nasceu, contando com a aposentadoria dela e seu salário no comércio para viver. Não possui telefone de linha residencial, automóvel, computador ou conexão com a internet, que acessa esporadicamente (no máximo duas vezes por semana) na casa de amigos e em *lan houses*, apenas para checar seu perfil na rede social “Facebook”. Desde que terminou o ensino médio, há três anos, vem trabalhando no comércio local e ainda não pensa em fazer algum curso técnico ou superior.

Fomos apresentados por uma amiga em comum, eu sabia que os dois trabalhavam juntos e perguntei se ela achava que ele aceitaria participar da pesquisa, não foi necessário, para mim, tirar a dúvida se ele era ou não gay, pois, além dos sinais perceptíveis (numa perspectiva normatizadora de expressões de gênero, isto é, ‘ele dá pinta’, demonstra que é gay) meses antes eu havia visto-o entrar maliciosamente em um carro ao final de um baile e partindo com um “homem que faz sexo com homens”.

Peguei o número de seu celular e liguei me apresentando como o amigo da “fulana” que estava fazendo uma pesquisa sobre as relações entre garotos na cidade. Ele prontamente aceitou participar e agendamos a primeira entrevista.

Após nosso primeiro encontro ficamos amigos e acabei por encontrá-lo inúmeras vezes, nos mais variados ambientes, o que me permitiu participar um pouco mais de suas formas de subjetivação e acrescentar muitas observações para a cartografia que fomos construindo. Foi através dele também que conheci outros dois participantes: Cristiano e Jonathan.

O vocabulário de Leonardo é cheio de gírias do mundo homossexual urbano, expressões como: “mona” (gay afeminado), “babado” (fofoca), “bee” (gay afeminado),

“primas” (variável: pode ser relacionado às prostitutas ou gays promíscuos) etc. são constantes em suas brincadeiras.

Marcelo é de estatura mediana, 1,75, corpo esguio e levemente definido pelos anos de natação. Usa sempre camisas xadrez com as mangas dobradas e roupas de muito bom gosto, passadas, alinhadas e combinadas.

A vasta cabeleira castanha escura e bem lisa está cortada em estilo ‘tigela’, é sempre bem sedosa e cuidada também. Diria que o cabelo é o que mais chama atenção nesse garoto de pele morena bem clara junto com a dentição bem formada.

Seus olhos transmitem uma impressão doce, e seus movimentos são comedidos, discretos, a fala baixa, sempre baixa. Uma boa educação e etiqueta que se transformam em brincadeiras educadas após pouco tempo de conversa.

O vocabulário é tradicional, não utiliza gírias, conjuga e concorda muito bem os verbos. Fala devagar, não é irônico e a espontaneidade aparece quando sorri de brincadeiras que aparecem em nossas conversas.

Trabalha no comércio desde que terminou o ensino médio e este ano começou a cursar administração de empresas na cidade vizinha, no período noturno.

Passei em frente à loja em que ele trabalhava e o vi. Pouco tempo depois o vi comentar e curtir páginas de amigos em comum na rede social Facebook. O adicionei e por ali começamos a conversar.

Já em nossa primeira conversa o convidei para participar da pesquisa, mesmo sem termos tocado na questão sexual eu deixei claro que era para falar sobre (homo) sexualidades. Os códigos culturais também me permitiram identifica-lo como possível participante por conta de nossas amizades em comum, com garotos declaradamente gays entre 15 e 25 anos de idade, além de suas preferências por músicas, roupas e entretenimentos associados a uma cultura gay que ele fixou em seu perfil na rede social.

Ele aceitou, não sem algumas ressalvas bem explicadas antes, de que seria tudo extremamente sigiloso em nosso encontro.

Marcelo não é um garoto que frequente balada ou que consuma bebida alcoólica. Ele conta que quase sempre dorme cedo, com exceção dos dias que fica até mais tarde no Facebook.

Já Cristiano, possui um estilo de se vestir mais despojado (com camisetas) no dia-a-dia e costuma produzir-se muito para ir a balada, com camisas, calças e cintos, em um estilo parecido com o de Marcelo.

O cabelo castanho bem claro e liso possuiu sempre gel, com um discreto topete.

Eu o conheci por amigos em comum, sua casa é um “centro de baladas” particulares, a varanda dos fundos costuma-se transformar quando as lâmpadas são substituídas por luzes de neon e o computador é conectado à caixa de som para uma playlist recheada de música pop internacional e eventualmente funk carioca. Essas festinhas costumam contar com mais ou menos trinta integrantes entre 15 e 23 anos de idade, garotos e garotas que possuem abertura para expressões sexuais e de gêneros que não as tradicionais heteronormativas.

Para participar da festa basta levar “o que for beber”, e claro, possuir conhecidos que o convidem para estar lá.

Cristiano possui uma vida virtual muito ativa. Costuma postar fotos de seu rosto diariamente em sua página no Facebook, com alguma inscrição de “bom dia”, “boa tarde” ou “boa noite”. Os amigos curtem e respondem.

Ele também posta muitos vídeos caseiros seus, dando sua opinião sobre assuntos diversos ou dançando alguma musica da moda.

Fala rápido, alto e costuma rir muito. Seu vocabulário é cheio de gírias tipificadas como “gays”, assim como Leonardo.

A pele é branca, a estatura é alta, de 1,80m e seu corpo pode ser descrito como “troncudinho”, isto é, não é gordo, mas tem bastante massa corporal.

Depois de alguns meses já éramos amigos e quando o convidei para a pesquisa ele prontamente aceitou: “Adoro falar”.

Por fim Jonathan é um frequentador das festas na casa de Cristiano. O mais jovem dos entrevistados possui uma pele bem alva, cabeleira loira e bem cacheada, no estilo “anjinho”.

Tem aproximadamente 1,75 e define-se como “gordinho”. Suas roupas são as mais despojadas possíveis, em qualquer ambiente ou horário que se encontre. Na maioria das vezes de camiseta, short largo ou calça jeans. Se for a uma das festinhas ou alguma balada ele até coloca tênis.

A fala é rápida, ele é muito animado, tem um timbre de voz alto, também utiliza vocabulário tipificado como gay, com as expressões “mona”, “prima”, “realiza” (não ligue para isso e olhe para o futuro) etc.

Amante de músicas pop antigas e MPB, ele tenta dar uma “pegada” mais “Cult” em suas preferências. Muito ativo nas redes sociais, seus assuntos de maior interesse são grupos de discussão de filosofia e política. Ultimamente se engajou muito nos protestos nascidos nos grandes centros para redução de tarifa de transporte, os movimentos “não é apenas por vinte centavos” e nos debates sobre o deputado Marcos Feliciano no ministério de Direitos Humanos.

Marcelo não tem qualquer manifestação em sua rede social sobre temas políticos, Cristiano costuma interessar-se também sobre a saída de Marcos Feliciano do ministério, sendo que Jonathan é de longe o mais ativo dos participantes nas temáticas políticas oficiais.

Ele aceitou prontamente participar da pesquisa, entusiasmado com o tom de militância que poderia dar a mesma.

4.2 A HOMO (SEXUALIDADE) E A CIDADE

As expressões das sexualidades e dos gêneros em uma cidade de pequeno porte esbarram muito na vigilância quase constante que o espaço físico pequeno acaba por permitir. A reprodução dos preconceitos encontrados dentro de um espaço reduzido como os de uma sala de aula são constantemente mais fáceis de serem encontrados no cotidiano pessoal dessa cidade do que no anonimato de uma grande metrópole.

Os primeiros contatos que nossos quatro participantes tiveram com alguns dos lineamentos que compõe as “homossexualidades” se deram através de injúrias: piadinhas e desqualificações a respeito do homem ou do garoto que “reduzia-se” a posição de “marica” ou “veado”, como eles mesmos nos contam:

Sempre tinha comentários na escola sobre veados, principalmente entre os meninos era comum um xingar o outro disso. Ninguém queria ser visto assim, e a coragem era mostrada através do jogo de bola, das lutinhas e outras demonstrações de... “macheza”. Eu sempre ficava no canto [...] costumavam sim me deixar em paz, eles (os meninos) nunca fizeram questão de entrar em concorrência comigo, eu era meio que ‘café-com-leite’. (LEONARDO)

Eu sempre tive amigos na natação, nunca tive trejeitos, então comigo ninguém mexia. Claro que sempre alguém brincava com outro de chamar de bicha, viadinho, tal, eu brincava também, nem sabia se eu era ‘aquilo’ e no começo não me preocupava. Quando muita gente começou a beijar eu bejei também. E assim foi, eu que não ia falar que era “gay”, acho que o pessoal sempre soube, mas ninguém comentava. (MARCELO)

As vezes alguém falava alguma coisa de veadinho na aula e eu ficava pensando o por que. Professores faziam piadinha, aparecia na novela também. Desde muito novo, uns 12 anos, eu já pesquisa na internet sobre homossexualidade. Seguia blogs, via fotos da parada de São Paulo e Nova York, então aquilo passou a ser normal para mim. (JONATHAN)

Assim, os primeiros contatos que nossos participantes tiveram com as sexualidades já trazem uma ideia injuriosa sobre as expressões de gêneros e

sexualidades quando essas propõem uma interação para além da heteronormatividade. Ninguém quer ser a “bicha”, o “veadinho” ou o “baitola” da turma.

As linhas duras e rígidas (DELEUZE & PARNET 1998) que constroem limites e agregam valores as experiências sexuais e de gêneros atravessam nossos participantes e criam desafios para a gestão de seus prazeres, principalmente quando não coincidentes com as expectativas heteronormativas.

Ao contar para meus participantes como foi a minha época de Ensino Médio, vivida na mesma escola na qual eles também estudaram, percebo certa perplexidade quando ouvem minhas experiências de escola. Naquela época não era tolerado a menção a homossexualidade sem que esta viesse carregada de pesada repulsa, principalmente entre garotos.

Os fins dos anos 1990 eram bem intolerantes com os dissidentes de gêneros em nossa cidade, que muitas vezes eram rechaçados com agressão ou escárnio direto, como bem me recordo. Não a toa que no *amigo secreto* da sala de aula no terceiro ano do Ensino Médio, em 2001, enquanto a maioria ganhava presentes legais, ganhei, diante de toda sala, um taco de *baseball* de um colega que nunca havia conversado comigo, e, ao abrir o “presente”, seguiu-se grande algazarra da sala toda durante a qual outro colega acrescentou em tom de escárnio: “mil e uma utilidades hein?”, numa clara alusão ao taco poder ser utilizado como dildo.

Hoje, parecem existir posturas relativamente mais flexibilizadas quando nossos participantes não declaram sofrer injurias diretas, agressões físicas ou verbais nem restrições a ambientes escolares ou casa de amigos.

Por outro lado, ao ouvir a definição de Leonardo sobre ser “café com leite” atravessa-me a ideia de certa inferioridade, sensibilidade ou até mesmo patologia que é designada aos “homossexuais”. Em uma brincadeira de criança, “café com leite”

costuma ser aquele que joga, mas não joga para valer, pois aparenta não ter “condições” reais de competir em pé de igualdade com os outros competidores. Assim, essa posição “no canto”, que muitas vezes Leonardo ficou, soa como se os outros garotos preferissem deixar aquele que teve a infelicidade de “nascer daquele jeito” restrito de algumas brincadeiras e competições, justamente por “lhe faltar” algo que o pusesse em “pé de igualdade”. Ou seja: a raiva e a hostilidade para com os “homossexuais” pode relativamente se transformar em dó.

Das falas de meus participantes, encontrei uma similaridade: é possível considerar que esses garotos começam organizar-se em formas de resistência a heteronormatividade ao deixar indícios de suas aberturas para a produção de experimentações sexuais e sociais com outros garotos em suas redes sociais e para amigos próximos.

Assim eles começam a superar parte da injúria que é destinada aos “gays” perante as colocações de parte de seus colegas de escola, as críticas feitas ao “mundo homossexual”, a ideia de pecado, até mesmo as recentes alusões a polêmica “cura gay” que tanto aparece na mídia, etc. e acabam assim por abrir algumas possibilidades de “curtições” com seus amigos de dentro e fora da cidade.

O encontro desses fluxos parece criar uma espécie de jogo de mostra/esconde a respeito dos desejos presentes, nestes casos, é no início da adolescência que isso se torna mais evidente.

A questão do *armário* (SEDGWICK 2007) aparece para todos, inclusive ao moldar seu perfil nas redes sociais. Nenhum de meus entrevistados tem medo de “ousar” ao deixar claros “indícios” na rede de suas aberturas dissidentes.

Estereótipos a parte, quase sempre existe uma resposta aos fluxos culturais que associam determinados artistas ao mundo gay, ou permitem que um garoto curta no

Facebook a foto de outro que claramente tem o apelo de sensualizar com aquela imagem de si, quando posta fotos de sunga ou que mostrem a beleza plástica do rosto e do corpo. Mesmo assim, isso deve ser cautelosamente visto como um indício de que existem aberturas, nunca como uma regra ou crivo definidor de “esse cara é gay porque curte as fotos sensuais de seus amigos”.

Mesmo de forma relativa, parece que com o advento da internet e das redes sociais tem-se permitido uma interação mais rápida com possibilidades de expressões sexuais e de gêneros outras, valorização das expressões “gays” através de sites e notícias da militância bem como a nossos participantes lançarem mão de códigos culturais que permitem o reconhecimento ‘subliminar’ das possibilidades sexuais e sociais de amigos observando seu comportamento na rede.

Essa mostra “subliminar” na rede e na vida proporciona certas saídas e abordagens perante os fluxos culturais e desejantes nas diversas situações em que as expressões de sexualidades e de gêneros podem ser colocadas como moduladoras das relações, em outras palavras: torna-se possível neste misto de sinais, negá-los ou demonstra-los para gerir os regimes de armário, sinais e códigos que os garotos parecem aprender e flexibilizar conforme vão sendo atravessados. (SEDGWICK 2007)

Os sinais e códigos que podem ser reconhecidos referem-se justamente a amigos que ao encontrar outros pela cidade podem perceber e identificar no andar, no vestir-se, na turma em que se anda, nos assuntos na internet, no falar, no olhar, etc. certos indícios de expressões e aberturas para experimentações sexuais outras.

As possibilidades podem ser confirmadas conversando com amigos da pessoa e na maioria das vezes acessando a conta do garoto no Facebook e, se fosse a cerca de dois anos atrás, no Orkut. Uma vez no perfil virtual, observam-se tudo: o estilo da foto principal, os artistas e bandas relacionados, as amizades em comum, os

compartilhamentos de notícias e as curtidas e comentários que o dono do perfil costuma dar.

Caso o interesse se confirme, envia-se um convite para amizade e mais para frente podem-se iniciar conversas pelo chat da rede social. A respeito desses códigos flexíveis de reconhecimento e paquera, assim nos explica Cristiano sobre o primeiro garoto que beijou:

Orkut! Pelo Orkut! Tanto é que... como foi mesmo que eu achei ele? Eu não sabia nada, não sabia nome só achava ele diferente, porque ele tinha o cabelo assim liso, meio um estilo... não Emo de ser... ele tinha o cabelo como de Emo mas não se vestia como um [...] eu nem estava a fim de achar ele, foi sem querer, a primeira coisa que me chamou a atenção foi o cabelo, porque era diferente, era azul! Azul não, tinha algumas coisas azuis, primeiro eu pensei assim 'que cabelo', aí eu comecei a ver as outras fotos e pensei 'nossa, que moço bonito!', foi quando começou a me despertar, então adicionei ele que aceitou, numa boa, tínhamos conversas curtas no início [...] eu trabalhava no comércio, e ele queria azul de metileno, e eu vi ele postando no Orkut alguma coisa sobre, aí eu comecei conversar com ele para saber como ele fazia aquilo no cabelo, puxando conversa, era intenção minha ter conversa, daí ele me contou que usava azul de metileno, falei que vendia isso no meu trabalho, e ele 'nossa, e quanto que é?' tal... e eu pensei 'nossa, já ganhei ele em alguma coisa' daí eu falei o preço, falei para ele ir lá, e ele foi, era carnaval, e eu estava com o cabelo cumprido, minha tia tinha feito não lembro o que no meu cabelo e ele tava lisinho, e ele foi na farmácia, pegou o azul de metileno 'oi tudo bem' e foi embora, e eu fiquei extasiado 'aí meu deus ele veio aqui!, já tive um contato!' e daí que eu vi que ele é muito lindo, de perto, nossa, ele é perfeito, daí ele usou o azul de metileno, e até eu usei também, mas meu cabelo ficou verde, não consegui ficar azul, mas tudo bem. (CRISTIANO)

Aqui temos uma experiência muito comum entre os garotos participantes da pesquisa e de seus amigos: a de interessar-se por alguém que está virtualmente acessível e geograficamente bem próximo por conta do espaço da cidade de pequeno porte. Inclusive existe a possibilidade de ir compondo amizades que não se limitam ao ato sexual, mas que abrem a possibilidade para conhecer um pouco mais os espaços e fluxos que compõe as pessoas com quem estão interagindo, bem como outros amigos, possibilitando assim algumas formas de resistências a heteronormatividade.

Tais fatos complementam algumas questões deixadas por Richard MISKOLCI (2009) sobre a interação de “homossexuais” na internet. O pesquisador, que realizou

diversas emersões em salas de bate papo de grandes metrópoles a fim de construir ideias sobre os “homossexuais” na rede, escreveu:

Minha pesquisa é ainda incompleta e limitada, mas sugere que a internet ampliou o armário duplamente: por ter introduzido nele muitos que jamais explicitariam desejos por pessoas do mesmo sexo – e que o fazem agora graças ao anonimato – e também porque a maioria das relações forjadas on-line surge secretamente. A web não extinguiu a principal fonte de preocupação, sofrimento e solidão de muitos que compartilham desejos por pessoas do mesmo sexo: o segredo [...] a rede não só expandiu o closet, mas também tende a transformá-lo ao oferecer oportunidades e alternativas de socialização impensáveis para gerações anteriores [...] As relações iniciadas on-line misturam reaprisionamentos e liberações relativas, podendo gerar resistências ao velho dilema do armário [...] Apenas investigações mais longas, complexas e aprofundadas poderão apontar se destas resistências surgirão formas novas – talvez mais sofisticadas e socialmente transformadoras – de inconformismo com relação à heterossexualidade compulsória (MISKOLCI, 2009: 188)

Para nossos participantes as relações iniciadas on-line não contam com tanto anonimato e segredo. Para começar, ao adicionarem alguém que lhes parece interessante no Orkut ou no Facebook o início da amizade é avisado para todos os usuários da rede. Curtir ou comentar a foto de um amigo e encontrá-lo na rua depois é comum e até desejável nessa forma de interação que ainda conta com aspectos secretos, mas com certeza mais flexibilizados de exposição já que grande parte dessas interações ocorre em seus perfis oficiais na rede, perfis esses que além dos amigos, contam com professores e parentes atuando.

Assim a rede muitas vezes complementa e expande a geografia física da cidade, permitindo uma potencialização dos fluxos e formas de resistência a heteronormatividade e a composição de muitas relações.

Continuando seu relato de como ocorreu seu primeiro beijo, aos dezessete anos, com um garoto de dezoito, assim nos conta Cristiano, do recente ocorrido:

Antes do carnaval eu tinha adicionado ele, já fazia um tempo já, provavelmente depois do rodeio (em julho) porque tinha umas amigas que tinham outras amigas, e a gente ia pro rodeio numa turma, e essas outras meninas eram amigas dele, e numa foto saiu ele com a gente, e até então eu não tinha percebido, porque ele tava de chapéu, parecendo um cowboy, e eu falei ‘putz e o cabelo, onde está?’ então foi quando eu fiquei meio assim ‘será que é esse, será que não é?’ daí passeando pelo Facebook das outras meninas eu vi que era ele nas outras fotos, aí eu vi a foto do rodeio no Orkut dele e falei ‘ai é ele’, achei ele muito bonito [...] Aí ele puxou

conversa comigo no Facebook dizendo que achou meu cabelo legal, e a gente começou a falar de cabelo, aí não lembro como a gente entrou no assunto, aí ele falou que tava a fim de ficar comigo, daí pus a mão na cabeça e falei ‘mentira!’ porque eu nunca tinha ficado com ninguém até então, e eu só pensava ‘não pode ser verdade! Não pode ser verdade!’. Não sei, eu falo assim que ‘uma estrelinha conhece a outra’ você olha e pensa ‘ah, se esse não curte então não sei’, e ele falou ‘eu estou a fim de ficar com você’ tipo eu, que nunca tinha falado para ninguém que gostava de menino. A noite ele veio até mim e disse ‘ó, sai, sabe aquela rua da padaria? Vai seguindo reto que eu já vou sair, hora que você chegar na esquina você desce, que eu já vou sair’ eu falei ‘tá bom’ eu virei e ele me alcançou, eu perguntei ‘a gente vai aonde?’ e ele ‘tem um lugar ali’ e eu ‘que lugar?’ ‘é um terreno aí’ e eu ‘tereno!?’ (risos) daí chegamos lá, ele veio me beijar e eu falei ‘não, perae’ eu não beijei primeiro, dei uma pausa, respirei fundo, eu não lembro o que eu pensei, respirei fundo e falei ‘tá bom, agora vai’ (risos) aí foi, nossa senti um frio na barriga que nem aquele dia, agora contando! Então, depois eu sai de lá extasiado, parecia que não tinha acontecido. (CRISTIANO)

Se por um lado o social permite que Cristiano passe pela escola sem sofrer ataques diretos por suas expressões de gêneros, essa mesma cultura da cidade não permite que meninos beijem dentro do clube, onde acontecia o baile de carnaval ao qual Cristiano se refere.

Em tais bailes é comum ver casais heterossexuais entre 14 e 25 anos beijando-se, inclusive em locais bem iluminados, mas ainda não se vê casais de garotas ou garotos em tal interação. Quanto às garotas, essas limitam-se a andar de mãos dadas, aproveitando da relativa invisibilidade que paira sobre as lésbicas e a autorização de carinhos públicos entre mulheres. (TOLEDO, 2008; PAIVA, 2007)

Assim, para driblar o preconceito, os dois amigos saem do clube e vão trocar suas experiências de prazeres longe de olhares curiosos ou reprovadores, o que não impede que muitas pessoas percebam e fiquem sabendo. Como Cristiano mesmo me contou, alguns amigos perceberam a ausência deles e deduziram o que estava acontecendo, sem maiores alardes. Mas o caso é que o principal clube da cidade ainda é interdito para expressões de gêneros outras, o armário é flexibilizado, mas ainda está longe de promover maior abertura. Toleram-se “gays”, paqueras “homossexuais”,

muitos sinais evidentes de abertura para “homossexualidade”, como nunca tive notícia, mas beijos e troca de carinhos ainda são cenas desautorizadas naquele local.

O espaço geográfico pequeno ainda permite outras interações, como saídas com amigos em comum, encontros vários pela rua e a composição de amizades para “além do mero encontro sexual”. (FOUCAULT, 1981: s/p)

A casa de Cristiano surge como outro local interessante da cidade. Sua varanda dos fundos é ampla, e costuma transformar-se em “baladinha” aos sábados à noite, com luzes de neon e seleção musical do computador que é plugado em uma grande caixa de som.

O convite costuma partir de amigos em comum, fui convidado por Leonardo para estar em uma festa dessas após nossa primeira entrevista. A frequência dos convidados varia dos 15 aos 23 anos, eu era o mais velho e fui muito bem recebido, com meus 29 anos.

As festas costumam começar por volta das 22h e terminar às 4h da manhã. Para participar basta levar “o que for beber”, geralmente vodka barata com refrigerante, que dá para dividir entre três amigos, saindo, mais ou menos, um custo de sete reais para cada um.

Enquanto rola o som, os avós de Cristiano estão dormindo, muitas vezes sob o efeito de medicações, mas o fato de ocorrer em uma casa “familiar” dá outro caráter a festa. Não me lembro de festas particulares LGBT em minha época de adolescente. Existiam sim, na cidade, repúblicas que costumavam ser formadas apenas para o aluguel de uma casa que serviria para tais encontros, por pessoas mais velhas, “hétero” ou “homossexuais” em churrascos com colegas. Mas levar os amigos gays para dentro de casa é algo que só essa geração parece ter conquistado, retirando um pouco o caráter de

gueto de tais eventos, já que estes ocorrem dentro de casa e só quando não há nada de maior na cidade.

Agora, quando acontecem os bailes ou festas mensais da cidade a turma toda costuma fazer apenas um “esquentar” na casa de Cristiano antes de partir para a festa.

A guetificação ocorre de certa forma quando se fala em segurança para poder beijar quem se quer, ou seja, se no clube é necessário sair e procurar um terreno baldio na casa de Cristiano os beijos podem ocorrer na frente de todos. O que não é novidade para os colegas de escola e alguns pais, o trecho abaixo, de nossas primeiras entrevistas, é muito elucidativo desse espaço da cidade e de alguns lineamentos mais evidentes que atravessavam os eventos na casa de Cristiano:

Pesquisador: Uma coisa que eu queria falar com você é em relação a sua casa. Eu mesmo já frequentei várias vezes aquelas festas na varanda dos fundos, é uma coisa muito interessante. Acho que a sua casa acabou se transformando numa balada gay, e todos que iam lá já iam sabendo disso.

Cristiano: Ah sim, veio até uma amiga minha de fora que beijou uma menina pela primeira vez na minha casa, ela já veio para isso. Eu mesmo propus pra ela quando ela disse que tinha vontade, que queria experimentar, daí já chamei ela pra vir, ela era do curso técnico, eu falei assim ‘dorme na minha casa que você beija uma menina’, acabou pegando aquela fama de que você poderia ir na minha casa e arranjar alguém pra beijar. Eu era ciente de que a minha casa era um local seguro. A primeira vez que eu te vi eu fiquei meio assustado, eu não conhecia você! Era muito louco aquilo, lembro também que teve uma vez que tinha quarenta pessoas no fundo da minha casa, e tinha pessoas que eu não tinha contato, foi até o Carlos Nascimento!

Pesquisador: Ah eu sei quem é esse cara, é meio suspeito né? Todo bombadinho, desfila sempre. Não sei se ele beija ou se tem muita vontade de beijar meninos, mas ele está sempre no meio dos caras assumidos e sempre paquerando meninas. Talvez ele se defina como ‘hetero’ que beija ‘gays’ (risos)

Cristiano: Né?! Eu sempre falava que a intenção de fazer aquilo lá era pra que as pessoas e eu pudessem ficar com outras pessoas sem que ninguém soubesse, ou seja, em um lugar particular, a sociedade não ia saber, se não fosse por pessoas dali de dentro, minha avó sabia e nunca ligou, não tem problema, e eu creio que ali eu disponibilizava segurança para todo mundo, ninguém ficava com medo de ficar com alguém lá dentro, a não ser que tinha outra pessoa que achavam que poderiam contar, como o Carlos Nascimento, eu fiquei assustado porque ele apareceu lá com uns amigos que eu nunca vi na vida, aquele monte de gente na minha casa, e não foi diferente quando você foi (risos).

Na casa de Cristiano conheciam-se pessoas, postavam-se fotos no Facebook no dia seguinte e muitos adolescentes começaram a ter acesso àquele local “seguro” e “amigável”. Principalmente porque a maioria ali não possuía idade ou dinheiro para entrar nas caras boates LGBT da grande cidade vizinha: Ribeirão Preto.

Muitas amizades que nasceram na escola ou na internet foram compostas e multiplicadas naquele ambiente. Todos se cumprimentavam com beijos no rosto ao chegar naquele ambiente que possuía ares queer justamente por agregar pessoas de baixa e média renda, diferentes etnias, múltiplas expressões de gênero e estéticas variadas, dos mais “gordinhos” aos mais “magrinhos”.

Continuando a construir com Cristiano as experiências que ocorriam naquele lugar que frequentei inúmeras vezes indaguei:

Pesquisador: Eu ainda peguei aquela fase que iam no máximo vinte pessoas, tinha aqueles joguinhos de tirar papel, sortear nome e depois ter que dançar, abraçar, morder ou beijar quem a gente sorteou, independente de ser menino ou menina...

Cristiano: (risos) Não deu muito certo aqueles joguinhos, não funcionavam, esses eu mesmo não participava, eu achava interessante ver, eu sempre falava que meu nome estava lá, mas não estava! Mas era engraçado ver o pessoal.

Foi em um desses joguinhos que tirei certa vez o nome de uma garota que se definia como “lésbica”, chamá-la-ei de Barbara. É uma negra alta, de coxas grossas, estudante de pedagogia, tem 19 anos e namora outra garota de 16 anos que lá estava, estando as duas juntas a cerca de um ano.

De uma das caixinhas sorteei seu nome, da outra tirei um papelzinho escrito “dança erótica com toques”. Ela sorriu e se levantou prontamente de sua cadeira, esperando que eu executasse a dança. Sua namorada sorria e as duas pareciam muito satisfeitas com o que acontecia.

Executei a dança, ela se divertiu e eu também, ambos ficamos com a respiração ofegante, e visivelmente excitados enquanto todos aplaudiam em volta. Ao final de um

minuto sentamos em nossos lugares e ela deu uma golada do copo de vodka com refrigerante da namorada. A festa continuou com mais brincadeiras. No dia seguinte, abro meu Facebook: convite de amizade das duas para mim. Até hoje somos amigos, nos encontramos em festas, curtimos nossos posts no Facebook e percebo uma certa abertura para que a “dança erótica com toques” aconteça outras vezes e em outros ambientes.

Pensando agora sobre essa passagem dá para imaginar que quando Suzana Lopes PENEDO (2008) diz que a teoria queer se propõe a questionar a identidade e as experiências que nos podem ser interditadas ao aderir a uma definição fechada, talvez isso realmente faça sentido, pois se podem surgir prazeres para além da brincadeira entre um “gay” e uma “lésbica” que outras experiências nos estão sendo roubadas quando nos limitamos a identidade que nos é imposta? É neste momento que vejo um dos sentidos que podem ser atribuídos à passagem da autora quando ela escreve: “Optar por uma identidade ou outra implica no silenciamento ou exclusão de importantes experiências para os indivíduos”. (PENEDO, 2008: 20)

Senti-me um tanto feliz por viver algo que poderia alargar e ressignificar as minhas experiências e a dos outros, além de constatar que nas festas da casa de Cristiano um pouco mais das fronteiras arbitrárias entre os gêneros eram borradas e formas de resistências podem aparecer, claro exemplo disso é que todos brincavam do jogo de sortear, independente de se considerarem “meninos” ou “meninas”, “hetero” “homo”, etc. Nessas brincadeiras as identidades podem ser flexibilizadas.

Ainda sobre os eventos em sua casa dentro do espaço da cidade de pequeno porte, eu pergunto:

Pesquisador: E como começaram essas festas na sua casa?

Cristiano: Era só eu, o Vitor, a Fernanda, o irmão dela, hoje ela já se assumiu e leva a namorada em casa e tudo, o irmão dela entra no caso do hetero que fica com gays, e a gente sempre levava um amigo ou outro, nem tinha aquela política de beber

todas as vezes, era só tá junto, falar da escola, jogar UNO (jogo de cartas), aí depois que começou a ir mais gente e de repente virou balada, e tal...

Pesquisador: E como foi essa festa maior com quarenta pessoas?

Cristiano: Nesse dia não tinha festa nenhuma na cidade, o pessoal ia pegar os carros e estacionar na vicinal para ficar bebendo e curtindo som, mas não deu certo, então eles apareceram lá em casa com gelo e bebida, e tipo assim, parou uns cinco carros de uma vez, já eram 25 pessoas, fora o pessoal que já estava lá, eu até fiquei com medo dos vizinhos reclamarem por causa de barulho, conversa, porque controlar mais de 20 não tem como, e eu nem fiquei com ninguém, de tão tenso, só pensava no ambiente, aquele monte de gente que eu não conhecia.

Pesquisador: E as pessoas sabiam que iriam encontrar ambiente LGBT ali...

Cristiano: É, neste dia a Samanta, minha amiga que sempre desfila pra garota rodeio, miss, etc. Foi com umas amigas, e com elas foram outras pessoas, tipo o Carlos Nascimento e tal, eles é que iam para a vicinal, agora como eles ficaram sabendo que tinha festa na minha casa eu não sei, só sei que alguém chegou pra mim e disse que eles estavam vindo, se tinha problema, eu disse que não, porque disseram que a Samanta estava vindo, e eu estudei com ela, só que não sei quem chamou, eu disse que o problema era só bebida, não quero que acabem com as coisas que vocês trouxeram. 'Não eles tem bebida', daí eles chegaram com uma bacia enorme, cheia de gelo e bebida, e eu lá rezando pra acabar logo e o povo ir embora, e sim, os caras sabiam que iam pra um ambiente gay, lá não rolou, mas quem sabe da hora de ir pra casa né?

P- E mesmo assim, 40 pessoas já tira o clima e a segurança de intimidade, você consegue se lembrar se as pessoas se beijaram naquela noite?

E- Ah, no banheiro apenas, só no banheiro, porque já tinha pessoas diferentes, eu acho assim: as pessoas que já eram da minha casa, que já eram acostumadas a se beijar ali no meio do quintal... de repente eu só vi aquela fila no banheiro, nesse dia não se sentiram seguros, não consegui proporcionar essa segurança pra eles, descontrolou, tinha gente que a gente não conhecia.

Fica evidente aqui como trazer muitas pessoas para dentro pode ameaçar a segurança do que é secreto, por mais que todos os convidados ali soubessem se tratar de uma festa “gay” não se efetivaram as práticas de costume por conta da vigilância que poderia ocorrer, principalmente da parte daqueles que “estão mais no armário” e mesmo ali não permitiriam se soltar.

Em épocas politicamente corretas torna-se possível estar em um ambiente gay só como “simpatizante” (justo o termo retirado da sigla oficial), até que se prove o contrário. Algo que eu não poderia imaginar ver em minha cidade há 13 anos, quando principalmente os garotos fugiam de qualquer um que tivesse “fama de veado”.

Os garotos não assumidos que ali estavam poderiam ser uma ameaça, o que fez com que muitos convidados usassem apenas o espaço do banheiro, e não do quintal, para trocar prazeres.

Sobre essas festas, assim me contou Jonathan:

P- Eu me lembro muito daquelas festas na casa do Cristiano, as pessoas costumavam beijar muito porque lá era um ambiente seguro.

Jonathan: Era seguro, mas ao mesmo tempo eu me sentia estranho lá, eu não sei, tinha essa liberdade mas o povo aproveita né? Estavam acontecendo coisas ali que fugiam do contexto que no início era pra gente se divertir e ter um ambiente livre pra fazer o que quiser, mas estava fugindo demais, transar por exemplo, eu não vejo sentindo: em um banheiro na casa de uma pessoa? Assim, um beijo, você ir ali, tudo bem, mas passar disso acho que você já tá forçando muito a amizade né? [...] o Cristiano fazia aquelas festinhas na casa dele e sempre me chamava, mas eu nunca queria ir, um dia, em 2011 eu fui e logo no primeiro dia já fiquei com uma pessoa, e gostei de ir pra lá, de beber, de conversar com todo mundo, a gente ria bastante, conheci toda uma turminha legal.

Embora Jonathan gostasse das festas, lineamentos mais rígidos o atravessam quando, assim como Cristiano vai demonstrar no próximo tópico, as interações mais sexualizadas e grupais os impressionavam, sugerindo características e exigências um tanto românticas e talvez moralistas para significar suas experiências e a de seus colegas, num claro lineamento mais duro de amor romântico.

Não é muita novidade, para uma geração onde grande parte venerou a série “Crepúsculo”: a história de um vampiro e uma humana nos moldes do amor cortês, da simbiose a dois para dar significado à vida e do amor imortal, monogâmico e eterno.

Mas existem também, é claro, disrupturas nas vivências de Jonathan: em uma das primeiras vezes que fui à casa de Cristiano, estávamos em uma roda de seis pessoas conversando, Jonathan estava um tanto alcoolizado, chegou perto de Juliano, um garoto de 17 anos, colocou a mão dentro de sua bermuda e brincou com seu pênis, gritando para todos “eu ajeitei o pinto do Juliano!”. Provavelmente esse é um exemplo do que Marina Castañeda quis dizer quando escreveu que as interações sexuais entre

“homossexuais” “tem um sentido lúdico e uma dimensão de camaradagem que não tem paralelo nas relações heterossexuais”. (CASTAÑEDA, 2007:199)

Já Leonardo tinha um posicionamento mais flexível, pois várias vezes ele foi um dos que estavam dentro do banheiro, como veremos no próximo tópico.

Marcelo é um dos entrevistados “menos festeiro”. Ele trabalha em uma loja no centro da cidade, o que atrai muitos olhares e convites para o Facebook. Assim, sua interação e seu espaço na cidade são mais virtuais e restritos a ambientes caseiros ou mais privativos na cidade. Assim ele me conta sobre a internet e um garoto que trabalhava vizinho de seu serviço:

Pesquisador: Você falou do Facebook, você usa muito a internet para encontrar pessoas?

Marcelo: Pra quem é tímido a internet é uma ótima ferramenta, pra quem é tímido... eu acho que ajuda muito.

Pesquisador: Você já pegou muita gente pelo Facebook?

Marcelo: Já sim.

Pesquisador: Como foi com o Luiz? (o cara que trabalhava ao lado de seu emprego)

Marcelo: Ele colocou uma postagem, eu curti, aí ele me chamou no bate papo e falou assim ‘legal o negócio lá né?’ eu disse ‘legal’ aí ele começou ‘você é sistemático ou é impressão minha? Você é muito fechado’ eu disse que não que eu era simpático, ele disse que sempre me encontrava pela rua e eu nem olhava, daí eu disse que eu não via, aí ele começou a perguntar se eu estava namorando, eu disse que não, que não tinha ninguém interessante na cidade para mim, aí ele disse ‘olha que tem hein, você só tem que saber enxergar’ começou a jogar indiretas: ‘to só de cueca aqui na cama’ aí percebi que ele queria mesmo quando falou assim ‘nossa, tô com uma vontade de sair mas não sei pra onde eu vou’ aí eu disse ‘vamô numa praça?’ claro que eu não queria ir numa praça com ele daí ele disse assim ‘não, eu não gosto de praça, mas se você quiser eu te levo num lugar bem legal’ aí rolou, aí foi (risos).

Pesquisador: Esse cara, o Luiz, é um tipo de armário interessante, ele não é um gay assumido, inclusive há seis meses ele terminou um namoro com uma conhecida minha.

Marcelo: Segundo ele, ele gosta dos dois, só que eu vejo nele um lado mais gay, eu acho que ele gosta muito mais de homem do que mulher, eu acho.

Assim, Marcelo consegue efetivar uma interação que começou com um colega que trabalhava ao lado de seu serviço e o adicionou no Facebook.

No decorrer do trabalho voltaremos às interações e amizades que Marcelo construiu na cidade através da internet, escola e olhares curiosos em seu trabalho no centro da cidade. Seu primeiro namorado foi um amigo de escola, e ele também desenvolveu uma relação muito interessante com um homem de 36 anos, bancário, casado e pai de duas filhas que sempre o via bem arrumado atendendo as pessoas na calçada.

Os espaços na cidade são fluídos e superpostos uns aos outros, e os fluxos desejantes vão encontrando fissuras em locais geográficos físicos e códigos culturais flexíveis para compor encontros outros.

Mesmo a casa de Cristiano, que é geograficamente física, limitada e privada, as imagens eram publicadas no Facebook expandindo os olhares e influências daquele local, reposicionando-o no espaço virtual da cidade (e do mundo) fazendo também com que os convites sempre passassem por membros flutuantes no grupo.

Ao falar um pouco dos espaços que compõe as cartografias de meus participantes em contato com os fluxos presentes na geografia da cidade, que aqui entendemos como a geografia física e virtual, sem fronteiras definidas, nos inspira pela pesquisa de Cristian Saraiva PAIVA, assim ele nos fala:

Interessamo-nos, na pesquisa, por destacar, junto aos casais, as redes de homossexualidade e as microgeografias em que se exercem as expressões de homoerotismo na cidade e que atravessam a cartografia de suas trajetórias amorosas. Essas práticas de ocupação do espaço, de territorialização de lugares para o exercício das homossexualidades, constituem uma outra topografia dos desejos na cidade (ampliando as micro-redes familiares e de amigos), onde os relacionamentos podem se afirmar num regime de luz e palavra menos rareado, com menos perda de expressividade. Assim, ser apresentado a esses territórios onde as homossexualidades podem ser expressas, representa a descoberta de um outro mundo, de uma outra cidade superposta à “cidade do dia”, à “cidade oficial”: uma territorialidade até então invisível, imiscuída nos interstícios das cidades – o mundo gay. Nessas microgeografias desejantes, trata-se menos de lugares marcados do que de composições diferenciadas dos regimes do visível e do discurso, segundo um manejar das travas sociais, que impõem uma gradação naqueles regimes de luz e palavra. (PAIVA 2007:38)

A maioria dos amigos de nossos entrevistados é adolescente, e todos eles ainda precisam da autorização de pais e responsáveis para sair, inclusive Cristiano e Jonathan ainda precisam dessa autorização, mesmo sendo maiores de idade.

O que nos chama atenção é que a forma de demonstrar expressões sexuais e de gênero para seus pais também compõe um armário complexo e sutil. Para SEDGWICK (2007) os códigos paradoxais que expõe ou não se uma pessoa possui vivências e expressões sexuais dissidentes, repousa aqui também em arbitrários lineamentos culturais que definem o masculino e o feminino, portanto, vão criar um jogo tenso entre os fluxos desejantes daqueles que se subjetivam contra certos aspectos do sistema heteronormativo, quase sempre fazendo com o que sujeito esteja entrando em conflito sobre para quem pode demonstrar ou esconder seus desejos e prazeres, criando um “segredo” a respeito da pessoa “homossexual”.

A relação com os pais comporta um caráter dúbio e de segredo subliminarmente revelado. Seus pais não cobram namoradas, nem fazem perguntas constrangedoras como era comum em minha geração que viveu a adolescência no fim dos anos 1990. Segundo nossos participantes os pais “devem” saber de suas expressões sexuais. Apenas o pai e a avó de Cristiano ouviram que ele é “gay”, sem maiores comentários, mesmo assim nenhum pai ou responsável se sente confortável para partilhar as descobertas sexuais produzidas por seus filhos, ou para serem apresentados para seus namorados em casa, característica essa que de forma alguma é restrita aos pais de “homossexuais”, mas parece ser um tanto mais difícil de ser problematizada quando se trata de “gays”.

Se maior visibilidade da militância gay, dos programas de saúde e da “homossexualidade” na mídia e em nossa cultura pode trazer certa flexibilidade para parte da classe média lidar com o assunto, pois agora não se pressiona mais tanto seus filhos a afirmarem sua (hetero) sexualidade, a superficialidade com que o tema foi

entendido ainda promove uma distância entre as famílias e os garotos, que tem seu “segredo” particularmente revelado e mantido em um pacto de silêncio, que, de certa forma, é uma pressão mais sutil e silenciosa frente a injúria que pode declarar-se “gay”.

Assim, o local familiar, para nossos participantes ainda é um local paradoxal, mais ou menos como o clube da cidade: permite-se ser gay, mas sem tantas demonstrações, o que não impede que nossos garotos deixem evidências.

Certa vez, Jonathan me chamou para assistir filme em sua casa, em uma sexta feira à noite. Havia cerca de 13 pessoas em sua sala, todos garotos adolescentes “gays”. Estávamos comendo pipoca e conversando com sua mãe esperando Leonardo chegar para colocar o filme.

Quando Leonardo adentrou a sala ele foi dando beijo no rosto de um por um, não havia sido esse o cumprimento que nenhum dos garotos havia executado quando ali chegou, tínhamos nos limitado a um aperto de mãos e toque no ombro que são atitudes autorizadas ao gênero masculino numa perspectiva heteronormativa. Alguns garotos fizeram cara de espanto, pois “a mãe do Jonathan estava ali!”. A mesma continuou impassível, lá ficou em silêncio comendo sua pipoca e fingindo olhar para tela do televisor enquanto Leonardo dava beijos estalados em cada um de nós.

Dias depois eu perguntaria para Jonathan como era a questão com os pais, assim foi o que ele me respondeu:

Jonathan: Em questão de falar para os pais, na minha opinião não é uma coisa que a gente tem que contar, quem quiser contar fica a vontade, porque eu não acho que é uma decisão que você tenha que tomar, é uma coisa sua, que você gosta, agora se você achar que há necessidade de falar, fale, eu nunca tive necessidade de falar, apesar que existe alguns momentos você até queria sentar e conversar com a mãe, contar que gostou de algum menino e tal, mas necessidade de se expor a esse ponto acho que não tem.

Pesquisador: Entendi, você já foi cobrado pela família, por exemplo, de namorar alguém Já ouvi insinuações sobre sua sexualidade?

Jonathan: Não, nunca, por ninguém da família, nem insinuações, nada, assim, tem brincadeiras de tio que você leva na esportiva, eu não apelo com essas coisas, mas do meu pai mesmo, ou da minha mãe, nunca teve nada.

Pesquisador: E também não lhe proibem de nada?

Jonathan: Não, nunca, eu comecei a sair para baladinhas, essas coisas, com 13 anos, foi quando eu comecei mesmo, eles sempre deixaram, nunca interferiram em minhas amizades também.

Esse armário para com os pais e a família ainda é relativo, assim confere um campo ainda a ser problematizado por políticas públicas, sociais e educacionais que possam desenvolver pensamentos mais críticos e aberturas mais afetuosas para pais (não só) de adolescentes, independente de suas expressões sexuais e de gêneros.

Ao propor retirar ou relativizar os discursos de verdade que atravessam nossas sexualidades, FOUCAULT (1985) pode inspirar a tomada de posição de pais e profissionais que não precisam (nem podem) conhecer todas as respostas a respeito de um tema que possui significados tão fluídos e abertos a negociações. Talvez, frente às características móveis das sexualidades, o desafio desses pais poderia estar muito mais voltado para a produção de bons significados na vida potente e criativa que os jovens estão adentrando, através de suas sexualidades e interações sociais, no sentido de perceber essas vidas potentes e criativas devem ter passagem para todas as idades ao invés de criar respostas prontas e estereotipadas em relação à (homo) sexualidades.

O silêncio da maioria dos pais provavelmente se deve a um estranhamento não só frente às sexualidades e experimentações de seus filhos, mas sim a própria forma como vivenciam os fluxos dissidentes que também os atravessam. Ou seja, as experimentações desses pais também são comprometidas por lineamentos muito duros dos discursos sobre os sexos. O fato de exercer psicologia clínica nesta cidade colocou-me em contato com muitos amigos desses pais, e muitas pessoas dessa geração (nascidos ali mesmo na cidade entre 1970 e 1980) ainda tem dificuldade em falar sobre temas corriqueiros e muitas vezes obrigatórios na mídia, tais como: masturbação, adultério, sexo anal, drogadição, etc.

Os pais e responsáveis de nossos entrevistados entram muito na perspectiva de presenciar os indícios de experimentações homossexuais de seus filhos em posturas “não questionadas por quem não aceita e negadas por quem questiona”. Existe sempre a possibilidade de fechar os olhos para os beijos entre os amigos naquela sala, a ausência de namoradas, ao uso de calças justas, etc. ao mesmo tempo em que não se dá espaço para o filho conversar sobre seus amores e amizades, como Jonathan expressou sentir vontade (representando aqui todos os entrevistados, e grande parte de seus amigos).

Voltando aos espaços dessa cidade as praças públicas também comportam uma configuração interessante. Duas praças me chamaram atenção nas vivências que tive com Leonardo, Jonathan e Cristiano.

A primeira praça é um local bem isolado e quase deserto, perto da casa de Cristiano. Lá a turma costuma se reunir as quartas e sextas à noite. As bebidas também costumam ser vodka barata e neste local costuma rolar cigarrinhos de maconha também. A frequência é quase a mesma dos que vão à casa de Cristiano aos sábados.

O som fica por conta do carro de uma mulher “heterossexual, mãe solteira, simpaticante de seus amigos gays” que tem 23 anos. Ela estaciona o carro perto do ultimo banco onde costumam aglomerar-se e liga algum cd de funk carioca ou sertanejo universitário.

A praça ainda conta com algumas figuras como garotos que vão até lá fumar maconha ou simplesmente paquerar os garotos “gays”. A presença de maconha não é constante, observa-se que seu uso ainda é “lúdico” entre os adolescentes “heterossexuais” e “homossexuais”, não sendo obrigatório fumar e nenhum deles parece estar “dependente” da “droga”, pois o uso é muito espaçado e ainda não fazem questão de sempre fumar.

Nas palavras de Cristiano “o assunto drogas era praticamente uma matéria na escola, falávamos sobre isso e seus perigos o ano todo”, portanto, parece que o que tem feito esses garotos optarem ou não por fumar um cigarro de maconha ou tomar um copo de vodka não passa pela ordem da falta de informação, mas antes, parece estar mais ligado a fluxos de transgressão, produção de prazeres e lineamentos outros, que podem ou não abrir espaço para vulnerabilidades, tais temas precisariam urgentemente ser estudados em pesquisas futuras.

Ainda pensando um pouco sobre essas questões, os jovens parecem inspirar uma recolocação daquilo que se chama ordem e disciplina, eles frequentemente observam que a maioria dos exemplos que seus pais, parentes, professores e outras autoridades dão para significar a vida são largamente permeados por um discurso politicamente correto e que não é sempre seguido pelos mesmos em relação à disciplina para estudar e trabalhar, uso de drogas, alimentação saudável, bebidas alcoólicas, etiqueta, estresse, administração de dinheiro, etc.

Temas esses que também ficam em aberto para estudos futuros e que parecem estar muito relacionados com a forma que os discursos produzem e mantêm o que se chama de normal e desejável na transcontemporaneidade, assim como as fissuras que vão se compondo nas tentativas de domesticação e resistência de corpos, produção de prazeres e vulnerabilidades de todos os tipos (drogadição, alcoolismo, “transtornos” alimentares, consumismo, estéticas, autoafirmação, etc.).

Ultimamente a Polícia Militar tem feito batidas pela pequena praça isolada, devido à grande quantidade de garotas e garotos menores de idade, a praça tem ficado deserta novamente.

Foi nessa praça que comecei a perceber que de todos os participantes da pesquisa, Leonardo é o que possui um senso de humor mais ácido, irônico e

“instantâneo”, aquele mesmo, capaz de parodiar e ironizar as situações cotidianas ao expor seu caráter mais arbitrário de organização. Ele consegue fazer piadas com situações bem além da sexualidade, como a luta da classe C por “alçar-se” e parecer mais rica do que na verdade é. Um exemplo: ele detecta facilmente as tentativas das pessoas ao esforçarem-se por parecerem mais ricas do que são, quando estas expõe suas roupas de marca com o logotipo muito a mostra ou fazem comentários casuais e bem ensaiados de locais que frequentam na região e que costumam ser mais caros, ele não deixa por menos “foi lá fazer cartão, mas a fatura do cartão não perdoa né?”.

Com uma interação que há anos vemos em shows de travestis, ele tem uma rapidez de raciocínio para estruturar suas piadas de forma rápida e extremamente sarcástica. Ele faz brincadeiras e transforma qualquer situação comum em um fato inusitado, muitas vezes colocando as pessoas em pequenas passagens constrangedoras.

Neste momento, penso que este pode ser um exemplo do que Marina CASTAÑEDA escreve sobre a criatividade observada em alguns “homossexuais” quando fala sobre a “capacidade de viver e de pensar em vários universos ao mesmo tempo. Ela (a homossexualidade) está igualmente na própria base da criatividade” (CASTAÑEDA 2007: 316), destacando como a inicial posição de marginalidade imposta aos chamados “homossexuais” pode lhes dar algumas ferramentas críticas para analisar as forças sociais que demarcam os universos e espaços referenciais dos sujeitos bem como seu caráter arbitrário, o que nas mãos de Leonardo, quase sempre se transforma em humor e sarcasmo

Essa criatividade não é entendida por nós como uma força inerente a (homo) sexualidade, pensar assim seria identitário, parece ser, antes de tudo, uma forma de resistência possível as heteronormatividades, formadas nos fluxos que podem atravessar os dissidentes e por estes serem resignificados em formatos de humor.

Outro exemplo cômico de Leonardo foi quando certa vez estávamos em uma das inúmeras reuniões que a turma faz na pracinha isolada. Um dos garotos, que tem cerca de 16 anos, chegou acompanhado de outro, um pouco tímido e da mesma idade, que não frequenta a roda de amigos e ocupa uma posição mais “hétero” na cidade, o que eles chamam de “bofinho”.

O tal “bofinho” está na sala de aula de alguns da turma e seu pai possui um varejão de frutas e verduras na cidade. Ele bebeu e se enturmou, partindo com o garoto que lhe trouxe daí um tempo para algum terreno baldio dos arredores da praça.

Cerca de duas horas depois o integrante da turma retornou e Leonardo, com voz afetada fez questão de “gritar” aquilo que todos estavam pensando: “Ah, bonito né? Trouxe o bofinho para beber, foi passivar por aê e já deu o truque, né? Amanhã vamos ter frutas do varejão para por na vodka? Você vai empilhar as caixas de abacaxi só de tanguinha?”.

Aqui podemos pensar como a experiência da abjeção pode permitir ao sujeito apropriar-se da flexibilidade dos códigos culturais que regem o “normal”, e expô-los da forma mais tragicômica possível. Assim, o humor de Leonardo também pode ser pensado, muitas vezes, como uma forma de resistência aos discursos heteronormativos, e muitos outros que nos atravessam.

Mais uma vez temos os garotos se apropriando e resignificando códigos culturais tradicionais das (homo) sexualidades, de classes, raças, etc. O “bofinho” acabou usando daquele espaço de resistência para sair de seu local instituído de “heterossexual” e produzir experimentações.

Leonardo percebeu o desconforto do “bofinho” por estar em um espaço dito “gay”. Por um lado o garoto poderia estar receoso, mas por outro seu desejo o colocara ali. A brincadeira de Leonardo explicita este e outros paradoxos dos discursos a que os

sujeitos estão sendo atravessados, parecia que estava dizendo “mais um que não aguentou e migrou para o lado de cá”.

A ideia de “lado de cá” é binária, justamente por aquele local ser frequentado em sua maioria, por gays fora do armário e o garoto em questão estar passando por ali pela primeira vez. Não é novidade que determinar certos locais como gay ou hétero parte de uma perspectiva identitária e muitas vezes segregacionistas e comprometidas com uma economia do desejo. O que fica evidente é que a escolha do local distante, uma praça quase deserta e afastada, onde sempre sentam no ultimo banco, diminui a vulnerabilidade e aparece como possibilidade de proteção a respeito de olhares curiosos.

Mas a turma não fica restrita apenas a praça isolada. Pensando na segunda praça que me chamou atenção, a central, quando nas sextas feiras costuma ficar lotada de pessoas. A garotada pega uma caixa de isopor e desce para a praça principal munidos de seus copos descartáveis e bebidas.

Instalam-se em um banco qualquer e ali a interação e a produção de amizades são muito ricas. Quase todos na cidade parecem saber tratar-se de uma turma “gay”,

Pelo banco da turma, na praça principal, passam casais “héteros” adolescentes e adultos, “bofinhos” (um deles toca até no coral da igreja matriz), “periguetes” (garotas arbitrariamente taxadas de vulgares e “fáceis”), jovens professores da escola e amigos que foram morar em outras cidades e estão ali passando o fim de semana.

Destas interações nascem algumas paqueras, muitas amizades e muita circulação de fluxos. Uma turma “gay” na praça principal da cidade interagindo tão bem com a população também era algo inimaginável para minha geração.

Tal como se vê no clube, os códigos de visibilidade na praça também são reproduzidos: existem casais “héteros” abraçados e se beijando, mas não se vê isso

acontecer entre “homossexuais”, sendo possível apenas a paquera subliminar e a expressão de (homo) sexualidades longe dali.

Embora com relativa visibilidade, a praça central é um local público e de grande fluxo de pessoas, que não deixa de ser ocupado pelos amigos em dias mais badalados, definindo certa apropriação do local.

Assim, pensar sobre os espaços da cidade, desde o clube, as praças até as casas particulares e as interações com as famílias constituíram os primeiros lineamentos para pensar as amizades produzidas por nossos entrevistados nesta cidade. Nesta perspectiva nossos pensamentos e objetivos se basearam muito nas composições produzidas por Fernando POCAHY quando este escreve:

Meus objetivos, desde o início do ingresso neste Programa de Pós Graduação, tiveram como perspectiva pesquisar a produção da cultura da diversidade sexual nas suas expressões e formas de ocupação da cidade, a partir da perspectiva da apropriação dos espaços públicos e da construção de outro tipo de visibilidade das homossexualidades. Pensando a diversidade na sexualidade enquanto política de subjetivação, isto é, na linha de análise de uma geopolítica dos corpos e dos prazeres. E em busca de como resistimos aos imperativos da heteronormatividade. (POCAHY, 2006: 31)

Nesta perspectiva os espaços geográficos da cidade são fluídos e negociáveis, casas particulares, o clube central, praças e redes sociais na internet configuram um rol amplo de possibilidades e aberturas para a resignificação de prazeres e experimentações entre esses garotos, em sua ocupação física e virtual da cidade. Ao fazê-lo são atravessados por diversos fluxos como o armário, esses fluxos paradoxais de mostra/esconde, até a composição de espaços outros que possibilitam maior flexibilidade para suas experimentações.

Aqui encontramos um ponto de tensão sobre as possibilidades e desejos dos garotos por migrarem para centros urbanos. Para nossos entrevistados, estar em um centro urbano é um desejo que passa mais pela possibilidade de ascensão econômica do

que pela possibilidade de experimentações sexuais. Sobre esta questão, nos fala novamente POCAHY:

Embora certa visibilidade das sexualidades não hegemônicas e mesmo da diversidade estética juvenil tenha expressão no contexto de ocupação da cidade, acredito que esta seja quase que exclusividade dos grandes centros urbanos. Com efeito, também o resultado da migração que muitas e muitos homossexuais fazem fugindo de contextos hostis, constituindo as comunidades homossexuais. (POCAHY 2006: 42)

Importante ressaltar que visivelmente os jovens de nossa pesquisa e seus amigos utilizam um visual e uma atitude menos agressiva a heteronormatividade, ao falar de “migração para centros urbanos” POCAHY (2006) refere-se principalmente às jovens travestis, que possuem um visual mais subversivo em relação à heteronormatividade, portanto, muito mais difícil de ser vivenciado em um centro de pequeno porte.

O objetivo deste tópico foi justamente compor alguns posicionamentos possíveis com nossos entrevistados e seus amigos frente a cidade em questão e os lineamentos que nos atravessam.

Passando para outro de nossos objetivos: a produção de amizades entre garotos, o tópico seguinte pretende estender essa geopolítica de corpos e prazeres tendo como pano de fundo a cidade de pequeno porte.

4.3 AMIZADES ENTRE GAROTOS: AS EXPERIMENTAÇÕES PRODUZIDAS NOS FLUXOS QUE NOS INVADEM

Durante meus passeios cartográficos com meus participantes, tive a chance de compor, com os mesmos, amizades múltiplas.

Conforme eles iam me introduzindo em seus mundos adolescentes atuais eu ia sentindo diferenças e semelhanças com os meus próprios fluxos do passado e do presente, que foram experimentados e construídos neste mesmo espaço geográfico, ia também percebendo como hoje, cerca de 10 anos depois, contam-se com diferentes configurações para a composição de relações e experiências, que ao longo do trabalho fui tentando produzir paralelos com a minha época.

Ao questionar as experimentações que fomos produzindo, pude perceber muito das observações de FOUCAULT (1981) quando este nos fala de relações que criam momentos disruptivos daquilo que é instituído, pois conheci garotas e garotos que muitas vezes vivem situações que não encontram muitas referências para se apoiarem, necessitando inventar parte da ética que vai permear as relações.

Dos Estudos Queer, principalmente das contribuições de PENEDO (2008) PRECIADO (2008) e GARCIA (2005) ficam as sugestões de como aqueles que transitam entre as linhas da normalidade e da abjeção podem produzir algumas experiências singulares quando ressignificam certos códigos culturais da transcontemporaneidade.

Começo por exemplificar isso com algumas situações vividas nas festas da casa de Cristiano, este local impar da cidade:

Pesquisador: Olha, pelo que eu vi, acho que na sua casa as pessoas tinham segurança, se soltavam mesmo nas festas. Uma vez eu cheguei lá e estava você no computador colocando musicas com o Marcelo, e do outro lado, naquele quatinho da sua casa, estavam Celso, Maurício, Juliano e Antônio se pegando ao mesmo tempo.

Cristiano: Que horror!

Pesquisador: Não estou pensando na questão do “horror”, estou pensando que eles são amigos e estavam todos se beijando, se pegando, o que você pensa disso?

Cristiano: Olha, você ta me dizendo isso, e agora estou entendendo um outro assunto que uma vez gerou uma discussão: esse negócio de todo mundo se pegar, eu não sabia disso, eu sabia assim, que mais de uma pessoa ficava junto, mas não sabia isso, eu estava no computador e não vi.

Pesquisador: Sério?

Cristiano: É, tanto é que a primeira vez, assim, que eu vi isso, que eu não aceitei, é que estava o Celso, o Juliano e o Antônio dentro do banheiro, foi numa festa de Dia das Bruxas, tava tudo decorado e eles entraram no banheiro, já era bem de madrugada, algumas pessoas já tinham ido embora, e os três foram no banheiro, a lista de músicas acabou, e na hora que ficou o silêncio ficou o som parado e a gente ouviu os gemidos no banheiro, eu subi e coloquei a cara na janela e vi os três fazendo sexo no banheiro. Aquilo me chocou muito, eu sabia que tinha gente que ia em três no banheiro e se beijava, mas eu nunca tinha me deparado com aquilo ali, pensei ‘nossa, na minha casa? No meu banheiro?’ fiquei chocado, não gostei, deixei claro que não gostei, eu falei que não gostei e teve gente que ainda me falou ‘ah mas já teve coisas piores na sua casa’ daí eu disse que eu não vi, e realmente não vi, agora a questão de amigos fazerem isso eu acho que... eu nunca fiz isso, sempre foi só eu e outra pessoa, teve um amigo que já me contou que fez isso e eu fiquei tipo assim ‘como assim’?

Pesquisador: E depois disso o Juliano e o Antônio começaram a namorar, daí um tempo e estão juntos até hoje... Independente de terem participado daquela brincadeira em grupo.

Cristiano: Pra mim é irrelevante, eu sou muito tranquilo nesse sentido, eu não ligo muito pra isso, acho que as pessoas têm que se conhecer muito bem, não ligo, mas eu prezo por ser apenas duas pessoas, tanto é que já fui convidado para ir pro banheiro com mais de uma pessoa e não fui, por saber que tinha gente lá dentro do banheiro.

Embora eu não tenha conversado oficialmente com os garotos participantes da “brincadeira”, a fala de meus entrevistados e o contato que acabei tendo com eles, nos dão muitas pistas sobre algumas formas de relacionamento que acabam aparecendo em vivências dissidentes entre os garotos desta cidade.

Para Cristiano, a ideia de seu jovem ex-namorado, atual amigo, estar com mais dois garotos dentro do banheiro pareceu repulsiva, pois ele sempre teve um posicionamento mais tradicional ao referir-se às relações amorosas e sexuais.

No dia seguinte ao acontecido, muitas críticas surgiram dentro da turma, mas Juliano, que estava na brincadeira, não deixou por menos, criou um post em seu

Facebook com os dizeres: “Eu acho assim: cada um é feliz como quer”, numa clara indireta aos comentários críticos sobre a “orgia” da qual ele havia participado.

Muitas foram as curtidas e comentários positivos que o post de Juliano recebeu, o que pode até mesmo ter estimulado-o a participar novamente de outra brincadeira semanas depois, como nos conta Jonathan:

Pesquisador: Eu lembro também uma outra vez que cheguei numa festa na casa do Cristiano e você estava sentado no computador, e tinham poucas pessoas, e havia alguns meninos na outra parte do quintal, tipo um dark room, se pegando, se tocando...

Jonathan: Eu também estava lá, mas com uma pessoa só, a partir do momento que outras pessoas começaram a se aproximar, a fazer coisas estranhas, eu vim pra fora, só que depois de lá foram pro banheiro, e se tornou uma coisa chata.

Pesquisador: E para você onde ficam os sentimentos, os prazeres, etc, depois de uma experiência como essa entre amigos, aliás, dois deles se tornaram namorados depois disso, o Juliano e o Antonio...

Jonathan: Então, sabe o que acontece nesse mundo gay e eu não entendo muito? Às vezes eu me pergunto se estou pensando diferente, eu tenho outras amizades, depois que eles terminam, alguns continuam amigos também, e esses amigos ficam com amigos, aí eles voltam a ficar eu não entendo isso, porque pra mim ex é ex. Acabou. Eu não procuro ser amigo, ex é ex. Um beijinho, um selinho, está dentro da brincadeira, agora entrar dentro de um banheiro?! E ainda parece que eles estavam ali dentro pra esfregar na cara do coitado do Cristiano que estava acontecendo alguma coisa com o ex namorado dele, que ele não era mais o bam bam bam da situação, acontece muito isso no mundo gay, em todo lugar.

Pesquisador: Você diz de se auto afirmar através do sexo?

Jonathan: É. Uma vaidade.

Pesquisador: Você já teve esse tipo de vaidade?

Jonathan: Não, porque eu sempre fui aquele que nunca cheguei em ninguém, sempre fui mais tranquilo.

Jonathan e Cristiano partilham de uma visão parecida sobre amor, relacionamento, amizade que está um tanto mais próxima dos modelos normativos.

Desses depoimentos e do que vivi com eles muito me instigou pensar as interações e o posterior namoro que apareceu entre Juliano e Antônio, dois dos jovens que haviam participado dos beijos, amassos e transas coletivas no banheiro da casa de Cristiano.

Juliano e Antônio eram amigos que se conheceram na casa de Cristiano. Da primeira vez que estiveram juntos em uma experimentação coletiva eu estava no local. Eles saíram de dentro do banheiro aparentando estar muito satisfeitos com as experiências que vivenciaram e com a atenção que haviam mobilizado.

Para esses garotos há uma relativa transposição dos ideais do amor romântico, essa matriz subjetiva que nos atravessa em maior ou menor grau quando começamos a pensar sobre amores, sexualidades, monogamia e prazeres (LINS 2012).

Dentro dessas amizades é possível ocorrer trocas sexuais em locais de sociabilidade, rompendo padrões e compondo modos de resistências à heteronormatividade, que costuma partilhar de ideários monogâmicos e românticos também. Os referidos garotos continuam amigos até hoje, inclusive com dois deles namorando. É mais um exemplo que encontra paralelos nos estudos que nos embasam, quando Marina Castañeda escreve:

Os limites entre sexo, amor e amizade não são nem um pouco claros no mundo homossexual – o que permite uma grande criatividade, mas também muitos desentendimentos [...] Nesse contexto de pós-liberação gay, a relação erótica tem um sentido muito diferente daquele que existe entre os homens e mulheres. Não é necessariamente um sinal de amor, nem de intimidade, nem de engajamento. A relação sexual pode ser um modo de se conhecer, de aprofundar uma amizade, ou de passar um bom momento entre amigos. Ela tem um sentido lúdico e uma dimensão de camaradagem que não tem paralelo nas relações heterossexuais. (CASTAÑEDA, 2007: 198-199)

Mesmo assim, alguns amigos como Jonathan, ficam perplexos diante da multiplicidade que as relações humanas podem assumir, exemplo disso, é quando este relata ter outros amigos que ficaram próximos ou amigos de ex-namorados. Para ele essa composição é algo que confunde suas referências e transcende certos limites culturais.

Podem-se perceber certos ares das amizades produzidas nesses fluxos, numa perspectiva Foucaultiana (1981) quando esses garotos coseguem abrir caminhos para suas experimentações, mesmo frente às injúrias que podem ser destinadas a

“homossexualidade” e mesmo ao “sexo grupal”, compondo laços com aqueles que se permitem viver prazeres, em suas palavras “curtições”.

Ao produzir essas resistências esses garotos também: “Terão que inventar de A a Z uma relação ainda sem forma que é a amizade: isto é, a soma de todas as coisas por meio das quais um e outro podem se dar prazer” (FOUCAULT, 1981: s/p)

Ainda pensando sobre as palavras de FOUCAULT, o mesmo nos diz: “Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade? O problema não é descobrir em si a verdade sobre seu sexo, mas, para, além disso, usar de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações” (FOUCAULT, 1981: s/p).

Algumas portas parecem estar abertas na medida em que vejo sempre estes garotos juntos, sem que as experimentações sexuais venham a ser algo que lhes cause medo, dúvidas ou receio em suas relações de amizades.

Após algumas semanas do ocorrido, Juliano e Antônio mudaram seus status no Facebook de “solteiros” para “namorando”, estão juntos à quase um ano e parecem levar sua relação de forma tradicional, inclusive utilizando aliança de compromisso, praticando a monogamia e o companheirismo, numa clara alusão ao tradicional amor romântico.

Leonardo, que apesar de me confidenciar sonhar com um amor assim, nunca encontrou fissuras para criticar ou “alfinetar” esse casal de amigos, mas usando de seu humor ácido ele costuma expor as intenções mais íntimas e conflitantes de outras pessoas que convive, inclusive quando se trata de amor, o que não o faz muito querido por algumas pessoas.

Essas atitudes de Leonardo parecem ser uma intolerância com qualquer coisa que possa soar como hipócrita, ou seja, relações que produzem paradoxos ao serem

atravessadas por lineamentos conflitantes gerando pontos de tensão que muitas vezes não são resolvidos. Justamente algumas questões ligadas ao amor e a amizade há tempos podem construir relações atravessadas por algumas hipocrisias. (LINS 2012)

Leonardo brinca com os códigos culturais que percebe serem móveis e arbitrários, ele tem uma grande sensibilidade para perceber fluxos em movimentos. Adora fazer comentários sobre a infidelidade alheia, diretamente para os “puladores de cerca”, problematizando um grande paradoxo discursivo de muitas épocas históricas: a dificuldade entre administrar vínculos monogâmicos e impulsos sexuais oportunos para com terceiros.

Tais atitudes de “denúncia” de Leonardo não têm ares recriminatórios, neste momento ele parece colocar seus interlocutores em contato com outros códigos culturais rígidos como o amor cortês e a sonhada “plenitude” através da monogamia e realização amorosa. Questão capciosa e que já foi e é muito engessada por ideias religiosas, sociais e culturais que tendem a generalizar posturas e nomeá-las como amor (LINS 2012).

Isso deixa evidente como a questão amor/amizade/fidelidade é espinhosa, algo a ser problematizado em negociações com os que estão se relacionando a fim de criar saídas estratégicas, uma vez que as definições e “receitas” prontas para o amor e a amizade parecem não dar conta da multiplicidade e demandas humanas geradas nos densos e móveis fluxos de afetações como nossos amigos demonstram.

Percebo que essa ironia de Leonardo tem certos ares *queer*, pois acaba evidenciando que o discurso do amor cortês, extremamente ligado a heteronormatividade, não funciona para muitas pessoas, jogando a “batata quente” que é construir relacionamentos na transcontemporaneidade diretamente em nosso colo. Estas atitudes destacam a necessidade constante de apropriação e criação de algumas tecnologias para expandir os significados possíveis dentro das relações.

A fidelidade, o desejo por outras pessoas e os relacionamentos abertos são temáticas que também mereceriam outras pesquisas, e de forma alguma essas questões atravessam apenas os “homossexuais”. O que fica evidente é que tais “encrencas” também atravessam a produção de amizades entre nossos entrevistados adolescentes e seus amigos.

Ao apontar a tal “pulada de cerca” que alguns casais estão sujeitos, Leonardo parece estar debochando daqueles que são ingênuos a ponto de seguirem receitas de relacionamentos protocolares que não podem ou não querem cumprir, expondo novamente os discursos cristalizantes que permeiam as relações amorosas/sexuais/ de amizades/sociais.

Nossos entrevistados também estão em vias de construção de suas éticas relacionais, deixando evidente aquilo que Dante PALMA escreveu: “Não há uma linha de fuga a espera dos que escapam, mas sim são os que escapam que as constroem”. (PALMA, 2007:77)

Dentro de algumas amizades as experimentações sexuais foram possíveis entre amigos, a partir do momento que surgiu um namoro o casal recém formado preferiu a monogamia, assim eles produziram e significaram sua relação naquele momento.

Os namorados “gays” estão sempre juntos, nas praças da cidade, no clube e casas de amigos. Não andam de mãos dadas, nem costumam se beijar em público. A mãe de Juliano nunca perguntou por que o garoto tem três porta-retratos de fotos suas com Antônio em seu quarto. Os porta-retratos estão lá, em clara potencialização e afirmação de suas experimentações com o amigo, mas lá estão também envoltos em um silêncio familiar, evidenciando que certas interdições sociais ainda são impostas nesse regime epistemológico do armário (SEDGWICK 2007), dentro e fora de casa.

De certa forma, ao optarem por reproduzir um relacionamento com alguns moldes heteronormativos como aliança e monogamia, temos aqui alguns lineamentos duros permeando a relação de namoro de nossos amigos, mas retomando o que nos dizem Gilles DELEUZE & Clarie PARNET sobre a linha dura:

Mesmo se tivéssemos o poder de fazê-la explodir, poderíamos conseguir isso sem nos destruir, de tanto que ela faz parte das condições de vida, inclusive de nosso organismo e de nossa própria razão? A prudência com a qual devemos manejar essa linha, as precauções a serem tomadas para amolecê-la, suspendê-la, desviá-la, miná-la, testemunham um longo trabalho que não se faz apenas contra o Estado e os poderes, mas diretamente sobre si. (DELEUZE & PARNET, 1998: 160):

Como seres humanos compostos por fluxos, esses garotos também necessitam dos lineamentos duros para produzir significados em suas vidas, nem tudo pode ou deve ser inédito ou revolucionário como algumas leituras superficiais dos estudos queer ou dos filósofos pós-estuturalistas podem sugerir (ou exigir). Esses garotos produziram coisas novas e caminharam muito, até onde foram capazes, até onde foi permitido, afinal todos nós somos também sujeitos efeitos dos discursos. (BUTLER, 2003; FOUCAULT, 1996)

Da mesma forma esse garotos também são expostos aos perigos das linhas de fuga que podem produzir a dissolução da vida potente por conta das rupturas que as mesmas costumam causar no instituído, e, justamente por isso, devemos fazer o manejo, a flexibilização ou mesmo a ruptura das linhas duras do instituído de forma prudente (DELEUZE & PARNET, 1998), pois sem um trabalho sobre si, corremos o risco de formar microfascismos ou destruições da potencia de vida, ao invés de saídas novas e criativas.

Tais questões sempre seguem em aberto, e cada época, banhada em fluxos de linhas, em dispositivos e em formas de resistência, vai compondo o que é possível para produzir suas relações dentro da multiplicidade de afetos que é a existência. As

cartografias são sempre inspirações e pistas para a ascese foucaultiana que visa o trabalho sobre si, que como escreveu FOUCAULT (1981) é sempre incessante:

Porém a ascese é outra coisa. É o trabalho que se faz sobre si mesmo para transformar-se ou para fazer aparecer esse si que, felizmente, não se alcança jamais. Não seria este o nosso problema de hoje? Nós colocamos o ascetismo de férias. Temos que avançar sobre uma ascese homossexual que nos faria trabalhar sobre nós mesmos e inventar – não digo descobrir – uma maneira de ser, ainda improvável. (FOUCAULT, 1981: s/p)

Assim, pensando um pouco nos apontamentos de FOUCAULT (1981) uma das formas de construir algumas saídas pode ser um trabalho sobre si, para a criação de uma ética relacional dentro dos fluxos que atravessam os parceiros, tais como Juliano e Antonio conseguiram esboçar antes e durante seu namoro.

Continuando nosso passeio cartográfico, Marcelo produziu conosco um bom exemplo de relacionamento um pouco mais “tradicional” e romântico vivido entre dois garotos adolescentes, relação produzida naquele cenário de cidade de pequeno porte entre dois amigos, em meados do ano de 2011.

É a história de seu primeiro namorado, amigo de escola, algo que também nunca tive notícias na época em que habitei aquele espaço como estudante. A história do namoro de Marcelo com Alexandre é composta de aproximações bem sutis, permeadas por medos e descobertas, medos um tanto atípicos para jovens, no caso, aqui, inexperientes e inseguros, por serem “homossexuais”. Assim ele me contou detalhadamente dessas experiências:

Pesquisador: Você me disse que já namorou um garoto aqui da cidade que eu conheço, o Alexandre, como foi isso?

Marcelo: Então, tudo começou quando ele me mandou uma cartinha na escola, e eu não sabia que era ele, depois de 3 meses descobri quem era, porque no finalzinho da carta ele colocou o nome dele em japonês, aí eu comecei a prestar atenção nele, não sei porque, até então ele nunca tinha me chamado atenção, ele passava, olhava, e sei lá, acho que foi coisa do destino. Aí um dia eu cheguei na escola, na hora da entrada, e eu sentei, aí ele veio e sentou do meu lado, às vezes pode até ser de caso pensado porque ele tava com um livro de japonês, e tinha as letras lá, e eu falei assim ‘caramba!’, eu só sabia que tinha sido um menino que tinha me mandado a carta, mas eu não sabia quem que era, desse dia em diante comecei a ligar as coisas, comecei a encara-lo, daí eu fui bem corajoso, no dia eu tremia, vou te falar o porquê: certo dia a gente ficou se encarando, antes de fazer esse negócio que eu vou te

contar, aí ele falou ‘oi, e aí?’, o básico... e naquele dia, a noite, teve aula de espanhol, aí chamaram ele na sala pra arrumar o data show, nisso eu peguei o caderno dele olhei a letra, depois eu escrevi um bilhete perguntando se era ele, aí na hora de ir embora eu dobrei bem o papel (risos) e entreguei pra ele ‘óh, pra você, amanhã você me responde’, aquilo eu tremia, aí no outro dia, ele me respondeu, colocando até a hora que ele tinha feito aquela carta, era meia noite e pouco, aí ele colocou assim: ‘eu poderia nem ter respondido, eu queria rasgar aquela carta’... eu tenho essa carta até hoje, tenho até papel de sorvete que a gente chupava junto... aí ele falou que era ele sim, que tinha me achado interessante, aquela coisa assim, aí eu comecei a sentir alguma coisa por ele, eu ia na escola e não era pra estudar, era pra ver ele, acho que ele a mesma coisa, na época não tinha Facebook, trocamos MSN, aí nós conversamos pela internet, eu perguntei se um dia eu chamasse ele pra sair se ele ia, se ele sairia comigo, ele disse que sim, que ele não saía muito, que ele adoraria sair com um amigo, aí nós marcamos um dia de ir na cidade vizinha, só que antes disso a gente já tinha uma certa afinidade, não de se beijar, mas de amigo mesmo, aí nós fomos, e na véspera eu não estava conseguindo falar com ele, só bem mais tarde ele me ligou, no meio de uma chuva, dizendo que não ia mais porque tava sem dinheiro, mas eu disse que eu que tava convidando, e no dia seguinte, cedinho, a gente foi. Chegou lá fomos para o calçadão, depois para o shopping, andando, e a gente estava louco pra se beijar, mas estávamos com vergonha, nenhum tinha iniciativa, aí com o tempo foi soltando, fomos no cinema, e voltamos no ônibus comendo chocolate, chegamos aqui na rodoviária estava chovendo, aí chamei ele pra ir na minha casa, ele disse que ia mas tinha que passar na casa dele antes, aí a gente se separou, mas naquela coisa, vai e toda hora fica olhando pra trás (risos) e ele foi em casa, e o primeiro beijo que a gente deu foi na sala lá de casa, depois fomos pra cidade vizinha outras vezes, passamos até a virada do ano lá, só os dois em um hotel.

Pesquisador Nossa, até a virada do ano!

Marcelo: Foi (risos). Depois que já estávamos namorando, era um hotel bem mixuruca e bizarro mesmo, você via que não tinha vigilância, era um lugar bem simples, tinha só quarto e banheiro, não tinha televisão.

Pesquisador: E para família o que vocês falaram?

Marcelo: Ele falou para os país dele que ia passar na casa de uma tia minha, e eu não lembro o que eu falei para os meus avós, eu não falei nada para os meus pais, a gente colocou até aliança, a gente chegou na cidade vizinha e foi caçando um hotel, foi bem pertinho da rodoviária.

Pesquisador: Sua mãe não sabe que você beija meninos?

Marcelo: Não sei se sabe, não deixo muitos indícios, mas eu nunca falei nada para ela, nem ela nunca me perguntou. Talvez um perfil do gay é se assumir cedo para os pais, pra sociedade, que ele é gay, só que sei lá, eu não... eu falo que é um rótulo padrão por ser a maioria, mas eu não me sentiria bem... não, eu não sei se me sentiria bem, em me assumir, mas eu acho que é um pouco de medo, eu acho que não me passa pela cabeça em momento algum em me assumir, falo isso em relação a minha família... eu acho que é uma coisa muito íntima sua, eu acho que você não tem que mostrar, acho que isso é uma coisa pra ser dividida a dois, um parceiro, um amigo, sei lá, a sua família, se você sentir vontade de contar... não sei, eu não me sinto, sei lá... acho que não tem precisão da sociedade ficar sabendo da minha particularidade, do meu sexo.

Pesquisador: Voltando a história do seu namoro...

Marcelo: Foi legal, nós chegamos lá, caçamos o hotel, colocamos nossas coisas lá, era perto de uma Pernambucanas, fomos lá dar uma volta, fomos comer pastel, andamos toda aquela parte ali, fomos na feirinha hippie, compramos pedras que atraem sorte, no fim compramos coisas para comer, deu trabalho para achar, já

estava tudo fechando, eu sei que perto da avenida tinha um posto e a conveniência tava aberta, depois de muito andar a gente achou, compramos só porcaria, e eu morrendo de fome, querendo comer comida, daí voltamos para o hotel, assistimos televisão, dormimos, acordamos, fizemos alguma coisa lá (risos) tomamos banho, no outro dia viemos embora cedo, e nesse mesmo dia, olha só, você conhece a Márcia, professora de português?

Pesquisador: Sim, ela me deu aula há uns 10 anos atrás! (risos)

Marcelo: Então, nós resolvemos contar para ela, nesse dia, marcamos de ir na casa dela, contamos o que aconteceu, e no fim acabou que mais ela ficou contando da vida dela pra gente do que a gente pra ela... Depois o Alexandre, teve a formatura dele naquele ano, na escola, do terceiro, e na formatura ele ficou com uma pessoa, e ele não me contou, ele escondeu, eu desconfie, depois de um mês da formatura ele me contou, só que como eu morria de amor por ele eu aceitei, mas aceitei na hora, porque depois, eu não sei se foi acabando o sentimento por ele, e aí foi criando aquela revolta 'nossa, ele me traiu!' você entendeu? Mas esse não foi o motivo da gente ter acabado, o que acabou foi ciúmes, ele passou a ter muito ciúmes eu não podia ficar perto de menina nenhuma, ele contou para umas amigas de nós dois, eu não gostei, e acho que isso foi esvaziando o que eu sentia por ele, entendeu? Mas assim, amizade normal até hoje, terminamos numa boa.

Pesquisador: Hoje vocês tem amizade?

Marcelo: Sim, temos sim.

Pesquisador: Vocês costumam ficar às vezes?

Marcelo: Não, não... Mas eu era muito, muito apaixonado, tenho todas as fotos até hoje, às vezes eu me pego pensando, se eu falar que não dá saudade eu to mentindo, às vezes dá uma vontade assim de querer ficar, mas eu nunca procurei ele não, já não deu certo uma vez e tá legal a nossa amizade assim, sempre se falando e as vezes saindo com a turma.

Inicialmente o que me chama a atenção nessa história são as sensações de Marcelo ao relatar as aproximações com Alexandre. Fica evidente o medo que sentiam naquela aproximação ousada dentro do contexto em que estavam: adolescentes na escola, em uma cidade pequena e que estavam desejando experimentações “homossexuais”.

Mesmo com maior acesso a informação pela internet, pela larga divulgação da militância LGBT na mídia e outras visibilidades positivas que a “homossexualidade” conquistou nos últimos tempos, os lineamentos duros de injúrias e preconceitos ainda parecem assustar, e muito, jovens que desejam aproximações, sendo roubadas importantes experimentações que as pessoas poderiam ter caso tantos preconceitos culturais pudessem ser flexibilizados.

Isso nos faz lembrar o que Suzana Lopes Penedo escreveu: “Queer se converte assim numa ferramenta que nos permite reler as experiências pessoais e as prescrições culturais, com um olhar centrado em averiguar como o normal se constrói e se mantém”. (PENEDO, 2008: 122).

Fica evidente que para estes garotos, o que viveram inicialmente, os afetos que os levavam um para o outro, poderiam não ser “normais”, por isso tanto receio, tanta cautela, tanto tempo empenhado em uma aproximação para viver um namoro, mesmo que este seja nos moldes tradicionais.

As formas de resistências a heteronormatividade foram surgindo bem sutilmente: foram 3 meses para Alexandre tomar coragem e evidenciar para o colega que ele era o admirador secreto. Após isso os dois seguiram como amigos, em encontros na escola e conversas pelo MSN, até que Marcelo o convida para um passeio na cidade vizinha, onde passaram o dia juntos e só tomaram coragem para dar seu primeiro beijo a noite, na sala de Marcelo.

Eles deixam claro como foram resistentes e subversivos a muitas coisas, problematizando os modelos dados como verdades e criando novas possibilidades de amar, inclusive utilizando-se de um cenário de hotel barato para conseguirem seu espaço para o réveillon a dois que planejaram.

A questão da fidelidade e ainda do ciúme atravessou esse casal, que evidenciando a maior abertura que pode existir entre os “homossexuais”, para amizades depois de relações tradicionais (CASTAÑEDA 2007) continuam se falando, se preocupando um com o outro e se cuidando até hoje.

A questão da identidade realmente é problemática, como sugerem os estudos queer. Marcelo, que em outros momentos já me disse ser gay, percebe como essa identidade pode ser restritiva: “Talvez um perfil do gay é se assumir cedo para os pais,

pra sociedade, que ele é gay, só que sei lá, eu não... eu falo que é um rótulo padrão por ser a maioria, mas eu não me sentiria bem”.

Esse sentimento de se sentir bem ou não com o rótulo de gay também está ligado ao regime de armário que vive em relação a sua família, que partilha do grande silêncio que paira sobre a maioria em se tratando das (homo) sexualidades, inclusive formando um fluxo de homofobia internalizada quando ele nos diz: “acho que não tem precisão da sociedade ficar sabendo da minha particularidade, do meu sexo”.

Ainda sobre suas experimentações, meses depois de ter terminado seu namoro, Marcelo me conta sobre um caso interessante que viveu em nossa cidade: aos 18 anos ele se envolveu com um homem casado, Sebastião, de 36 anos, pai de duas filhas. Assim ele me contou, numa conversa longa, quando questionamos até mesmo alguns códigos (cristalizados) que nos permitiram identificarmo-nos como “gays”:

Marcelo: O Sebastião trabalhava aqui perto, e eu trabalhava na loja lá no centro, segundo ele, me olhava todos os dias quando passava lá na frente, olhava pra mim e eu não olhava.

Pesquisador: Faz uma pausa aí. Me diz uma coisa: como que esse cara passava por lá e te via, e eu também passava e via, e quando você me adicionou no Facebook eu sabia que poderia te convidar para esta pesquisa, isso é, como eu já sabia que você beijava meninos? O que tem aí?

Marcelo: Como assim?

Pesquisador: Como o cara pôde te identificar, assim como eu?

Marcelo: É, estrela conhece estrela!

Pesquisador: Eu acho que sim, já ouvi muito isso, o que você acha?

Marcelo: Sim, eu acho que sim. Eu percebi que você percebeu alguma coisa, se identificou, porque você falou comigo e eu pensei ‘ah ele é gay e deve ter percebido alguma coisa’.

Pesquisador: Pois é, existem alguns indícios né?

Marcelo: Sim, mas, no caso dele, é.. sei lá, por ele ser uma pessoa mais velha ele já não chama atenção, se você olha ele na rua você não diz que ele é gay.

Pesquisador: Pois é, quantas pessoas por aí são assim né?

Marcelo: É sim... já você, a primeira vez que vi, foi em uma foto do ano novo, no Facebook, tinha alguns amigos seus que eu sabia que eram gays, aí se eu não visse você com eles, eu não iria achar que você é gay... de vista.

Pesquisador: Ah sim, porque basta ouvir a minha voz!(risos)

Marcelo: É (risos)

Pesquisador: Acho que eu te identifiquei pelos seus cabelos sempre bem cuidados, pelas suas roupas estilizadas... você se considera uma pessoa bem arrumada?

Marcelo: Sim, de bom gosto.

Pesquisador: Pois é, homens mais machistas aqui na cidade não usariam essa camisa com golinha pink.

Marcelo: (risos) o loco!

Pesquisador: Mas enfim, voltando ao Sebastião, ele passava e te olhava lá na loja e como chegou em você?

Marcelo: Ele ligou na loja, pediu para falar comigo, disse que era um cliente.

Pesquisador: Ele já sabia seu nome?

Marcelo: Acho que não, porque ele ligou e disse assim 'deixa eu falar com o moço', 'O Marcelo?' e só tinha eu de homem, aí a minha gerente na minha frente e ele falando comigo, 'Oi tudo bem, eu sou um admirador seu, pela minha voz você tá percebendo que eu sou um cara bem mais maduro que você, eu te achei um cara muito interessante, eu queria trocar uma conversa com você, será que a gente poderia marcar alguma coisa essa noite?' E eu fui na casa dele naquele mesmo dia, a esposa estava viajando, aí eu não conseguia falar nada na hora do telefone, a voz não saía, aí eu disfarcei e disse assim 'olha eu estou meio ocupado aqui, me passa o seu telefone, que depois eu te ligo'. Aí na hora do meu almoço eu liguei, ele perguntou se eu tinha disponibilidade pra sair com ele aquele dia, mas eu falei que não tinha... e ele insistindo, aí eu falei assim 'depois eu te ligo', ele disse que passava direto lá pra me ver, disse qual o carro dele, e foi me dando curiosidade, almocei rápido e vim para a praça, sentei, era meio dia e meia, aí ele acabou me convencendo a sair com ele aquele dia, depois do trabalho eu fui em casa, tomei banho e fui para a praça, aí ele apareceu, de calça jeans e uma blusa preta, aí a hora que ele veio deu aquele ar de estranhamento, e acho até que eu não senti atração mesmo, e nesse dia a gente foi para a casa dele, tomou cerveja, aí rolou, depois de muita conversa, ele parece um psicólogo conversando!

Pesquisador: E como é um psicólogo conversando?

Marcelo: Ele buscava, ele estava me entrevistando, ele perguntou de mim, perguntou do meu ex Alexandre. Ele jogava as coisas para mim responder, pegava na resposta que eu dava pra ele o que ele queria de fato, assim, meio que jogava verde.

Pesquisador: O que ele dizia?

Marcelo: Ele falava que achava muito bonita a minha amizade com o Alexandre, porque eu andava muito com o Alexandre, ele disse que era muito bonita a nossa amizade, que ele conhecia a família do Alexandre, que eles eram gente muito boa, então ele já me procurou porque ele já sabia, entendeu? Ele já tinha sacado, não sei explicar, foi isso que ele falou, ele disse que passava em frente o meu trabalho, olhava pra mim e eu não olhava pra ele, que eu tinha chamado atenção dele. Mas será que na verdade eu não chamei atenção dele porque andava muito com o Alexandre e ele achou aquilo bonito?

Pesquisador: Pode ser, acho que esses caras casados, no armário, tem muita vontade de ter uma amizade como a sua e a do Alexandre.

Marcelo: Pois é, ele tinha duas filhas, e então, esse dia que eu fui na casa dele eu dormi com ele na cama dele, na hora que eu acordei era cinco da manhã! Mas... eu me arrependo.

Pesquisador: Por quê?

Marcelo: Porque eu acho que... sei lá, foi muito depravado, acho que eu fui por um impulso, pela cerveja, porque antes, quando eu o vi, eu não senti nada, entendeu? Ele eu percebi que curtiu, ele me ligava muito, mandava presente no meu trabalho.

Pesquisador: Em relação ao sexo, ele foi ativo?

Marcelo: Sim, ele foi ativo. No outro dia eu fui na casa dele, e eu já tinha falado o que eu gostava para comer, eu fazia academia, cheguei, tomei banho e fui direto pra casa dele, chegou lá ele perguntou se eu queria tomar banho e por uma roupa dele, enquanto eu fiz isso ele preparou um balde com gelo e champanhe aí ele queria de tudo quanto é jeito, mas dessa vez não rolou nada não, a gente só beijou, ele perguntou se eu queria beber, eu não bebi, só suco, aí eu fui embora, ele não queria que eu fosse embora, queria que eu dormisse lá, mas eu não dormi.

Pesquisador: Por que será que você foi mudando de ideia?

Marcelo: Porque eu não sentia atração por ele, não despertou alguma coisa para que isso pudesse acontecer, aí não rolou, não foi, eu não quis, eu estava sem graça de falar não, mas assim...eu me senti sem graça, tipo assim: fui da primeira vez: de repente ele pensar que eu fui da primeira vez e por que que não foi a segunda vez? Não sei te falar...E neste dia ele comentou que ia fazer aniversário, uns dias depois disso, e perguntou o que eu ia dar de presente pra ele, eu perguntei se era sério e ele disse que era verdade, aí passou uns dias, uma semana mais ou menos, e a gente não tinha se visto, ele me ligava, ele queria me ver, e eu sempre dava uma desculpa, aí um dia antes do aniversário dele, como eu não gostava dele, em termos de ter alguma coisa, só de amizade, eu fui um dia antes e dei um presente, pra não ter que passar o dia com ele, a mulher dele ainda não tinha voltado, estava em outra cidade cuidando do pai e da mãe, ficou um tempo lá.

Pesquisador: E as filhas dele?

Marcelo: Eram pequenas, foram junto, o contato que eu tive com ele foi uma coisa muito rápida, entendeu? Acho que eu consegui, eu fiz não durar muito tempo, e isso tudo durou em torno de um mês, um mês e meio, entendeu, e eu não perguntava muito sobre ele ou a família, ele me mostrava foto, falava sobre elas, mas eu nunca perguntava, aí, depois disso, a última vez que a gente saiu, foi num sábado a noite, que a gente foi numa churrascaria bem cara da região e depois a gente foi para um hotel, e eu não queria ir no hotel, eu falava 'vamo embora eu tenho vergonha, sei lá', e ele falava 'não, fica sossegado, eu vou falar que você é meu filho Celo' ele me chamava de 'Celo', por fim eu ia falar 'não vamo embora!' acho que eu não tinha coragem de falar isso, aí por fim a gente entrou nesse hotel, na recepção eu fiquei só no canto, nos entramos no quarto e ficamos conversando lá, ele queria tomar banho e perguntou se eu queria tomar banho com ele, eu falei que não, fiquei na cama assistindo televisão, aí ele voltou, tinha duas camas, uma de casal e outra de solteiro, eu deitado na cama de solteiro, aí ele voltou e ficava falando assim 'deita aqui comigo Celo', aí eu deitei com ele normal, aí ele disse 'vamos fazer alguma coisa? Você tá a fim?' eu disse 'não' aí eu não fiz nada com ele, ele insistiu muito, só que eu não quis, daí a gente dormiu cada um no seu canto, normal, aí eu acordei no outro dia, descemos pra tomar café, era umas 7 horas, bem cedinho, aí ele quis que eu abrisse o Facebook pra ele ver.

Pesquisador: O que ele queria ver no seu Facebook?

Marcelo: Não sei, acho que ele queria ver foto, eu abri, ele olhou, aí ele insistiu de novo para transar, eu não quis, nós arrumamos as coisas e fomos embora, ia ter um churrasco na casa dele, ele perguntou se eu queria ir, eu disse que não, depois disso a gente só teve contato por telefone, isso quando eu atendia as ligações dele, aí um dia na padaria, foi o primeiro dia que eu vi as filhas dele, eu estava na padaria e ele apareceu lá, com as duas filhas dele, duas meninas, aí ele falou assim, ele nem conseguiu ser discreto 'vai lá em casa hoje tá? Você promete que você vai? Você

promete?’, daí eu lembro que eu não falei que ia, eu falei assim: ‘talvez eu vou’, alguma coisa pra não dar esperança nele de que eu ia, aí eu lembro que no mesmo dia eu fiz uma carta, fui trabalhar e levei a carta, e no outro dia entreguei a carta pra ele, na hora que eu saí do trabalho, fui na academia, na hora que eu saí liguei para ele e falei que ia passar na casa dele, mas que não era para ele sair lá fora, que as 21:30 era pra ele olhar na caixa de correio que ia ter uma coisa pra ele, que ia ter uma carta. E eu coloquei na carta que eu preferia ser sincero, sei lá, que eu não estava a fim, que era besteira o que eu tinha feito, para ele esquecer, e por um ponto final, entendeu? Aí depois disso ele me ligou ainda, mas era raro as vezes que ele me ligava, mas de um tempo pra cá nem tenho tido mais contato, acho que ele até trocou de telefone, ou caiu a ficha dele que...

Pesquisador: De que da sua parte não iria mais rolar?

Marcelo: É, estivemos juntos três vezes e só rolou da primeira.

Pesquisador: Mas ele nunca se declarou verbalmente para você?

Marcelo: Sim, sempre, apaixonado, chorava... Mas eu não ia enganar ele, por isso mandei a carta e estamos longe hoje.

Esse encontro com Carlos, de 36 anos, é muito emblemático do que pode acontecer com as pessoas que são relegadas a um regime de armário mais rígido. Conheço Sebastião de vista, realmente nunca havia suspeitado de que ele era “gay” ou mesmo “bissexual”. Este homem é de uma geração anterior a minha, assim sendo não contava nem com a internet nem com uma maior visibilidade da militância LGBT para conseguir criar algumas saídas sobre o que pode ser sentir desejo por experimentações com outros caras, ou mesmo visibilidades positivas quando isso começou a surgir.

Um homem casado, morador de uma cidade de pequeno porte, que observa durante meses um garoto em seu trabalho, observa também o garoto com seu namorado, até que então, parte de um olhar subversivo e resolve tomar coragem telefonando para o mesmo, passando por cima das heterormatividades que o compõe naquele contexto social, num claro movimento de resistência.

Sebastião representa uma multidão de pessoas. Multidão “clandestina”, como nos explicou João Silvério TREVISAN: “as pequenas multidões que podem ser vistas nos guetos gueis das maiores cidades brasileiras significam muito pouco diante da quantidade de práticas homoeróticas clandestinas ou não-assumidas, em todo o país”.

(TREVISAN, 2000: 409). Também como sugere Richard PARKER (2002) ao falar da multiplicidade de culturas sexuais fluídas e misturas que atravessam sempre a produção social em nosso país nos aponta para a quantidade de práticas e expressões sexuais não catalogadas que podem existir nessa colcha de retalhos que é a cultura brasileira.

A solidão a que podem ser relegadas tais pessoas tem parte de seu sofrimento expresso na constante insistência de Sebastião para compor com Marcelo uma amizade. O homem mais velho encanta-se diante das experimentações que percebeu aquele jovem produzindo, quer falar de sua família, quer ver as fotos do garoto no Facebook, quer conhecer e vivenciar parte dos afetos que lhe foram brutalmente interditados.

Uma interdição muito pesada, muito complexa, dentro dessa relação intergeracional, para ter suas expectativas e anseios atendidos pelo garoto de 18 anos, que sem saber exatamente explicar o porquê, mas deixando evidente em seu relato como aquilo tudo era pesado demais, saí de cena, não consegue estabelecer uma amizade cronologicamente duradoura ali, deixando-nos com a pergunta: Quantos Sebastões mais existem por aí?

Em relação ao armário para garotos mais novos, existe uma flexibilidade um tantinho maior. Isso é possível de ser exemplificado retomando uma parte de minhas conversas com Cristiano, sobre as festas na casa dele:

Cristiano: [...] lembro também que teve uma vez que tinha quarenta pessoas no fundo da minha casa, e tinha pessoas que eu não tinha contato, foi até o Carlos Nascimento!

Pesquisador: Ah eu sei quem é esse cara, é meio suspeito né? Todo bombadinho, desfila sempre. Não sei se ele beija ou se tem muita vontade de beijar meninos, mas ele está sempre no meio dos caras assumidos e sempre paquerando meninas. Talvez ele se defina como 'hetero' que beija 'gays' (risos)

Cristiano: Né?!

É constante a circulação de garotos como “Carlos Nascimento” na turma. Ele é um tipo malhado, desfila sempre em eventos da cidade, para lojas de roupas, concursos para garoto rodeio e mister. Quase nunca perde a oportunidade de tirar a camisa em público.

Garotos como ele na maioria das vezes recebem o rótulo de “suspeitos” em se tratando da (homo) sexualidade. Alguns acabam circulando por experimentações “homossexuais”. Leonardo mesmo já esteve com vários deles, que gostam também de ganhar presentes, sugerindo coisas do tipo: camisas de marca ou perfumes.

Seu perfil no Facebook é constantemente atualizado com fotos refletidas no espelho do banheiro, ou de sunga, dando ênfase em sua barriga “tanquinho”, braços fortes ou rosto bonito, sempre acompanhado de frases prontas e de impacto, tipo: “Você faz a sua história”; “A vitória espera aquele que luta bravamente” “seja você, seja verdadeiro”, etc.

A cada postagem sua chovem curtidas e comentários de garotos “gays” e de garotas da cidade. Ele possui 1.500 amigos virtuais (de dentro e fora da cidade) e atinge cerca de 150 curtidas ou comentários por foto, os quais ele agradece e curte a cada um, sem distinção, ignorando apenas os comentários de outros amigos que “brincam” com ele, comentando a foto apenas com a palavra “gay”, deixando mais evidente o quão indesejável, cômico e injurioso é ser “gay”.

Pude observar também que Carlos não costuma curtir ou comentar a foto de seus amigos gays quando estes postam algumas dessas sozinhos, ele restringe suas curtidas e comentários para as garotas ou para fotos em que ele é marcado.

Junto com Carlos, existe uma turma de garotos de perfil parecido na cidade, que também seguem a mesma linha: dificilmente são vistos com alguém, seja beijando seja namorando, mas estão sempre cheios de pretendentes “gays” ou garotas.

Nunca soube de Carlos ter ficado com algum de meus amigos. Sei que certa vez ele defendeu Cristiano em uma festa da cidade: um sujeito ficou bravo porque Cristiano havia apertado seu bumbum dentro do clube. O garoto foi para cima de dele e Carlos defendeu o amigo.

Quando todos estavam se afastando, o cara gritou “Vai lá seu comedor de cú de veado!”. Carlos não aceitou a injúria sexual e avançou para cima do garoto. O segurança colocou os dois para fora do clube.

Pensando um pouco sobre sexo anal e masculinidade Javier Sáez E Sejo Carrascosa (2011) deixam evidente em seu trabalho como a cultura constrói a imagem do “homem” como um ser impenetrável: mulheres e “maricones” são os seres socialmente produzidos como penetráveis. Para estes autores parte da cultura associa o “dar o cú” como algo injurioso, indesejável, doloroso e extremamente ofensivo.

De forma clarificadora eles ainda escrevem: “A masculinidade dos homens se constrói de uma maneira estanha: por um lado, evitando a todo custo a penetração, por outro lado com uma curiosa permissão para penetrar o que quer que seja, incluindo o cú de outros homens”. (SÁEZ & CARRASCOSA, 2011: 19)

Utilizando ainda os apontamentos de PRECIADO (2008) o cú pode ser utilizado como uma importante ferramenta para subverter as tecnologias de gêneros que compõem o social.

Carlos deixa evidente que sua masculinidade não pode ser mais contrariada, nem quando ele é colocado na posição “ativa” de quem experiencia o cú de outro garoto. Interessante notar também que seu interlocutor “cria” uma “identidade” nova: “comedor de cú de veado”, que não é “veado” exatamente (passivo), mas apesar de não ser penetrado parece não ocupar uma posição muito nobre na pirâmide erótica de RUBIN (1984)

Contudo, mesmo com o grito do outro garoto, meninos como Carlos sempre parecem contar com o benefício da dúvida a respeito de sua (homo) sexualidade. Quase nenhuma garota parece se importar com a abertura que eles possam ter para experimentações “gays” ou o uso que podem fazer de sua imagem para alimentar “narcisismos”.

Não se sabe se garotos como ele são mais “homossexuais”, “heterossexuais”, “bissexuais” ou “assexuados narcisistas”, imagino que tais rótulos identitários nem dariam conta dessas complexidades humanas.

Jonathan ainda tem uma teoria: a de que a maioria desses garotos são “gays”, mas se passam por “bissexuais” por que: “é muito mais fácil a sociedade aceitar alguém bissexual do que alguém gay”. Estudos posteriores seriam muito interessantes para cartografar parte dessas “subjetividades bofes” e as experimentações que se desenham por aí.

Muitos, como aquele filho do dono de varejão, relatado na história de Leonardo na praça, nem são tão ligados em academia, mas contam com um espaço mais fluído para estabelecer amizade com os “gays” assumidos.

Hoje existe mais territórios e mais flexibilidade para tais garotos “bofes” estabelecerem trocas interessantes com os “gays”, não me lembro disso em minha época de escola também.

O “Pink Money”, (PARKER 2001), sigla designada para o destino que “gays” podem dar a seu dinheiro em se tratando de produtos ou serviços destinados a população LGBT, aparece, às vezes, quando Leonardo me conta que muitos desses “bofinhos” lhe pedem determinada camisa da vitrina da loja tal, ou sapato, ou perfume quando estão se insinuando para ele, numa espécie de troca comercial, como “michês” (garotos de programa).

Leonardo me conta que já deu alguns presentinhos e que tais “mimos” serviram como disparadores para deixar o garoto mais confortável para experimentações “homossexuais”, até para a composição de amizades posteriores.

Assim o dinheiro pode ter um caráter de mão dupla: se por um lado pode “mercantilizar” a relação, por outro pode flexibilizar o medo do “bofe” e se tornar até uma forma de resistência à heteronormatividade, sendo os aspectos do Pink Money algo muito interessante a ser pesquisado em próximas pesquisas também.

Tais garotos “bofes” estão sempre parando no banco da praça para conversar com a turma, sempre aparecendo na casa de Cristiano e sempre fazem questão de nos cumprimentar na rua, no supermercado ou em inúmeros lugares que sempre nos encontramos, inclusive na presença de familiares.

Alguns também jogam bola e aparecem por aí de chuteira e sem camisa depois dos jogos, circulando pelas ruas da cidade e atraindo os mais diversos olhares para seus corpos.

“Só nunca fiquei com aqueles que já chegam assim: se você me der uma camisa deixo você me chupar” me disse Leonardo ao final de uma festa da cidade, quando vimos um desses “michês” paquerando um amigo nosso.

Assim, “gays”, “bichas”, “bofes”, “sapas” e até alguns homens casados vão estabelecendo relações nessa imensa rede de conexões que se forma sobre o espaço físico e virtual dessa cidade de pequeno porte, extrapolando, se curvando e/ou resistindo a alguns códigos da heteronormatividade e do capital.

Infelizmente existem alguns preconceitos mais evidentes, principalmente em se tratando de travestis. Nossos quatro entrevistados relataram não gostar de travestis, como fica bem evidente e representado pelas falas de Leonardo e Jonathan:

Eu odeio transvestismo, é uma coisa que você nunca vai me ver, com um cabelo aqui, um salto aqui tomando um hormônio para criar peito, então essa é uma coisa que eu não curto, entendeu? Eu não gosto de show de drag queen, eu acho feio, eu

não gosto de sair assim na rua e “ahahahah que não sei que tem” e se jogando, e fazendo essas coisas com as mãos, passar aquelas maquiagens assim, essas coisas eu não gosto, eu acho que eu sou feliz assim sendo como eu sou, acho que eu sou feliz porque eu fico com os caras que eu gosto, me relaciono com as pessoas que eu gosto, eu me abro com os meus amigos, e eu acho que é ruim ser gay porque eu não me abro com a minha família. Então quando alguém me pergunta isso eu digo que é bom a gente ser quem a gente é. Eu acho que quando parte daquele momento que você já não é quem você é, que você precisa vestir uma máscara, que você já não é muito feliz, então eu sou quem eu sou e sou feliz por isso, então no trabalho as pessoas me respeitam, eu acho que se eu não fosse tão respeitado eu não ia ser tão feliz, hoje eu me julgo feliz. (LEONARDO)

Não acho legal, acho desnecessário se vestir de mulher, rebolar de salto em parada gay. Não gosto, é feio, não tenho amigos assim, é forçado, sendo que você poderia estar de roupa normal e com uma faixa gritando por aquilo que você queria. Ou um travesti, tudo bem que ele é transexual, mas não precisa ficar pelado, não quer ser mulher? Então coloca uma roupa de gente, coloca um short curto, tudo bem, mas não precisa mostrar as nádegas da bunda e ficar bebendo que nem louco, querendo beijar todo mundo, chega então com uma faixa do que você quer mudar, e faz um protesto de verdade. (JONATHAN)

Aqui nos deparamos com alguns lineamentos duros da “homonormatividade”: as hierarquias que vão sendo criadas entre os próprios dissidentes da heteronormatividade sobre as formas de dar expressões as (homo) sexualidades e gêneros.

A Homonormatividade possui similaridades com a heteronormatividade na medida em que hierarquiza e tipifica as pessoas: quanto mais próximo da reprodução de formas heterossexuais, mais aceitação a homonormatividade garante aos LGBT, inclusive desfrutando de certa “normalidade”.

Retomando os apontamentos de Gayle RUBIN (1984) e sua “pirâmide erótica” que sugere como cada tipo de relacionamento goza de certos prestígios e aprovações conforme o local que ocupa, sendo que quanto mais próximo ao topo, mais aprovação social e acesso aos privilégios e convenções culturais, sociais e políticas o sujeito pode gozar.

De acordo com RUBIN (1984) o topo da pirâmide erótica seria ocupado por casais heterossexuais casados e reprodutivos, de preferência com filhos, seguidos por heterossexuais monogâmicos não casados, Os casais estáveis de lésbicas e de gays estariam no limite da respeitabilidade, logo abaixo viriam homossexuais com relações

não monogâmicas, não estáveis ou alinhadas com o modelo heterossexual, um pouco acima das castas sexuais mais desvalorizadas, que incluem, geralmente, transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo, modelos da indústria pornográfica, sendo a mais baixa de todas as castas formada por aqueles que transgridem as fronteiras geracionais.

Focando-nos nas relações “homossexuais” esse repúdio para com as figuras das travestis sugerem como a homonormatividade produz uma segunda pirâmide dentro das relações dissidentes.

No topo da pirâmide estariam os “homossexuais” monogâmicos, “discretos”, bem vestidos e de bom gosto, talvez com filhos adotados ou assistidos pela medicina. Logo abaixo viriam os gays solteiros, baladeiros ou estudiosos, também bem vestidos e com demonstrações relativas de suas experimentações, junto com as lésbicas femininas e antenadas da cultura urbana. Logo abaixo da linha de respeitabilidade viriam gays mais afeminados (as chamadas “bichas quáquá”) e lésbicas mais masculinizadas (“caminhoneiras”) que começam a ameaçar e borrar mais os códigos de gênero, seguidos dos economicamente simples (“bichas de periferia”, “bichas pão com ovo”), logo mais abaixo, na base, aparecem as travestis e transexuais, com posturas nada discretas, principalmente em se tratando de borrar os móveis códigos de gêneros que expressam em seus corpos, causando desconforto, repulsa e estranhamento para alguns.

Toda essa pirâmide, também é atravessada por questões de raça/cor/etnias, idades, nacionalidades, estéticas etc. Sendo a aparência jovem, o corpo magro ou atlético, a raça branca e os ares americanos e europeus os aspectos mais valorizados.

Lembrando novamente Luiz MELLO (2006): “Quanto mais o grupo a que pertence um indivíduo está situado no topo da pirâmide, maiores as recompensas em

termos de reconhecimento de saúde mental, respeitabilidade, legalidade, mobilidade física e social, apoio institucional e benefícios materiais”.

Assim, entre meus amigos, notei tolerância para certas brincadeiras como usar salto alto para tirar fotos, passar batom e outras “brincadeiras” como quadrilha do trocado, etc. Mas vivenciar esses códigos de gênero de forma mais performática no dia-a-dia não é uma abertura que parecem se permitir ou permitir a seus amigos, ainda, tenha visto seus depoimentos e a ausência de travestis ou mesmo amigos mais “afeminados” em seu círculo de amizades, inclusive no virtual, uma triste produção de homonormatividades que pode gerar muitas vulnerabilidades, não só nas discriminadas travestis, mas em qualquer ser humano.

CAPÍTULO 05: CONCLUSÕES – PENSANDO E SENTINDO OS LINEAMENTOS QUE ESTÃO EM CONSTANTE MOVIMENTO

“Se as potências do homem na visão, na audição, nos recursos imensos do cérebro, nos recursos gustativos, nas mãos, nos pés; se todas essas potências foram dadas ao homem para a educação, potências consagradas para o bem e a luz, mereceria o sexo, e as várias manifestações sexuais onde há respeito e carinho de ambas as partes, serem sentenciados às trevas?” Chico Xavier, em 1971, falando sobre homossexualidade na TV Tupi

No Oriente, o tantrismo, o kama sutra e o taoísmo são correntes ideológicas que incentivam a prática sexual, acreditando que quanto mais e melhor é vivenciado o prazer, mais o ser humano tornará feliz sua existência. Não há conotação de pecado no sexo. Regina Navarro Lins – psicanalista.

Estar durante tanto tempo com esses garotos ressignificando minhas experiências enquanto eles produziam as suas foi um momento ímpar que extrapola qualquer forma de definição, em prosa ou poesia.

Disparados pelas sugestões de FOUCAULT (1981) sobre as amígdalas, partir a campo e deixar os afetos vibrarem em nossos corpos, atravessados por múltiplos lineamentos históricos e culturais enquanto modos de resistências são formados para tentar recuperar e defender parte de nossa leveza e humanidade, que podem ser tragadas por discursos normativos da transcontemporaneidade. Esses foram os posicionamentos cartográficos primordiais que pude construir durante a confecção do trabalho.

Conclusões, quando se trabalha assim, são pistas móveis, densas e datadas historicamente, mas que compõe ricos panoramas de inspiração, justamente por atrelarem-se a uma premissa interessante dos estudos queer: questionar a formação e manutenção do normal e do abjeto, aspectos que certamente constituem pontos de partida muito evidentes para começarmos a produzir significações sobre o mundo que nos cerca e atravessa, uma das pedras primordiais para desenvolvermos uma psicologia política e emancipatória e outras humanidades comprometidas com a promoção de vidas potentes.

Garotos que produzem experiências sexuais/sociais e de amizades com outros garotos, em meados do ano de 2013, em uma cidade de pequeno porte do interior paulista participaram conosco da produção dessas conclusões que se compõem de fluxos em constante movimento.

As experiências desses garotos, junto com as minhas, falam por uma multidão, multidão essa produzida nos efeitos de inúmeros discursos que nos atravessam, multidão composta por sujeitos do discurso. (BUTLER, 2003; FOUCAULT, 1996)

Inicialmente nos atendo as apropriações que fazem da cidade, nos movimentos de resistências as injúrias atribuídas às experimentações “homossexuais” para garantir acesso aos prazeres e “curtições” que a adolescência começa a apresentar, compondo espaços que através das interações reais e pela internet abre portas para amizades, abalando parte do caráter binário e sensível de público e privado.

Nos espaços habitados por esses adolescentes, principalmente motivados por desejos de experimentações sexuais/sociais, mas não somente, o público e o privado já não são possíveis de diferenciar, e as experiências sexuais parecem poder assim constituir-se em ferramentas políticas de reapropriação e significação de nossos territórios e dos tão almejados direitos humanos.

Um dos lineamentos que percebo constituir forças aos modos de resistência a heteronormatividade está justamente ao fato de que a vida protocolar, padronizada e capitalisticamente produtiva dá acesso a muitos prazeres, mas como nos esclarece FOUCAULT (2012) sobre a dietética “oficial e autorizada” de prazeres:

A desconfiança a respeito dos regimes excessivos mostra que a dieta não tem por finalidade conduzir a vida o mais longe possível no tempo, nem o mais alto possível no desempenho, mas torna-la útil e feliz nos limites que lhe foram fixados. Ela também não deve propor-se a fixar de uma vez por todas as condições de uma existência. [...] O regime não é para ser considerado como um corpo de regras universais e uniformes; é, antes de mais nada, uma espécie de manual para reagir as situações diversas nas quais é possível encontrar-se; um tratado para ajustar o comportamento de acordo com as circunstâncias. (FOUCAULT, 2012: 133-135)

Ao que parece, nossos garotos representam grande parte dos seres humanos, quando expressam essa rebeldia, essa resistência, esse estranhamento frente ao que é instituído, pois os limites que são fixados aos prazeres nem sempre dão conta de significar satisfatoriamente nossos desejos produzidos nos fluxos culturais.

Assim surgem comportamentos não ajustados as circunstâncias, mas que denunciam o que mais podemos ter de humano: namoros que surgem de “orgias”, ex-namorados que se tornam grandes amigos, sexo grupal no banheiro, ligações de homens mais velhos com adolescentes, festas “liberais” no fundo de casa, hospedagens em hotéis baratos, amigos que fazem sexo com amigos, professores que se abrem com seus alunos “gays”, bofinhos que fazem amizade com “gays”, “lésbicas” que se entusiasmam com a dança erótica de um garoto, etc.

Estes são apenas alguns exemplos de movimentos de resistências que denunciam toda arbitrariedade, todo peso e fascismo que pode existir em lineamentos duros, de identidades descabidas e que retroalimentam e compõem também ideias de “normalidade”, fluxos que podem roubar, entre outras coisas: boas relações de pais com seus filhos, amizades com “travestis” e diversidades outras, composições de relacionamentos para além do amor romântico, acesso aos prazeres, visibilidades positivadas das experimentações de gêneros, crítica a cerca das vulnerabilidades em relação a “drogas” e outras experiências socialmente mistificadas, etc.

Por se tratarem de fluxos, os dispositivos são móveis, e a função da psicologia e de outras humanidades pode também ser a de produzir estudos e práticas que inventem algumas afetações e ferramentas para que possamos nos

ressignificar como sujeitos do discurso, produzindo nossas próprias desrupturas, reconhecendo e potencializando a abundancia de abjeções que atravessam nossos corpos.

As histórias de nossos participantes e seus (meus) amigos ilustram alguns fluxos e servem de inspirações para as estratégias de resistências que foram produzidas naquele ambiente que, em se tratando da transcontemporaneidade, também acaba por perder e borrar as fronteiras de local com o global, mais ou menos como nos sugere PRECIADO (2008) ao falar de suas experiências de fluidez em meio a metrópoles globais, onde sua língua materna já não é tão diferente das línguas nativas, ou de BRAIDOTTI (2009) quando nos fala dos aspectos nômades das existências, esses fluxos móveis que não conhecem mais fronteiras ou locais de origem.

Muito pode se pensar em políticas públicas para os cuidados e direitos dos dissidentes, mas, quando inspirados por estudos queer retiramos o caráter identitário e fechado dos corpos abjetos e falamos muito mais em aspectos de experimentações, abjeções e relações, e assim abre-se uma multiplicidade de afetos nômades que já não podem mais ser definidos por essencialismos e binarismos que ainda constituem grande parte das referências que as ciências, religiões, senso-comum e outros saberes procuram apoiar-se.

Nessa pesquisa em que pude comparar situações e vivências de meu passado com o presente de nossos participantes, bem como algumas interfaces produzidas naquela cidade que apagam as fronteiras de global e local, a sugestão de que os afetos vão abrindo espaços e conquistando territórios ficou evidente em nossa pequena diferença “geracional”.

Seria extremamente complexo e interessante, mas neste momento me faltam mais ferramentas e conhecimentos, evidenciar um pouco mais alguns fluxos que ajudaram a promover essas mudanças, sejam eles provenientes de políticas públicas, campanhas da militância, propagandas religiosas, interações pela internet, uso do capital, etc. num misto de afetos que pedem passagem a todo o momento.

O que se pode concluir com mais consistência é que existem sim formas de resistências que se formam frente às heteronormatividades, e expandindo para além das expressões de gêneros e sexualidades, podemos pensar que se pode produzir e existir muitas formas de resistências para todas as normatividades (de classe, de estética, raça/cor, etnia, nacionalidade, idade, etc), e tais resistências estão em nós, e o nós, numa perspectiva dos discursos, também é o “lá fora”, que flui e dá novos ânimos para habitar esse planeta.

É importante frisar, em mais uma inspiração dos estudos queer, que não podemos transformar em “demônio” inimigo das expressões de gênero as heteronormatividades, visto que a própria também é um efeito dos discursos atravessados e produzidos pelos humanos, que cumpre sua função de dar significados as vidas, felizmente, como nos aponta FOUCAULT (2012) este trabalho nunca tem fim.

É de DELEUZE & PARNET (1998) que provem certa paciência para lidar com os lineamentos duros, neste caso em específico as heteronormatividades, que podem produzir tantos sofrimentos e restrições. Não podemos esquecer, como nos advertem os autores, que tais lineamentos duros também nos constituem e por nós são produzidos, e que precisam ser estrategicamente flexibilizados, não simplesmente implodidos.

O assunto se torna mais complexo na medida em que nenhuma especialidade, ciência, instituição ou religião pode requerer totalmente para si as estratégias de flexibilização ou gestão dos corpos e prazeres, caso das ideias disparadoras desse estudo, pois parece que quando isso acontece temos a formação de fascismos e ideologias.

Quando os “sujeitos”, “sujeitados” e compostos por fluxos que começam a interditar seus prazeres, iniciam a apropriação de alguns significados e tecnologias sociais para lutar e produzir seus direitos, criam-se formas de resistências, criam-se flexibilizações, potencializam-se políticas. Talvez por isso, durante a história da humanidade e das diferentes culturas, sempre houve grandes preocupações em domesticar os prazeres: eles realmente parecem ser grande mola propulsora que pode ameaçar a ordem vigente, eles produzem políticas, eles borram todas as fronteiras binárias: o público e o privado, o dentro e o fora, o masculino e o feminino, o branco e o negro, o rico e o pobre, o jovem e o velho, etc.

Como humanos, temos a utopia de um dia chegar a algumas ordens vigentes e ideais para todos os povos ou o desafio é justamente sempre produzir saídas conforme as demandas vão atravessando-nos enquanto o social vai permitindo e sendo forçado a rupturas?

Tais movimentos são automáticos? Quais posicionamentos podem nascer para, por exemplo, a psicologia, que é a “ciência” que embasa parte de nossos estudos?

Os estudos queer deixam um tanto mais evidente os dispositivos que produzem “normalidade” sobre os sexos e os prazeres, mas quando pensamos em normalidade esse debate se estende muito além das sexualidades, quais outros lineamentos tem produzido significados em nossas vidas? Quais as formas de

resistência à política fascista, à corrupção, ao capitalismo, à saúde mental, à medicina dos corpos, aos higienismos, as relações amorosas, as saúdes do corpo biológico, à divisão do trabalho, à economia, à violência, as estéticas etc.?

Serão sempre as ordens vigentes substituídas e modificadas por nunca darem conta de nossa “complexa” (ou simples) humanidade?

Uma pista que temos é que a ausência de respostas mais plausíveis para essas perguntas é que permite as mais diversas aberturas aos prazeres e também as mais absurdas interdições aos desejos na transcontemporaneidade.

As perguntas que vão permeando esse capítulo “inconclusivo” deixam-me com a impressão de que conseguimos fazer um trabalho com alguns aspectos bons, dizem hoje em dia que pesquisas acadêmicas boas são aquelas que produzem mais perguntas do que respostas, penso que foi este o caso aqui esboçado.

Nossos participantes adolescentes produziram conosco bons encontros, possibilitaram conversas produtivas com nossos autores, proporcionaram produção de prazeres e significados dentro de nossas amizades, deram exemplos com suas vidas, deixando afetações boas e fluxos “entusiasmados” com o empoderamento que podemos ter nesses eternos trabalhos humanos sobre si que estamos tentando constantemente fazer. O que me faz pensar: existir pode realmente ser muito bom.

05- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BORILLO, Daniel. **Homofobia**. Espanha: Belaterra, 2001.

BRAIDOTTI, Rosi. **Transposiciones: sobre la ética nômade**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2009

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In LOURO, Lopes Guacira (org). **O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTAÑEDA, Marina. **A Experiência Homossexual: Explicações e Conselhos para os Homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007. Trad. Brigitte Monique Hervot e Fernando Silva Teixeira Filho.

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio a título de diálogo. IN ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo?** Texto xerocopiado. Trad. Rui Souza Dias e Helio Rebelo. 1989

DELEUZE, Gilles & PARNET, Clarie. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. IN HOLANDA, Heloísa Buarque de (org). **Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DUARTE, Marcelo; BOUER, Jairo. **O guia dos curiosos: sexo**. São Paulo: Panda Books, 2008

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. 1979

_____. **Da amizade como modo de vida**. Entrevista à Ceccaty, Danet e Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, n°25. p. 38-39. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Abril de 1981.

_____ **História de Sexualidade vol. 1: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____ **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

_____ **A Ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____ **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10ª edição, Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. & SENNETT, Richard. – Sexualidad y Soledad. In: ABRAHAM, T.- Foucault y la ética. Buenos Aires, Editorial Biblos, 1988

GARCIA, David Córdoba; SÁEZ, Javier, VIDARTE, Paco. **Teoria queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas.** Madrid: Editorial Egales, 2005.

GAULEJAC, Vicent. Psicossociologia e sociologia clínica. In: ARAÚJO, J. N. G. e CARRETEIRO T. C. (orgs.) **Cenários Sociais e abordagem clínica.** São Paulo: Escuta, Belo Horizonte: Fumec, 2001.

GUATTARI, Felix. . **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo.** Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1986

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos Pagu.1995. p 07-41.

KRISTEVA, Julia. **Powers of Horror: an Essay on Abjection.** New York: Columbia University Press, 1982.

KAMKHAGI, Vida. **El Esquizoanálisis y sus líneas.** – In: Cueto, A M. del (Org) – Diagramas de Psicodrama y grupos. Buenos Aires. Ediciones Madres de Plaza de Mayo, 2005.

KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo; ESCOSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia.** Rio de Janeiro: Ed Salles. 2010.

KASTRUP, Virginia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo.** IN: Psicologia e Sociedade. Universidade Federal do Rio de Janeiro (jan-abr p.15-22) 2007.

LIMA, Marli Machado de. **Entre Elas: Cartografias dos devires amorosos.** Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2009.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor vol. I: Da Pré-História à Renascença.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

LOURO, Guacira. Lopes. **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000

_____. **Teoria Queer - Uma Política Pós-Identitária para a Educação.** Revista de Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2001

_____. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e Teoria Queer.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MELLO, Luiz. **Familismo (anti) homossexual e regulação da cidadania no Brasil.** Estudos feministas. Florianópolis, 2006.

MISKOLCI, Richard. **O armário ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet.** Revista Gênero v. 09 p. 171 – 190 1º semestre 2009. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.

_____. **Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer.** IN: SOUZA, Luiz Antonio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; Magalhães, Boris Ribeiro de. (orgs). Michael Foucault: Sexualidade, corpo e direito. Marília: Cultura Acadêmica, 2010.

_____. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica 2012.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson: Banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Genealogias da Amizade.** São Paulo: Iluminuras, 2002.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. **Reservados e Invisíveis – O ethos íntimo das parecerias homoeróticas.** Campinas: Pontes Editores, 2007

PALMA, Dante Augusto. Política e Identidad de Las Minorias. In: Abraham, Tomas e El Seminario de Los Jueves. (org). **La Maquina Deleuze.** Buenos Aires: Editorial Sudamericana, março 2006.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**. Rio de Janeiro: Record, 2002. Trad. Rytá Vinagre.

PARKER, Richard.; HERDT, G. & CARVALLO, M. Cultura Sexual, Transmissão do HIV e Pesquisa sobre a AIDS. In: CZERESNIA, D. **Aids: Pesquisa e Educação**. Rio de Janeiro: Abrasco, 1995.

PENEDO, Suzana Lopes. **El labirinto queer: La identidad em tempos de neoliberalismo**. Madrid: Egales editorial. 2008

PERES, Wiliam Siqueira. **Entre a solidão e a amizade: cartografias contemporâneas da subjetividade**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 2000.

_____ **Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, IMS/UERJ, 2005.

_____ no prelo: **Transfobias, Lesbofobias e Homofobias Invisíveis: O que a escola tem a ver com isso?** 2013

PICHARDO GALÁN, José Ignacio. **Adolescentes ante la diversidad sexual: homofobia em lós centros educativos**. Madrid, Catarata, 2009.

POCAHY, Fernando Altair. **A Pesquisa Fora do Armário: Ensaio de uma Heterotopia Queer**. Dissertação de mestrado, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. España: Espasa Calpe, 2008.

RICH, Adrienne. Heterosexualidad obligatoria y existencia lesbiana, 1980. In: _____. **Sangre, pan y poesía: prosa escogida: 1979-1985**. Icaria: Barcelona, 1986. p. 41-86

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

RUBIN, Gayle. **Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality**. NARDI, Peter; SCHNEIDER, Beth. E. (Ed) Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader. New York: Routledge, 1998 p. 100 – 133. Publicada originalmente In: Carol S Vance. **Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality**, 1984

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Por El Culo: Políticas Anales**. Madrid: Egales Editorial, 2011.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia do Armário**. cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007

SETUBAL, Maria Alice. **Vivências Caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista**. São Paulo: Imprensa Oficial. 2005.

SILVÉRIO JÚNIOR, Renato Cezar & PERES, Wiliam Siqueira. **Sexualidades Dissidentes: da ousadia de falar do amor em nome próprio**. Pesquisa de Inicialção Científica financiado pela FAPESP. 2008

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. A construção social das diferenças nas (homos)sexualidades e suas relações com a homofobia. IN: LEMOS DE SOUZA, Leonardo; GALINDO, Dolores; BERTOLINE, Vera (orgs.). **Gênero, Corpo e @tivismos**. Cuiabá: Edufimt, 2012.

TOLEDO, Livia Gonçalves. **Estigmas e Estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista**. Dissertação de mestrado em psicologia apresentada à Universidade Estadual Paulista. Assis, 2008.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record 2000.

08- ANEXOS

8.1 – ENTREVISTA LEONARDO

P: Pesquisador – Renato

E: Entrevistado – Leonardo

Comece contando para mim a sua idade.

Eu tenho vinte anos.

E você mora com quem?

Moro com a minha avó.

Ah é? Menininho criado pela avó?

(risos) Menininho criadíssimo pela vó.

Mora aqui em Santana desde criança?

Desde criança.

Quem mais mora com vocês?

Atualmente só eu e ela, antigamente morava o meu tio. Mas daí o meu tio conheceu uma moça, senhora, velha (risos) e agora ele ta morando na casa dela.

E desde que você nasceu você mora com a sua avó?

Desde que eu nasci.

É sua avó paterna ou materna?

Materna.

E como foi isso de você morar com a sua avó?

A minha mãe teve uma gravidez irresponsável. Ela foi para trabalhar em Campinas e teve um relacionamento lá com o meu pai, ela trabalhou lá com ele e ela engravidou, ficou assustada e veio embora.

Quantos anos ela tinha?

Ela tinha 18. Ela veio para cá e eu nunca mais tive contato com o meu pai. E nisso é claro que ela voltou para a casa da minha avó porque ela não tinha pra onde ir. E nisso ficou grávida, teve tudo, nasceu...

Foi ela que escolheu seu nome?

Foi ela que escolheu meu nome.

E quando que ela deixa de morar com você?

Ela saiu de casa quando eu tinha, mais ou menos, uns seis anos. Porque ela conheceu um cara que ela já tinha se relacionado por uns doze anos, só que hoje ela já se separou dele, então ela saiu de casa quando eu tinha seis anos, mas até então eu já era acostumado com a minha avó.

A minha vó era o pai e a mãe, porque ela que sustentava a casa, a minha mãe trabalhava também, mas era uma pessoa muito distante, eu sempre vi minha mãe como uma pessoa muito distante. Elas trabalhavam no mesmo lugar, mas eu sentia a minha vó muito mais próxima de mim. E eu tinha mais outras duas tias, que eram irmãs da minha mãe e também moravam com a gente. E elas... eu tinha um afeto muito maior por elas do que pela minha mãe.

E o seu pai você nunca chegou a conhecer?

Meu pai eu nunca conheci. Eu sei o nome dele, sei onde ele está, e só não fui ver porque eu não quis.

Ah sim... E desde quando você sabe?

Eu soube o ano passado quando eu decidi ir atrás. Quando eu achei que era importante para mim, porque eu sentia... quando você não sabe quem é o seu pai você se sente uma pessoa incompleta, como uma página da sua vida que você não teve, como se faltasse alguma história, ou então você pensa assim: será que minha vida poderia ter sido diferente? Poderia é claro, então eu comecei a pensar muito nisso, a pouquíssimo tempo atrás, na verdade no ano passado, e por incrível que pareça eu não pensei nisso na minha adolescência, na fase da puberdade, da transformação... Eu tava pensando muito nisto, e decidi que não ia me deixar afetar mais, daí eu descobri quem ele é, onde ele tá... ele ainda... na verdade ele herdou onde ele trabalhava, porque ele trabalhava com o pai dele, e o pai dele morreu...

Você chegou a falar com ele?

Não, eu não tive coragem, ele é o proprietário de uma rotisseria.

E como você fez para chegar até ele?

Através da prima da minha mãe, que trabalhava com a minha mãe naquela época, ela veio para cá no ano passado e eu fui conversar com ela, perguntei se ela poderia me ajudar, ela disse que sim, daí ela foi pesquisar, viu tudo. Ela disse que tá tudo do mesmo jeito, ela falou... ele tem a mesma idade da minha mãe.

Sua mãe tem trinta e oito anos e ele também?

Também.

E primos, você tem primos por aqui?

Tenho sim.

Mais velhos? Mais novos? Como é?

Com primos mesmo, assim, eu só tive um afeto, com um. De convivência e tudo, e isso acabou gerando um caso.

Ah você saiu com ele?

Hum Hum. Ele teve um relacionamento de um ano comigo.

Você sabe que na minha pesquisa anterior, esta coisa de sair com o primo apareceu bastante? Parece que é uma coisa bem de cidade de pequeno porte mesmo.

Mas ele não era daqui, ele era de São José do Rio Preto.

Entendi, perae que você já me conta esta história direito, primeiro me fale: como você começou a perceber que sentia atração por meninos?

Olha, é interessante, porque a primeira pessoa que eu me apaixonei, digamos assim, nesta época de paixonite, foi por uma garota. Inclusive, eu primeiro perdi minha virgindade com ela. E então, até aquele momento eu tinha fantasias com homens, eu me imaginava ficando, sexo em si, com outros homens, mas aquilo era uma coisa reclusa na minha mente, e eu tinha, sabe, eu tinha na minha mente que eu tinha que diminuir aquilo, eu até cheguei a acreditar que eu poderia ser um bissexual e tal...

Você não tenta se definir assim?

Não, eu me declarei bissexual até o ano passado e tal, mas eu acho que isso na verdade você usa como uma válvula de escape, como quando você está numa roda de amigos e para não parecer excluído você diz “ah eu pego de tudo” para parecer legal, eu percebo que tem muitos gays que só sentem atração sexual por homem mas se dizem bi só pra ter uma aparência mais descontraída de quem é, e eu fazia muito isso, hoje em dia eu já não faço mais porque eu já estou muito tranquilo à respeito da minha sexualidade e tal, a respeito do sexo, das coisas que eu sinto, das minhas escolhas... Então, eu passei a perceber na minha adolescência mesmo, só que eu tentava me enganar, e o que me ajudou a desenvolver isso, a ter a certeza, foi com esse primo que eu te falei. Foi quando eu fui passar umas férias lá.

Foi o primeiro menino que você ficou?

Foi, fui passar umas férias lá, foi quando perdi a virgindade com homem, eu nunca tinha ido para a casa dele, ele sempre vinha pra cá, foi a primeira vez que fui para casa dele em São José do Rio Preto.

Qual a idade dele?

Hoje ele tem 18. Na época eu tinha 16 e ele tinha 14, e eu fui passar as férias lá, e ele era uma pessoa que, para mim, era encantadora, porque ele sempre foi muito arteiro e eu sempre fui uma criança muito de seguir normas, de ter horário para tudo, sabe, eu tinha horário para tudo, na minha mente eu tinha que fazer tudo sempre muito certo, eu tinha que ter boas notas, e ele é completamente o oposto de mim, ele sempre foi o marginalzinho da família, e eu sempre fui o certinho, e isso me encantava nele, ele vinha para cá e falava “vamo solta bombinha na caixa de correio dos outros” e era uma coisa que eu adorava fazer mas não era certo, mas com ele eu podia me libertar um pouco, e então, eu estava lá na casa dele e a minha tia veio para cá, ia comprar uma casa aqui, então ela deixou a gente uma semana lá, só ficou eu e ele lá, naquela semana, e até foi muito engraçado, porque eu nunca tinha insinuado nada para ele, e ele também nunca tinha insinuado nada para mim, aí um belo dia eu estava lá lavando a louça, e a gente conversando, eu de costas para ele, que estava na mesa, a gente conversando e de repente vejo que a voz está se aproximando, e aí ele encostou em mim. Já de pau duro...

É! E se encostou em mim e começou a falar “E aí, o que é que rola” e eu afastei ele, me neguei, fui relutante, e, foi isso...

E ele conseguiu te convencer?

Ele conseguiu me convencer no outro dia.

Nossa!

É, ele ficou o dia inteiro “por que não pode rolar nada entre a gente? Eu gosto de você” e eu falava “cala a boca, você não sabe o que tá falando, você é um moleque” porque na minha cabeça eu tinha 16 anos e já era mais maduro que ele.

Nesta época você já tinha transado com a menina?

Sim, com ela já, mas daí foi com ele, foi rolando. Com a menina eu não tinha gostado muito, eu fiz só uma vez.

Ela era sua namorada?

Ela era minha melhor amiga de escola. Então a gente ficou muito próximo, e hoje eu vejo que o nos aproximou foi a carência, ela por carência de mãe e eu por carência de pai, então, sei lá a gente teve uma química, uma coisa, eu era o mais importante para ela e ela era o mais importante para mim, e aconteceu, eu achava que gostava dela, mas eu acho que foi uma coisa que eu criei na minha mente para me enganar...

Se enganar, sei, e como que é para você essa coisa de homem, de gay, você tava falando que na rodinha quem fala que é bissexual tem uma aceitação melhor

É. Eu não diria que é moda, mas hoje em dia, eu tenho mais amizade com hetero do que com gay, eu não tenho muita amizade com outros gays, é muito difícil, meus amigos

são todos heteros, e eles tem muita curiosidade sobre isso, muitos deles dão em cima de mim, e eu sinto o que, que quando estamos todos em uma roda conversando, e tem outros meninos que dão em cima de mim, que a gente tem uma química mas eles são declarados heteros, eles tem essa curiosidade, daí eu falo assim “Tá eu sou bissexual” e eles acham isso interessante, daí fica aquela coisa “eu saio com homem, mas eu também pegos menina”. Eu fui em uma festa na cidade vizinha e beijei doze meninas.

Nossa!

Ah, eu beijo, mas eu não tenho relações sexuais.

Por que você beija?

Porque, assim, lá não era uma boate gay, né? Que você pode paquerar, que você pode beijar na boca, então eu vi todos eles beijando lá, então, o que que eu fiz, comecei a beijar também, vi as meninas, tenho muita facilidade para abordar, empatia, então eu comecei a beijar, ali mesmo, umas doze, eles que contaram, eu não contei, mas, foi isso, então eles acham isso interessante, tanto que, quando eu chego na turma eles beijam a minha mão (risos) eles falam que é sinal de respeito, que eles querem aprender muitas coisas comigo (risos).

São amigos mais velhos ou mais novos?

Mais novos, eles tem 18 anos. De 16 à 18.

E são heteros...

É são declarados heteros, mas eu diria que são heteros curiosos. Muito curiosos com este mundo gay, sei lá acho que hoje ta todo mundo muito curioso com este mundo gay, para saber como é....

Mas até aonde será que vai esta curiosidade?

Pelo menos comigo, chegou a se consumir algumas vezes, mas assim... é tudo uma coisa muito sexual e depois é como se nada tivesse acontecido. Tanto que a gente nem volta a falar sobre isso...

E tem que tá bêbado para rolar?

Ah, eles sim, eu não... não necessariamente, apesar de eu estar na maioria das vezes (risos).

E voltando a historia de beijar as meninas na festa, você não curtiu?

Eu beijei mas eu não curti...

Você não fica excitado?

Eu não fico excitado, é mais uma troca, elas chegam no ouvido, falam aquelas coisas, dá uma excitação, mas eu não tenho vontade de prosseguir, eu gostei mas sem vontade de prosseguir, sabe porque que eu curti?

Nem sei, por quê?

Vou ser muito sincero, porque eu ganhei o respeito deles, e eu acho que isso é uma coisa dos homossexuais, eles gostam de ter o respeito dos heterossexuais. Principalmente eu, eu gosto de me relacionar com eles, eu não gosto de ser discriminado, na verdade até hoje pela convivência que eu tenho pela postura que eu tenho, é muito difícil de eu ser discriminado, é muito difícil de eu passar na rua, de mexer, que tem muito aqui, que eu vejo que eles fazem com muitos outros gays, e comigo nunca acontece, tem os meus amigos, eles brincam comigo, mas é uma coisa muito tranquila, que eu levo na brincadeira, eu brinco com eles e tal.. mas isso foi engraçado, eu fiquei ali com as meninas e gostei do respeito que eles tiveram comigo, que eu beijei mais do que eles, eu doze, eles duas, acredito que por causa do papo e da maturidade, elas eram amigas deles daquela cidade, e eu não as conhecia, e eu beijei todas, eu tinha ido com eles que tinham me chamado, e eu fui, dois dias, que fui tudo isso que eu te falei (risos)

E não rolou com nenhum homem?

Rolou olhares durante o show, porque a pessoa aqui chama muita atenção sabe? Bebe, fica pulando, gritando o msn, então, teve olhares, teve abordagens, mas eu não quis.

Não quis por que?

Não quis por causa deles, porque na minha mente eu ia desapontar os meninos, desapontar o Luiz, o Fernando, que são pessoas que eu já tive um lance, eu já tinha ficado com eles, antes, bem antes, e hoje em dia não rola mais...

Por que não rola mais?

Sei lá, acho que é porque eu não quero.

Eles se dizem heteros mas já ficaram com você.

Isso.

Rolou sexo?

Rolou sexo com dois, com um não.

E beijo?

Beijo também, e é uma coisa que me intriga também.

Por quê?

Porque assim: hetero não beija homem, eles não tem vontade de beijar, pelo menos na minha teoria, é o que eu acho, não sei se é verdade, mas eles me beijam, parte deles beijar, para mim eu não fazia nem questão do beijo, só queria sexo, é irrelevante.

E no sexo, eles topam ser passivos?

Não só ativos.

Eles topam fazer sexo oral em você?

Não, também não...

Mas topam beijar.

Topam beijar.

Porque na pesquisa que eu fiz anteriormente, com o pessoal mais velho, esses caras não costumavam beijar.

(Risos) Daqui a pouco topa tudo já... (risos). Então é assim que rola.

E voltando ao seu primo, você disse que ele ficava tentando te convencer.

Isso, ele ficava tentando me convencer na conversa, ficava esfregando em mim, dizendo que estava muito curioso, falou que sentia atração por mim, e é verdade, analisando assim, antes, ele sempre ficava excitado quando a gente brincava, quando a gente conversava, e ele foi deixar aquilo só para depois, quando ele tinha quatorze anos e eu dezesseis, deixou para quando tivesse oportunidade, e aí aconteceu...

Ele te convenceu.

Ele me convenceu uma porque eu queria, sempre desejei ele, mas não aceitava, começou que ele começou a me beijar, rolou assim...

E a questão do ativo ou passivo, foi importante naquele dia?

A questão aquele dia... eu nunca fui ativo com ele, ele nunca aceitou ser passivo, até no flashback que rolou tempos depois ele foi ativo.

Você teve um relacionamento com ele?

Eu chamaria de relacionamento, eu não sei como ele chama, para ele foi uma descoberta.

E como foi isso?

É que assim: ele sempre ficava com meninas também...

E você achava ruim?

Eu ficava com ciúmes. Eu odiava, eu queria matar essas meninas, você não tem idéia. E ele sabia, ele sempre teve ciúmes de mim, inclusive de amigos meus, até com algumas meninas ele sempre ficava com ciúmes, mas aí assim: ele podia ficar com quem ele quisesse e eu não. Entendeu? Ele tentava me retraindo, ele sempre teve muito ciúmes, eu sempre fazia tudo que ele queria, foi a primeira pessoa que eu me apaixonei, porque foi a pessoa que eu perdi a virgindade, a pessoa que eu passei muitos momentos legais.

Como eram esses momentos?

Momentos íntimos mesmo, de ouvir música juntos, momentos de fazer o serviço da casa juntos, porque eu sempre gostei muito de limpar, eu sempre gostei muito de limpar, sempre fui paranoico com isso, e ele sempre foi muito desorganizado, então eu falava assim “olha a gente tem que limpar a casa hoje!” e ele dizia “ta bom a gente limpa, mas só se depois tiver sexo” “então vamo limpa nada!” (risos) e sempre, nunca acabava limpando tudo, sempre acabava na cama...

E ele te beijava?

Beijava, fazia sexo oral em mim e eu nele, ele nunca aceitou eu comer ele, nem eu colocar o dedo, ele nunca suportou, mas de resto...

Você disse que teve um flashback, mas não contou como vocês terminaram...

Assim, partiu de mim, porque se depender dele... assim, hoje ele é roqueiro, tem dezoito anos, é muito bonito também, terminou porque eu percebi, assim eu só conseguia ver que ele só me queria para... foi o que eu pude perceber porque ele nunca disse gostar de mim, mas sempre gostou, mas a impressão que eu tinha é que ele só me queria para fazer sexo, então isso foi me magoando, me magoando, ele me ligava e dizia “vamo?”, e a gente ficou um ano nessa, ele me ligava, ele ia na minha casa, eu ia na casa dele, a gente tinha que disfarçar muito, todo mundo dizia que a gente era “cú e calça” porque a gente fazia tudo junto, muito próximos, e foi isso, a gente parou porque eu tava sofrendo. Ele só me procurava para fazer sexo, e não tinha a mesma preocupação que eu tinha com ele, se ele ficava doente eu ia lá visitar, e ele não, acho que pela criação dele, sei lá, o pai dele era muito agressivo, hoje ele mora só com a mãe, mas passou uma fase muito difícil com o pai. Ele mora com o irmão mais novo e com a mãe, os pais se divorciaram e ele é uma pessoa muito agressiva, acho que por isso... e terminou por causa disso, até hoje não acho que ele me considera uma pessoa importante como eu considero ele, ou se ele considera não sabe expressar, a gente nunca sabe, só acho que uma pessoa nunca é a mesma depois de uma conversa que teve com você, imagina só depois de todo um relacionamento...

Quando você viu que não dava mais, você simplesmente se afastou ou disse isso para ele?

Eu simplesmente me afastei.

E ele te ligava?

Ligava, me procurava, até hoje, me oferece uma carona se eu to passando, ele sempre acha que vai ter uma possibilidade, mas hoje em dia não mas, até teve o flashback como eu te falei, eu acho que eu já consegui superar essa.

Não é mais apaixonado por ele?

Não, eu não sou mais, eu fui, teve uma época, eu acho que ele deu tanta mancada eu não sou mais.

E como era o relacionamento de vocês? Como vocês negociavam as coisas?

Para se comprar?

Para tudo.

Olha, para sexo, era o seguinte, quando ele morava lá e eu ia para lá (outra cidade) a gente passava o dia juntos e a noite dormia no mesmo quarto, e a noite rolava, e quando ele passou a morar aqui a mãe ia para a igreja que ela é evangélica, e ele me ligava, a gente tinha as duas horas de culto, quando ele chegava eu tava lá, já tínhamos feito tudo que tinha que fazer, ou então quando ela tava trabalhando, e ele ainda não tava, eu ia lá durante o dia e a gente ficava lá, era assim...

E estes problemas de ele querer que você fosse só dele?

Era assim: Isso era quando a gente saía, para dar uma volta, tomar um sorvete, porque ele é uma pessoa assim: só bastava eu para ir até a casa dele e ficar lá, eu não, eu queria andar, sair, passear, mostrar para os outros que eu estava com ele, entendeu?

Você se considerava bissexual nesta época?

Nessa época sim, e eu ia, saía, via o pessoal que sempre vinha me cumprimentar, me dar abraço, tudo, amizade de anos, e ele tinha ciúmes, ficava mal, a gente tava numa roda, tava conversando com todo mundo, e ele falava pra gente ir embora e depois falava que eu não tava dando atenção para ele, e por isso ele não gostava de sair comigo, dizia que eu deixava ele de escanteio, ele dizia que tinha dificuldade de se relacionar com outras pessoas, e realmente.

E neste período, para ficar com outras pessoas, você ficava?

Eu ficava!

Com homens ou com mulheres?

Com homens.

E ele ficava sabendo?

Não porque não era o mesmo núcleo de amizades, ele estudava, eu já tinha terminado a escola, eu saía, às vezes ele ficava sabendo, por fofuquinha, não que alguém soubesse do nosso relacionamento, era segredo total, são pouquíssimas pessoas que sabem dessa

história, acho que você é a terceira pessoa que fica sabendo desse meu relacionamento, todo mundo desconfiava, entendeu? Mas eu sempre neguei, aliás, nunca precisou dele negar porque ele não tem aparência nenhuma de gay.

Não?

Não, ele é um macho, a aparência dele, ele joga futebol, então ele é um homem mesmo, aparentemente.

Que mais que ele tem de macho? Como que é isso?

O futebol, a hora que ele tá assistindo jogo, a hora que ele fica bravo, é tudo coisas assim, bem homem mesmo, é bem homem as atitudes, não tem nada assim: feminino. Nenhum toque feminino, ele não tem. O jeito de rir, tudo tudo, e acho que foi por isso que me apaixonei por ele.

Como assim?

Por causa dessa coisa homem dele, ele tem um instinto protetor, assim, um jeito no abraço, no toque, na pegada, uma coisa agressiva que eu gostava que ele tinha, e sei lá...

Vocês falava um para o outro que se gostavam?

Falava, ele falava que me amava.

É?

É, mas nunca demonstrou muito, assim, ele falava depois do sexo, ou na hora ali.

Ele tinha namorada nesta época?

Nesta época não, foi um pouco mais pra frente, eu acho que quase no final ele arrumou, uma menina nova que veio da mesma cidade que ele, como os dois eram novos na sala e tinham vindo para cá eles tinham muito assunto em comum, da metrópole para cá (risos) e ele começou a namorar ela.

E como foi para você?

Nossa, eu odiava, (risos nervosos) mas é tão estranho ele acabou... porque eu sentia que a gente se gostava e ele tinha vergonha de se aproximar de mim quando estava com ela, também, um pouco.

Ela não percebia isso?

Não ela não percebia.

Você acha que ele gostava dela?

Não, eu acho que ele nunca gostou de ninguém, até hoje. Acho que a única pessoa que ele gostou até hoje fui eu, mas é como eu te falei, é uma coisa que eu nunca vou ter certeza.

E ele sentia prazer em fazer sexo com ela também, será?

Eu acho que ele nunca chegou a fazer sexo com ela.

Ah é?

A vida sexual dele tá bem mais ativa agora, com outros meninas eu falo, porque antes era só comigo.

E com outros meninos, você tem notícias?

Dele? Não, ele tinha nojo.

Do que?

Ah, sei lá, de outros meninos, eu às vezes dava febre nele “é né, você vai transar com aquele cara”, às vezes só pra sondar, porque eu sempre fui curioso, ele sempre tão homem, e o engraçado era que era só comigo, que eu acho que ele tinha essa coisa, porque ele nunca demonstrou interesse por outro homem, nenhuma olhada, nem na tv quando a gente assistia algum filme, é uma coisa muito engraçada, nunca vi o interesse dele por outro cara, pelo menos nunca demonstrou perto de mim, pode ser até que ele tenha, mas eu nunca percebi, realmente e eu sou muito perceptivo (risos).

E você em relação à meninas?

Você fala sexualmente?

Isso. Para ele a exceção foi você, e você já abriu alguma exceção e ficou com alguma mulher?

Com mulher? Não... tinha a Milena, tal, mas foi só uma vez.

Só uma vez?

É.

E o seu segundo cara, você se lembra como foi?

Aí foi assim: Deixa eu te explicar, quando eu tava com ele, aí eu tava só com ele, eu não tinha relação sexual com mais ninguém, então eu saía muito, mas não a noite, porque eu tava sempre com ele, ele tava na minha casa e eu na dele, aí a gente foi se afastando e eu comecei a sair a noite, foi quando foi o auge do Armazém (um dos únicos bares dançantes da cidade) aí eu comecei a sair, aí sim começou a minha vida sexual mesmo, as minhas experiências, foi com vários outros caras, foi quando eu peguei uma amizade muito forte com o Lucas que trabalha comigo, a gente era amigo de infância, mas a gente tinha parado de sair junto, e ele também é homossexual, comecei a ir para boate e

tal, comecei a viver uma vida assim: era escondido e tal, no começo, mas era gay, entendeu?

Vocês iam para boate gay na cidade vizinha?

Isso.

E como é essa vida gay aqui na cidade?

Como é só aqui é muito escondido, entendeu? Os caras pediam para ficar comigo eu pedia para ficar com eles, a gente ia e ficava num terreninho escondido, aquela coisa.

E como você sabia em que caras chegar?

A gente percebe, a gente sempre sabe. É ou não é? (risos)

É. (risos).

Eu já tive muitos surpresas, assim: com pessoas que eu nem imaginava me chamarem para sair, aqui é uma coisa de louco, eu acho que eu já fiquei com mais gente aqui do que lá nas boates de fora onde tudo é mais aberto.

E como é sair com estes caras?

Eu indo embora, por exemplo, eu estava a fim de extravasar, e eu indo embora sempre alguém me oferecia uma carona, com segunda intenções, ou algum menino vinha e pedia para ficar comigo, foi surgindo assim, entendeu? Eu fui me adentrando na noite como eu costumo dizer, e fui saindo, fui me relacionando com outros caras, e fui esquecendo dele, esquecer a gente nunca esquece, mas sei lá, não acho que é uma coisa que me faz falta.

Estes caras que você fala, que davam carona, pediam para ficar? Eles eram como o seu primo? Estilo “homem”?

Alguns sim, eram todos homens, outros a gente já percebe que é gay, eu já fiquei com uns assim, aliás, com vários... E eu sai com vários caras que não eram gays...

Cara que não é gay e sai com homem, como será que a gente chama isso?

A gente chama isso de puro prazer sexual mesmo, eu chamo assim, eu acho que eles tem a vontade só do sexo mesmo, daquilo que as mulheres não fazem, é o que eu acho. Você acha que as mulheres não tem vontade de sexo?

Não, tem, toda mulher tem vontade de sexo, mas eu acho que entre homem e mulher... eu não sei, cria uma coisa assim que o homem não tem tanta liberdade de chegar e falar tudo assim para a mulher, coisas que ele quer, coisas obscenas, e, pelo menos, as idéias que os heteros tem dos gays é essa: só de sexo mesmo. E eu estava disposto a dar sexo, porque eu estava querendo, para estes caras, então, eu curtia muito eles também curtiam e acabava por ali.

E depois? Rolava alguma amizade ou era uma coisa mais afastada?

Assim: com algumas pessoas sim, com outras não, algumas dão oi, dão tchau, ou conversa mesmo, e rola uma vez depois não mais, outras rola de novo, é tudo muito individual, acho que isso depende da boa vontade da gente, depende da nossa amizade, não sexual, pelo menos comigo eu sempre consegui atrair a amizade das pessoas, ou então já teve pessoas que é só uma noite depois nunca mais olhei na cara (risos) porque me dá vergonha também, de algumas pessoas eu tenho vergonha, de algumas eu me arrependo.

Por quê?

Porque hoje em dia eu vejo, sei lá, eu tava no auge, hoje eu tô mais tranquilo, no sentido sexual, mas antigamente eu queria sexo, era um jovem que só pensava em sexo, saía pra fazer sexo a noite, eu tive muitas fases assim, às vezes eu posso não estar sendo muito conciso no meu relato porque vou atropelando o tempo, eu tive essa fase do sexo, tive a fase romântica, tive tudo isso.

Com o primo e mais com alguém a fase romântica?

Teve algumas pessoas que foram importantes, e foi assim: eu passei por essa fase da noite, de sair.

Sempre achava alguma pessoa?

Nem sempre, tem noite que você vai e é uma derrota, você não acha nada, mas várias outras sim, sempre tem aquele contato que está no mesmo ambiente que você.

Isso confunde muito, por exemplo quando você sai com amigas e o contato quer você, mas finge que quer as suas amigas...

Ah sim, já teve isso, dele vir falar comigo pra ver se eu podia ajeitar a menina e dar uma piscadinha para mim, ou tocar diferente na minha mão (girando o dedo dele na palma da mão do outro). Já teve caras que as minhas amigas ficavam e daí eles pegavam o telefone, ali, de todo mundo, para todo mundo sair, e depois eles me ligavam para eu sair com eles, primeiro ligam para perguntar: “e aí, e a tal fulana? Ela gosta de mim? E você, como é que você tá?” e eu dizia “bem” “ah então vamos sair, que não sei que tem” aconteceu com várias pessoas, mas aí com o passar do tempo foi me incomodando, eu decidi que eu não queria só mais sexo, eu estava levando uma vida muito assim, muito a mesma coisa eu acho que eu cansei de sempre uma pessoa diferente, de nunca me apegar a ninguém, de sempre dar o fora em alguém, de brincar com o sentimento de certas pessoas como eu brinquei, e isso foi me incomodando, cada vez eu ficava com uma pessoa diferente, eu estava pior que uma biscate (risos) desculpe o palavreado!

Imagina!

Então, aí eu conheci uma pessoa, assim, do nada eu estava no barzinho, e ele pediu para ficar comigo, falou para a amiga dele chegar em mim, esse é o André, acho ele lindo.

Eu sei quem é, ele não namorava o Fernando?

Não, eles eram muito amigos, mas nunca tiveram nada, e a Adriana, que é amiga dele chegou em mim e disse “Olha, meu amigo quer ficar com você” e eu já respondi “Olha, não tô querendo ficar com ninguém”, aí ela saiu, depois ela voltou e disse “Olha ele quer mesmo ficar com você”, eu falei “Ta bom”, e eu nunca tinha visto ele, na minha vida, e ele disse que sempre me observava, daí ele chegou e eu pensei “bonitinho”.

E qual a idade dele?

Hoje tem 15, mas na época tinha 14, a gente se conheceu no dia 23 de janeiro deste ano, e eu já tava dando uma parada de ficar com tanta gente, aí a gente pegou e ficou, e eu pensei “Nossa, menininho novo, e tal, gostei!” e eu comecei a me apaixonar por ele. E isso foi me mudando totalmente.

E você é apaixonado por ele hoje?

Hoje eu sou, e ele quer conversar comigo hoje também, e foi assim: ele, sente admiração por mim, sabe o que eu sinto? Que ele é um menino novo e tal, e eu sinto que ele... sabe essa coisa de estereótipo? De turminha, assim?

Hum?

Que todos nós passamos quando éramos mais novos, que dá importância a nome, a roupa de marca, da importância a status, aquilo... a sua aparência, a pessoa que você é, as amizades que você tem, e eu sinto que ele é muito ligado nisso, eu não julgo ele por isso porque é uma coisa que todo mundo passou, então eu tento entender, eu vejo que é isso, vejo que é porque a vida dele fica muito mais fácil nas festas, na minha companhia, porque a maioria das festas eu não pago para entrar e ele automaticamente também não, e eu não percebia isso, ele sempre ficou muito atrás de mim e tal, mas... eu comecei a gostar dele, aí teve um dia em uma festa que ele pegou e foi comigo, ele pegou e ficou com outro menino, nossa, foi um choque para mim, eu me senti muito mal, eu pensei: “gente, eu no auge dos meus vinte anos, com um menino de dezesseis e eu sentindo o que tô sentindo agora, para!” Então foi muito engraçado... e eu comecei a me afastar dele.

Você não conversou com ele sobre ele ter ficado com outro menino?

Não porque a gente nunca definiu que tava namorando, era uma amizade colorida, a gente sempre ficava, mas nunca definiu “namorando”, eu quis dar uma de adulto pra cima dele e dizer “olha a gente tem que ir com calma, a gente tá se conhecendo” mas eu queria ter ele sempre ali do meu lado, falei “vamos nos definir pelo que a gente faz junto, entendeu, não pelo que a gente sente um pelo outro, porque ainda é cedo, entendeu?” ele disse “ta bom”, e o interessante é que a gente tinha combinado “você fica com quem você quiser, eu fico com quem eu quero” porém a gente nunca se desgrudava, aí neste dia que ele foi ficar com o outro menino eu fiz o “auê”, eu não fiquei sabendo no dia, ele falou assim “perae que eu vou ali conversar com uma amiga e já volto” uma hora depois ele voltou e eu sou muito perceptivo, falei assim “o que você fez?” porque ele voltou com cara de truque, e ele “nada fiquei lá com a Fernanda conversando”, mas eu fiquei com a pulga atrás da orelha, no outro dia a amiga dele chegou e falou assim “você ficou com o Mateus?” eu olhei para os dois e pensei “Que?

Com ele, eu odeio ele!” Ai eu comecei a gostar dele, não sei, para afastar dele arrumei um namorado, de uma cidade vizinha, que é quem ta me ligando (o celular do entrevistado tocou várias vezes durante a entrevista), e assim, eu conheci ele na boate, em uma cidade maior, e acho que o mundo dele me encantou.

Como é esse mundo?

O mundo dele... o pai e a mãe dele sabem que ele é gay, a irmã dele é sapatão (risos) e o pai e a mãe dele se relacionam, o primeiro dia que eu cheguei lá o pai dele “ah esse aqui é o meu genro!” (risos) a gente dormiu no mesmo quarto, a irmã dele com a namorada no outro quarto, tudo muito tranquilo, no outro dia aquela mesa de café da manhã, a família toda reunida, e foi uma coisa que eu me ative também, ali todo mundo sabia quem a gente era, eu posso cruzar a minha perna, posso falar com os meus trejeitos.

Sua avó não sabe?

Minha avó desconfia. Já falaram para ela.

É?

Sim, uns baixos ai. (risos) Eu tenho amizade com eles, eles me prestam serviços, faço muitas coisas com eles, mas... eles disseram que queriam me ajudar a respeito disso, e eu acho que não é assim que vão me ajudar, eu acho que tudo requer tempo né?

Você tocou numa questão interessante, a do armário, em casa você é no armário?

Em casa eu sou no armário.

Onde mais você é no armário?

Em casa!

Somente?

No trabalho todo mundo sabe, na rua, assim... eu não preciso ficar me insinuando para ninguém, eu tenho um relacionamento muito tranquilo com todo mundo, eu não sou de chega e falar “eu sou gay”, eu sou natural, eu sou quem eu sou.

E se alguém te pergunta?

Depende da pessoa, eu sinto que têm medo de me perguntar, aí quando eu bebo, dou aquela bola fora, mas é difícil me perguntarem.

Você já negou para alguém?

Muito, neguei muito quando eu era mais novo, as minhas amigas tinham mania de me perguntar na época da escola, eu falava “não, imagina, que isso e tal”, e elas diziam “ah deve ser porque você foi criado pela sua avó né? Por isso você é mais educado”.

Por que será que achavam que você era gay?

Pelo meu jeitinho ali, pela minha organizaçãozinha, o cdfzinho...

E os outros meninos da sala?

Sempre tinha comentários na escola sobre veados, principalmente entre os meninos era comum um xingar o outro disso. Ninguém queria ser visto assim, e a coragem era mostrada através do jogo de bola, das lutinhas e outras demonstrações de... “macheza”. Eu sempre ficava no canto.

E os meninos da sala, costumavam te deixar em paz?

Costumavam sim me deixar em paz, eles nunca fizeram questão de entrar em concorrência comigo, eu era meio que ‘café-com-leite’

Pensando nessas coisas: você acha que é melhor ser hetero do que ser gay?

Eu acho que é bom você ser quem você é, eu sou gay mas tem muitas coisas, assim, de gay, que eu não gosto...

Que tipos de coisa?

Eu odeio transvestismo, é uma coisa que você nunca vai me ver, com um cabelo aqui, um salto aqui tomando um hormônio para criar peito, então essa é uma coisa que eu não curto, entendeu? Eu não gosto de show de drag queen, eu acho feio, eu não gosto de sair assim na rua e “ahahahah que não sei que tem” e se jogando, e fazendo essas coisas com as mãos, passar aquelas maquiagens assim, essas coisas eu não gosto, eu acho que eu sou feliz assim sendo como eu sou, acho que eu sou feliz porque eu fico com os caras que eu gosto, me relaciono com as pessoas que eu gosto, eu me abro com os meus amigos, e eu acho que é ruim ser gay porque eu não me abro com a minha família. Então quando alguém me pergunta isso eu digo que é bom a gente ser quem a gente é. Eu acho que quando parte daquele momento que você já não é quem você é, que você precisa vestir uma máscara, que você já não é muito feliz, então eu sou quem eu sou e sou feliz por isso, então no trabalho as pessoas me respeitam, eu acho que se eu não fosse tão respeitado eu não ia ser tão feliz, hoje eu me julgo feliz.

Certo, você estava falando sobre travestis, você disse que não gostaria disso para você, você tem amigos que você convive que são assim?

Não.

Não? Como é isso?

É que eu acho que é uma coisa que vem de mim, eu não posso mudar o que as outras pessoas pensam, o que as outras pessoas gostam, acho que são preferências não? Tem gente que quer se transformar numa mulher, e eu respeito muito isso, mas a atitude perto de mim... por exemplo, parada gay eu não gosto, eu acho que carnavalizar a parada gay foge do intuito que é a inserção do gay na sociedade, que é defender as ideias e tal, e eu acho que você ir numa parada gay, ficar lá dançando, rebolando de peruca e um salto dezesseis você não tá dizendo nada daquilo que é o intuito de uma

parada, entendeu, eu acho que foge completamente do contexto de uma parada e a pessoa em si perde um pouco da personalidade.

Então você não suporta muito esse “tipo” de pessoa?

Não é que eu não suporto, mas para conviver eu não me daria bem com uma travesti do lado.

Então você não tem amizade com travesti?

Não, não tenho, conheço algumas pessoas que se montam para chegar na boate, mas são todas pessoas de fora da cidade, que eu não me relaciono no dia-a-dia. Eu tenho um amigo, ele ama! Eu chego na casa dele e digo “o que é que você tem no olho? Tá com brilho?” “é, me maqueia?” daí eu digo “olha se eu te pegar montada a gente perde a amizade” (risos).

Será que perde?

Não, não perde, eu acho que não, mas eu acho tão impessoal, a pessoa perde tanto as suas características sei lá, eu gosto da pessoa limpa, assim sabe? Assim como você, como eu, como tantas outras pessoas.

E sapatão, lésbicas?

Adoro! Amo de paixão, todas que eu posso ajudar com outras amigas eu ajudo, eu me dou bem, todas elas gay também, é só essa parte assim, não gosto muito de travesti (risos).

Certo, mudando de assunto, você já fez sexo sendo ativo com outro homem?

Já.

Como foi essa descoberta de que você tinha vontade?

Na verdade eu não tinha vontade, eu tinha curiosidade, e com a pessoa me deu desejo de fazer ali na hora, porque eu na cama sou uma pessoa muito ali da hora, muito ali da pessoa, pode ser que eu saia hoje com a pessoa e ela diga “nossa ele é péssimo de cama” e outra não, outra diga “ele é muito bom” porque depende da pessoa, mas eu já fiz sexo ativo.

Como foi isso?

Me deu vontade, não foi nada que a gente combinou, ele virou para mim e eu peguei e fui (risos).

E hoje você tem alguma preferência?

Preferencialmente eu sou passivo.

E você fala isso para os caras?

Eu nunca falo e eles nunca me perguntam, eu acho que não tem necessidade de falar, se não der certo na hora H (risos).

Já não deu certo na hora H?

Já, a gente tava, eu e a pessoa lá na hora H e eu não tive a iniciativa de ser ativo e a pessoa também não a gente foi rolando, e os dois esperando que o outro tomasse a iniciativa, e acabou que um acabou fazendo sexo oral no outro.

Parece que alguns casais tem optado por isso sabia?

Sabia, e eu alego isso pela falta de ativos! (risos)

Entendo.

Com essa pessoa eu não tive vontade de ser ativo. Ai eu sou muito indefinido né? (risos)

Acho que isso é bom né?

É sim!

Mas me conte mais sobre as boates da cidade vizinha, como é ir até lá?

Adorava ir, hoje em dia não é uma coisa que eu tenho tanta vontade, é mais quando quero ir beber, curtir e beijar muito.

Lá é tranquilo?

Sempre, nunca fui e fiquei sem beijar, pelo menos uns quatro (risos).

Quais boates você já foi?

Em todas, mas eu gosto da “Britney”.

Por que?

Ah, não sei, acho que lá as pessoas são tão mais simples, e eu gosto de pessoas assim, eu sei que eu pareço ser mais sofisticado, mas eu não gosto muito de outras pessoas sofisticadas assim, pessoas forçadas sabe? Eu sou assim mas é por natureza mesmo.

Você quer dizer bem vestido?

Claro. Eu gosto de pessoas que vão pela natureza, e lá (na boate Britney) as pessoas gostam de rir, eu gosto que me contam as histórias que já passaram, eu gosto de conversar, e lá eu converso muito com as pessoas, não é só esse negócio de beijar e ficar e acabou, a gente conversa um pouco. Tem algumas travestis que contam umas histórias e tal, uma vez uma ficou me alugando duas horas contando que ela tentou se matar (risos).

E com ela você conviveu bem? Com essa travesti?

Ah é que foi uma coisa ali de duas horas, eu tava bêbado, e quando eu bebo desce a profecia do conselho em mim, você não tem noção. Mas falando de boate, eu gosto das outras também.

Como você faz para ir até lá?

Vou de moto com meu amigo, nós vamos e voltamos de moto, quando tem algum amigo que tem carro a gente vai junto também, tem um pessoal de outra cidade pequena aqui perto que sempre vai de carro e me liga, já passa aqui e me pega, inclusive esse cara que eu aceitei em namoro.

É, você tá namorando.

Eu tô, mas o carinha daqui quer conversar comigo hoje.

Desde quando você está namorando?

Faz dois meses.

E lá você disse que é tudo tranquilo, pode sentar, pode ter os trejeitos...

Isso.

E você já foi muitas vezes para a casa dele?

Ah, umas cinco, seis vezes.

E o sexo com ele, como é?

Maravilhoso!

Ah, então ele topa ser mais ativo.

É mais ativo.

Você acha que ele tem trejeitos gays?

Tem.

E o carinha daqui, como ficou nestes dois meses?

A gente ta naquela fase que ele ta sentindo a minha falta e eu tô sentindo a falta dele. E vocês não ficaram nenhuma vez nestes dois meses?

Não.

Por que mesmo que vocês pararam de ficar?

Ah, porque ele se liga muito à algumas coisas que eu não tô procurando mais, eu vou ser bem sincero com você Renato, eu gosto de sair as vezes e fumar um cigarro, eu gosto mesmo, amo um cigarro, e ele tá numa turminha assim que não são todos da mesma idade, são todos mais velhos, pessoas que tem amizade comigo mas... eu não faço questão de manter uma aparência, e eu gosto de ser natural, e pra mim é super natural eu sacar o meu cigarro e começar a fumar ali na roda, e ele gosta, ele ama isso também, ele é um tigre preso, uma coisa, uma pessoa muito presa, acho que é normal por causa da idade, eu não, eu faço tudo que eu quero, na hora que me dá vontade, sem perguntar para ninguém, sem me preocupar, e a turminha “ai eu não gosto de quem fuma perto de mim”. Inclusive a gente teve uma certa situação a semana passada que eu comecei a fumar o meu cigarro no meio da roda, e eu não sou fumante, não me considero fumante, daí veio o “ai não gosto de quem fuma” e eu “não devo nada para ninguém nessa roda”(risos) Aí eu olhei para ele e disse “quer?” ele tava com uma cara, daí eu disse “e você? Deve alguma coisa para alguém dessa roda?” daí todo mundo ficou olhando e pensando “que menino insuportável”. Porque eu falo, eu tenho uma característica muito boa em mim, que é a sinceridade, eu sou muito sincero, não me pergunte antes se a roupa tá boa, porque eu vou ser muito sincero (risos).

Entendi, então me fale mais sobre ficar com pessoas sofisticadas, ele te vê como sofisticado, você já pegou uma pessoa “sofisticada”?

Já!

Como que é isso?

Não gostei muito (risos), talvez porque era mais sofisticado do que eu, muito “nhenhém”, fomos para o motel e aí começou a falar muito de umas coisas que eu não dou bola, “ai não sei que da Louis Viton” começou a falar de marca e tal, era uma pessoa da cidade vizinha que veio aqui me buscar pra gente sair, para mim foi uma tortura a única coisa legal que ele fez por mim foi me ensinar a comer de palitinho (risos) acho que eu não me encanto, eu sou muito mais um pão com ovo, um fazendeiro (risos)

E as pessoas sofisticadas? Como são?

Eu não vejo pessoas sofisticadas aqui (risos) eu vejo bixa querendo ser o que não é (risos) mas aqui? O que eu acho?

É.

Ah sei lá, eu gosto de todo mundo, eu procuro ter um relacionamento bom com todo mundo, mas assim, não é a mesma imagem que as pessoas tem de mim, entendeu? Porque eu não sou aquele tipo de pessoa que vai ficar te agrando para tentar conseguir alguma coisa entendeu? Vem aquele cara gay mais rico, dono de agência de modelo e fica todo mundo lambendo ele para entrar de graça em festa, pra desfilas, pra ganhar e isso não é pra mim, não vejo como uma coisa legal, acho que foge, eu acho muito legal pessoas assim como você, que tem um trabalho, que a meu ver eu vejo que assim... que é do bem, uma pessoa legal, que eu vejo que tem amizades legais, eu gosto disso... você nunca vai me ver naquela roda gay dançando, uma querendo bater mais cabelo que a outra eu acho que não é legal... nada contra.

E “heteros” sofisticados?

Gosto também.

O armário deles que parece ser bem diferente... eu vi muito isso na outra pesquisa, sobre homens que se dizem heteros mas ficam com gays, principalmente esses mais sofisticados, ou seja, com grana... você vê isso?

Ah sim, tem muito, é natural, é a mesma coisa, o termo sofisticado que eu usei não é necessariamente para aparência, eu gosto de pessoas sofisticadas assim... que tem um estilo intelectual, eu gosto muito Renato, de conviver com pessoas que são mais inteligentes que eu, eu gosto muito de extrair coisas positivas de outras pessoas...

Não apenas uma bolsa Louis Viton...

Não, não, nada de coisas que vão acrescentar na minha vida coisas que fogem da minha realidade atual, mesmo se um dia eu ficar rico eu não vou comprar uma blusa de mil reais, e sei lá, pra mim isso é sofisticado, não é só uma coisa financeira, é uma aparência assim... diferente...

E quanto pesa o financeiro e a aparência na hora da paquera?

Para mim?

Para você e para as pessoas...

Para mim nada, eu adoro um “pão com ovo”, claro que eu não gosto de uma pessoa que tenha a aparência suja né? Agora, pras outras pessoas, acho que a maioria olha pro financeiro hoje em dia né? Todo mundo ai sucumbindo pelo interesse e tal, acho que isso parte muito da cidade que é pequena, das pessoas darem valor a coisas que não tem necessidade, que aqui, de alguma forma sempre tem um querendo se aparecer mais do que o outro... então, eu já fiz parte disso, eu não posso negar.

Como era fazer parte disso?

Eu mudei muito, eu achava que a eu tinha que ter uma resposta pra tudo, eu não acho mais isso, eu achava que eu tinha que estar sempre bem aparentemente, hoje eu sou, eu visto o que eu tenho, eu sou tranquilo a respeito disso, gosto de me vestir bem, isso é visível, mas também não é uma coisa que eu me ligue mais, eu não posso comprar roupas de marca, eu visto o que eu posso, eu faço tudo de acordo com o que eu posso hoje, já me extrapolei muito, já me endividei demais por conta de querer estar sempre bem, já passei por fases muito complicadas a respeito de estereótipo, porque eu vi assim: que eu estava em um meio de pessoas que eram bem mais desenvolvidas a nível financeiro do que eu, eu saia muito pra fora e eu vi que eu não podia acompanhar o mesmo ritmo que eles, eles gastavam muito e eu não trabalhava, dependia da minha avó, e eu sempre queria estar bem vestido, queria dinheiro para sair, hoje em dia eu consigo isso porque eu trabalho, entendeu? Então se eu acabo com todo meu dinheiro ta tudo bem, eu não vou ficar com a consciência pesada depois, agora, quando eu dependia do dinheiro da minha avó foi uma época errada, e eu estava envolvido com pessoas que

tinham muito dinheiro, que não eram daqui, e... vi que isso não era importante, que era conversa sem fundamento, era tipo, passa alguém e você faz isso aqui (imita alguém olhando uma pessoa de cima a baixo) os olhares sempre me incomodaram. E até então fazia parte daquilo, era a minha identidade, entendeu? Eu fui vendo que tinham coisas sem fundamento... eu fiquei dependente de cocaína, por dois meses (risos) foi muito engraçado, eu rio hoje falando.

Hoje você não cheira mais?

Não.

Como foi parar?

Eu me endividei com isso, por causa disso, de tudo, porque pensa: é a droga mais cara e eu sempre tinha que estar bem vestido, eu sempre saía nos melhores lugares na cidade vizinha, amo lá, e é assim, você gasta muito, e eu não trabalhava, torrava todo dinheiro da minha avó, desfalquei minha avó no banco, isso foi uma coisa muito errada.

E ela como ficou?

Ela me deu muita força, ela nunca soube das drogas, ninguém nunca soube a não ser você, claro já teve pessoas que viram...

E como você fez?

Eu vi que eu tava sendo uma pessoa que eu não era, eu tava perto de pessoas que não me faziam bem, eram pessoas reparadeiras que tinham dinheiro.

Como você as conheceu?

Indo para lá, conheci na boate (boate gay de uma terceira cidade).

Eram meninos ou meninas?

Meninos e meninas, sapatões e gays (risos) e o pessoal sempre me chamava pra ir lá e tal, e eu sempre ia, me afastei muito de umas pessoas daqui, eu ia pra lá pra sair, pra usar droga, pra me divertir e pra beber... eu não tive vida por dois meses.

Eles usavam?

Demais, demais, foram eles que me ofereceram.

Hoje você não vai mais pra lá?

Vou pouco, com o tempo eu fui me impondo, acho que com o tempo a gente só vai melhorando, só vai aprendendo, mas foi tudo muito bom pra mim, porque se eu não tivesse passado por tudo isso hoje talvez eu seria a mesma coisa, aprendi bastante, aprendi muito.

Então você teve essa fase...

Eu tive, eu acho que todo mundo teve essa fase igual, eu acho...

Foi há dois anos, há um ano?

Foi há um ano e pouco.

E hoje só bebida?

É, as vezes eu exagero um pouco (risos) eu sempre peço pelo excesso (risos).

E hoje, se fosse para pensar em gay, hetero, tal, você gosta de se definir? Tem como se definir?

Eu sou homossexual.

E a amizade que você tem com esse namorado, que você tem com esse garoto mais novo? Como é? Com o mais novo você não chamou de namoro...

Então, com o meu namorado, ele me entregou as alianças lá na cidade dele, e gravou o nome dele, e colocou a data que a gente se conheceu, há dois meses atrás, e é isso...

Mas é uma dinâmica mais aberta? Que hoje te permite ir conversar com o menino mais novo?

Ele não concorda muito com isso não (risos).

Você já ficou com alguém depois que começaram a namorar?

Não.

Entendi... Porque com o menino mais novo você ficava com outras pessoas...

É, mas depois que eu o conheci eu passei a ficar muito menos, entendeu? Passei, nossa, a quase nada, e quando eu ficava era pra fazer ciúmes pra ele, entendeu?

Sim. Você esta gostando de namorar?

Não.

Por quê?

Acho que porque eu não gosto dele como eu deveria, porque ele é uma pessoa que me dá muito amor, muito afeto, fala que me ama toda hora e chega a ser sufocante, e eu gostaria muito de ouvir isso, mas de alguém que eu sentisse a mesma coisa, e eu não estou sentindo isso por ele agora entendeu? Eu ainda sinto pelo menino mais novo, e ele tem me ligado depois que eu me afastei, me ligou ontem, me mandou uma mensagem dizendo “tô olhando a lua” porque eu amo olhar a lua, eu abro a janela do meu quarto só pra ver a lua, “e eu tô olhando a lua agora e comecei a lembrar dos nossos momentos juntos, sei que você gosta de observar ela” aí mexeu muito comigo isso, porque a gente passou tantos momentos juntos, tem minuciosidades que ficam né? Quando eu faço

brigadeiro eu lembro muito dele, aí ele pegou e me ligou “olha eu preciso conversar sério com você, hoje” eu disse “tá bom”, ele ficou de me ligar, não ligou ainda não.

Como é com a família do menino mais novo?

Nossa, completamente fechada, a mãe dele é uma pessoa extremamente preconceituosa, inclusive com ele.

Mas ela não tem um irmão gay?

Tem, mas com o irmão ela não liga, quando os dois discutem ela diz “ele é meu irmão, você é meu filho”.

Entendi... bom acho que por hoje é só, obrigado pela sua ajuda.

Ah eu gostei muito, isso foi bom porque me ajuda a organizar os fatos, eu pretendo escrever um livro, e eu preciso me organizar.

8.2- ENTREVISTA MARCELO

Pesquisador – Renato

Entrevistado – Marcelo

P- Comece me dizendo onde você nasceu.

E- Eu nasci em ... (uma cidade vizinha de Santana, com cem mil habitantes) e morei lá até os 15 anos. Aos três anos meus pais se separaram e eu fiquei morando só com a minha mãe.

P- Você tem irmãos? Irmãs?

E- Eu tenho três irmãs, uma mais velha de 20 anos, uma de 19 e outra de 12 anos. Eu e minha irmã mais velha somos do primeiro casamento e as outras duas do segundo. Com 13 anos minha mãe veio morar em Santana, e eu não queria vir para cá, cresci lá né? Estudei lá, ia no clube...

P- E você ficou lá?

E- Isso, fui morar com o meu pai.

P- Moravam só vocês dois?

E- Só, eu estudava de dia e ia na natação a noite.

P- E como era seu relacionamento com seu pai?

E- Acho que era normal... só... uma coisa meio ausente, ele trabalhava, eu estudava, ele chegava eu tava na natação, as vezes eu chegava e ele tava dormindo, ou tinha saído, entendeu? Mas a gente sempre conversava.

P- Por que você decidiu vir para cá então?

E- Porque meu pai trabalha fora, quinze dias na cidade, quinze dias fora, ae sei lá, fui me sentindo sozinho, ae eu saí e fiquei só estudando, daí eu disse 'não dá, quero morar com a minha mãe'.

P- Você conhecia bem Santana?

E- Conhecia, eu vinha todo fim de semana para cá.

P- Você tinha amizades aqui?

E- Antes da minha mãe vir eu já vinha muito aqui, passava férias aqui com a minha vó, fiquei conhecendo um pessoal, não como lá, mas tinha, entendeu?

P- Então você veio para não se sentir sozinho?

E- è.

P- Entendi, me fale agora dos meninos, você beija meninos não é isso?

E- Sim.

P- E como isso apareceu para você, como você começou a perceber que tinha essa vontade?

E- Acho que desde criança, aquela coisa de primo.

P- Você também? Que coisa, todo mundo que eu converso me fala sobre as descobertas com primos. Ele era mais velho?

E- Era sim, um ano.

P- Foi seu primeiro caso?

E- Foi.

P- E como foi isso?

E- Ah, acho que foi brincando, de esconde-esconde, a gente se escondia e beijava, passava a mão, aquela coisa de criança.

P- Engraçado, eu acho que não vivi isso porque era o mais velho, muito mais velho que todos os meus primos. Meu primeiro primo nasceu eu já tinha oito anos. Mas falando de você, onde você tinha essas brincadeiras com seu primo?

E- No quarto, no quintal... às vezes era na piscina.

P- Partia mais de você ou dele essas brincadeiras?

E- Não lembro, acho que era dos dois... o irmão dele também brincava comigo, eram os dois.

P- Ah é? Ele tinha que idade?

E- Uns três anos a mais que eu.

P- Vocês brincavam juntos?

E- Não, era separado, acho que eles nem falavam sobre isso. Um não sabia do outro, entendeu? Eu gostava mais do mais do mais velho, porque o mais novo, como eu posso te dizer... ele já dava mais na cara ser gay, desde pequeno, e o outro já era mais discreto, mais jeito de homem..

P- E hoje como eles estão?

E- O mais novo é gay assumido, e o mais velho é casado, tem um filho.

P- Vocês nunca tocaram no assunto, depois que passou?

E- Não. Era coisa só de criança, e hoje nem brincamos mais.

P- E como eram essas brincadeiras? Você tanto dava quanto comia os dois?

E- Ah, acho que era dos dois lados.

P- O mais velho dava para você?

E- O mais velho?

P- É.

E- Não, o mais velho não... E eu não tive só meus primos, eu tive amigos também.

P- Ah é? Como foi com esses amigos?

E- Esses da infância?

P-É.

E- Ah era vizinho, que a gente ia na casa, até teve uma vez que a gente tava brincando de esconde-esconde e tinha um portão na minha casa com interfone e um espaço, e a gente foi esconder ali e começamos... mas o portão era aberto embaixo, estava meio escuro e a minha mãe veio, e viu, e foi um choque, eu tinha um seis anos, corri dali e escondi embaixo da cama.

P- E a reação da sua mãe?

E- Ela chegou e falou “o que é isso?” daí eu corri e ela correu atrás pra me bater, acho que por causa do trauma, sei lá, aí eu fiquei escondido e depois de um tempo, não me lembro, acho que minha tia me achou, mas não aconteceu nada.

P- Você teve experiências bem cedo, mas e quando a ficha veio a cair de que você gostava mesmo de meninos?

E- Acho que foi cair a ficha, mesmo para mim, com uns dez ou doze anos.

P- E como foi isso, você ficou preocupado?

E- Bastante! Eu pensava muito na família, principalmente no meu pai.

P- Havia comentários na família de que você poderia ser gay?

E- Na família não.

P- E na escola?

E- Acho que na escola saia sim.

P-E você já contou para seus pais?

E- Não, eles não sabem. Até hoje.

P- Já lhe cobraram alguma coisa? Já cobraram de você namorar?

E- Eu já namorei com mulher.

P- Você gostou?

E- Assim, foi bom em termos de companheirismo, de você não se sentir sozinho, mas assim, em termos de você sentir atração não, acho que não é a mesma coisa que eu sinto por homem, e assim, quando eu morava com meu pai, por eu ser caseiro, ele cobrava “mas você não sai”, mas era só isso, porque eu não sou baladeiro. Mas só isso.

P- E você acha que pode se chamar de gay?

E- Sim, isso é bem claro, não tem como fugir daquilo, do que é empregado no seu perfil, só que assim, eu... não passa na minha cabeça me assumir, eu acho que não teria precisão para isso agora, eu vou precisar um dia contar, mas no momento não me passa pela cabeça assumir.

P- E quem sabe que você beija meninos?

E- Ah... tem uma uma amiga, tem um amigo também...

P- São poucas pessoas?

E- Poucas.

P- E alguém comenta, ou comentava quando você era mais novo, sobre você ser gay?

E- Eu sempre tive amigos na nataçao, nunca tive trejeitos, então comigo ninguém mexia. Claro que sempre alguém brincava com outro de chamar de bicha, viadinho, tal, eu brincava também, nem sabia se eu era ‘aquilo’ e no começo não me preocupava. Quando muita gente começou a beijar eu beije também. E assim foi, eu que não ia falar que era “gay”, acho que o pessoal sempre soube, mas ninguém comentava.

P- Por isso você ficou assustado quando eu lhe convidei para participar da pesquisa?

E- É foi por isso, e também aqui... será que ainda vai chegar no assunto ou eu já posso falar?

P- Fale agora! Sem problemas.

E- Aqui eu já sai com bastante meninos, com homens casados.

P- Pois é, então tem mais gente sabendo...

E- É. Mas um homem casado por exemplo, ele não vai falar nada, ele tem a família dele, e eu acho que se for colocado pra todo mundo ver quem vai perder é a pessoa.

P- E como é esse contato com esses homens casados? Como você os conhece?

E- O Sebastião trabalhava aqui perto, e eu trabalhava na loja lá no centro, segundo ele, me olhava todos os dias quando passava lá na frente, olhava pra mim e eu não olhava.

P- Faz uma pausa aí. Me diz uma coisa: como que esse cara passava por lá e te via, e eu também passava e via, e quando você me adicionou no Facebook eu sabia que poderia te convidar para esta pesquisa, isso é, como eu já sabia que você beijava meninos? O que tem aí?

E- Como assim?

P- Como o cara pôde te identificar, assim como eu?

E- É, estrela conhece estrela!

P- Eu acho que sim, já ouvi muito isso, o que você acha?

E- Sim, eu acho que sim. Eu percebi que você percebeu alguma coisa, se identificou, porque você falou comigo e eu pensei 'ah ele é gay e deve ter percebido alguma coisa'.

P- Pois é, existem alguns indícios né?

E - Sim, mas, no caso dele, é.. sei lá, por ele ser uma pessoa mais velha ele já não chama atenção, se você olha ele na rua você não diz que ele é gay.

P- Pois é, quantas pessoas por aí são assim né?

E- É sim... já você, a primeira vez que vi, foi em uma foto do ano novo, no Facebook, tinha alguns amigos seus que eu sabia que eram gays, aí se eu não visse você com eles, eu não iria achar que você é gay... de vista.

P- Ah sim, porque basta ouvir a minha voz!(risos)

E- É (risos)

P- Acho que eu te identifiquei pelos seus cabelos sempre bem cuidados, pelas suas roupas estilizadas... você se considera uma pessoa bem arrumada?

E- Sim, de bom gosto.

P-Pois é, homens mais machistas aqui na cidade não usariam essa camisa com golinha pink.

E- (risos) o loco!

P- Mas enfim, voltando ao Sebastião, ele passava e te olhava lá na loja e como chegou em você?

E - Ele ligou na loja, pediu para falar comigo, disse que era um cliente.

P- Ele já sabia seu nome?

E- Acho que não, porque ele ligou e disse assim ‘deixa eu falar com o moço’, ‘O Marcelo?’ e só tinha eu de homem, aí a minha gerente na minha frente e ele falando comigo, ‘Oi tudo bem, eu sou um admirador seu, pela minha voz você tá percebendo que eu sou um cara bem mais maduro que você, eu te achei um cara muito interessante, eu queria trocar uma conversa com você, será que a gente poderia marcar alguma coisa essa noite?’ E eu fui na casa dele naquele mesmo dia, a esposa estava viajando, aí eu não conseguia falar nada na hora do telefone, a voz não saía, aí eu disfarcei e disse assim ‘olha eu estou meio ocupado aqui, me passa o seu telefone, que depois eu te ligo’. Aí na hora do meu almoço eu liguei, ele perguntou se eu tinha disponibilidade pra sair com ele aquele dia, mas eu falei que não tinha... e ele insistindo, aí eu falei assim ‘depois eu te ligo’, ele disse que passava direto lá pra me ver, disse qual o carro dele, e foi me dando curiosidade, almocei rápido e vim para a praça, sentei, era meio dia e meia, aí ele acabou me convencendo a sair com ele aquele dia, depois do trabalho eu fui em casa, tomei banho e fui para a praça, aí ele apareceu, de calça jeans e uma blusa preta, aí a hora que ele veio deu aquele ar de estranhamento, e acho até que eu não senti atração mesmo, e nesse dia a gente foi para a casa dele, tomou cerveja, aí rolou, depois de muita conversa, ele parece um psicólogo conversando!

P- E como é um psicólogo conversando?

E- Ele buscava, ele estava me entrevistando, ele perguntou de mim, perguntou do meu ex Alexandre. Ele jogava as coisas para mim responder, pegava na resposta que eu dava pra ele o que ele queria de fato, assim, meio que jogava verde.

P- O que ele dizia?

E- Ele falava que achava muito bonita a minha amizade com o Alexandre, porque eu andava muito com o Alexandre, ele disse que era muito bonita a nossa amizade, que ele conhecia a família do Alexandre, que eles eram gente muito boa, então ele já me procurou porque ele já sabia, entendeu? Ele já tinha sacado, não sei explicar, foi isso que ele falou, ele disse que passava em frente o meu trabalho, olhava pra mim e eu não olhava pra ele, que eu tinha chamado atenção dele. Mas será que na verdade eu não chamei atenção dele porque andava muito com o Alexandre e ele achou aquilo bonito?

P- Pode ser, acho que esses caras casados, no armário, tem muita vontade de ter uma amizade como a sua e a do Alexandre.

E- Pois é, ele tinha duas filhas, e então, esse dia que eu fui na casa dele eu dormi com ele na cama dele, na hora que eu acordei era cinco da manhã! Mas... eu me arrependo.

P- Por quê?

E- Porque eu acho que... sei lá, foi muito depravado, acho que eu fui por um impulso, pela cerveja, porque antes, quando eu o vi, eu não senti nada, entendeu? Ele eu percebi que curtiu, ele me ligava muito, mandava presente no meu trabalho.

P- Em relação ao sexo, ele foi ativo?

E- Sim, ele foi ativo. No outro dia eu fui na casa dele, e eu já tinha falado o que eu gostava para comer, eu fazia academia, cheguei, tomei banho e fui direto pra casa dele, chegou lá ele perguntou se eu queria tomar banho e por uma roupa dele, enquanto eu fiz isso ele preparou um balde com gelo e champanhe aí ele queria de tudo quanto é jeito, mas dessa vez não rolou nada não, a gente só beijou, ele perguntou se eu queria beber, eu não bebi, só suco, aí eu fui embora, ele não queria que eu fosse embora, queria que eu dormisse lá, mas eu não dormi.

P- Por que será que você foi mudando de ideia?

E- Porque eu não sentia atração por ele, não despertou alguma coisa para que isso pudesse acontecer, aí não rolou, não foi, eu não quis, eu estava sem graça de falar não, mas assim...eu me senti sem graça, tipo assim: fui da primeira vez: de repente ele pensar que eu fui da primeira vez e por que que não foi a segunda vez? Não sei te falar...E neste dia ele comentou que ia fazer aniversário, uns dias depois disso, e perguntou o que eu ia dar de presente pra ele, eu perguntei se era sério e ele disse que era verdade, aí passou uns dias, uma semana mais ou menos, e a gente não tinha se visto, ele me ligava, ele queria me ver, e eu sempre dava uma desculpa, aí um dia antes do aniversário dele, como eu não gostava dele, em termos de ter alguma coisa, só de amizade, eu fui um dia antes e dei um presente, pra não ter que passar o dia com ele, a mulher dele ainda não tinha voltado, estava em outra cidade cuidando do pai e da mãe, ficou um tempo lá.

P- E as filhas dele?

E- Eram pequenas, foram junto, o contato que eu tive com ele foi uma coisa muito rápida, entendeu? Acho que eu consegui, eu fiz não durar muito tempo, e isso tudo durou em torno de um mês, um mês e meio, entendeu, e eu não perguntava muito sobre ele ou a família, ele me mostrava foto, falava sobre elas, mas eu nunca perguntava, aí, depois disso, a ultima vez que a gente saiu, foi num sábado a noite, que a gente foi numa churrascaria bem cara da região e depois a gente foi para um hotel, e eu não queria ir no hotel, eu falava 'vamo embora eu tenho vergonha, sei lá', e ele falava 'não, fica sossegado, eu ou falar que você é meu filho Celo' ele me chamava de 'Celo', por fim eu ia falar 'não vamo embora!' acho que eu não tinha coragem de falar isso, aí por fim a gente entrou nesse hotel, na recepção eu fiquei só no canto, nos entramos no quarto e ficamos conversando lá, ele queria tomar banho e perguntou se eu queria tomar banho com ele, eu falei que não, fiquei na cama assistindo televisão, aí ele voltou, tinha duas camas, uma de casal e outra de solteiro, eu deitado na cama de solteiro, aí ele voltou e ficava falando assim 'deita aqui comigo Celo', aí eu deitei com ele normal, aí ele disse 'vamos fazer alguma coisa? Você tá a fim?' eu disse 'não' aí eu não fiz nada com ele, ele insistiu muito, só que eu não quis, daí a gente dormiu cada um no seu canto, normal, aí eu acordei no outro dia, descemos pra tomar café, era umas 7 horas, bem cedinho, aí ele quis que eu abrisse o Facebook pra ele ver.

P- O que ele queria ver no seu Facebook?

E- Não sei, acho que ele queria ver foto, eu abri, ele olhou, aí ele insistiu de novo para transar, eu não quis, nós arrumamos as coisas e fomos embora, ia ter um churrasco na casa dele, ele perguntou se eu queria ir, eu disse que não, depois

disso a gente só teve contato por telefone, isso quando eu atendia as ligações dele, aí um dia na padaria, foi o primeiro dia que eu vi as filhas dele, eu estava na padaria e ele apareceu lá, com as duas filhas dele, duas meninas, aí ele falou assim, ele nem conseguiu ser discreto ‘vai lá em casa hoje tá? Você promete que você vai? Você promete?’, daí eu lembro que eu não falei que ia, eu falei assim: ‘talvez eu vou’, alguma coisa pra não dar esperança nele de que eu ia, aí eu lembro que no mesmo dia eu fiz uma carta, fui trabalhar e levei a carta, e no outro dia entreguei a carta pra ele, na hora que eu saí do trabalho, fui na academia, na hora que eu saí liguei para ele e falei que ia passar na casa dele, mas que não era para ele sair lá fora, que as 21:30 era pra ele olhar na caixa de correio que ia ter uma coisa pra ele, que ia ter uma carta. E eu coloquei na carta que eu preferia ser sincero, sei lá, que eu não estava a fim, que era besteira o que eu tinha feito, para ele esquecer, e por um ponto final, entendeu? Aí depois disso ele me ligou ainda, mas era raro as vezes que ele me ligava, mas de um tempo pra cá nem tenho tido mais contato, acho que ele até trocou de telefone, ou caiu a ficha dele que...

P- De que da sua parte não iria mais rolar?

E- É, estivemos juntos três vezes e só rolou da primeira.

P- Mas ele nunca se declarou verbalmente para você?

E- Sim, sempre, apaixonado, chorava... Mas eu não ia enganar ele, por isso mandei a carta e estamos longe hoje.

P- Qual a idade dele?

E- Trinta e seis anos. Mas foi só isso. Também teve um outro cara, tive contato com ele umas duas vezes, ele trabalho num banco, mas assim, nada que seja sério.

P- Ah esse do banco é fácil de saber quem é, todo mundo comenta, é o Luís não é? (um jovem de 27 anos solteiro, bancário, não declaradamente gay mas que saí com muitos garotos mais novos).

E- É foi ele sim! (risos) Mas foi só duas vezes, rolou química, mas não rolou o desejo de correr atrás, é uma coisa para de vez enquando.

P- E como foi a abordagem de vocês?

E- Pelo Facebook. Ele colocou uma postagem, eu curti, aí ele me chamou no bate papo e falou assim ‘legal o negócio lá né?’ eu disse ‘legal’ ae ele começou ‘você é sistemático ou é impressão minha? Você é muito fechado’ eu disse que não que eu era simpático, ele disse que sempre me encontrava pela rua e eu nem olhava, daí eu disse que eu não via, aí ele começou a perguntar se eu estava namorando, eu disse que não, que não tinha ninguém interessante na cidade para mim, ae ele disse ‘olha que tem hein, você só tem que saber enxergar’ começou a jogar indiretas: ‘to só de cueca aqui na cama’ aí percebi que ele queria mesmo quando falou assim ‘nossa, tô com uma vontade de sair mas não sei pra onde eu vou’ aí eu disse ‘vamô numa praça?’ claro que eu não queria ir numa praça com ele dae ele disse assim ‘não, eu não gosto de praça, mas se você quiser eu te levo num lugar bem legal’ aí rolou, aí foi (risos).

P- Esse cara, o Luiz, é um tipo de armário interessante, ele não é um gay assumido, inclusive há seis meses ele terminou um namoro com uma conhecida minha.

E- Segundo ele, ele gosta dos dois, só que eu vejo nele um lado mais gay, eu acho que ele gosta muito mais de homem do que mulher, eu acho.

P- Entendi, você falou do Facebook, você usa muito a internet para encontrar pessoas?

E- Pra quem é tímido a internet é uma ótima ferramenta, pra quem é tímido acho que ajuda muito.

P-Você já pegou muita gente pelo Facebook?

E- Já sim, inclusive mulher também, daqui e de outras cidades.

P- Hoje você ainda beija meninas?

E- Olha é raro eu sentir alguma coisa por menina, no ultimo feriado eu fui em um aniversário, tinha sempre uma mulher que me olhava na rua, ela tem uns 40 anos, toda enxuta, daí ela quis por que quis ficar comigo, queria que eu bebesse para mim ir pra casa dela, e ela olhava pra mim, piscava, e o marido dela não estava na festa, daí eu comentei com uma amiga e disse ‘ó você não desgruda de mim e fala que quer que eu te levo embora porque a fulana quer sair comigo e não rola’ na hora minha amiga não acreditou, porque aquela pessoa, daquela idade queria sair comigo, eu fiquei assustado.

P- Mas ela é poucos anos mais velha que o cara...

E- Pois é, eu já beijei mulheres de quarenta e poucos anos, a pessoa era bonita, me chamou atenção, eu não sei te explicar.

P- Sua mãe não sabe que você beija meninos?

Entrevistado: Não sei se sabe, não deixo muitos indícios, mas eu nunca falei nada para ela, nem ela nunca me perguntou. Talvez um perfil do gay é se assumir cedo para os pais, pra sociedade, que ele é gay, só que sei lá, eu não... eu falo que é um rótulo padrão por ser a maioria, mas eu não me sentiria bem... não, eu não sei se me sentiria bem, em me assumir, mas eu acho que é um pouco de medo, eu acho que não me passa pela cabeça em momento algum em me assumir, falo isso em relação a minha família... eu acho que é uma coisa muito íntima sua, eu acho que você não tem que mostrar, acho que isso é uma coisa pra ser dividida a dois, um parceiro, um amigo, sei lá, a sua família, se você sentir vontade de contar...não sei, eu não me sinto, sei lá... acho que não tem precisão da sociedade ficar sabendo da minha particularidade, do meu sexo.

P- E no trabalho como era?

E- Tinha muitas mulheres que me excitavam, passavam a mão, assim, você conhece a Carminha?

P- Talvez de vista, não estou lembrado.

E- Então, ela trabalhou comigo, eu contei para ela, e ela, assim, me agradeceu eu ter confiado nela, ela falou que não imaginava, no dia eu falei ‘vou te contar uma coisa e você não pode contar para ninguém’ e ela respondeu ‘já sei, você ficou com a ex gerente daqui né?’ e eu disse ‘vixi, não, nada a ver’ aí eu contei pra ela e ela disse ‘Não acredito! Eu já desconfiei uma vez, mas tirei da cabeça’.

P-É algumas pessoas conseguem identificar, outras não.

E- No caso do Luiz por exemplo, muitas pessoas me falam que ele é gay, sei lá...

P- Talvez uma coisa que ajuda a identificar é que os caras no armário começam a fugir um pouco das mulheres.

E- Você acha que seja isso?

P- Eu acho, o Luiz é um cara que não tem jeito de gay.

E- Você acha que ele não tem jeito?!

P-Eu acho que não, eu acho que o povo sabe que ele fica com meninos porque ele já ficou com muitos aqui na cidade. Por isso. Mas é minha teoria, não tenho certeza.

E- Eu acho que eu talvez eu tenha me envolvido com esse lado gay porque quando eu morava fora daqui, com meu pai, eu fazia nataçãõ, e eu me apaixonei por um menino.

P-E como foi isso?

E- Não rolou nada entre nós, porque ele era hetero, mas eu contei para ele, ele era meu melhor amigo, de ir um na casa do outro.

P- Que idade você tinha?

E- Uns 12 pra 13 anos. Quando eu falei pra ele que eu era a fim ele disse pra mim que não tinha nada contra, ele tava namorando uma menina, ele perguntou se eu queria que ele me tratasse diferente, porque a gente se dava super bem, saímos juntos, quando um não tinha dinheiro o outro pagava, coisa de melhor amigo mesmo, depois que eu contei isso pra ele eu acho que a amizade foi até melhor ainda, ele disse que não tinha nada contra mas que se eu quisesse ele me trataria diferente.

P- E o que seria esse diferente?

E- Não sei, mas até hoje eu sei, porque depois que ele perguntou isso e eu disse que não, ele me tratou melhor, como eu posso dizer, nas viagens de nataçãõ pra fora, que era direto, a gente sempre sentava junto, ele me falava que eu era bonito, ele falava que não era um elogio, que era verdade, mandava mais de três mensagens no meu aniversário, me mandava a primeira, me mandava a segunda dizendo que já tinha dado os parabéns, mas que eu era um cara muito especial, e hoje eu me arrependo amargamente, porque se eu pudesse voltar atrás, eu acho que talvez eu poderia ter tido a chance de ficar com ele.

P- Mas você não tem contato com ele?

E- Eu tenho, mas ele está em outra cidade.

P- Aqui do lado! Você não costuma vê-lo?

E- Então a gente combinou de se encontrar para se rever como amigos em um show que teve lá, só que não deu pra ver ele, estava muito cheio, e eu tinha deixado o celular no carro.

P-E ele está namorando?

E- Sim, esta namorando a mesma menina há mais de um ano, a moça também era da natação. E até então, tudo da vida dele ele contava para mim, antes de namorar me contou que estava apaixonado por ela, perguntou sobre como chegar nela, mas mesmo eu gostando dele eu dava os melhores conselhos possíveis, eu ajudava muito, eu nunca fiz nada para os dois não darem certo, mesmo eu sofrendo por aquilo, eu procurava sempre ajudar ele, dava conselho, ele me ligava... Mas nas viagens era só eu e ele.

P- Entendi.

E- Tem um primo que eu esqueci de contar, ele é de Minas.

P- Esse é assumido?

E- Não, não, ele tem namorada, ele diz que é bissexual.

P- Vocês transaram?

E- Sim.

P- Você tem preferência por ser ativo ou passivo?

E- Não, gosto dos dois. Depende da pessoa.

P- E com esse primo?

E- Eu fui passivo.

P- E ele abre a possibilidade de você ser ativo?

E- Não. E tem muitos outros carinhas que eu já fiquei, mas é coisinha boba.

P-E nessas relações você foi ativo?

E- Não em muitas... ah eu pulei o principal: a primeira atração física foi por um policial militar, na cidade vizinha quando eu morava com a minha mãe, durante a época do amigo da natação, ele tinha uma loja, às vezes trabalhava de dia, as vezes de noite, aí eu fui na loja, eu acho que pagar alguma coisa, aí ele começou a jogar umas conversas, eu acabei indo, eu sentia atração por ele, e rolou, e com ele foi uma coisa bem duradoura, não contínua, de todos os dias, nada que a gente se apegue, uma coisa assim: a gente fica hoje, depois a gente fica no próximo mês, ele me ligava querendo, era sempre ele que me procurava, eu nunca, como eu era de menor ele falava 'você não pode falar pra ninguém hein!', e naquela época a mulher dele faleceu de câncer... Já chegou vezes dele ir em casa me chamar e dizia pra minha mãe que ia me mostrar os vídeo games que chegaram na loja, e muitas vezes, mesmo sentindo atração por ele, eu não tinha vontade de ir.

P- Por que será?

E- Não sei, mas eu sentia atração por ele, mas não era sempre que eu estava disposto a fazer alguma coisa com ele quando ele queria, às vezes eu sentia vontade e ia lá na loja, as vezes ele tava, as vezes ele não tava, se ele tava ele fechava a loja, mas logo já abria de novo (risos).

P-Mas vocês só transavam ou tinham diálogo, amizade?

E- Era uma coisa assim, como eu posso usar uma palavra... tipo, era uma coisa muito, bem sigilosa, ninguém poderia saber, ninguém poderia desconfiar, a gente tinha um segredo.

P- Isso pode gerar amizade?

E- De certa forma sim, não que nós fossemos amigos de desabafar ou sair juntos, mas eu não descarto isso, aprendi muita coisa com ele, e foi isso.

P- Entendi, me conte de um relacionamento que tenha sido um pouco mais tradicional.

E- Foi o Alexandre, de menino foi.

P- Você teve namorada?

E- Eu tive antes, mas de homem o Alexandre foi o primeiro, o que eu mais levei a sério.

P-Com a menina, existia sexo?

E- Sim.

P-Você tinha orgasmo?

E- Eu tinha, só que assim, como posso dizer, eu lembro que eu cheguei até a tomar 'bruxinha' sabe? Aquela mistura que te deixa excitado, é uma coisa natural, vende em mascate, eu comprei da amiga da minha mãe, mas no fundo acho que não faz efeito nenhum, mas eu tinha muito medo de tá ali, sentir alguma coisa e não ter ereção, acho que esse foi um dos motivos principais da gente ter largado. Nenhum dos dois largou do outro, mas como posso dizer, acho que no finalzinho tava faltando alguma coisa para sustentar aquilo, aí ela percebeu que não rolava mais nada, e assim acabou.

P- Ela foi a primeira menina com quem você transou?

E- Foi.

P- E depois dela teve outras?

E- Teve aquela de mais de quarenta anos que te falei, em um baile que eu fui com a minha tia, ela parecia a Ivete Sangalo, depois a minha tia me contou que ela era mulher de programa, e foram só elas de mulher.

P- Tá certo, me fale agora do seu namoro com o Alexandre. O dia-a-dia com ele, já que o outro achou tão bonito.

E- Então, ele me mandou uma cartinha, e eu não sabia que era ele, depois de três meses descobri que era ele, porque no finalzinho da carta ele colocou o nome dele em russo, aí eu comecei a prestar atenção nele, não sei porque, até então ele nunca tinha me chamado atenção, ele passava, olhava, e sei lá, acho que foi coisa do destino. Aí um dia eu cheguei na escola, na hora da entrada, e eu sentei, aí ele veio e sentou do meu lado, às vezes pode até ser de caso pensado porque ele tava com um livro de idioma russo, e tinha as letras lá, e eu falei assim 'caramba!', eu só sabia que tinha sido um menino que tinha me mandado a carta, mas eu não sabia quem que era, desse dia em diante comecei a ligar as coisas, comecei a encara-lo, daí eu fui bem corajoso, no dia eu tremia, vou te falar o porquê, certo dia a gente ficou se encarando, antes de fazer esse negócio que eu vou te contar, aí ele falou 'oi, e aí?', o básico... e naquele dia, a noite, teve aula de

espanhol, aí chamaram ele na sala pra arrumar o data show, nisso eu peguei o caderno dele olhei a letra, depois eu escrevi perguntando se era ele, aí na hora de ir embora eu dobrei bem o papel (risos) e entreguei pra ele ‘óh, pra você, amanhã você me responde’, aquilo eu tremia, aí no outro dia, ele me respondeu, colocando até a hora que ele tinha feito aquela carta, era meia noite e pouco, aí ele colocou assim: ‘eu poderia nem ter respondido, eu queria rasgar aquela carta’... eu tenho essa carta até hoje, tenho até papel de sorvete que a gente chupava junto... aí ele falou que era ele sim, que tinha me achado interessante, aquela coisa assim, aí eu comecei a sentir alguma coisa por ele, eu ia na escola e não era pra estudar, era pra ver ele, acho que ele a mesma coisa, na época não tinha Facebook, trocamos MSN, aí nós conversamos, eu perguntei se um dia eu chamasse ele pra sair se ele ia, se ele sairia comigo, ele disse que sim, que ele não saía muito, que ele adoraria sair com um amigo, aí nós marcamos um dia de ir na cidade vizinha, só que antes disso a gente já tinha uma certa afinidade, não de se beijar, mas de amigo mesmo, aí nós fomos, e na véspera eu não estava conseguindo falar com ele, só bem mais tarde ele me ligou, no meio de uma chuva, dizendo que não ia mais porque tava sem dinheiro, mas eu disse que eu que tava convidando, e no dia seguinte, cedinho, a gente foi, chegou lá fomos para o calçadão, depois para o shopping, andando, e a gente estava louco pra se beijar, mas estávamos com vergonha, nenhum tinha iniciativa, aí com o tempo foi soltando, fomos no cinema, e voltamos no ônibus comendo chocolate, chegamos aqui na rodoviária estava chovendo, aí chamei ele pra ir na minha casa, ele disse que ia mas tinha que passar na casa dele antes, aí a gente se separou, mas naquela coisa, vai e toda hora fica olhando pra trás (risos) e ele foi em casa, e o primeiro beijo que a gente deu foi na sala lá de casa, depois fomos pra cidade vizinha outras vezes, passamos até a virada do ano lá, em um hotel.

P- Nossa, a virada do ano!

E- O hotel era bem mixuruca e bizarro mesmo, você via que não tinha vigilância, era um lugar bem simples, tinha só quarto e banheiro, não tinha televisão.

P- E para família o que vocês falaram?

E- Eu não lembro o que eu falei para os meus avós, eu não falei nada para os meus pais, a gente colocou até aliança, a gente chegou na cidade vizinha e foi caçando um hotel, foi bem pertinho da rodoviária.

P- Sua mãe suspeita que você é gay?

E- Olha, acho que o único indicio de que não é uma playboy que eu tenho, acho que evidência de eu ser gay só se for eu mesmo, porque objetos, sites, não tem não.

P- Você que comprou essa playboy?

E- Não foi meu pai, e eu peguei pra mim.

P- Você já se masturbou pensando em mulher?

E- Já, mas tentando não ser gay mais, tentando deixar só a mulher, entendeu? Mas é a natureza, não adianta (risos).

Pesquisador: Voltando a história do seu namoro...

Marcelo: Foi legal, nós chegamos lá, caçamos o hotel, colocamos nossas coisas lá, era perto de uma Pernambucanas, fomos lá dar uma volta, fomos comer pastel,

andamos toda aquela parte ali, fomos na feirinha hippie, compramos pedras que atraem sorte, no fim compramos coisas para comer, deu trabalho para achar, já estava tudo fechando, eu sei que perto da avenida tinha um posto e a conveniência tava aberta, depois de muito andar a gente achou, compramos só porcariada, e eu morrendo de fome, querendo comer comida, daí voltamos para o hotel, assistimos televisão, dormimos, acordamos, fizemos alguma coisa lá (risos) tomamos banho, no outro dia viemos embora cedo, e nesse mesmo dia, olha só, você conhece a Márcia, professora de português?

P- Sim, ela me deu aula há uns 10 anos atrás! (risos)

E- Então, nós resolvemos contar para ela, nesse dia, marcamos de ir na casa dela, contamos o que aconteceu, e no fim acabou que mais ela ficou contando da vida dela pra gente do que a gente pra ela, daí, eu acho que com o tempo... O Alexandre, teve a formatura dele naquele ano, na escola, do terceiro, e na formatura ele ficou com uma pessoa, e ele não me contou, ele escondeu, eu desconfie, depois de um mês da formatura ele me contou, só que como eu morria de amor por ele eu aceitei, mas aceitei na hora, porque depois, eu não sei se foi acabando o sentimento por ele, e aí foi criando aquela revolta 'nossa, ele me traiu!' você entendeu? Mas esse não foi o motivo da gente ter acabado, o que acabou foi ciúmes, ele passou a ter muito ciúmes eu não podia ficar perto de menina nenhuma, ele contou para umas amigas de nós dois, eu não gostei, e acho que isso foi esvaziando o que eu sentia por ele, entendeu? Mas assim, amizade normal, eu acho que foi isso.

P- Hoje vocês tem amizade?

E- Sim, temos sim.

P- Vocês costumam ficar às vezes?

E- Não, não... Mas eu era muito, muito apaixonado, tenho todas as fotos até hoje, às vezes eu me pego pensando, se eu falar que não dá saudade eu to mentindo, às vezes dá uma vontade assim de querer ficar, mas eu nunca procurei ele não, já não deu certo uma vez e tá legal a nossa amizade assim, sempre se falando e as vezes saindo com a turma.

P- E depois dele?

E- Foi mais isso que eu te contei, mais ficada, nada sério comparado com o que eu tive com ele, entendeu?

P- Vamos falar um pouco das ficadas então, como que rola isso?

E- Como rola? Ah sei lá, tem que rolar uma certa afinidade, sei lá...

P- Eu estava pensando no fato de você não ser tão assumido, como essas ficadas chegam até você?

E- Como eu posso te explicar?... Se eu achar um menino bonito no Facebook eu vou lá e adiciono, a mesma coisa algum gay comigo, entendeu? Daí conversa, não sei o que... Se você achar interessante... ou até mesmo, muitas vezes alguém que passa pelo meu trabalho, às vezes se eu gosto do cara, na hora de ir embora eu falo 'você não quer passar seu telefone, se chegar alguma coisa eu te aviso', mas tipo assim, se eu ver que tem alguma chance, entendeu? Se eu vejo que não tem eu até descarto.

P-Entendi, e quando foi a ultima vez que você se apaixonou?

E-Hum.. Que eu me apaixonei mesmo foi com o Alexandre, mas que eu me iludi... eu acho que foi... no rodeio do ano passado.

P- E você pode me contar essa história?

E- Ah, acho que não tem nada de mais, não rolou nada, a gente só teve um certo momento assim, entre aquela época do rodeio, eu tinha desfilado para garoto rodeio, e sei lá, na época dos ensaios para o desfile a gente ficou muito junto, é o Matheus Marloto, você conhece?

P- De vista. Acho ele muito bonito, mas nunca fiquei sabendo se ele beija meninos...

E- Então, me falaram que sim, mas não rolou nada entre a gente, a gente só... como eu posso dizer, não se desgrudava por assim dizer, fomos juntos todas as quatro noites da festa do peão, então um não entrava enquanto o outro não aparecia.

P- E porque vocês foram se afastando?

E- Ah, acabou o rodeio, aí a gente tinha contato por telefone e facebook, ele me chamava pra ir pra cidade vizinha, às vezes ele ficava comentando de menina 'olha que menina gostosa' não sei o que... mas sei lá, ele é uma pessoa que me chamou muita atenção mas não rolou nada, não que me apaixonei, mas fiquei pensando nele um bom tempo depois daquilo, rolou uma paixão... depois passou, é isso.

P-Entendi, e tem mais alguma coisa que você acharia legal estar contando para contribuir com a pesquisa? Sobre dizer como é ficar com os meninos aqui na cidade, sobre que planos você tem para a vida, amores ou amizades, qualquer coisa.

E- Ah, não sei, eu só pretendo nessa fase que eu estou, me... como posso dizer... tomar uma atitude da minha vida, ver o que eu quero realmente.

P- Em termos sexuais?

E- Não em termos... assim, de família, se eu devo me assumir mesmo, de ser homossexual ou bissexual, entendeu?

P- Não que fosse realmente necessário definir se sou homo ou bissexuais... Em relação a família, depende da abertura que ela tem para ouvir isso em voz alta. Eu mesmo tinha 17 anos quando contei para minha mãe.

E- E como foi?

P- Ela já sabia, estávamos discutindo por outro assunto e eu acabei falando para ela.

E- E o que você acha, que isso vem desde a nossa geração, a gente nasce com isso ou desenvolve isso na durante a vida?

P- Não faço ideia, acho que contatos homossexuais sempre existiram, o que importa não é onde eles nascem mas o que fazemos com eles.

E- Eu acho que não é uma doença, não é nada disso, mas tem gente que não aceita, que critica... mas é isso.

P- Tá certo, obrigado pela sua participação. Posso lhe dar uma carona para casa?

E- Ah, você quem sabe, é aqui perto, mas é bom que você me leva, assim você vê onde eu moro.

8.3 ENTREVISTA CRISTIANO

P- Pesquisador: Renato

E- Entrevistado: Cristiano

P- Comece me contando a sua idade.

E- 19 anos, mas daqui a poucos dias faço 20 já. Mas eu queria ter 19 para sempre! (risos)

P- E você faz o que?

E- Comecei o curso de arquitetura esse ano, a noite, na cidade vizinha, viajo todos os dias.

P- E você mora com seus avós?

E- Isso, meu avô teve um derrame, e desde aquela época, eu já dormia lá todos os fins de semana, mas mudei para lá para ajudar a tomar conta dele, ele acabou dependente de mim, mas até quatro anos atrás eu morava com meus pais e meus dois irmão mais novos, um tem 17 o outro tem 7 e é muito parecido comigo.

P- Entendi, falando de criança, me conte um pouco da sua infância, como você começou a perceber que gostava de meninos?

E- Ah, era, tipo, com amiguinhos que iam em casa, eu me lembro uma vez que estava brincando na piscina lá em casa, com um outro menino, vizinho, e eu lembro que minha mãe chegou, eu estava com ele dentro da piscina de sunga abaixada, os dois... mas eu não me lembro... não aconteceu nada, a gente só estava olhando, aquela coisa de descobrir o outro quando é criança, 'o que você tem aí?' acredito que poderia ser isso... teve outras vezes também, tipo, eu na casa de outro amigo, e o pai chegou e a gente estava do mesmo jeito, éramos um pouquinho maiores, acho que, já tinha uns oito, nove anos, e acho que nessa idade você já conhece bem o corpo.

P- Vocês chegaram a brincar de troca-troca?

E- Não, não, era sempre assim: olhava, sempre aquela coisa de ‘toca ou não toca?’ que eu me lembre a gente nunca tocava.

P- Você chegava a ter ereção?

E- Não me lembro...

P- E a reação de seus pais?

E- Eu acho que levaram numa boa, eu não lembro de briga, de discussão, nada, nunca brigaram, acredito que eles pensaram que era normal naquela idade, eu ainda lembro que nessa época fui na casa de um amigo meu, tinha o filme do Tarzan, e ele ganhou uma tanga do Tarzan, e era solta na berada, a gente tirava a cueca e colocava aquilo lá pra brincar, era tudo brincadeira, não tinha desejo nem malícia, eu acho.

P- Você sempre morou com os seus pais?

E- Sempre.

P- E me diga, quando começou a surgir a malícia então?

E- Ah, eu creio que foi já na sétima série, quando eu comecei a despertar, até então eu tinha aqueles amores platônicos, eu sempre gostei de uma menina, mas nunca acreditei que poderia ficar com ela, já tentava, via ela com outro menino e chorava, eu já tive isso antes, eu lembro de uma que eu gostava muito, você conhece, a Fernanda, ela me disse que é sua paciente, nossa! Aquela lá é meu amor até hoje, meu amor platônico, sou apaixonado por ela, eu falo que se fosse ela pra beijar eu ficava com ela, ela... nossa! Eu já disse pra ela “Fer, se fosse por você, talvez hoje eu seria hetero”, eu lembro que na época ela ficava, quer dizer, na época não tinha ficar, era namoradinho né? Ela ficava com o Marcelo Canello, e eu chorava de ver os dois juntos, uma outra época ela ficou com o César Silva, e isso a gente não estava nem na quinta série, era no ensino fundamental, era esses rolinhos de criança, namoradinhos, e eu não suportava aquilo, porque eu gostava da Fernanda, eu ia pedir um apontador, eu tinha, mas eu pedia para Fernanda, pedia lápis, era pra ela. Era assim.

P- Com primos, você tinha contado?

E- Não, os únicos primos que tinham não moram aqui e a gente não tinha muito contato. Eu já tive assim: a mulher do meu tio, minha tia não de sangue, tem uma irmã na cidade vizinha, a gente sempre tava indo pra lá, e eu me considerava primo do filho dela que se chama Rodrigo, eu tinha uns dez anos, e com ele eu já tive brincadeiras mais maliciosas com ele, por essa idade, a gente dormia lá, e na hora de dormir, é incrível né? De dia brincava e corria como se nada tivesse acontecido na noite, nunca aconteceu nada demais, além de carícias, nunca aconteceu beijo ou penetração...

P- Um pegava no pinto do outro?

E- É isso mesmo! Criança faz isso. E dez anos não tem uma cabeça tão ampla pra isso, talvez hoje que tem internet.

P- É, não sei se a cabeça não era mais ampla antes, imagina só se todo mundo pudesse crescer gostando de uma Fernanda e pegando no pinto do primo quando dorme, talvez isso seja amplo né?

E- Verdade...

P- Mas enfim, tem essa fase da Fernanda, do primo, e depois, como o amor, o sexo, a amizade, enfim, como esses sentimentos começam a aparecer para você em relação a outros gartotos?

E- Amor não, amor é forte, acho que desejo.

P- Certo, seu primeiro beijo, por exemplo, foi em um menino ou em uma menina?

E- Foi em um menino!

P- Sério?

E- Sério, ninguém acredita quando eu conto, mas o primeiro foi, quando eu tinha quase 17 anos, foi em um carnaval e estava perto do meu aniversário, e com 16 anos eu comecei a ter quadros de enxaqueca, que eu nunca sabia de onde vinham, desejo de vez enquanto eu tinha mas eu não queria aceitar, foi quando eu comecei a... primeiro eu fui no oftalmologista, achei que enxaqueca era por conta de vista, ele me deu um óculos e me encaminhou para um neuro, depois o neuro fez um monte de exames, não deu nada, e ele me encaminhou para um psicólogo, e eu fui no psicólogo né? E daí a gente começou a tratar, começou a conversar...

P- Era um psicólogo homem?

E- Não era uma mulher daqui, a Silvana Lobato.

P- Ah sim, eu conheço.

E- Não, minto, primeiro foi a Rosana, aqui no consultório dessa mesma rua.

P- Sim, conheço também, é minha prima distante.

E- Só que com ela eu não me sentia bem, me sentia preso, não conseguia me abrir com ela, eu ficava contando do meu dia-a-dia mas eu nunca falava porque eu não me aceitava.

P- Você atribui suas dores de cabeça ao fato de estar descobrindo que sentia atração por meninos?

E- É. Eu ficava segurando isso, eu não tinha certeza, eu sabia que eu tinha uma atração, mas eu não tinha certeza, e não aceitava, acho até que por causa da criação, pai e mãe, que pensam que o certo é homem, mulher, família, então eu não aceitava, se você

perguntar se eu tinha medo, não, é que eu não me aceitava, eu não gostava de pensar naquilo, acho que isso acarretava enxaqueca, que fazia pesar muito, enfim, acho que era isso, e quando eu comecei com a Silvana, ela já sabia de mim, porque eu a conheci em uma festa, e eu fui apresentado para ela assim: ‘olha esse é meu namorado’, na hora eu fiquei meio assim, mas ela me cumprimentou, e eu procurei ela depois porque pensei ‘bom com ela não preciso me abrir a parte chata, chata não, difícil, já aconteceu, então vai ser melhor’ mas eu... acho que perdi o foco... o que eu estava falando antes.

P- Não perdeu não, os assuntos veem e vão, mas deixa eu entender uma coisa, depois dessas brincadeira com esse primo aos dez anos, tem-se uma pausa em relação a contatos, até beijos, seja em relação a meninos ou meninas?

E- isso.

P- As pessoas te chamavam de viadinho ou bixinha na escola?

E- Quando?

P- Nas primeiras séries.

E- Nas primeiras séries não, eu lembro que a primeira vez que falaram alguma coisa foi na sétima série, quando entrou um aluno diferente na turma, a gente não conhecia ele, chama-se Lauro, e ele era todo assim, atentado, muito afeminado e tal, e eu tinha feito uma amizade com ele, eu me senti seguro para ter uma amizade com ele de boa, só que aí começaram a falar, que eu tava saindo com ele, que eu ficava com ele, mas não acontecia isso.

P- Você era ‘atentado’ também para ter se aproximado dele?

E- Não, como eu posso te explicar? Eu era muito solidário, não sei se essa é a palavra, eu sou muito assim, eu via que ele tava quieto em um canto, principalmente no começo, depois ele foi se mostrando mais, ficando amigo de todo mundo, foi se soltando mais, aí eu que parei a amizade com ele por ele ser muito atentado mesmo, eu me envolvia em encrenca por causa dele, tipo ele fazia muita bagunça e eu não era disso, eu sempre sentava nas primeiras carteiras, mas quando a gente teve contato a gente sempre fazia trabalho junto, sabe? As pessoas já começaram a achar que era algum caso.

P- Você tinha vontade de ficar com ele?

E- Não, com ele não.

P- Como ele reagia quando as pessoas comentavam isso?

E- Ele xingava, brigava, já eu não fazia isso, eu ficava quieto, porque ele brigava, ele caçava encrenca, quando alguém mexia, ele brigava, ele rebatia, eu não. Aí a gente se afastou um pouco, depois começou a criar atrito entre a gente, eu falava ‘para de brigar’ e ele ‘ah, você também vai começar a fazer graça?’ Esses dias postaram uma foto no facebook da nossa turma de oitava série toda, e todo mundo tava lá, ele tava lá, e todo

mundo comentando ‘nossa, quanto tempo, que saudade’ aí apareceu ele e postou ‘gente, estão lembrados de mim? O terror da escola’. Ele comentou isso! Eu falei ‘nossa, é brincadeira, nem vou comentar nada porque do jeito que ele é ele vai achar que ta mexendo com ele e vai querer brigar’.

P- Ele não mora mais aqui?

E- Olha eu acho que mora sim, vi ele pouquíssimas vezes aqui, mas acho que ele mora porque trabalha numa loja daqui e uma amiga minha que treinou, e ainda falou assim ‘ele é insuportável’ e eu conheço a peça, ele é muito cri cri, insuportável, chato, briga, e eu comecei a amizade com ele pelo fato de ele ser novo e não conhecer ninguém, então vamos fazer a recepção, vamos ser o legal da sala, eu sempre fui disso.

P- Nesse período, você disse que não se aceitava muito, você se apaixonou por algum menino?

E- Não, na escola. Paixão mesmo, o único amor que eu tive, que era platônico, foi pela Fernanda, agora com menino eu nunca senti nada assim ‘ai eu sou apaixonado’, tinha assim... desejo... mas isso já foi com 16 anos, que eu tinha aquela coisa ‘ai ta vendo aquele menino, eu preciso fica com ele!’.

P- E foi um cara desse que você beijou pela primeira vez?

E- Isso! Foi em um carnaval, e eu não acreditava! Eu não acreditava porque eu sempre falava assim ‘ah’ e eu não tinha ninguém para conversar sobre, amigos, assim... e eu tinha muito medo porque quando o César Silva falou que era gay teve alguns amigos da sala assim... que deram o pé na bunda dele, que cortaram as amizades, né? E eu pensava ‘ai meu deus do céu, olha o que aconteceu com o César, é o mesmo destino que o meu se eu falar alguma coisa pra alguém’ e até então eu não tinha certeza, e ele até mudou de escola por causa disso, ele não tinha mais ninguém, e eu acredito que era por causa disso, ele não tinha mais ninguém na sala, eu tinha uma amizade com ele, e nesse meio tempo a gente já tinha brigado algumas vezes e justamente por ele ter me xingado ‘ah você é bixinha, você é vidado, sai daqui seu baitola’, e eu brigava com ele, a gente acabou discutindo e a gente estudava junto desde o prézinho, ele chegou a estudar o primeiro semestre do primeiro colegial com a gente depois mudou de escola, por isso que eu acho que foi esse o motivo, senão ele teria começado o ensino médio direto na outra escola, acredito eu, não sei...

P- Entendi, agora vamos falar desse que você beijou, você disse que já observava ele.

E- Já.

P- Ele era da escola?

E- Orkut! Pelo Orkut! Tanto é que... como foi mesmo que eu achei ele? Eu não sabia nada, não sabia nome só achava ele diferente, porque ele tinha o cabelo assim liso, meio

um estilo... não Emo de ser... ele tinha o cabelo como de Emo mas não se vestia como um...

P- Você o viu primeiro na rua ou foi passeando pelos Orkuts da vida?

E- Foi passeando, eu nem estava a fim de achar ele, foi sem querer, a primeira coisa que me chamou a atenção foi o cabelo, porque era diferente, era azul! Azul não, tinha algumas coisas azuis, primeiro eu pensei assim 'que cabelo', aí eu comecei a ver as outras fotos e pensei 'nossa, que moço bonito!', foi quando começou a me despertar.

P- Daí você já adicionou ele no Orkut?

E- Isso.

P- E ele aceitou?

E- Aceitou, numa boa, só que assim, antes do carnaval eu tinha adicionado ele, já fazia um tempo já, provavelmente depois do rodeio (em agosto) porque tinha umas amigas que tinham outras amigas, e a gente ia pro rodeio numa turma, e essas outras meninas eram amigas dele, e numa foto saiu ele com a gente, e até então eu não tinha percebido, porque ele tava de chapéu, parecendo um cowboy, e eu falei 'putz e o cabelo, onde esta?' então foi quando eu fiquei meio assim 'será que é esse, será que não é?' daí passeando pelo face das outras meninas eu vi que era ele nas outras fotos, aí eu vi a foto do rodeio no Orkut dele e falei 'ai é ele', achei ele muito bonito, sempre conversei com ele, nada sobre eu estar a fim.

P- Você diria que ele é afeminado?

E- Não, e as nossas conversas era sempre 'oi tchau'.

P- Alguém comentava alguma coisa com você sobre ele beijar meninos?

E- Não, eu via ele beijando meninas, não que eu via sempre, eu já tinha visto ele beijando menina em um baile, inclusive teve um dia que a gente ficou, depois eu vi ele beijando uma menina.

P- Qual era a idade dele? Você disse que tinha 17.

E- Acho que ele tinha 18, ele ia fazer 19 em dezembro daquele ano.

P- E vocês se beijaram no carnaval?

E- Isso, era uma terça-feira, ultimo dia, foi assim, eu trabalhava no comércio, e ele queria azul de metileno, e eu vi ele postando no Orkut alguma coisa sobre, aí eu comecei conversar com ele para saber como ele fazia aquilo no cabelo, puxando conversa, era intensão minha ter conversa, daí ele me contou que usava azul de metileno, falei que vendia isso no meu trabalho, e ele 'nossa, e quanto que é?' tal... e eu pensei 'nossa, já ganhei ele em alguma coisa' daí eu falei o preço, falei para ele ir lá, e ele foi, era carnaval, e eu estava com o cabelo cumprido, minha tia tinha feito não

lembro o que no meu cabelo e ele tava lisinho, e ele foi na farmácia, pegou o azul de metileno ‘oi tudo bem’ e foi embora, e eu fiquei extasiado ‘aí meu deus ele veio aqui!, já tive um contato!’ e daí que eu vi que nossa ele é muito lindo, de perto, nossa, ele é perfeito, daí ele usou o azul de metileno, e até eu usei também, mas meu cabelo ficou verde, não consegui ficar azul, mas tudo bem. Aí ele puxou conversa comigo dizendo que achou meu cabelo legal, e a gente começou a falar de cabelo, aí não lembro como a gente entrou no assunto, aí ele falou que tava a fim de ficar comigo, daí pus a mão na cabeça e falei ‘mentira!’ porque eu nunca tinha ficado com ninguém até então, e eu só pensava ‘não pode ser verdade! Não pode ser verdade!’ tanto é que eu nunca tinha conversado sobre com ninguém, a minha melhor amiga acreditava cegamente que eu era hetero, a gente conversava sobre, então começou a conversa mais ou menos assim ‘você não ta ficando com ninguém?’ e eu ‘não, eu tô de boa’.

P- Ele já jogou para você na lata? O que você acha?

E- Ai não sei, eu falo assim que ‘uma estrelinha conhece a outra’ você olha e pensa ‘ah, se esse não curte então não sei’, e ele falou ‘eu estou a fim de ficar com você’ tipo eu que nunca tinha falado para ninguém, na noite eu falei para 3 pessoas! Eu não aguentei, eu tinha que dar uma desculpa, e eu combinei com ele ‘ah então você vai no carnaval hoje? Como que vai ser?’ Daí ele disse ‘Ó, sabe os espelhos do clube, na entrada? Fica ali tal hora, umas duas da manhã’ eu não tinha nem celular naquela época, daí a gente vai, e neste dia foi pro carnaval minha mãe, minha madrinha, uma colega de trabalho...

P- Nossa! (risos)

E- Então, naquele carnaval parecia que eu tava extasiado a noite inteira.

P- Você bebia?

E- Nada! Pra não falar que eu não bebia a gente foi na casa de uma amiga e ela tinha feito saque, até então foi uma das primeira bebidas que eu experimentei, a primeira vez que bebi vodca eu cuspi na cara do menino que me deu, eca, enfim, eu tinha tomado só um tantinho de saque para experimentar, 16 anos né? E eu estava animado, agitado, acho que era.

P- Imagino, marcar o primeiro beijo da vida deve ser tenso!

E- Então né? E a hora não passava, e a minha amiga veio perguntar “Cris, por que é que você tá tão assim?” aí falei, ‘ai eu preciso contar um negócio, eu vou beijar!’ ‘quem você vai beijar? Meu deus?’ ‘eu não quero falar’ ‘não, pode contar para mim, eu não falo pra ninguém’ aí eu falei assim ‘é o fulano’ e ela ‘UUU! É homem?’ “É!” ‘Como assim Cris? Como assim’ daí eu falei assim ‘Ó, eu vi e gostei, e eu preciso experimentar, eu preciso saber como é, e eu vou beijar ele!’ ‘você vai mesmo?’ ‘vou’ então ela disse assim ‘então vai que eu não vou falar para ninguém onde você está, se alguém perguntar eu falo que eu te perdi, que eu tô te caçando, fica tranquilo que eu não vou contar para ninguém, mas eu quero saber de tudo depois!’ então graças a deus não falou nada contra, achei que ela pudesse tentar, mas não, ela provou para mim que era

minha amiga mesmo, então deu a hora, e eu daquele jeito, ansioso, ele passou, achei que não ia voltar, ele não tinha me visto, aí ele olhou pra tras, veio até mim e disse ‘ó, sai, sabe aquela rua da padaria? Vai seguindo reto que eu já vou sair, hora que você chegar na esquina você desce, que eu já vou sair’ eu falei ‘tá bom’ eu virei e ele me alcançou, eu perguntei ‘a gente vai aonde?’ e ele ‘tem um lugar ali’ e eu ‘que lugar?’ é um terreno aí e eu ‘tereno!?’ (risos) daí chegamos lá, ele veio me beijar e eu falei ‘não, perae’ eu não beijei primeiro, dei uma pausa, respirei fundo, eu não lembro que eu pensei, respirei fundo e falei ‘tá bom, agora vai’ (risos) aí foi.

P- Provavelmente ele já tinha beijado outros meninos...

E- Ah já, ele falou que já, não falou quem... nossa senti um frio na barriga que nem aquele dia, agora contando! Então, depois eu sai de lá extasiado, parecia que não tinha acontecido.

P- E vocês tomaram o cuidado de voltar sozinhos para o salão?

E- Sim, mas descobriram, ai como que chama o rapaz? Descobriu não, liga as coisas né? Eu era inexperiente, um besta, nunca tinha ficado com ninguém... foi o Luiz Germano.

P- Ah sim, o que namora o Renan...

E- Isso, acho que é isso, é esse, eu lembro que ele tava sentado na escada, ah e ele já deu em cima de mim! Enfim, na época ele tava sentado na escada tava o César Silva também, e eu sai, o Fabio saiu, era Fabio o nome dele, ele saiu também, e na hora que eu voltei o Luiz Germano que veio me falar ‘ah você acha que eu não sei! Eu vi’.

P- E você tinha amizade com ele?

E- Não só tinha ele no Orkut!

P- Nossa, um querendo denunciar o armário do outro!.

E- É! E eu só tinha ele no Orkut porque na época eu me preocupava com quantidade não com qualidade, na época não era face. E ele veio no bate-papo do Orkut me falar ‘você ficou no carnaval com o Fabio né?’ e eu pensei e agora, o que é que eu vou fazer? Daí eu falei ‘fiquei por que?’ e ele falou ‘Porque você não conseguiu esconder nada, todo mundo viu.’ E eu falei assim ‘todo mundo quem?’ ‘todo mundo que estava sentado lá’, nisso eu já fiquei com medo da minha mãe, da mina família saber que eu tinha saído de lá pra ficar com alguém, mas graças a deus ninguém soube, só eles ali, mas assim... experiente na coisa ele...

P- O Luiz Germano?

E- É. Mais velho também.

P- Acho que hoje ele tem uns 24 anos. Ele teve um namoro de anos com o Renan, a cidade inteira sabia, as famílias sabiam, eles andavam de mãos dadas pela cidade, era um namoro em casa, mas eles brigavam muito.

E- E foi por causa desse episódio de eu ter ficado no carnaval que ele veio falar comigo e deu em cima de mim, mas eu não quis nada com ele, até porque eu estava me conhecendo, eu estava descobrindo coisas novas, saí de lá assim ‘putz!’ pra mim o carnaval poderia ter acabado aquela hora, e eu acho que aproveitei o máximo a noite, cheguei e contei para minha amiga, aí depois falei para um outro amigo, o André.

P- Você já sabia que o André era gay nessa época?

E- Ó, ele morava do lado da minha casa já fazia alguns anos... gozado que ele era próximo do meu irmão, porque eles estudaram juntos na mesma sala, e no recreio eu empurrava ele, eu ficava empurrando ele de zueira, e depois ele e meu irmão bringaram, e ele veio morar do lado da nossa casa, e eu e ele passamos a ter mais afinidade, sei lá, a gente se entrosou muito bem, só que eu nunca tinha contado, falado nada sobre, nem ele pra mim, entendeu? Não sei o que ele pensava. Juro que eu nunca tinha pensado essas coisas, eu pensava mais em mim, se preocupava comigo mesmo, então eu contei para ele no dia, no carnaval e ele ficou assim... chocado por eu ter beijado alguém, mas não pelo fato de ser o menino, então a partir dali ele já sabe, fora a ‘estrelinha’, ele só ficou chocado por eu ter beijado aquele dia sem falar nada, não pelo fato de ser um menino, e eu contei para mais uma amiga que eu não me lembro quem que é agora, acho que foi a Maria...

P- E como ficou a história com esse menino? Vocês se beijaram outras vezes?

E- Sim, mas duas vezes, mas dae, tipo... acabou o carnaval, daí chamei ele para o meu aniversário, mas ele não foi, dae a gente beijou em maio e a ultima vez no rodeio... daí porque daí eu comecei a conhecer ele mais a fundo e tipo, eu via outras amizades que eu não gostava muito, era de ir em festa heavy essas coisas, na época a gente estudava drogas na escola, falava de drogas assim como se fosse uma matéria, e eu soube que ele usava algumas drogas, daí eu falei ‘aí, não é para mim’ daí comecei a cortar, não a desprezar a pessoa, até que o tempo foi separando a gente, naturalmente.

P- E as outras vezes que vocês foram ficar, como foi? Vocês beijaram dentro da festa do rodeio?

E- Não, não, foi em uma rua escura, num murão que tem pra cima da casa dele, em maio foi em outra ruinha escura...

P- E vocês só beijavam ou chegaram a transar?

E- Não, teve só pega ali pega aqui, isso teve, na primeira vez foi mais de leve, na segunda vez já foi mais hot, você vai conhecendo mais a pessoa. Mas eu vi que não era amizade para mim, sempre tive esses conceitos, mexer com drogas não é pra mim.

P- Então você não chegou a ter um ligação mais forte com esse garoto?

E- Não, nas primeiras semanas eu tive um êxtase, não parava de pensar na pessoa, queria reviver esse momento, fiquei preso no minuto, mas depois foi ficando menos

intenso, eu gostava de contar para minha amiga, que já tinha beijado pessoas e para mim era novo, nessa época eu não estava na psicóloga e não tinha pra quem contar, a não ser meus amigos, e ainda assim contava meio inseguro, com medo dos meus amigos saberem na escola, e tipo me darem um pé na bunda e eu ficar sem amizades.

P- Como era sua amizade com os meninos na escola? Você jogava bola com eles?

E- Nunca gostei de jogar bola, era só vôlei, sempre participava das atividades das meninas na escola, era sempre pular corda, tinha bambolê, mas eu não rodava, eu jogava ele para ele ir e voltar, era sempre qualquer atividade menos futebol, eu nunca gostei, até basquete eu jogava quando tinha, mas futebol não, tinha meninas que jogavam futebol, mas eu não ia.

P- E na sala de aula, suas conversas eram tranquilas com os meninos?

E- Sim, super, todos aqueles meninos são meus amigos até hoje, e eu lembro que quando eu fiz 18 anos, a gente já tinha terminado o ensino médio, foi quando eu realmente falei e foi quando eu tive certeza também, daí eu falei assim “ó, eu sou gay” e eu fiquei morrendo de medo... mas no dia mesmo que eu falei, não sei se você conhece o Paulo Brites?

P- Ele em específico não, mas eu cresci com o irmão dele...

E- Então, teve uma situação, que eu fiquei abalado, num outro carnaval, veio um menino amigo dos meus primos da cidade vizinha, para o carnaval, e daí eu estava no meio do salão, e ele entrou, virei para uma amiga e disse “Roberta, aquele moço lá, ele é gay!” no meio do salão, e o menino nem dava pinta, só tava dançando normal, como todo mundo, daí ela falou assim “para Cristiano, aquele moço bonito?” eu disse “É certeza” e ela “não pode ser..” eu disse “vai falar pra ele que eu tô a fim dele” “não, eu não vou porque esse moço não é” aí o moço desceu para o outro ambiente, eu fui atrás, ele percebeu que eu tava olhando, aí então a estrelinha né? Acho que brilhou, começou aquela troca de olhares, daí eu pedi “Roberta, pelo amor de deus, vai lá falar” e na hora que ela foi, ele veio ao encontro dela falar a mesma coisa, daí ele voltou dando risada e disse “ele veio falar para mim que quer ficar com você”, e eu “mentira! Mentira! Não pode ser!” daí a gente foi lá pra fora, eu sai e ele saiu, como ele não era daqui não me importei, e a gente foi, tinha um quiosque de sorvete, fechado na praça, a gente foi atrás do quiosque, e hoje nem tem mais, quando eu vi que tiraram eu falei ‘nossa, perdi um lugar mais próximo do clube’ ali era tranquilo, era no centro da cidade, você ia ali e ninguém via, agora eu tenho que ir mais longe (risos) daí a gente primeiro foi conversar, e ele me falou que namorava, e eu fiquei meio...

P- Ele namorava um menino ou uma menina?

E- Um menino. E eu fiquei com o pezinho meio atrás, disse assim “ah você namora? Então por que você quis ficar?” e ele já estava meio alterado, já tinha bebido, não tinha muito nexó o que ele falava, só falou “ah eu namoro, mas eu também queria ficar” daí eu que comecei a recusar “ah se você namora então não vamo ficar não, cadê seu

namorado?” “Tá na minha cidade, tá em outra festa” e eu falei “então, e você está nesta festa aqui, então vocês se respeitem” e ele “mas eu vim, eu quero ficar com alguém, ele não vai saber” só que aí já era eu que não queria, um moço lindo, chama Murilo Bertone, o pai dele já trabalhou aqui, e ele vinha pra cá todo sábado com o pai dele e eu até encotrei com ele outras vezes, enfim, acabou que nesse dia ele me deu um selinho, ele insistia, e eu disse ‘não tá bom’ depois me deu outro selinho e uma mordidinha na boca, aí eu fiquei louco né? Tipo ‘aí que vontade!’ mas eu pensei ‘ah ele namora, não quero fazer com os outros o que eu não quero que façam comigo’, então a gente não ficou, só um selinho, uma mordidinha, e embora eu tava com muita vontade, eu preferi não ficar, eu me segurei muito, tava propício para ficar, mas eu achei melhor não, aí a gente voltou para a festa e a Roberta já veio ‘e aí? Eu eu disse “Rô, a gente não ficou, ele tem namorado” e ela ‘ah tá, entendi’, e como ele é amigo dos meus primos manteve um contato, e foi chegando o carnaval desse ano, e ele tava brigado com o moço lá, foi chegando o carnaval, ele falou que talvez viria, e eu não sabia que ele era amigo do nosso amigo Fernando, e ele veio, e tipo a hora que eu vi ele eu pensei ‘Ah meu deus tem que ser agora’ porque ele tava solteiro, tem que ser, e eu acho que ele veio com intenção de... minto, o Fernando convidou ele na intenção de ficar com ele, mas aí ele ficou comigo, e acho que ele falou para o Fernando, porque o Fernando me olhou meio torto um dia na república, daí eu pensei “será gente?” você ainda estava com a gente esse dia na república.

P- Ah sim, aquele carnaval foi muito bom!

E- Ai eu amei, e naquele carnaval ele dormiu na minha casa, não sei se o Fernando ficou sabendo mas a gente foi junto pra minha casa, junto para o carnaval, e ficamos lá em casa, mas não aconteceu nada além de beijos e pega aqui pega ali, ficou só quente mas não pegou fogo, e acho que... sei lá, o Fernando ficou meio assim comigo porque o Fernando queria ficar com ele, mas a gente ficou, teve um dia que a gente ficou dentro da piscina, com um monte de gente lá a noite...

P- Ah tá, mas então não é o mesmo que eu te vi beijando naquela área de lazer, do aniversário da Maria?

E- Não, esse é outro, o Murilo tem alargador na orelha, uma gracinha! Acho que o Fernando ficou meio assim, porque ele acabou ficando comigo, foi pra minha casa, almoçou na minha casa.

P- Complicado isso, você e o Fernando são amigos?

E- Amigos amigos não, a gente sempre conversou em algumas rodas.

P- Você nunca ficou com ele?

E- Não, ele já quis, uma vez eu coloquei uma foto com duas pessoas se beijando e embaixo estava escrito ‘é isso que quer dizer quando alguém te cutuca no face’ aí ele cutucou, imediatamente, e eu pensei ‘nossa, será que ele quer ficar comigo?’, ele já foi na minha casa, mas ficou com outra pessoa, não comigo, não sei se ele ficou bravo

comigo pelo Murilo, mas o que falou mais alto é que a gente já se conhecia, ele veio para cá solteiro, eu acompanhava tudo pelo face, e a gente conversava pelo face também, e ele me falou ‘ah, eu larguei’ e ele disse isso perto do carnaval, eu já sabia, só não tinha curtido o ‘solteiro’ na pagina dele, quando eu vi que ele alterou o status pra solteiro pensei ‘não, vou fazer a egípcia, não vou curtir não’.

P- O que é fazer a egípcia?

E- Ah é tipo, dar uma de besta, quando você ignora alguma coisa já fingir que não viu é a “Kátia cega”, mas fazer a egípcia é quando você passa e nem cumprimenta (risos).

P- Eu não sábia (risos).

E- Entendi, mas você disse que com o Murilo esquentou mas não pegou fogo.

E- É, não teve penetração, eu quis, cheguei até a pegar uma camisinha, daí ele falou assim ‘melhor não’, eu disse ‘tá bom’, respeitei... E depois descobri uma coisa, o namorado dele estuda na mesma faculdade que eu, e no dia do meu trote eu vi ele e já fui gritando, e eu não sabia que ele tava com outro namorado, não sei se tá ainda, porque no face não tá ‘relacionamento sério’, não tive a oportunidade de perguntar ainda, mas voltando a história, hora que eu fui todo feliz cumprimentar o namoradinho já veio com aquela cara ‘como assim?’ todo sério, daí ele me apresentou ‘meu amigo, tal’ mas o namorado acho que ficou meio assim, não sei se ele contou que a gente ficou, sei lá, mas quando você tá com uma pessoa o passado vai junto, o presente e o futuro, enfim... mas aí a gente conversa numa boa, e depois disso preferimos deixar as coisas acontecerem, se a gente tá junto em uma festa... Hoje a gente só tem contato pelo face, ele tá namorando um rapaz da minha faculdade, então é melhor eu nem ter muita relação porque senão o namorado vai achar que eu tô querendo alguma coisa, mas não, nossa conversa nunca teve nada demais, sabe? Nunca teve nada além de bate papo, nunca falávamos sobre, não era uma coisa marcada, então quando a gente conversava era sobre sair, shopping, essas coisas, sair eu, ele e meus primos, teve um dia que ele veio com os meus primos, uma tarde só, e a gente nem ficou, fomos todos juntos para a sorveteria e só, foi só isso entre amigos...

P- E a primeira vez que você teve penetração? Você se lembra?

E- Claro que lembro, eu tinha 17 anos, fazia curso técnico.

P- E por que você diz que não estava preparado?

E- Eu achei que eu tava.

P- Mas alguém está realmente preparado?

E- Não, então... eu achei que eu estava confortável, mas na verdade eu não estava, não era pra ser aquela hora, acabou sendo forçado, acho que me forcei demais, eu mesmo, eu não deveria ter feito aquilo, acho que eu fiz mesmo pra agradar. Eu já estava ficando já fazia praticamente um mês com a mesma pessoa, por aí, todos os dias, porque assim:

eu fazia curso técnico, eu chegava as 15 pras 11, ia ficar, na casa dele, até meia noite e meia, mais ou menos, eu já morava com a minha avó, e ele morava com a dele, então velho dorme cedo né? (risos) e o sono é profundo, graças a um rivotril (risos) e aí no dia a gente já tinha tentando outras vezes, e eu falei que não, que eu não conseguia, sabe?

P- E entre o primeiro menino que você beijou e esse, ele foi seu segundo beijo e sua primeira transa?

E- Deixa eu pensar... eu acho que era o segundo.

P- E como vocês se conheceram?

E- Escola! Na hora do recreio, e eu sempre bato naquela tecla, da 'estrelinha', tinha aquele monte de gente, mas se é vai ver, então se vimos, e começamos a trocar olhare.. já era face já? Não, era Orkut e Face, era a transição, e eu precisava saber quem é, e na escola sempre fui representante de classe, então eu tinha a liberdade de sair da sala, e tive contato com a representante da sala dele, e eu como não quem não quer nada, comecei a perguntar o nome das amigas dele, aí eu fui conhecendo a turma, descobri o nome e já fui direto procurar no Orkut, aí eu achei, e não tinha tantas fotos que mostrasse o rosto, só de lado, perfil, aleatório, não conseguia entender a expressão dele, enfim, a gente se via na escola, mas eu queria ver foto dele, daí a primeira vez que falamos pela net foi só 'oi tudo bem?' porque acho que ele não acreditou muito que eu tinha adicionado, daí eu perguntei 'você tá ficando com alguém' e ele 'por que você quer saber' e eu 'por que eu tô a fim de ficar com você', aí eu falei, daí ele 'então tá' e eu perguntei 'que dia que pode ser?' 'hoje' 'mas hoje eu vou para a escola...' e era uma sexta feira, eu estava mais arrumadinho, quando eu cheguei fui pra casa, e já tínhamos trocado o numero de celular, daí eu mandei mensagem 'o que você tá fazendo?' 'não tô fazendo nada' 'eu acabei de passar aí fora' aí ele mandou mensagem 'então vem aqui' e eu fui, e a gente ficou, e eu me espantei porque ele era mais novo que eu, mas eu não sabia, sabia que era uma série para trás, eu estava no primeiro colegial e ele na sétima, eu tinha 15 e ele 13, mas ele não tinha cara nenhuma de novinho, nenhuma...

P- Mas peraí, você não deu seu primeiro beijo com 17 anos?

E- Então eu estou fazendo confusão? Eu sei que ele foi o segundo, verdade, eu tinha 17 e ele tinha 13, realmente novinho, então é isso... e aí ele foi muito mais fofinho do que eu, eu assustei, porque a gente começou a beijar e quando eu vi ele tava abaixado fazendo um oral em mim.

P- E ninguém nunca tinha feito isso com você?

E- Não, já, mas ele era novinho! Novinho! E eu não acreditava, eu era novo com 17, mas ele era muito mais experiente do que eu, eu era tão inocente, eu sempre fui inocente, não ficava pensando essas coisas e tal, eu nunca tinha ficado focado nisso, e eu achei ele tão assim fofinho, pra frente eu achei, eu assustei, e não foi só comigo, outras pessoas que ele ficou falaram a mesma coisa, usaram a palavra 'atirado', e eu fiquei assustado, mas a gente ficou um tempinho, foi ficando todo dia, e uma hora ele

pediu para mim transar com ele, mas eu disse não, ‘mas por que?’ ‘eu não estou pronto’, e eu vinha trabalhando aquilo na minha cabeça, até que um dia eu disse ‘ai meu deus do céu, eu acho que eu tô pronto’ aí eu falei, a gente foi para o quarto, aí começou a acontecer, e eu me senti muito estranho, não gozei, não consegui...

P- Você foi ativo ou passivo?

E- Fui ativo, e muito leigo, nem sabia trocar de posição, era daquele jeito e tá bom, fiquei com vergonha, porque eu não tinha experiência, era a primeira vez, depois eu me senti um lixo, me senti porque fiquei bravo comigo mesmo, pensava que aquela não era a hora de ter feito aquilo, só tinha feito para agradar, eu não estava pronto, depois rolou uma segunda vez, foi mais diferente, aí eu consegui gozar, graças a deus cheguei até o fim.

P- Você já tinha experiências de masturbação sim?

E- Sim, pela internet... aí aquela época de internet discada, os vídeos não carregavam! (risos) e olha como eu era inocente não pensava nessa coisa de posição, tanto que é quando eu via pela internet não eram vídeos, eram imagens, acho que era um site ‘tudo de bom gay’ nem existe mais, e eram imagens, internet discada os vídeos não carregavam, só depois que mudou a internet aí eu conseguia ver vídeo, daí eu pensei ‘gente eu tenho que aprender alguma coisa, não pode ficar só daquele jeitinho e acabou’ entendeu? Mas foram só duas vezes, a primeira que eu não gostei, a segunda...eu gostei? Foi de boa, acho que eu tenho que falar assim.. depois disso eu comecei a achar que eu não gostava de sexo, eu só queria ficar, o máximo que rolava era um oral e nunca além disso.

P- Você sentia prazer quando alguém lhe fazia sexo oral?

E- Sim, e em fazer também, e eu não queria que passasse disso, já fiquei com gente que vem com aquele dedinho atrás, e foi aí que... eu não sabia o que era ativo e passivo, entrava no bate papo uol, e quando alguém perguntava: ‘você é ativo ou passivo’ eu falava ‘passivo’ eu achava que passivo era uma pessoa calma, uma pessoa zen, uma pessoa que não tá nem aí pra nada, e eu falava passivo pensando nisso, sabe, eu fui descobrir o que era ativo/passivo depois, aí eu pensei ‘sou o que então?’ aí que eu fui procurar saber eu não sabia, eu achava que ativo era aquela pessoa agitada, que não para, gente! Olha que inocência! Depois ele não quis mais ficar comigo, daí... não que eu falei ‘tá bom’, aconteceu todo um teatro, pra ele falar que não, mentiu, falou que mãe tava descobrindo, e que não queria me prejudicar, até que eu pressionei uma amiga e ela falou que ele não queria mais ficar, que ele não queria mesmo, que ele não queria mais ficar, e só, e ele me machucou por causa disso, até então, eu já estava me envolvendo, eu já estava gostando.

P- Você diria que foi a primeira pessoa que você gostou?

E- Que eu gostei, nunca senti amor, eu acho, eu acho... não sei definir amor.

P- Você era fiel?

E- Fui, sempre.

P- Vocês eram 'oficialmente' namorados?

E- Não, o negócio era só... a gente ficava todos os dias, não era um assim um namoro, eu não considero, não acho mais, na época eu poderia até pensar que estava namorando, mas não cheguei a mudar status no Orkut ou no Facebook, graças a deus, nada, mas a gente só ficava todo dia, mas aquela rotina já estava fazendo eu gostar, entendeu? Eu já estava gostando, entendeu? Tanto é que quando falou 'ó vamos para por aqui' eu fiquei triste porque tinha que parar por ali, o motivo não me abalou, aí meus pais estão descobrindo... os meus também não sabiam, eu entendi, mas quando eu descobri que era mentira eu fiquei puto, aquela coisa que você quer encontrar a pessoa e bater na cara, e eu já fiquei muito assim, por que mentir? Era só falar que não estava dando certo, sei lá...

P- E como era vê-lo na escola depois disso?

E- Pra mim foi torturante.

P- Vocês se cumprimentavam?

E- Não. Eu preferi assim, mentiu para mim, e mentir é muito feio, é muito grave, minha mãe que falava isso 'não pode mentir', entendeu? Fez uma coisa muito grave, por que vou conversar com uma pessoa que fez um negócio desse para mim? Eu pensava assim, não conversava, nem olhava, passava com aquela vontade de voar em cima (risos nervosos) porque eu estava gostando, entendeu? Foi difícil pra mim, eu demorei um bom período, e não fiquei com ninguém nesse período, foi aí que eu comecei a pensar 'será que é isso que você quer?' e tal, e realmente eu vi que era o que eu queria mesmo.

P- Meninos.

E- Meninos. Eu fui saber realmente que eu não queria beijar menina quando começou a ter festinhas na minha casa, na época eram só 5 pessoas, e aí a gente foi para um clube da cidade que estava fechado, atravessamos a grade, e eu tinha a intenção de ficar com um menino lá dentro, e uma menina veio e me beijou, do nada, me pegou de surpresa, aí eu falei, eu não empurrei, eu falei 'ah já tá beijando? Entã vamo lá' Foi a primeira vez que eu beijei uma menina, no susto, aí eu... tipo... nem fiquei ereto, nem senti tesão, nem nada, aí falei assim 'mas será?' aí eu beijei outra menina, no mesmo dia, e também nada, aí falei 'não é isso que eu quero', daí eu beijei mais uma menina e realmente percebi que não era aquilo, eu só beijei quatro meninas até hoje, beijei a ultima em uma brincadeira, e então pensei 'a partir de hoje não preciso mais me enganar, não é isso que eu quero' então só meninos dali pra frente, já faz um tempinho.

P- Uma vez você me contou uma história de que você estava beijando alguém no clube, e um cara viu e veio puxar conversa com você no msn falnado 'e aí? Você saiu ontem

né? Beijou bastante né? Se perde comigo” e você surpreso respondeu ‘não posso falar agora, estou trabalhando’ uma coisa assim, do cara ter visto você beijar uma menina...

E- Não, ele não me viu beijando uma menina, era um menino, no clube, eu só beijei um menino, lá embaixo, no meio de todo mundo, foi o Murilo, quem viu foi aquele menino que trabalha na academia, ele viu e ficou de cara, assim ‘ó’, estávamos no camarote, meu irmão com a namorada, meus primos, e eu estava sentado lá, o Murilo veio e falou: ‘quero beijar você’ perguntei ‘que hora?’, ‘agora!’ e a gente beijou aí, e esse menino viu a cena, mas não foi ele que me chamou no msn, era um outro rapaz. Naquela época deu uma repercussão enorme, porque foi na camarote, tinha bastante gente, então acho que nem todo mundo viu, meu irmão mesmo não viu, por exemplo, só repercutiu um pouco pra quem contou pros outros, tanto é que uns meninos tomaram coragem, um dia depois, e se beijaram lá porque viram que eu beijei, e eu fiquei extasiado no dia, junto o prazer e adrenalina de estar todo mundo ali e ainda pensei ‘preciso dessas duas sensações juntas de novo!’ porque foi muito bom, teve uma outra festa hetero e eu beijei um menino na frente de todo mundo porque aquela sensação foi tão legal da primeira vez, pensei ‘eu tenho que sentir de novo’ e foi.

P- Então hoje você se sente confortável para beijar meninos na frente das pessoas?

E- Eu penso assim, eu só beijo na frente de todo mundo quando eu conheço uma boa parte daquelas pessoas que estão lá, que já me conheçam, aí eu me sinto seguro, mas num lugar que eu não conheço não... No clube, quando eu beijei, eu meio que agi por impulso, eu já cheguei a pensar nisso, e se alguém vê e fala ‘ah vamos pegar ele na saída tava beijando outro homem’ eu já cheguei a pensar nisso, mas depois achei que com tanta gente que gosta de mim, que me defende, eu acho que não vai dar em nada, então a primeira coisa que eu penso é isso, quando estou em um lugar, se eu conheço todo mundo que tá lá, daí eu beijo, não na frente de todo mundo, outras vezes eu beijei num cantinho, mais escuro, porque se você vai em uma balada gls qualquer um que você olha ali provavelmente é, 90% de chance de ser gay, agora numa festa hetero não é tão difícil de achar, tem a ‘estrelinha’, você sabe quem é.

P- Te interessa se o cara é mais másculo ou afeminado?

E- Me interessa se ele for mais másculo, porque tem hora que eu me acho meio afeminado, acho que eu exagero um pouco, muito afeminado não me atrai, já fiquei com gente afeminada, mas gente muito afeminada não me atrai, tanto é que eu separo um pouquinho as coisas eu falo assim ‘tudo bem ser gay, mas você não precisa contar pra todo mundo que você é gay’, tem várias formas de se mostrar, não preciso ficar ‘aí bixa’ e não sei o que, eu não gosto disso, nunca gostei, e antes eu tinha até um preconceito maior com isso, eu não suportava ficar perto, hoje não, hoje eu penso diferente, vou para outras cidades, vejo pessoas diferentes, de vários jeitos, e muita gente que eu nunca tinha visto, eu já vi gay de bota, fivela e chapéu! Numa balada! Falei ‘putz’ o cara, como assim? Então eu comecei a pensar diferente, cada um vai se expressar da sua forma, em outros lugares vestido daquele jeito ninguém vai falar que ele é gay, ele dentro da boate gay beijando outro rapaz todo mundo vai saber, pensei ‘o mundo tá

perdido!’ (risos) e eu quebrei um pouco desse meu preconceito, eu não ligo tanto, vejo tanto como um lado cômico das pessoas agora, eu penso assim ‘ah essas pessoas que são mais assim...mais soltas, mais afloradas, mais afeminadas, são pessoas divertidas!’ eu comecei a ver assim, então eu olho, eu aceito melhor, eu dou risada junto, sabe? Conto piada junto... mas antes não, não aceitava, não queria estar junto, ainda mais porque meus pais poderiam saber, mas depois que meus pais souberam...

P- Hoje seus pais sabem então?

E- Sabem, primeiro foi minha avó, ela veio me interrogar, teve um dia que eu estava muito atacado de enxaqueca, deitado no quarto escuro, ela bateu na porta, entrou, e veio conversar comigo, falou assim ‘óh, a vó é igual a sua mãe, então eu te conheço, eu sei que você não gosta de menina, é verdade não é?’ eu não falei nem que sim nem que não, só balancei a cabeça, afirmei positivamente, ‘então, você não precisa de ter medo de me contar’ foi muito dez a minha vó, muito cabeça aberta, eu falo que eu sou grato até hoje pelo Super Pop da Luciana Gimenez (risos) porque sempre tinha esses temas de sexualidade, e ela via muito aquilo, e sei lá, foi criando seus próprios pensamentos, seus próprios conceitos, então tá né? Eu só fiquei morrendo de medo de contar para o meu pai, no dia seguinte ela falou, e ela veio me falar, e eu já estava na psicóloga, a gente conversava, e ela contou para o meu pai e veio me falar e eu ‘o que vó? Você contou para o meu pai?!’ ‘ah eu contei que essa dor tua é porque você fica guardando coisas pra você’ ‘e você falou pra ele que eu gosto de homem?’ ‘falei’ ‘e ele?’ ‘ah ele não falou nada, ele meio que deu risada, e tipo, ele aparentou achar normal’ assim a minha vó falou, e daí eu fiquei assim, ai não quero encontrar meu pai! E tipo, meu pai é aquela figura de homem, meio que bravo, mas ele é gente boa, então, ele sempre se portou como o verdadeiro hetero na minha frente e do meu irmão, daí eu fiquei com medo, passou um dia, eu não vi ele, e a gente mora no mesmo quarteirão, não vi ele esse dia, no outro dia eu estava indo para o trabalho, depois do almoço, entrava meio dia e quarenta, ele me ligou, e falou assim ‘o que você está fazendo?’ ‘tô indo trabalhar pai, por que?’ ‘Por que eu tô indo na cidade vizinha e preciso levar uma peça da caminhonete para arrumar, e depois eu queria ir com você lá no shopping, você não quer comprar uma roupa, alguma coisa?’ aí eu falei ‘putz, meu pai, falando isso pra mim? Me chamando para ir no shopping? Meu pai não chama nem a minha mãe pra ir no shopping!’ e eu não sei se ele queria conversar comigo, porque infelizmente eu não podia ir, mas eu tinha que trabalhar, e ele sabia que eu tinha que trabalhar, daí pensei assim ‘não, ele me chamou porque sabia que eu ia trabalhar, ele sabia que eu não iria recusar porque gosto de shopping, então acho que ele queria falar comigo’ assim eu acho, sempre achei isso, então a gente nunca teve ‘o assunto’, mas acho que esse dia ele queria falar. E foi assim, ele nunca demonstrou nada contra, e eu creio que o exemplo de filho que eu sou, eu sou assim por causa deles, tenho boa educação, nunca dei trabalho em festa por causa de bebida, então tenho certeza que eles depositaram uma confiança muito maior em mim do que em meu irmão, neste sentido, então acho que por eu ser um filho que nunca deu trabalho, nada de trabalho em festa, escola... eu sempre fui um filho exemplo, não to me gabando, até porque eles me criaram assim, da maneira correta, que

nem eu acho que não pode mentir, eu não minto pra eles, quando eu faço alguma coisa que eu não quero que eles fiquem sabendo, eu contou ou pra minha vó ou pro meu irmão, mas eu nunca deixou de falar, eu deixo indícios de onde eu vou, deixo as pistas, se alguém perguntar onde eu estou alguém fala, sempre que eu saio alguém sabe onde eu estou.

P- Entendi, mas me conte dessa psicóloga, como foi? Aquele seu namorado que te apresentou pra ela em uma festa?

E- É, e aí pra mim já foi mais fácil, quando eu busquei ela.

P- E você foi para a psicóloga por que?

E- Por que o neurologista tinha me encaminhado, eu já tinha passado pela psicóloga Rosana, mas eu não me sentia bem, não sentia vontade de falar pra ela, e meu pai trocou de emprego, daí no convênio novo tinha a Silvana, e eu pensei ‘nossa ela já sabe!’ daí eu fui com ela.

P- E foi legal a terapia?

E- Foi, eu gostei muito, embora a gente nunca focava naquele assunto do tipo ‘ai preciso me respeitar, preciso contar para os meus pais’ a gente não focava tanto nisso porque depois que meus pais ficaram sabendo ficou tudo melhor, o peso saí, você fica melhor, você fica bem, então eu já me sentia mais tranquilo, quando meus pais souberam meus amigos da escola não sabiam, e eu tinha um pouco de receio, aí quando contei para aquele meu amigo hetero que eu comecei a falar e não terminei, eu achei que ele ia me dar um pé na bunda como fizeram com o César, não, ele virou e falou assim pra mim ‘Cris, vamos fazer nossa festa de aniversário junto?’ e eu pensei ‘mentira!’ pra mim foi a verdadeira prova de uma amizade, eu realmente descobri que eu fazia bem pra ele, que a minha amizade era boa, nós estudamos juntos desde os 6 anos, e fizemos a festa juntos, e eu já convidei ele pra ir em boate gay, falei que ele tem que conhecer, meu irmão também quer ir, e pra mim o aniversário foi uma grande prova de amizade, não foi nada do que eu pensei, pelo contrário, tanto ele quanto os outros meninos, a mesma coisa, todo mundo recebeu muito bem, e eu só falei depois que terminei o ensino médio, eu preferi não falar na escola, sei lá, não era todo mundo que eu conhecia bem, daí contei pra psicóloga que eu tinha contado pros meninos, porque antes eu tinha medo de falar pra eles, foi legal.

P-Entendi, e mudando de assunto, depois daquele seu namoro, como as coisas estão?

E- Só ficar, como eu tinha me ferido muito, me machucado muito, porque eu estava gostando, então decidi ‘a partir de hoje só vou ficar’, não vou gostar, não posso gostar de alguém, então todo mundo que eu fiquei, nossa, todo mundo? Até parece que é tanta gente né? Mas todo mundo que eu fiquei eu nunca tentei amar mais, nunca tentei transar, e ir mais além, nunca fiquei insistindo em ficar, com medo de começar a gostar, comecei a me policiar, sentia prazer, adorava ficar e tal, mas sempre me policieei, se eu visse que eu estava ficando muito com a mesma pessoa eu já dava o corte, e pra você

ver como é o medo de me machucar de novo, não quero sentir de novo o que senti, fiquei mal mesmo, o que é ruim a gente não quer passar de novo.

P- Nossa, e já faz uns 3 anos essa história com o garoto...

E- Faz, e ultima vez que eu comecei a gostar de alguém foi recente, foi há dois meses, antes do natal.

P- Ah é? Guarde essa história, antes eu quero te perguntar: você já ficou com amigos?

E- Amizade Colorida?

P- Pode ser.

E- Já, já! Eu acho assim, primeira coisa você tem que ser realmente amigo, você tem que se conhecer muito bem, por exemplo, eu sabia com quem eu poderia ficar e que não ia atrapalhar na amizade, eu acho isso uma coisa muito interessante, já sei que não pode acontecer.

P- Acontecer o que?

E- Abalar uma amizade, isso é o que eu não queria, as pessoas que eu fiquei e que são meus amigos até hoje graças a deus, não tem nada abalado, porque eu soube escolher, porque eu conhecia bem a pessoa, primeira coisa é conhecer bem a pessoa, porque se tem uma amizade aí de alguns meses e você fica eu já acho que não dá certo, porque a pessoa não se conhece, eu tenho amizade de 12 anos aí que eu conheço muito bem, que são os 'amigos de geladeira' são aqueles que chegam na sua casa, abrem a geladeira, pegam água, deitam no sofá, pra mim esses são os verdadeiros amigos, enfim a primeira coisa é que você tem que conhecer bem o seu amigo antes de querer ficar com ele, como que vai chegar nisso? Sabe... E amigos mesmo, que eu já beijei, foram dois, só... e não abalou em nada, e foi mais de uma vez, foi uma coisa que rolou, foi tipo assim: começa com brincadeira né? Sei lá, e no momento ali de carência dos dois, acaba que nessa amizade um conforta o outro de alguma forma, acho que ficando fortalece mais, sei lá.. comigo aconteceu isso, nada de abalar.

P- São meninos que se dizem gays, heteros, bi... ?

E- São gays, às vezes não para os pais, mais para os amigos, entre os amigos sabem.

P- E não chegou a acontecer sexo?

E- Não, não. Acho que pra acontecer sexo tem que existir muita atração física, e acho que eu quando fiquei com eles nunca pensei nessa atração física, eu sempre pensei assim, no que eu conhecia da pessoa, que a pessoa é legal.

P- Vocês chegavam a gozar? Se masturbavam?

E- Não era só beijo, foi um realmente só ficar. Eu acho que se realmente tivesse que acontecer alguma coisa ia ser no momento, nada planejado, ia partir dos dois, mas a gente nunca passou de beijo.

P- E ficantes que viraram amigos? Você tem?

E- Tenho, eu me considero uma pessoa assim... bastante cativante, eu gosto, tanto é que eu não sou assim 'fiquei uma noite acabou', a primeira vez que aconteceu isso foi na boate gay da cidade vizinha, num dia a gente ficou e fiquei sabendo do nome e da idade dele na noite, depois eu não sabia de mais nada, aí entrei no Face, adicionei, e a gente nunca mais conversou daí falei 'como assim?' porque sempre que eu fiquei eu sempre tentei manter uma amizade, não com a intenção de ficar de novo, só pra ter uma amizade, eu acho importante, eu tenho amigos que eram ficantes, que hoje vão na minha casa, jogamos Uno (jogo de cartas), brincamos de Stop... tranquilo.

P- Vamos falar um pouco agora sobre 'armário', parece que o seu é aberto, pelo que você contou, e o armário das pessoas que você convive, que você fica, que você tem amizade, o que você pensa sobre o 'armário'? Por exemplo: pessoas que se dizem heterossexuais mas que beijam pessoas do mesmo sexo.

E- Eu já fiquei com gente assim, olha... deixa eu ver... nenhum desses que eu fiquei veio falar pra mim que era gay e que gostava, não, mas eu já fiquei mais de uma vez com um que se diz hetero, então, eu falei assim 'bom, a pessoa fica com menina em festa e tal' eu só consigo pensar nisso: 'ou é bissexual, que eu acredito que seja, que exista, ou é uma forma de mascarar', é muito mais fácil a sociedade aceitar alguém bissexual do que alguém gay, eu acho, inclusive eu não queria me aceitar, eu falava nos bate papos da internet que eu era bissexual, porque era muito mais fácil falar isso do que falar 'eu sou gay' era muito mais fácil, e eu acredito que com eles seja a mesma coisa, tanto é que com eles eu nunca tive liberdade de entrar no assunto, não sei se já ficou com mais gente, como é.

P- Aquela coisa de corpo, rolou ali na hora.

E- É, tem isso, e eu acho importante ter um diálogo, tanto é que depois quero uma amizade, porque pra mim é assim, você vai no dia e me vê ficar com uma pessoa, pode ter certeza que tem todo um histórico de conversas. E com esses que se dizem bi ou hetero eu tenho conversas, mas a gente não entra no assunto 'sobre'.

P- E como rolou com eles?

E- A primeira coisa, a gente se falava pelo Facebook, assuntos aleatórios, e sempre cai em festa 'você vai sair?' 'ah vou', comigo aconteceu assim... e uma coisa que sempre aconteceu comigo, eles sempre ficaram comigo, na intenção, de achar que eu era passivo e que eu ia dar pra eles, sempre! E isso me chocava um pouco, e chocava eles a hora que eu falava 'não eu não dou, não adianta, e nem se eu fosse passivo, logo no primeiro dia não rola, a gente tem que se conhecer', mas voltando, as conversas sempre começavam sobre festa e à partir de festas vinha as vontades de ficar, e eles me

perguntavam se eu gostava de ficar com homem, me perguntavam primeiro, creio que pra eles terem certeza de que poderiam falar pra mim, porque se eu falasse que não eles iriam dizer que não também... mas até aí, por que que chegou no assunto também, né? Enfim, eles me perguntavam, e eu sempre respondia que sim na esperança de ouvir um sim também, porque pensa, a pessoa mal conversa com você, quando vocês começam a conversar ela começa a tocar nesses assuntos, eu penso assim, mas era sempre assim, começa falando de festa, e eles sempre achavam que eu ia sair e ia dar, mas não é assim.

P- E aí, como eles reagiam quando você dizia não? Ficavam bravos?

E- Não, acho que justamente por esse repertório de antes, das nossas conversas, já ficaram comigo achando que eu ia dar, mas também já ficaram comigo mesmo sabendo que eu era ativo e que eu não ia dar.

P- Então você não gosta de ser passivo?

E- Nunca fiz pra valer, já tentei, uma coisa assim pra ver, mas não vai, não adianta, 'relaxa' eu não relaxo, não adianta, é muito tenso, pode me tocar, pode colocar a mão na minha bunda, eu não ligo, sabe, pode passar a mão, mas tem gente que já começa um dedinho e eu fico incomodado, aí não consigo me concentrar no beijo, já subo a mão, e perco a graça. Eu só tentei uma vez só e falei 'não é pra mim', me senti mal.

P- Mal por que?

E- Mal comigo, eu sabia que não queria ter feito aquilo, como que nem a menina que veio me beijar, eu não quis aquilo, me senti mal, essa coisa de ser passivo é igual beijar menina, não é pra mim, não é isso que eu quero. Eu sei que me senti mal também por não ter feito pra experimentar de verdade, mas sei que se eu tivesse feito não ia gostar, eu pensei assim.

P- Então o único contato que você teve foi com aquele namorado mais novinho?

E- Não, eu já tive um outro, mas foi uma vez só, fomos para uma cidade vizinha num grupo de amigos, e no primeiro dia eu fui ficar com um rapaz, e esse que eu comi foi ficar com outro, mas a gente se adicionou no Facebook e a gente viu que tinha uma química, daí vamos combinar, mas antes de transar a gente ficou umas 3 vezes, eu prezo muito isso, do histórico meu com a pessoa, não pode ser da primeira vez, tem que ser uma coisa de respeito mesmo, eu prezo muito isso, a pessoa tem que me conhecer, se ela não gostar de mim ela vai definir isso ali, me conhecendo, não depois que eu beijei, já teve claro de se arrepender, mas eu prezo muito o conteúdo que vem antes de ficar, eu prezo bastante. Quando a gente transou a gente já se conhecia, depois ele começou a namorar, mudou pra outra cidade, e a gente perdeu o contato, porque essa coisa de namorar fica aquela implicância com o Face, faz excluir isso, excluir aquilo, deleta amigos e aí acaba, a pessoa já não tem mais essa vida social de Facebook, mas contudo foi bom.

P- Uma coisa que eu queria falar com você é em relação a sua casa, eu mesmo já frequentei várias vezes aquelas festas no fundo da sua casa, é uma coisa muito interessante. Acho que a sua casa acabou se transformando numa balada gay, e todos que iam lá já iam sabendo disso.

E- A primeira vez que eu te vi eu fiquei meio assustado, eu não conhecia você, lembro que teve uma vez que tinha quarenta pessoas no fundo da minha casa, e tinha pessoas que eu não tinha contato, foi até o Carlos Nascimento.

P- Ah eu sei quem é esse cara, é meio suspeito né? Todo bombadinho, desfila sempre. Não sei se ele beija ou se tem muita vontade de beijar meninos, mas ele está sempre no meio dos caras assumidos e sempre paquerando meninas. Talvez ele se defina como 'hetero' que beija 'gays' (risos)

E- Né? Eu sempre falava que a intenção de fazer aquilo lá era pra que as pessoas e eu pudessem ficar com outras pessoas sem que ninguém soubesse, ou seja, em um lugar particular, a sociedade não ia saber, se não fosse por pessoas dali de dentro, minha avó sabia e nunca ligou, não tem problema, e eu creio que ali eu disponibilizava segurança para todo mundo, ninguém ficava com medo de ficar com alguém lá dentro, a não ser que tinha outra pessoa que achavam que poderiam contar, como o Carlos Nascimento, eu fiquei assustado porque ele apareceu lá com uns amigos que eu nunca vi na vida, aquele monte de gente na minha casa, que não foi diferente quando você foi, eu fiquei assustado, aquele dia eu fiquei assustado, não via a hora de acabar.

P- Eu ainda peguei aquela fase que iam no máximo vinte pessoas, tinha aqueles joguinhos de tirar papel, sortear nome e depois ter que dançar, abraçar, morder ou beijar quem a gente sorteou, independente de ser menino ou menina...

E- Não deu muito certo aqueles joguinhos, não funcionavam, esses eu mesmo não participava, eu achava interessante ver, eu sempre falava que meu nome estava lá, mas não estava. Mas era engraçado ver o pessoal.

Pesquisador: Olha, pelo que eu vi, acho que na sua casa as pessoas tinham segurança, se soltavam mesmo nas festas. Uma vez eu cheguei lá e estava você no computador colocando musicas com o Marcelo, e do outro lado, naquele quartinho da sua casa, estavam Celso, Maurício, Juliano e Antônio se pegando ao mesmo tempo.

Cristiano: Que horror!

Pesquisador: Não estou pensando na questão do "horror", estou pensando que eles são amigos e estavam todos se beijando, se pegando, o que você pensa disso?

Cristiano: Olha, você ta me dizendo isso, e agora estou entendendo um outro assunto que uma vez gerou uma discussão: esse negócio de todo mundo se pegar, eu não sabia disso, eu sabia assim, que mais de uma pessoa ficava junto, mas não sabia isso, eu estava no computador e não vi.

Pesquisador: S3rio?

Cristiano: 3, tanto 3 que a primeira vez, assim, que eu vi isso, que eu n3o aceitei, 3 que estava o Celso, o Juliano e o Ant3nio dentro do banheiro, foi numa festa de Dia das Bruxas, tava tudo decorado e eles entraram no banheiro, j3 era bem de madrugada, algumas pessoas j3 tinham ido embora, e os tr3s foram no banheiro, a lista de m3sicas acabou, e na hora que ficou o sil3ncio ficou o som parado e a gente ouviu os gemidos no banheiro, eu subi e coloquei a cara na janela e vi os tr3s fazendo sexo no banheiro. Aquilo me chocou muito, eu sabia que tinha gente que ia em tr3s no banheiro e se beijava, mas eu nunca tinha me deparado com aquilo ali, pensei ‘nossa, na minha casa? No meu banheiro?’ fiquei chocado, n3o gostei, deixei claro que n3o gostei, eu falei que n3o gostei e teve gente que ainda me falou ‘ah mas j3 teve coisas piores na sua casa’ da3 eu disse que eu n3o vi, e realmente n3o vi, agora a quest3o de amigos fazerem isso eu acho que... eu nunca fiz isso, sempre foi s3 eu e outra pessoa, teve um amigo que j3 me contou que fez isso e eu fiquei tipo assim ‘como assim’?

Pesquisador: E depois disso o Juliano e o Ant3nio começaram a namorar, da3 um tempo e est3o juntos at3 hoje... Independente de terem participado daquela brincadeira em grupo.

Cristiano: Pra mim 3 irrelevante, eu sou muito tranquilo nesse sentido, eu n3o ligo muito pra isso, acho que as pessoas t3m que se conhecer muito bem, n3o ligo, mas eu prezo por ser apenas duas pessoas, tanto 3 que j3 fui convidado para ir pro banheiro com mais de uma pessoa e n3o fui, por saber que tinha gente l3 dentro do banheiro.

P- Entendi, mudando de assunto, acho que a sua casa acabou se transformando numa balada gay, e todos que iam l3 j3 iam sabendo disso, inclusive Carlos Nascimento e seus amigos ‘heteros’. Sem falar das meninas que tamb3m beijavam outras meninas...

E- Ah sim, veio at3 uma amiga minha de fora que beijou uma menina pela primeira vez na minha casa, ela j3 veio para isso. Eu mesmo propus pra ela quando ela disse que tinha vontade, que queria experimentar, da3 j3 chamei ela pra vir, ela era do curso t3cnico, eu falei assim ‘dorme na minha casa que voc3 beija uma menina’, acabou pegando aquela fama de que voc3 poderia ir na minha casa e arranjar algu3m pra beijar. Eu era ciente de que a minha casa era um loca seguro.

Pesquisador: E como começaram essas festas na sua casa?

Cristiano: Era s3 eu, o Vitor, a Fernanda, o irm3o dela, hoje ela j3 se assumiu e leva a namorada em casa e tudo, o irm3o dela entra no caso do hetero que fica com gays, e a gente sempre levava um amigo ou outro, nem tinha aquela pol3tica de beber todas as vezes, era s3 t3 junto, falar da escola, jogar UNO (jogo de cartas), a3 depois que começou a ir mais gente e de repente virou balada, e tal...

Pesquisador: E como foi essa festa maior com quarenta pessoas?

Cristiano: Nesse dia n3o tinha festa nenhuma na cidade, o pessoal ia pegar os carros e estacionar na vicinal para ficar bebendo e curtindo som, mas n3o deu certo, ent3o eles apareceram l3 em casa com gelo e bebida, e tipo assim, parou uns

cinco carros de uma vez, já eram 25 pessoas, fora o pessoal que já estava lá, eu até fiquei com medo dos vizinhos reclamarem por causa de barulho, conversa, porque controlar mais de 20 não tem como, e eu nem fiquei com ninguém, de tão tenso, só pensava no ambiente, aquele monte de gente que eu não conhecia.

Pesquisador: E as pessoas sabiam que iriam encontrar ambiente LGBT ali...

Cristiano: É, neste dia a Samanta, minha amiga que sempre desfila pra garota rodeio, miss, etc. Foi com umas amigas, e com elas foram outras pessoas, tipo o Carlos Nascimento e tal, eles é que iam para a vicinal, agora como eles ficaram sabendo que tinha festa na minha casa eu não sei, só sei que alguém chegou pra mim e disse que eles estavam vindo, se tinha problema, eu disse que não, porque disseram que a Samanta estava vindo, e eu estudei com ela, só que não sei quem chamou, eu disse que o problema era só bebida, não quero que acabem com as coisas que vocês trouxeram. 'Não eles tem bebida', daí eles chegaram com uma bacia enorme, cheia de gelo e bebida, e eu lá rezando pra acabar logo e o povo ir embora, e sim, os caras sabiam que iam pra um ambiente gay, lá não rolou, mas quem sabe da hora de ir pra casa né?

P- E mesmo assim, 40 pessoas já tira o clima e a segurança de intimidade, você consegue se lembrar se as pessoas se beijaram naquela noite?

E- Ah, no banheiro apenas, só no banheiro, porque já tinha pessoas diferentes, eu acho assim: as pessoas que já eram da minha casa, que já eram acostumadas a se beijar ali no meio do quintal... de repente eu só vi aquela fila no banheiro, nesse dia não se sentiram seguros, não consegui proporcionar essa segurança pra eles, descontrolou, tinha gente que a gente não conhecia.

P- Hoje você ainda faz esse tipo de festa?

E- É mais raro, eu ainda tenho as luzes de neon, tenho até luzes coloridas no jardim, mas depois que meu avô ficou doente de novo parou, ficou uns meses sem nada, daí ele melhorou, eu fiz uma festa, mas aí o som já passou a incomodar, toda hora minha avó tava lá pedindo para baixar um pouco, daí pensei que era melhor não continuar, ou só raramente, agora a gente faz esquentada, até meia noite, depois vai para alguma festa, ainda tem o ambiente seguro, e outros dias a gente faz jantas, ou brinca de Uno, Stop... As vezes a minha vó cisma de fazer cachorro-quente e faz eu convidar as meninas pra ir lá comer, ficou uma coisa meio familiar, com elas e o Vitor.

P-Entendi, e mais um pergunta: O que você pensa sobre namoro hoje?

E- Ah não sei... eu não consigo definir amor... eu acho que assim... eu ainda não contei o que aconteceu comigo no fim do ano passado, eu conheci um cara de fora, que se chama Pedro, e a gente se conheceu pela internet, por amigos em comum, na verdade uma salinha de bate-papo do Face, quando um adiciona outras pessoas na conversa do bate-papo e você não conhece todo mundo, a gente se conheceu lá, depois ele me adicionou e ficamos conversando de boa no particular, depois começamos a falar 'disso', aí ele se propôs a vir até aqui me conhecer, tinha me achado interessante, eu também tinha achado ele bonito, veio, a gente se conheceu, ficou, curtiu, ficou uns dois

dias aqui, e a gente estava se gostando bastante, e acho que quando é novo tudo é mais intenso, e tem aquela coisa ‘ai eu realmente tô gostando!’, eu achei que eu tava bem envolvido, ele estava aqui passando uns dias antes do natal, e quatro dias antes ele ia embora, daí ele ia lá na cidade dele com a família que é evangélica e não guarda o natal, sei lá... e eu pedindo para ele ficar, e ele ficou, daí estávamos curtindo e ‘vamos namorar?’, daí consegui fazer ele ficar no ano novo também, porque tava muito gostoso, eu estava adorando, curtindo, uma coisa de carinho intenso, gostosa, eu precisa parar com essa vida de ‘ai é boate gay, beijo dois na noite, vamo embora e ninguém conhece ninguém no outro dia’, eu precisava um pouco disso, e a gente ficou junto todo final de ano, e ele foi embora no dia primeiro para tomar posse num cargo público, ele é gestor do Sebrae, é um cargo de confiança e ele tinha que estar lá, ele tem 24 anos... e daí ‘vamos namorar’ e daí ele foi pra lá, e nesse período a gente trocava muita mensagem de celular, porque eu não entrava muito no Face, justamente porque ele não queria, ele era muito ciumento, demais, demais, não podia entrar no Face porque se eu estivesse lá era pra conversar com algum homem, ele achava isso, eu não estava, mas ciúmes é uma coisa que... Nossa! E eu não sou ciumento, enfim, aí a gente trocava muita mensagem de texto pelo telefone, e no final de toda mensagem dele pra mim ele sempre finalizava com ‘eu te amo’ e eu finaliza de vez enquanto, e ele sempre cobrava, já ligava com voz de bravo e tal, aí depois de um tempo, mais perto do carnaval, eu comecei a notar que eu não escrevia não porque eu não queria mas porque eu não sentia, eu não estava amando, eu só gostava, comecei a pensar muito nisso, ele me cobrava, e eu sempre saía pela tangente, falava pra ele ‘I love you’, inclusive teve um dia só que eu falei, que eu senti vontade de falar, que eu estava em casa com meus amigos aí eu tava lavando, louça, parei do nada e liguei pra dizer pra ele que eu amava ele, aquele dia eu realmente eu senti, hoje eu paro e penso que naquele dia eu acho que eu senti saudade, e acabei falando que amava, porque realmente eu não sentia amor, daí eu acabei dizendo pra ele ‘olha eu tenho que ser muito franco, não vou mentir para você, eu não consigo falar que eu te amo’ postei até um coração de lego no Facebook com a frase ‘pra mim o amor pode ser construído’ porque eu acreditava que daquele sentimento de gostar eu poderia amar depois, e aí ele ficou muito abalado com isso, aí ele já começou a falar ‘aí é um tempo que você quer? Você quer pensar nisso?’ eu disse que não, eu não estava pedindo tempo, tava falando que eu não amava, que eu só gostava, e aí ele... e tava tudo muito intenso quando ele tava aqui era só flores, ninguém pensa nessas coisas, a hora que vai embora que você sente, acho que todo aquele sentimento ficou guardadinho esperando ele voltar, para ficar intenso de novo, e eu falei pra ele que não tava amando, mas nada que não pudesse mudar, eu disse ‘olha eu não tô pedindo tempo, pra mim é isso, eu sei o que tô sentindo, você sabe o que ta sentindo?’ e ele ‘aí eu sei, eu te amo! Quero ficar com você, você está em dúvida?’ eu disse ‘não, não é isso’, aí ele me convenceu a dar o tempo, de três dias, no segundo dia eu já saí e fui na vicinal, beijei alguém lá, e no terceiro dia eu conversei com ele de novo, e no dia lá o Vitor ainda falou “Cristiano, você acabou de beijar uma pessoa! E aí, o que você tá sentindo?” eu falei ‘Vitor, o que eu estou sentindo nesse momento eu só vou saber amanhã, hoje é hoje’ então no outro dia eu não senti nada, não senti remorso, não me arrependi, pelo contrário, eu curti, pelo contrário, pensei ‘isso aí é mais uma afirmativa de que eu não tô amando, só que eu

preciso de conversar com ele', eu precisava falar pra ele que realmente eu não amava, aí no outro dia eu não contei que fiquei com outra pessoa, porque eu já sabia que ele tava machucado por eu ter falado que não amava, e pensei 'nossa mais uma apunhalada, né?' então eu menti, você vê? É até contraditório, porque eu não gosto de mentir, mas acabei mentindo para não ferir, até hoje ele não sabe, então falei assim 'óh, realmente eu não to te amando, não to sentindo amor, eu acho que amor é uma coisa muito forte pra ser dita em vão, e se eu falar pra você isso não vai ser verdade, e como eu não gosto de mentir, mas eu gosto de você e creio que a gente pode construir algo juntos no meio disso tudo, e a gente tem que trabalhar junto, não tô te cobrando nada, porque você é presente, você liga, tudo' tinha hora que eu olhava o celular e via 'Pedro' pensava 'aí meu deus', era uma coisa que era todo minuto, toda hora, e eu não sou assim, e isso não quer dizer que eu não sou presente, mas é que aquilo era muito cansativo, meu dia ficava muito fragmentado por ele, então eu deixava de fazer coisas porque tava falando com ele no telefone, respondendo mensagem, era complicado... Entende?

P- E hoje como vocês estão?

E- Hoje a gente não tem mais nada, a gente... nesse dia que eu conversei com ele eu decidi 'vamos ficar juntos, vamos tentar alguma coisa', e depois desse dia eu continuei normal, continuei como eu estava, gostava, não amava, normal, acreditando que eu poderia chegar ao amor, mas ele já não via mais assim, fazer o que? Dói, eu disse, 'mas você preferia que eu te mentisse? Se eu mentisse pra você ia te fazer feliz e não ia ficar feliz, ia ser uma mentira pra agradar você e eu ia estar triste por dentro' e daí depois de alguns dias, tava todo mundo de férias, era janta em casa quase todo dia, as vezes o meu pai fazia festa e mandava comida lá pra casa e ia todo mundo, ou a gente assistia filme, e um dia estávamos todos vendo filme na casa de um amigo, e durante o filme, era meia noite e vinte e um, chegou uma mensagem dele, falando que eu tava tendo uma vida de solteiro, que eu não estava dando bola pra ele, não sei o que, daí olhei e pensei 'não, eu não to lendo isso, eu não mereço' deixei de canto, aí ele ficou ligando, e eu não atendia, foi numa quinta feira, e na sexta de manhã eu acordei, um pessoal foi em casa montar guarda roupa, ele já tinha ligado, eu fiquei lá ajudando, e nem liguei, daí ele ligou na casa da minha mãe, pedindo pra ela ligar no telefone de linha e saber porque eu não atendia, aí ela falou que o Pedro tava me ligando, perguntou se a gente estava brigando, eu disse que não, mas decidi que só ia atender depois do almoço, a hora que estivesse tudo tranquilo, aí a gente conversou, e aí acabou que ele achou melhor dar um ponto final, e eu não me sentia abalado, tirei um peso de verdade, dias depois ainda pensei 'putz, eu realmente gostava, eu queria realmente tentar alguma coisa' mas eu também era consciente de que eu tinha falado aquelas coisas pra ele, imagina como deve ser difícil escutar da pessoa que vc disse que ama que vc não ama, deve ser difícil, eu nunca passei por isso, me senti um monstro por ter falado mas é a verdade, e essa foi a minha experiência mais recente, então não sei o que é sentir amor, não sei o que é definir amor, dessa vez até foi diferente, não foi como da outra vez que o outro falou que não queria mais nada e mentiu.

P- Com esse primeiro você nunca mais teve contato?

E- Não, até tivemos, passei dois anos odiando ele, querendo bater, mas assim, aos poucos foi voltando, foi conversando, por causa de amigos em comum, a gente saía ele tava junto, foi aquela coisa de tolerância, mas depois passei a estar mais junto, deixou de ser tolerância, mas aí pisou na bola de novo, aí eu não quis mais amizade.

P- Por que ele pisou na bola?

E- Em questão de amizades, sabe? Começou a concordar com umas pessoas que não gostam de mim, e eu tentei, fiz a minha parte, guardei meu pedacinho no céu, porque eu não joga uma amizade fora por nada, eu insisto, se eu ver que não tem jeito, paciência, e essa experiência com ele me deixou uma coisa muito negativa, tanto é que eu comecei esse relacionamento e comecei já inseguro, eu tava gostando e depois esqueci essa parte insegura, mas ele ficou chato, ele exigia demais de mim, era ciumento demais, ele me queria como objeto, por isso a gente discutiu, ele queria que eu fosse só dele, que não tivesse vida social nem amigos.

P- Com ele você não chegou a fazer sexo?

E- Não, e isso era meio difícil, porque ele falou que também era ativo, então... e eu também.. ele queria tentar, e eu tava preparado, mas nunca deu certo... acho que é isso... espero que eu tenha lhe ajudado com a pesquisa.

8.4- ENTREVISTA JONATHAN

P- Pesquisador: Renato

E- Entrevistado: Jonathan

P- Comece me contando a sua idade.

E- 18 anos.

P- Hoje você faz curso técnico em enfermagem.

E- Isso.

P- E por exemplo... o que você poderia me contar da sua infância? Você nota desde cedo que prefere ficar com meninos?

E- Sim, sim, mesmo na tv, em filme, sempre eram os meninos que me chamavam a atenção, por isso que eu falo que você nasce gostando disso, é na infância que você vai

descobrir seu gênero sexual, o que você gosta, é desde ali que vai fluindo, e foi dali, eu gostei (risos).

P- E como foi a descoberta do sexo?

E- Ah, assim, depois dos 10 anos, antes sempre foram brincadeiras normais, eu nunca cheguei em ninguém, sempre chegavam em mim, e como eu sabia que gostava eu aproveitava a situação, mas eu tomar a iniciativa, eu nunca tive.

P- Que brincadeiras eram essas, de troca-troca?

E- Era meio assim, só que eu era muito reservado sobre isso, sempre tive medo, mas quando eu comecei com... 13 anos, foi quando eu realmente comecei minha vida sexual, mas foi uma única pessoa.

P- Como era antes dos 13 anos?

E- Era aquela coisinha de criança, de descobrir o que era o que, mas eu não tinha ainda essa malícia, eram meninos da mesma faixa etária, sempre com a mesma cabeça, o mesmo ponto de vista, e aos 13 anos descobri mesmo.

P- Você sempre morou com seus pais?

E- Sim.

P- É filho único também.

E- Sou. E não sei se você vai entrar no assunto, mas em questão de falar para os pais, na minha opinião não é uma coisa que a gente tem que contar, quem quiser contar fica a vontade, porque eu não acho que é uma decisão que você tenha que tomar, é uma coisa sua, que você gosta, agora se você achar que há necessidade de falar, fale, eu nunca tive necessidade de falar, apesar que existe alguns momentos você até queria sentar e conversar com a mãe, contar que gostou de algum menino e tal, mas necessidade de se expor a esse ponto acho que não tem.

P- Entendi, você já foi cobrado pela família, por exemplo, de namorar alguém?

E- Não, nunca, por ninguém da família, nem insinuações, nada, assim, tem brincadeiras de tio que você leva na esportiva, eu não apelo com essas coisas, mas do meu pai mesmo.

P- E também não lhe proibem de nada?

E- Não, nunca, eu comecei a sair para baladinhas, essas coisas com 13 anos, foi quando eu comecei mesmo, eles sempre deixaram, nunca interferiram em minhas amizades também.

P- Vamos falar um pouco desse começo da vida sexual, aos 13 anos, como foi isso?

E- Começou numa brincadeira de esconde-esconde, eu tinha 13 anos, já tinha vontade de saber como era, e fui, partiu do menino.

P- Vocês foram esconder juntos e ele quis te comer, é isso?

E- Foi! E isso é comum em todo mundo que é gay, se não aconteceu com 13 aconteceu com 15, agora depois de 15 não tem como acontecer, você não vai mais brincar de esconde-esconde (risos) mas é comum acontecer com uma criança gay, geralmente eles eram meus vizinhos.

P-Então foi mais de um?

E- É, foi.

P- Eram seus amigos?

E- Eu nunca contei como amigos.

P- Por que?

E- Porque eles meio que me chamavam para brincar quando queriam alguma coisa, eles já sabia, tanto é que da minha rua não era só eu que brincava em prol disso, tinha outros amigos que também eram, depois a gente conversava e falava sobre os meninos, era engraçado, só que porém, desde aquela época eu já falava que eu era, com 13 anos, pro meu amigo eu já falava que eu era, só que ele não me contava.

P- Você usava a palavra gay?

E- Sim, usava a palavra gay, eu sempre vi, sempre procurei na internet, porque eu tinha dúvida do que eu estava sentindo, não é que eu sofri, eu estava pensando ‘gente será que pode?’ eu ainda estava meio que influenciado pela religião.

P- Que religião?

E- Então, a minha tia tinha me levado pro catolicismo, e a outra, a família do meu pai, era testemunha de Jeová, mas eu sempre segui mais os católicos. E os dois me levavam.

P- Te levavam pela religião ou por conta da sua sexualidade?

E- Pela religião, eu nunca contei que era por causa da sexualidade, eu já pesquisava muito naquela época, e pus na minha cabeça que eu não estava errado, tentava por na cabeça dos meus amigos que faziam isso e não falavam nem pra mim, só que até a 5 anos atrás não falava nada, agora que começou a falar.

P- Interessante a sua forma de lidar com isso, já foi buscar informações, isso te assustava?

E- Sim, um pouco, não é que eu não queria ser diferente dos outros, porque eu não sentia isso como diferente, eu só queria entender, aí eu fui entender, porque todo mundo

tem... como eu posso te dizer... um tesão por alguma coisa, como você vai fazer uma coisa que você não gosta com uma mulher?

P- Então você nunca ficou com mulher?

E- Ah já, já sim, depois de velho, depois da infância, com 17 anos, ano passado, tive várias experiências.

P- E o que você achou?

E- Ai, não funcionava, só foi o beijo mesmo, foi uma brincadeira que eu quis, tava todo mundo ali e aconteceu.

P- Você deixa em aberto a possibilidade de um dia você ficar com alguma mulher?

E- Agora não, eu não me vejo, se eu ficar em uma balada, tudo bem, mas ir pra cama, não adianta, não consegue, apesar que nosso órgão sexual é estimulador, se você estimular ele vai, e pode até conseguir, mas assim... sentir mesmo vontade de ficar com mulher eu não vou sentir, no momento.

P- Entendi, voltando ao que você me contou, aos 13 anos você já se considerava gay, em relação ao troca-troca, eles sempre queriam ser ativos, os seus parceiros?

E- Não, rolava de tudo, tanto é que eu falo que tudo que me proporciona prazer, dentro da normalidade, porque eu não sou a favor dessas loucuras que acontecem, pra mim tá bom, porque eu conheço amigos que falam que só dão, outros que só comem, e eu falo 'gente, é prazer, vocês vão ficar escolhendo o que vocês vão sentir? Faça os dois que os dois são divertidos!' Impossível um dos dois ser bom o outro ser ruim, senão ninguém nascia ativo ou ninguém nascia passivo.

P- Que loucuras você não é a favor?

E- Aí... é... ficar com mais de duas pessoas ao mesmo tempo, beijar tudo bem, você tá ali com aquele monte de gente você beija, mas fazer sexo não, não é que eu sou careta, mas ah... eu não gosto. Pra mim sexo não é uma coisa assim 'sexo', você tem que ter alguma coisa ali no momento, uma troca de... não carinho, porque se você fizer um sexo casual não é carinho, uma troca de tesão entre você e ele, não em três, senão eu não sei pra quem eu ia dar atenção! Nunca participei disso, já tentaram, mas, assim, ali ta todo mundo junto, mas eu saia.

P- Eu me lembro muito daquelas festas na casa do Cristiano, as pessoas costumavam fazer isso porque lá era um ambiente seguro.

E- Era seguro, mas ao mesmo tempo eu me sentia estranho lá, eu não sei, tinha essa liberdade mas o povo aproveita né? Estavam acontecendo coisas ali que fugiam do contexto que no início era pra gente se divertir e ter um ambiente livre pra fazer o que quiser, mas estava fugindo demais, transar por exemplo, eu não vejo sentindo: em um

banheiro na casa de uma pessoa? Assim, um beijo, você ir ali, tudo bem, mas passar disso acho que você já tá forçando muito a amizade né?

P- Eu lembro uma vez que cheguei lá e você estava sentado no computador, e tinham poucas pessoas, e havia alguns meninos na outra parte do quintal, tipo um dark room, se pegando, se tocando...

E- Eu também estava lá, mas com uma pessoa só, a partir do momento que outras pessoas começaram a se aproximar, a fazer coisas estranhas, eu vim pra fora, só que depois de lá foram pro banheiro, e se tornou uma coisa chata.

P- E para você onde ficam os sentimentos, os prazeres, etc, depois de uma experiência como essa, aliás, dois deles se tornaram namorados depois disso.

E- Então, sabe o que acontece nesse mundo gay e eu não entendo muito? Às vezes eu me pergunto se estou pensando diferente, mas eu tenho outras amizades, não só aqui na cidade, depois que eles terminam, alguns continuam amigos, e esses amigos ficam com amigos, aí eles voltam a ficar eu não entendo isso, porque pra mim ex é ex. Acabou. Eu não procuro ser amigo, ex é ex. Um beijinho, um selinho, está dentro da brincadeira, agora entrar dentro de um banheiro, e ainda parece que eles estavam ali dentro pra esfregar na cara do coitado do Cristiano que estava acontecendo alguma coisa, que ele não era mais o bam bam bam da situação, acontece muito isso no mundo gay, em todo lugar.

P- Você diz de se auto afirmar através do sexo?

E- É. Uma vaidade.

P- Você já teve esse tipo de vaidade?

E- Não, porque eu sempre fui aquele que nunca cheguei em ninguém, eu tive, assim, que eu fiquei mesmo, quando eu fiz 13 anos eu fiquei com 3, não todos de uma vez, foi um mês um, depois de 3 meses outro, depois outro. Um deles eu fiquei de verdade, de beijar e tudo.

P- Seu primeiro beijo foi em um garoto?

E- Foi, sim... a primeira pessoa, e hoje ele é assumido, tem outros que não, e eu não sei se hoje são ou se foi só coisa de criança, eu não sei deles hoje.

P- Me conte do primeiro.

E- Eu era vizinho dele, ele ia em casa, a gente brincava, um dia ele começou a me tocar, quando vimos estávamos nos beijando, a gente nem sabia o que estava fazendo, ele ia atrás de mim, eu ia atrás dele, mas não tinha atrito, não tinha movimento, era só colocar lá dentro e dizer 'oh fiz uma coisa diferente', não é como hoje que uma pessoa de 13 anos está sabendo mais do que uma de 18.

P- E como foi a amizade de vocês.

E- Continuou, mas continuou diferente, eu falo que não pode juntar sexo com amizade, depois não é a mesma coisa, seja homo ou hetero, piorou com hetero, se você se diz hetero né? Porque eu acho que se você ficou com um homem é porque você já sente alguma coisa. Só que eu acho que transar com amigo já não fica mais amizade, ou você gosta da pessoa, ou você passa a gostar ou você para de conversar com ela, porque não dá, sexo e amizade não dá, para mim não dá, ou você é amigo ou você é para sexo.

P- E como continuou você e esse amigo?

E- A gente continuou seis meses, eu quis parar, eu estava em uma fase que queria procurar saber o que estava acontecendo, eu estava indo pra sétima série, eu vi que estava afetando a amizade, todas as vezes que eu queria brincar ele já queria outra coisa, ele ficou focado muito nisso.

P- O pessoal da rua percebeu o que estava acontecendo?

E- Não que eu saiba, a gente já era truqueiro na época, daí eu parei de ficar com ele, conheci um outro menino e a gente foi no clube, e aconteceu dentro do clube, mas foi uma coisa sem beijo, uma coisa mais ‘vem cá que eu vou te comer’, esse já sabia o que estava fazendo, era bem mais esperto, pouca coisa mais velho que eu, uns dois anos.

P- Você conseguiu sentir prazer?

E- Não, eu nunca consegui sentir muito prazer nessa faixa de idade, a não ser sozinho, e depois teve um outro, esse foi só essa vez, o outro eu já tinha 15 e ele 14, não rolou penetração, eu só masturbava ele, ele se dizia hetero, ele pedia para eu fazer oral mas eu não quis, não é que achava nojento, mas você queria uma coisa e eles te mandam umas coisas horríveis, palavras horríveis ‘vem cá que vou te comer’, daí eu não conseguia, não achava legal, só que aí foi passando, a gente ia jogar truco e acabava nisso, mas eu não fui me sentindo bem.

P- O primeiro foi o que durou mais.

E- Esse primeiro depois eu nunca mais falei com ele, a minha vida social do nada acabou, eu estava na puberdade, da quinta à oitava série sem vida social, apenas com contatos mais superficiais.

P- Por que será?

E- Não sei, eu não me manifestava, eu acho que eu passei por uma fase de rejeição à sociedade.

P- Havia comentários na escola sobre você ser gay?

E- As vezes alguém falava alguma coisa de veadinho na aula e eu ficava pensando o por que. Professores faziam piadinha, aparecia na novela também. Desde muito novo, uns 12 anos, eu já pesquisa na internet sobre homossexualidade. Seguia blogs, via fotos da parada de São Paulo e Nova York, então aquilo passou a ser normal para mim. No fim

eu levava na brincadeira, então dá pra ter amizade com heteros, sendo gay, mas não dá pra misturar fazendo sexo com eles.

P- Você já misturou alguma vez?

E- Sim, não dá certo.

P- Como foi?

E- Eu estava em uma festa, o cara virou pra mim e disse ‘vamos dar uma volta?’, isso foi no começo do ano passado, fomos dar uma volta e rolou tudo, beijo, sexo, tudo, e depois a amizade acabou, aí ele só vinha falar comigo quando queria sexo ou pra falar de ferver, de festa, e eu já comecei a me afastar, aí a gente ficou de novo em uma festa, aí ele depois veio no Facebook, querendo sair comigo de novo, e eu me dei conta de que o que ele queria era só sexo, então eu não quis, ele insistindo, e eu nem estava a fim de sexo aquele dia, eu mesmo não quero todo dia.

P- E como você conheceu esse menino?

E- Eu comecei a ter mais vida social a partir do colegial, e eu conheci ele dali, mas acho que os papos dele, o jeito dele se expressar... porque pra mim você não tem que ser só homem, porque você vai conversar com um homem ou ele só fala de academia, que puxa tanto, ou ele só fala de mulher, ou ele só fala de bandinhas que você nunca ouviu falar, e eu pretendo conhecer pessoas que tenham algo a oferecer além do sexo, que tenha conversa, diálogo, e ele não tem isso, pra ele a vida é sair com homens casados, sair com um monte de gente, beijar todo mundo, e eu não gostei disso.

P- E qual a idade dele hoje?

E- Acho que ele tem 16.

P- E as ideias dele é de sair com homens casados?

E- É, e sei lá, a pessoa que ele se tornou é muito estranha, o assunto dele sempre é sexo, e se você está perto dele caso ele diga algo que você não gosta ele chega perto de você querendo te seduzir.

P- Ah, você está falando do Fernando Murari?

E- Sim, dele mesmo.

P- Você começou a descrever e eu logo imaginei.

E- É ele, e ele é assim com tudo mundo, se tornou uma pessoa muito ‘fake’, eu conheci ele quando voltei a ter vida social, e além dele conheci um monte de gente, porque eu sempre fui uma pessoa social, mas passei um certo tempo escondido, aí comecei a conversar com todo mundo, ter mais amizades, conheci muitos pseudos heteros como esse terceiro.

P- E antes de ficar vocês eram amigos?

E- Sim, a gente até que tinha uma amizade legal. Hoje nem tanto, porque se ele me olha ele quer dar voltinha.

P- E ele é mais livre no sexo ou só quer saber de ser ativo?

E- Eu nunca fui ativo com ele, mas ele já me masturbou.

P- E esse, qual a idade?

E- 18 anos.

P- Você chegou a gostar dele?

E- Não, geralmente quando o sexo é casual eu não gosto, ele nunca fez nada para me cativar, a gente nem conversa de muitas coisas, para eu gostar da pessoa ela tem que gostar do mesmo tipo de musica que eu, ela tem que bater com as minhas ideias e conversar comigo, aí sim.

P- Você já viveu isso?

E- Já, por um mês e meio.

P- Como foi isso?

E- Foi assim, eu curti um comentário de uma mulher no Face, ele me viu lá, e ele já tinha ficado com um amigo meu, só que ele não gostou do meu amigo, não sei porque, e ele queria ficar comigo, mas esse meu amigo é muito encanado, se ele fica já acha que é dono, então eu fiquei escondido com ele.

P- Qual a idade deste?

E- Ele tem 24 anos. Ele ia me buscar na escola, e com ele eu não tive nada de relação sexual, nenhum tipo, fui extremamente estranho. Ele me adicionou no Face e começou a falar pra mim tudo que eu queria ouvir de uma pessoa, que eu era bonito, que ele gostou de mim.

P- Ele é assumido?

E- Em partes, ele não pode falar pra todo mundo, o pai e a mãe sabem, mas a sociedade não.

P- Nossa, é ao contrário de você e da maioria.

E- Isso, e eu fiquei assim com isso, mas enfim, ele começou a falar um monte de coisas, e acho que ele é uma pessoa doente, porque o que ele fazia comigo, conversando comigo, falando todas aquelas coisas legais, bonitas, ele também fazia com outras pessoas, comigo, com meu amigo e outros... Eu cheguei a falar para o meu amigo que a gente estava conversando pela internet.

P- Com esse amigo você já ficou?

E- Já (risos) mas sem relação sexual, só beijinho, não mudou nada. Agora relação é um passo mais profundo...

P- Entendi, e o cara de 24 anos foi parar na porta da sua escola?

E- Sim, na cidade vizinha, eu até estava sem me conhecer, nunca achei que ia combinar uma coisa dessas com um cara que eu conheci pelo Face, aí ele chegou lá, a gente ficou, ele me levou para casa, mas depois ele foi mudando, foi criando pretextos pra brigas, perguntando se eu contei pra alguém, e eu não gosto disso, de ficar perguntando, pra quem eu contei é amigo suficiente de não espalhar, não tinha nada de comentários.

P- E você estava gostando dele?

E- Sim, foi a única pessoa que falou realmente o que estava faltando, entendeu? Além disso ele não gostava do meu jeito de se vestir, falava que eu não tinha que mostrar nada pra ninguém, começou a falar dos meus shorts curtos, mas eu não uso pra mostrar nada, uso porque me sinto a vontade, moramos em um país tropical, é calor, não sei porque o povo usa calça no verão, então eu realmente uso esses shorts e ele não entendia, ele começou a gerar atritos e inventar pretextos por conta disso, e eu me cansei, aí eu liguei pra ele e falei que não sabia o que ele estava arrumando, que na verdade ele queria um pretexto então a gente para por aqui, aí a gente parou. Eu até fiquei chorando depois, porque ele falava muitas coisas que eu gostava, eu gostava dele, foi a primeira pessoa que eu gostei, e eu ainda estava com problemas no meu curso, juntou tudo isso, mas passou...

P- E vocês não tiveram mais contato?

E- Não, e eu nem quero muito conversar com ele, pra mim ex é ex, acho que não tem que ficar remoendo. Eu não vejo muito, ele não mora aqui, só passa por aqui pra trabalhar, se fosse aqui todo mundo ia saber dele.

P- Entendi, me conte mais sobre a sua 'volta para a sociedade'.

E- Então o Cristiano fazia aquelas festinhas na casa dele e sempre me chamava, mas eu nunca queria ir, um dia, em 2011 eu fui e logo no primeiro dia já fiquei com uma pessoa, e gostei de ir pra lá, de beber, de conversar com todo mundo, a gente ria bastante, conheci toda uma turminha legal, mas depois aconteceram muitos atritos, aí você descobre outras amizades, que não focam só naquilo, só em bebida, bebida e bebida. Outros amigos apareceram depois disso, que não pensam só em beber e fazer sexo, tem outras coisas a mais, de fim de semana a gente até vai na pracinha central, bebe um cerveja, só que como a gente não gosta muito dos mesmos gêneros musicais que a sociedade gosta então a gente fica meio que excluído. E outra, depois que você bebe dois copinhos, qualquer musica vai, a gente não curte sertanejo universitário, funk, pagode que são musicas que não tem o que oferecer, apesar que eu acho que MPB e sertanejo, quando vão falar de amor, só muda no palavreado mais refinado ou

escancarado, o MPB é só mais elegante, mas não dá nem pra comparar né? Eu prefiro MPB, mas não vou ouvir Chico Buarque na balada pra dançar, é mais pra reunião com os amigos. Enfim, e eu estou mais com essa turma, aquela turma que vai se isolar na outra pracinha não estava batendo com as minhas ideias, eles são muito senso comum, tudo muito igual, um dia eu cheguei lá, coloquei uma musica, aquela 'Fulgaz' da Marina Lima, e todo mundo começou a xingar, e eu vi que aquilo ali pra mim acabou, e era um dia só pra curtir uma musica de boa e tomar cerveja, não dava para ficar com aquele barulho na cabeça, foi isso que me fez me distanciar, pra que insistir em coisas que não dava certo? E eles são muito preocupados em só conversar com quem eles gostam, é uma coisa muito de turminha no mundo gay, se você gosta desse povo você tem que ficar ali, só ali.

P- E falando sobre amor, fora esse cara de 24 anos você nunca se apaixonou?

E- Não.

P- E antes dele como eram suas relações?

E- Ah, eu ficava com um menino de 16 anos, é difícil eu ficar com alguém da faixa etária que eu gosto, eu gosto de mais velhos, entre 20 e 30 anos, mas eu só fico com novinho, só aparece novinho. É um mundo meio doido, mas tem vários tipos de pensar e tem aqueles que ficam só no senso comum, se você for agora, por exemplo, em uma área de lazer GLS eu não me sinto a vontade, porque você chega lá não tem só bebida e música, vai ter drogas ilícitas, não médias, ilícitas mesmo, e eu não me sinto a vontade, não é preconceito, e não tem necessidade de fazer na frente de todo mundo, tem um pessoal que força um pouco, fumar maconha é de boa, muito de boa, agora ficar cheirando cocaína, aqueles comprimidos de ecstasy, doce e tal... por isso eu nem vou, que nem aquela festa grande GLS que tem na região, pelo que o povo conta eu não acho legal.

P- Depende a festa, aquela de aniversário que a gente foi, que o Cristiano beijou um cara, estava tranquila né?

E- é... mas ta aí outra coisa que eu não concordo, beijar assim, os heteros não querem que a gente não beije na frente deles? Então a gente tem que cooperar, e os heteros não tem que beijar também na frente dos outros, só que os gays pensam o que 'ah, você tem que me engolir' ninguém é obrigado, assim, tem que... não aceitar, mas respeitar, ninguém é obrigado a aceitar nada, acho que muita gente naquele dia ficou chateada de ver aquilo na festa, você quer ficar com alguém fica, pega seu carro e vai para o escuro, não é proibido, é até melhor, ninguém é obrigado a ver aquilo, igual parada gay, aquilo não é mais um protesto, aquilo virou uma zona onde você ta indo só pra beber, se drogar e transar, não é mais um protesto, é uma festa, que tem uma vez ao ano, não é mais... você já assistiu 'Orações para Bobby'?

P- Sim.

E- Então, aquilo era um protesto, escrever faixas, ir a rua, gritar por aquilo que você quer, e não um monte de gente exigindo que a sociedade engula daquele jeito, não é forçando uma coisa dessa maneira que você vai conseguir, eu acho que tem que voltar como antigamente: protesto, e não uma festa, porque virou uma festa, e isso faz com que a gente seja criticado cada vez mais por uns e outros, que não sabem o que dá valor no que tem, depois só falam de direitos, mas olha as merdas que fazem nessas paradas, sempre tem alguém que morre, tudo bem que foi um preconceituoso que matou, mas você já pensou que tinha gente lá quase pelada se insinuando para alguém? Não acho legal, acho desnecessário se vestir de mulher, rebolar de salto em parada gay. Não gosto, é feio, não tenho amigos assim, é forçado, sendo que você poderia estar de roupa normal e com uma faixa gritando por aquilo que você queria? Ou um travesti, tudo bem que ele é transexual, mas não precisa ficar pelado, não quer ser mulher? Então coloca uma roupa de gente, coloca um short curto, tudo bem, mas não precisa mostrar as nádegas da bunda e ficar bebendo que nem louco, querendo beijar todo mundo, chega então com uma faixa do que você quer mudar, e faz um protesto de verdade.

P- Você pensa em se casar?

E- não.

P- Por que?

E- Ah eu não acredito muito em casamento, acho que casamento acaba com tudo, acho que no máximo você dá uma passada na casa do seu companheiro, ou vice versa, agora eu acho que morar junto acaba um pouco... ou você cansa da pessoa, ou aquele jeito dela... é... de lavar louça, de usar o banheiro, vai te irritando, vai... eu acho meio estranho, eu não casaria, eu namoraria sério.

P- Você seria capaz de namorar alguém, sabendo que mesmo sem te contar, a pessoa poderia ficar com alguém, seja numa viagem de trabalho, ou em outras situações? Por exemplo, esse carinha de 24 anos, nada impede que ele beije alguém sem compromisso na cidade dele e você não fique sabendo, você daria conta?

E- Então, se eu ficasse sabendo, eu não ficaria mais com a pessoa, eu acho uma falta de respeito, porque se eu gosto de uma pessoa eu não vou beijar outra pessoa, mesmo tendo o desejo sexual, você pode ter essa vontade, mas você sabe que está com outra pessoa.

P- Você acha que conseguiria ser fiel?

E- Sim, se eu gostar de outra pessoa e estiver namorando eu vou chegar e vou falar 'eu não tô mais conseguindo ficar com você' aí sim eu teria o meu espaço pra outra pessoa, agora, ficar com outra pessoa enquanto estou com outra não dá certo, eu não consigo. Entendeu?

P- Entendi. E tem mais alguma coisa que você poderia contar ou refletir sobre ser gay, por exemplo?

E- Ah, acho que não, eu nunca fui prejudicado nesse ponto, eu sempre fui eu mesmo, omitindo algumas coisas pra pai e mãe, porque eles ainda pagam algumas coisas (risos) pagam meu curso, então, como não sei como vai ser a reação, só omito pra eles, mas eles devem saber, eu nunca contei, mas eles devem saber, mas fora isso.

P- Você já sentiu preconceito da parte de alguém que não quis se aproximar porque você é gay?

E- Já, eu fiquei meio que triste, porque não é porque eu quero conversar com você que eu quero dar para você, não é porque a gente é gay que a gente quer sexo, gay sempre é meio tachado como 'só sexo' e não é por isso, eu também sou uma pessoa normal que pode ter uma amizade, não é porque você é hetero que eu sinto algo por você. Eu tenho bastante amigos heteros são melhores amigos, e tudo normal, eles são legais, bom, eu acho que são colegas, porque meus amigos mesmo são mulheres ou gays, é isso...

P- Está certo então, muito obrigado pela sua ajuda.

E- Que isso, foi muito legal participar.